

Um Sonho Para Sempre

Cassie's Rose
Elizabeth Doyle



Austrália, 1823

Um crime passionnal... é apenas o começo de tudo!

Acusada de um crime que não cometeu, Cassie é deportada para a Austrália como prisioneira. Seu único consolo é cumprir a sentença como criada na residência de um médico, um homem amável e atraente.

Com o passar do tempo, as atenções e gentilezas do Dr. Malcolm despertam em Cassie uma paixão intensa...

Malcolm já se deparou com prisioneiros antes, e aquela jovem linda e doce pode ser qualquer coisa, menos uma criminosa. E se aquela moça é sincera, alguma outra pessoa é culpada pelo crime, ela pode estar correndo mais perigo do que imagina... e precisa mais do que nunca do amor de Malcolm!

Digitalização e Revisão: Alice Akeru



Elizabeth Doyle admite que quando adolescente, deu bastante trabalho a seus pais, embora fosse uma ótima aluna no colégio. Ela e o marido moram na zona rural do Texas, com seus animais de estimação.

Cassandra estava se controlando para não se debulhar em lágrimas, olhando tão fixamente para a parede branca e nua a sua frente que não percebeu que Malcolm se levantava da cadeira. Só notou a presença dele quando sentiu a respiração quente em seus cabelos.

Ele a fez virar-se, com mãos firmes, porém gentis.

— Cassie — murmurou Malcolm, muito perto dela.

Ela não conseguiu responder e cobriu a boca com a mão para abafar o choro.

— Cassie, o que foi?

Ela não conseguia responder. Simplesmente deixou que as lágrimas escorressem por seu rosto sem se preocupar com o que poderia acontecer.

— Meu Deus... Você se apaixonou por mim?



Querida leitora.

Os críticos dizem que a escritora Elizabeth Doyle "sabe como pôr fogo nas páginas de seus livros e depois domar o inferno com pensamentos melodiosos". E eles têm razão. Ela tem um talento especial para dosar ação, aventura, suspense, paixão, romance e criar uma história de amor emocionante e inesquecível, como a que você vai ler agora. Vire a página e entre nessa emoção!

Fernanda Cardoso
Editora



Copyright © 2003 by Elizabeth Doyle Fowler
Originalmente publicado em 2003 pela Kensington Publishing Corp.

PUBLICADO SOB ACORDO COM KENSINGTON PUBLISHING CORP.
NY, NY – USA

Todos os direitos reservados.
Todos os personagens desta obra são fictícios.
Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

Título original: *“Cassie's Rose”*

Tradução: Renata Bagnolesi
Editora e Publisher: Janice Florido
Editora: Fernanda Cardoso
Editoras de Arte: Ana Suely S. Dobón, Mônica Maldonado
Paginação: Dany Editora Ltda.
Ilustração de Capa: Hankins + Tegenborg, Ltd.

Não compre livros usados, pois você estará contribuindo para o aumento do mercado paralelo e a diminuição de empregos.

EDITORA NOVA CULTURAL LTDA.
Rua Paes Leme, 524 — 10º andar. CEP 05424-010 — São Paulo — Brasil

Copyright para a língua portuguesa: 2004
EDITORA NOVA CULTURAL LTDA.
Impressão e acabamento:
RR DONNELLEY AMÉRICA LATINA
Tel.: (55 11)4166-3500

TRADUÇÃO
Renata Bagnolesi

Capítulo I

Julho de 1823

Não tinha sido ela. Mas agora não fazia diferença. Desde que colocara os pés naquele fétido navio, tudo deixara ter importância. Se não fosse pelo enjôo, ela nem saberia se o navio estava se movimentando ou não. O vento não soprava em seus cabelos, não havia sal em seu rosto, enfim, nenhuma das sensações que imaginara vivenciar em uma viagem de navio. Seus olhos não avistavam o sol brilhando nas águas límpidas, apenas a escuridão. O barulho das ondas tempestuosas soava bem distante, encoberto pelos lamentos chorosos das mulheres que a rodeavam. Também não sentia cheiro de peixe, mas sim o de seres humanos há dias sem tomar banho.

Não conseguia enxergar os rostos dos outros. A luz era tão fraca lá embaixo que Cassandra chegara a imaginar que aqueles passageiros não eram humanos, e sim fantasmas advertindo-a sobre um destino bem pior do que o horror daquele porão.

Cassandra respirava fundo, tentando controlar o enjôo que lhe ameaçava revirar o estômago. Estava assustada, mas não iria se deixar dominar pelo medo. Se deixasse o sentimento falar mais alto, aqueles que a tinham colocado ali, aqueles que tinham rido de seu cruel destino, venceriam. Se a vissem naquele momento, eles saberiam que estava apavorada, tremendo como um ratinho assustado. Tentando buscar coragem do nada, Cassandra levantou o queixo e respirou fundo, decidida a não se deixar abater.

— Psiu!

Ela ignorou o chamado, e logo em seguida escutou outra vez:

— Psiu!

— É comigo? — perguntou ela num sussurro.

— Sim — respondeu a voz de uma mulher. — Estou do seu lado esquerdo.

Cassandra se virou e viu um rosto fino rodeado de cabelos longos e cacheado.

— O que foi?

— Chegue mais perto para que possamos conversar.

Ela se aproximou o máximo que as correntes lhe permitiram, arrastando-se no chão.

— O que foi? — repetiu Cassandra. Agora conseguia enxergar um pouco melhor a mulher ao seu lado, uma jovem quase da mesma idade da dela, com cabelos pretos e a pele bem clara.

— É a sua primeira vez?

— Claro! — respondeu ela, num murmúrio indignado. — Quantas vezes poderia haver?

A garota não se incomodou com a falta de simpatia de Cassandra.

— É a minha segunda vez.

— Verdade?

— Sim. A primeira vez foi quando eu tinha dez anos, Quando fui pega roubando em uma loja. A minha própria família me entregou.

— E quanto tempo você ficou?

— Sete anos.

— E dessa vez?

— Para sempre.

— Por quê?

— Voltei para casa e tentei matar a minha família. Não consegui, mas mesmo assim eles me deixaram viver.

Seu humor havia ficado tão abalado nas últimas semanas que Cassandra teve vontade de rir daquela história.

— E você, o que fez para estar aqui?

— Assassinato — respondeu ela, com uma risada amarga.

Era tudo tão estúpido. Nunca tinha matado uma mosca na vida.

— Então foi condenada à prisão perpétua?

— Não. Vinte anos. O advogado considerou um milagre, ficou orgulhoso por ter conseguido com que o juiz mostrasse tanta compaixão.

— O que você lhe disse?

— Eu disse que estava feliz por ele, que era para ele pensar em mim quando estivesse comendo seu banquete de celebração.

As duas caíram na risada, criando um pouco de alegria Onde antes só houvera lamentações.

— Você precisa saber de algumas coisas — disse Sheila. — Em primeiro lugar, a viagem de navio é a pior parte. Assim que chegarmos na Austrália, a situação melhorará um pouco. Mas você precisa sobreviver à viagem.

— E quanto tempo dura?

— Cerca de três meses.

Cassandra baixou a cabeça e gemeu. Impensável. Teve a mesma sensação de quando escutara a sentença do juiz: vinte anos. Era algo inimaginável. Não conseguia conceber que seu destino estava traçado, que seria uma velha quando voltasse para casa.

— Eu não vou conseguir — sussurrou Cassandra.

— Vai sim. Você precisa conseguir. Quando desembarcarmos na Austrália, eles decidirão quem vai para a Fábrica Feminina e quem vai fazer outro tipo de trabalho. Acredite em mim, você vai preferir esse outro tipo de trabalho.

— Por quê? — Cassandra quase não tinha forças para falar.

— Porque a Fábrica Feminina é horrível! É melhor fazer outra coisa, ser criada ou servente de alguém, pode ser que o dono da casa queira levá-la para a cama, mas...

— Como?

— É assim mesmo. Eles ajudam alguns condenados, mas sabem que não precisam nos tratar bem. Tome o máximo de cuidado, pois eles podem nos remanejar. Eles só não

podem bater em nós. E se você acha que este navio é escuro, não queira ver a Fábrica Feminina... — A lembrança a arrepiou. — O trabalho é interminável. Faça o possível para ser criada de alguém.

— Mas de que maneira?

— É o que estou tentando lhe dizer. Os carcereiros estão a bordo. Seja amável que eles lhe conseguirão uma boa colocação. Seja rude que eles rasparão sua cabeça. E ninguém quer uma criada com a cabeça raspada.

Cassandra mexeu nos cabelos.

— Eles realmente têm coragem de fazer isso?

— Da última vez que fiz essa viagem, três mulheres tinham a cabeça raspada. E todas foram para a fábrica. Os carcereiros riram, dizendo eram tolas.

Decididamente, Cassandra estava em pânico, apesar de fazer o possível para não demonstrar.

— E como agradar os carcereiros que estão a bordo? Nós nunca os encontramos.

— Calma. Eles não tardarão a aparecer. E você será uma das escolhidas. Eles não gostam de mulheres mais velhas.

Cassandra ainda tinha a mão nos cabelos. Respirou fundo, tentando ver se realmente compreendera tudo que ela estava lhe dizendo.

— O que eles podem querer conosco?

— Você conhece pouco sobre a vida, não é? Engraçado, pois você me transmite uma certa amargura — disse ela, analisando as feições rígidas de Cassandra.

— O que terei de fazer para agradar os carcereiros?

— Fique quieta e não lute contra eles — aconselhou Sheila — Eles não lhe pedirão nada de mais.

Cassandra prendeu a respiração. Nunca fora uma dama e já escutara inúmeras vezes que não era sociável, que tinha um temperamento explosivo. Não cuidava muito da aparência. E usava roupas simples e caminhava com determinação. Não queria ser uma dama, mas também não uma prostituta. E nem no momento de maior desespero ela conseguiria se deitar com um estranho. Não se tratava de uma decisão moral. Era uma decisão baseada nas raras aparições de seu dócil coração.

— Eu não posso.

— Você precisa. Se eles descerem aqui, faça o que lhe pedirem. Preste atenção! Três meses de miséria não é nada comparado a vinte anos de inferno! O que você fizer dentro desse navio interferirá no que pode lhe acontecer quando aportarmos.

Cassandra olhava para o nada.

— Eu não posso.

— Não será tão ruim depois da primeira vez. Eu juro.

— Eu não posso — insistiu ela, trêmula. — Eu realmente não posso.

— Escute o que tenho a lhe dizer!

Tarde demais. Acima delas, um alçapão se abriu, cegando a todos com a luz do sol. Uma escada de corda foi jogada para baixo. Três carcereiros robustos desceram, homens fortes e bonitos. Um deles distribuiu água para os prisioneiros e outro olhou para Sheila.

O terceiro só tinha olhos para Cassandra.

— Que linda jovem — comentou ele, aproximando-se com passadas largas. Cassandra temeu ser pisoteada, mas ele parou pouco antes de acertar-lhe a mão.

— James! Vou levar essa aqui. Ajude-me a tirar essas roupas imundas dela.

Foi Sheila que ficou nervosa com a situação. Ela nunca tinha feito amigos na vida e não queria ver uma nova colega, alguém que pudesse conversar e até rir com ela, violentada por aqueles bandidos. Além disso, era uma oportunidade que poderia ser usada a seu favor. Sua única esperança de escapar da fábrica.

— Leve-me! — disse ela, impetuosa.

O carcereiro franziu as sobrancelhas.

— Prefiro as loiras — respondeu ele, como se estivesse acostumado com as mulheres se oferecendo para ele. Então parou diante de Cassandra, jogando o molho de chaves de uma mão para a outra.

— Vou convencê-lo a mudar de idéia — prometeu Sheila, em tom sedutor. — Em uma hora prometo fazer com que você passe a gostar de morenas.

— Não é patético como elas se jogam em cima de nós na tentativa de conseguirem um futuro melhor? — ele comentou com o amigo. — E se eu raspasse sua cabeça agora?

— Eu não conseguiria ser tão sedutora na sua cama.

Cassandra não estava acreditando na coragem da nova amiga. Sim, naquele momento a estranha era uma amiga, apesar de se conhecerem havia apenas algumas horas.

O carcereiro era o chefe ali. Sabia que as mulheres tinham que cumprir todas as suas ordens. E estando em sua sétima viagem, já se acostumara ao poder. Enxergava os prisioneiros como seres imundos, prostitutas e ladrões, no mínimo. E ele era um homem honesto, daqueles que merecia a sua liberdade. Portanto, não via problema algum em tratar os miseráveis prisioneiros como bem entendesse. Como eles eram a raiz de todos os problemas na Inglaterra, ele faria um grande favor a sua pátria ao lhes garantir uma sentença cruel.

O carcereiro olhava para as duas mulheres, tentando decidir qual preferia. A loira, é lógico. Não apenas pela cor dos cabelos, mas também pelos lábios carnudos e pelo brilho exótico de seus olhos. Estava assustada, e a outra não. Sem dúvida a morena faria tudo que estivesse ao seu alcance para agradá-lo na cama, enquanto a loira quase não se mexeria de tanto medo. A idéia de levar a morena não o agradava muito, porém a viagem poderia durar até três meses. Bem, na verdade ele não precisava escolher entre elas, poderia ter as duas.

— Está bem. Por enquanto você vai comigo — disse ele, destrancando o cadeado das correntes de Sheila.

A jovem massageou os pulsos doloridos e se levantou depressa, tentando fazer com que o sangue voltasse a circular em suas pernas.

— Meu nome é Sheila — ela se apresentou.

— Você acha que estamos flertando? Fique quieta e venha comigo!

Ele a puxou com violência, empurrando-a para a escada de cordas.

Quando os carcereiros desapareceram, Cassandra se viu novamente em meio à escuridão. As lágrimas escorriam por seu rosto. Eram lágrimas de culpa, de remorso. Como poderia permitir que alguém carregasse um fardo daqueles por ela? Mas qual era a solução? Como poderia permitir que aquele homem terrível a tocasse? O fato de ser virgem e Sheila não, não amenizava sua consciência. E o pior é que não fizera nada para impedir. A prisão a tornara covarde, o que, em sua mente, era algo inaceitável. Cassandra teria de se restabelecer, recuperar a força perdida. Mas como encontrar uma virtude como a coragem em toda aquela escuridão?

As lamúrias eram ensurdecedoras. Mulheres suplicando pela misericórdia divina e recitando versos da Bíblia. As de mais idade choravam mais alto, por alguma razão inexplicável. Como regra básica, as mais jovens poderiam ser supostas prostitutas, e as mais velhas criadas desonestas. Algumas delas de certo tinham roubado os patrões, imaginou Cassandra. Outras haviam sido falsamente acusadas. Entretanto, todas gritavam que eram inocentes, e não havia como saber o que tinha acontecido. Os tribunais faziam o possível para classificar as histórias, teorias e provas, mas, na realidade, não havia como saber a verdade. E Cassandra sabia muito bem disso.

No início, ela tentara explicar sua inocência para quem quisesse escutar, ou que fingisse escutar. Todas as vezes que um ser humano se aproximava da cela onde a tinham encarcerado em Londres, Cassandra gritava alegando sua inocência, torcendo para que a escutassem. Porém, logo se deu conta de que ninguém prestava atenção em quem estava atrás das grades. Sabiam que esse tipo de gente diria qualquer coisa para conseguir a tão sonhada liberdade. Ou seja, suas palavras não tinham a menor credibilidade.

No julgamento, o testemunho de pessoas livres era considerado sagrado, enquanto seu próprio testemunho não valia muito pois sabiam do desejo pela inocência de todos os condenados. Seus melhores amigos tinham se tornado inimigos. Até Annabelle, que sempre fora uma pessoa muito sincera e correta, testemunhara a favor da amiga de infância na esperança de ajudá-la, porém conseguira apenas piorar a situação.

— Você conhece Cassandra Maddison? — perguntou o juiz.

— Claro que sim — respondeu a jovem de rosto rosado. — Eu a conheço desde que éramos garotinhas.

— E você a considera uma... boa pessoa?

— É lógico! Ela é a minha melhor amiga! — exclamou ela, olhando com adoração para Cassandra.

— O que a leva a dizer que ela é uma boa pessoa?

— Bem — respondeu Annabelle, endireitando-se no assento —, ela é extremamente responsável. Todos sabem que os pais dela são ausentes demais. Se não fosse por Cassie essa família já estaria arruinada. Ela cuida dos criados, controla as contas e ajuda a educar os três irmãos. É uma pessoa que eu admiro demais.

— Mesmo? E você poderia dizer que o fardo que essa jovem carrega nas costas interferiu em sua... socialização?

— Não. Não, de jeito nenhum. Ela não gosta de ser cortejada e também não aceita convites para ir a bailes ou festas. Cassie alega não poder deixar suas responsabilidades de

lado para freqüentar esse tipo de evento.

— Entendo. E você acha que ela tem capacidade para controlar uma propriedade, mesmo sendo tão jovem?

— Claro! E ela faz isso muito bem.

— Como assim?

— Cassie é muito direta, sabe? E muito decidida. Nunca vi um cobrador tentar se impor depois de ela ter dito que a família precisava de mais tempo.

— Por favor, seja mais clara.

— Ela olha diretamente nos olhos deles e diz: *o senhor terá seu dinheiro, meu senhor. Entretanto, se continuar sendo rude, não terá um único tostão*. Cassie sabe ser bastante convincente.

— Entendo. Então quer dizer que ela sabe ser ameaçadora quando necessário, Explosiva até?

— Sim Quando éramos pequenas, algumas crianças sempre a provocavam por ela ser meio brava. Um garoto vivia chamando-a de sardenta. Depois de uma série de avisos, ela perdeu a paciência e empurrou-o para longe. Ele ficou com tanto medo que não ousou se mexer no chão, fingindo estar desmaiado para não apanhar.

— Sua amiga me parece uma pessoa violenta. Diga-me, ela já ameaçou matar alguém em um desses acessos de fúria?

— Eu não chamaria de acessos de fúria — respondeu a jovem. — Ela consegue manter a calma quando quer.

— Então essas explosões não são bem explosões, mas sim um tipo de extensão de um temperamento já amargo?

— Não, Cassie não é uma pessoa amarga. Um pouco cansada, eu diria.

— Ela já ameaçou matar alguém?

— Só de brincadeira.

Cassie fechou os olhos e esfregou a testa.

— De brincadeira? Como se ameaça matar alguém de brincadeira?

— É apenas uma expressão, nada mais. Por exemplo, quando um dos irmãos não quer obedecê-la, Cassie diz: *faça, senão eu te mato*, com toda a calma do mundo.

— E os irmãos, consideram a suposta brincadeira como uma maneira de demonstrar afeição?

— Não! Eles correm para obedecê-la.

— Quer dizer que eles acreditam que ela possa matá-los?

— Imagina! De maneira nenhuma.

— Srta. Edwards, você acha que Cassandra Maddison é capaz de matar alguém?

— Não, a não ser que mexam com as pessoas que ela gosta — Annabelle olhou para Cassie e sorriu, imaginando que estava fazendo um elogio à amiga.

Cassie balançou a cabeça para os lados. Enquanto vivesse, jurou ela, jamais seria amiga de uma pessoa tão estúpida. Nenhum de seus amigos percebera que seus testemunhos sentimentais lhe custariam caro? E as testemunhas que a acusaram, entendiam o resultado de suas mentiras? Por que agiam assim? Quem estaria querendo se

livrar dela?

Cassie bateu a cabeça contra a parede gosmenta do navio, até sentir dor. Por quê?

Capítulo II

Pouco mais de uma hora depois, Sheila foi trazida de volta por um carcereiro que Cassie não reconheceu.

— Sheila! — chamou ela, assim que o sujeito desapareceu. — Você está bem?

— Sim.

— Mas você demorou tanto! Onde a levaram?

— Acredite em mim, não demorou tanto assim. Depois de terminar, ele adormeceu. Pensei em aproveitar a chance para fugir e tentar pular do navio, mas achei melhor não.

Cassie estava quase chorando de gratidão.

— Sheila, eu sinto tanto... Por que você fez isso? Por que se ofereceu para ir no meu lugar?

— Não foi nada demais — disse ela sorrindo, tentando parecer fria e calculista. — Na realidade, eu fiz por mim. Espero conseguir uma boa colocação.

— Ah, Sheila, eu sei que não é verdade. Eu sei que você fez isso para me salvar, e nem sei como lhe agradecer. Nem sei se algum dia poderei lhe retribuir.

— Seja forte! Imagino que Robin venha a minha procura de agora em diante. Mas você não conseguirá se livrar dos outros. Seja amável com esses brutamontes, ou será mandada para a fábrica. Se você fosse uma ladra, suas chances seriam maiores. Eles não mandam assassinas para casas de família, a não ser que elas se comportem muito bem durante a viagem.

— Eu não posso, Sheila. Eu odeio esses homens! Todos eles! E não preciso deles. Quero cumprir minha pena e ir embora.

— Estamos em um novo mundo, minha querida — advertiu Sheila. — Não se pode ter orgulho. Orgulho é uma qualidade para pessoas ricas e livres. Na situação em que, nos encontramos, é preciso aceitar todo e qualquer tipo de caridade.

— Não é caridade!

Sheila sorriu com amargura.

— Aqui onde estamos não podemos negar ajuda pois estamos acorrentadas.

Ela olhou para baixo, analisando as correntes que prendiam seus pés.

— Eu não vou — resmungou ela. — Cumprirei a minha pena e nada além disso.

Sheila afagou a mão da amiga. Ela compreendia Cassie. Compreendia a firmeza e coragem daquela jovem, mas sabia que não durariam. Logo ela aprenderia a ceder. Uma pessoa que não era dona de seus atos tinha de escolher suas batalhas com o máximo de cuidado.

Os dias se passaram e a fome de Cassie aumentava. Sheila lhe disse que estavam com sorte, pois antigamente a comida vinha apenas uma vez por semana. Muitos prisioneiros morriam de fome durante a viagem. E os ingleses não queriam gastar dinheiro para transportar presos mortos. Portanto, a comida era pouca, mas vinha todos os dias.

Cassie teria morrido de fome se tivesse feito um mínimo de exercício. Como ficava apenas deitada no chão, não gastava nenhuma energia. Até as mulheres que gritavam mais Rito tinham parado, pois não tinham mais forças. Será que algumas haviam morrido?, pensou ela, temendo ter o mesmo destino.

Sheila saía todos os dias quando Robin vinha buscá-la. Cassie chegava a invejar a amiga por poder sair daquela escuridão e andar um pouco. Nem se lembrava mais como era ficar em pé. Suas costas doíam e seus músculos estavam retesados. Será que Sheila se deitava em um colchão de verdade quando estava no tombadilho? Ah, como seria bom um pouco de conforto... Às vezes, ela pensava que não seria tão má idéia se deitar com um daqueles estranhos para poder esticar o corpo em um colchão.

A noção de tempo começava a se distorcer. Dias e noites eram a mesma coisa, uma vez que não havia luz ali dentro. Cassie conseguia dormir de vez em quando, mas não fazia idéia do quanto. Um dia, ela acordou com os gritos de uma mulher, que alegava inocência. Cassie riu. Fazia tempo que não se importava mais com o fato de ser considerada culpada. Um carcereiro desceu e bateu na mulher até silenciá-la. Cassie fechou os olhos diante de tamanha crueldade. Lembrou-se dos familiares da mulher se despedindo, dizendo que iriam até a Austrália para lhe fazer companhia.

Ninguém acompanhara Cassie. O amor de sua família terminara no instante em que o juiz a declarara culpada. Eles não eram capazes de compaixão. Seu pai nem aparecera no julgamento. Deveria estar com uma das inúmeras amantes e não conseguira ser avisado a tempo. Sua mãe foi, mas saiu assim que tudo terminou, torcendo para que ninguém a tivesse visto ali. Os irmãos não puderam comparecer. Cassie embarcou naquele navio sozinha, sem o carinho de familiares ou de amigos.

Agora, tinha apenas Sheila em sua vida.

— Dói? — perguntou ela um dia.

— O quê?

Cassie apoiou a cabeça no ombro de Sheila.

— Quando Robin vem buscá-la?

— Ah... Você quer dizer que nunca...

— Não.

— Não, não dói não. Na verdade, é até divertido, desde que você não pense muito no assunto.

— E como se faz isso sem pensar?

— Prática.

— Você já se apaixonou? — Cassie estava quase inconsciente, apoiando todo o peso de seu corpo na amiga.

Os olhos escuros de Sheila estavam distantes. Ela afagava os cabelos de Cassie,

ainda macios apesar da falta de água.

— Sim ou não?

— Estou pensando.

Cassie esperou em silêncio.

— Sabe, acho que eu nunca encontrei um homem que eu gostasse, muito menos amasse.

— Verdade?

— Sim. É verdade.

Os carcereiros nunca conseguiram levar Cassie. Eles sempre vinham buscar mulheres, mas sempre que tentavam tirar a amiga dali, Sheila a protegia. Na verdade, achava melhor que Cassie aceitasse ir para a cama com um deles, mas como ela não queria, Sheila fazia de tudo para ajudá-la.

Algumas vezes ela se oferecia, outras gritava para criar alarde, outras apenas dizia acreditar que a jovem estava quase morta. Em uma ocasião, entretanto, um dos sujeitos conseguiu tirar as correntes de Cassie, apesar dos esforços contrários de Sheila. Cassie não conseguia nem andar, tamanha sua fraqueza. O carcereiro praticamente a arrastava para a escada. Mas quando sentiu que recobrava um pouco das forças, ela usou as pernas para chutá-lo. Não pensou nas conseqüências, só não queria ser arrastada para a cama daquele homem fétido. Ele ficou tão irritado que desistiu de levá-la, mas não antes de empurrá-la contra a parede.

Quando ele fechou-lhe as correntes, Cassie estava chorando. Sua cabeça estava doendo e sentia o sangue escorrendo por trás. Não sentiu a menor vergonha de gritar. Todos os prisioneiros já tinham perdido a dignidade, portanto, não havia mais por que fingir. Estava machucada e com muito medo, portanto, deixou o choro fluir.

— Sheila, eles não vão cuidar do meu ferimento? Minha cabeça vai ficar sangrando? Eu vou morrer, não é?

— Não — respondeu Sheila, tentando examinar o corte. — Eu prometo que farei o sangramento parar.

— Eu não quero morrer — choramingou Cassie, colidindo no peito da amiga. — Quero ir para casa.

— Algum dia todos nós iremos para casa. Só que não será a mesma casa de antes.

Cassie fungou e tentou imaginar o sol brilhando no céu.

— Se eu morresse, o que seria feito com o meu corpo?

— Não faz diferença. É apenas um corpo — disse Sheila. — Você nunca mais precisará dele.

Cassie bebeu um gole de água e tentou manter o controle de seus pensamentos. Acomodou a cabeça no ombro de Sheila, um ombro branco e macio. Ela sempre sonhara em ter a pele branca como porcelana, e a sua era cheia de sardas. Também era mais magra do que a amiga. Esse tipo de pensamento ocupava sua mente. Suas sardas e o peito pequeno. Eram preocupações estranhas para um momento daquele, mas os pensamentos iam e vinham em sua cabeça sem motivo.

Naquela noite, Cassie parou de ter medo da morte. Adormeceu ainda preocupada

com o ferimento na cabeça e imaginando que nunca mais poderia acordar. Era uma noção confortante apesar de estranha e, em seus sonhos, ela foi levada a um mundo diferente de nuvens e pássaros azuis. Nunca mais teria medo da morte. Passara a noite inteira acreditando que a morte estava muito próxima, portanto, quando sua hora realmente chegasse, Cassie sabia que ficaria aliviada.

— Você promete não me acordar? — perguntou ela algumas horas ou dias depois.
— Promete que vai me deixar dormir para sempre?

— Tente não pensar no tempo — disse Sheila. — Feche os olhos e daqui a pouco estaremos fora daqui.

E dias depois, aquelas palavras tornaram-se realidade.

Não conseguira perceber o movimento do navio até ele parar. Todos os prisioneiros arregalaram os olhos, curiosos com o que estava por vir.

— Meu Deus! — exclamou uma mulher que Cassie nunca vira antes. — Estamos na Austrália! Austrália!

As águas eram de um lindo azul transparente. O sol brilhava forte, trazendo um pouco mais de vida àqueles prisioneiros que tinham ficado em um porão escuro e úmido durante três meses.

Os prisioneiros quase não conseguiam andar, mas se esticavam para caminhar em linha reta na fila que seguia uma a prisão. Muitas das mulheres perdiam o equilíbrio à medida que caminhavam, mas a corrente que ligava umas as outras não permitia que caíssem.

Aos poucos, olhos cheios de surpresa estudaram aquele novo país, que não parecia uma prisão, e sim um paraíso tropical. Todos se faziam as mesmas perguntas:

Continuamos vivos? Eu estou tão mal quanto você?

Um carcereiro robusto e sisudo cumprimentou seus homens, mas nenhum dos prisioneiros. As mulheres foram levadas para a caserna, de volta à escuridão. A luz do sol lhes foi roubada com a mesma rapidez que lhes fora dada. Então foram forçadas a se banhar sem a menor privacidade, diante dos olhares imponentes dos vários guardas. Cassie observou as mulheres ao seu redor se despirem com a maior naturalidade. Não estava acreditando em como tinham perdido a vergonha tão depressa. Olhava para a nudez das companheiras com a mesma curiosidade dos guardas. Elas jogavam água fria em seus corpos, como se não se importassem em estarem sendo observadas.

— Eu fico na sua frente — ofereceu Sheila. — Não importo que me vejam, pois já fiz isso antes.

Cassie agradeceu e soltou os cabelos. Ela se assustou com a quantidade de fios que caiu quando desamarrou o cabelo.

Má alimentação, pensou. A água gelada era uma bênção seu couro cabeludo. E aquele lugar não era tão escuro quanto o navio. Estava claro que ninguém ficaria ali por muito tempo, uma vez que as camas eram poucas. Tratava-se apenas de um lugar para os prisioneiros se limparem e aguardarem enquanto decidiam seu destino.

Cassie baixou o vestido de seus ombros, e olhou a sua volta. Os guardas a olhavam com intensidade. Sheila percebeu o embaraço da amiga e colocou-se na frente. Nua

molhada, ela escondeu Cassie, que estava ajoelhada, deliciando-se com a água.

Conforme a sujeira ia saindo de seu corpo, Cassie parecia ganhar vida. Mas sabia que não podia demorar, pois Sheila não ficaria ali para sempre e não queria de forma alguma que os carcereiros a vissem nua. Assim que ela vestiu o uniforme e o avental, Cassie fez o mesmo.

Logo todas estavam vestidas iguais e lado a lado, com os soldados. Que piada, pensou Cassie, sorrindo depois de muito tempo. Aquelas mulheres nunca poderiam passar por na parecido com soldados, estavam todas magras, abatidas, fracas. Quem aqueles carcereiros estavam querendo enganar

Quem estavam querendo impressionar? O maior de todos colocou-se à frente dos companheiros e marchou na frente da fila. O olhar em seu rosto indicava que essa era a parte predileta de seu trabalho.

— Olá, minhas senhoras — ele começou, com sarcasmo. — Estão contentes por estar aqui?

Ele riu de sua própria piada. Sozinho. A maioria já nem sabia mais o que era um simples sorriso.

— Espero que não pensem que receberão algum tipo de tratamento especial por serem mulheres. Aqui vocês são apenas prisioneiras. E na Fábrica Feminina, mulheres trabalham como homens. Qualquer indício de preguiça será punido com o chicote. Não pensem que escaparão apenas por terem um rosto bonito.

Chocada, Cassie segurou-se para não demonstrar sua individualidade. E era apenas o começo de sua sentença de vinte anos...

— Algumas de vocês receberão tarefas — continuou ele, olhando para uma lista. — Vocês terão de trabalhar para famílias, como se fossem criadas pagas. O primeiro sinal de rebeldia será punido com deportação imediata para a fábrica Feminina, onde não descuidaremos um único segundo de vocês. Saibam que trabalhar em casas de família é um grande privilégio. Vocês não ficarão acorrentadas enquanto cuidam da limpeza, mas lembrem-se de que não há como fugir dessa ilha. Qualquer tentativa de fuga resultará num enforcamento.

Enforcamento? Ele falava com tanta naturalidade que parecia estar acostumado com tais acontecimentos. E nem se abalava.

— Bem, vamos começar. Quando eu chamar seu nome, quero que dêem um passo para frente, contem a natureza do crime que cometeram, a duração da pena e quaisquer habilidades especiais que possuam. Christina Jean Holliday!

Uma frágil jovem, descalça e com os cabelos presos por um lenço, destacou-se das outras.

— Eu... Meu nome é Christina.

— Você não ouviu as minhas instruções?

— Ouvi sim — respondeu ela, depressa. — Fui acusa de roubo, mas não roubei nada!

Ele agarrou-a pelo cotovelo e colocou-a ao seu lado.

— Escutem bem, prisioneiras! Quando eu dou uma ordem, exijo que seja cumprida

à risca, sem maiores explicações! A próxima a dizer que é inocente será despida e açoitada. Fui claro?

— Sim, senhor — veio um murmúrio geral.

Christina foi empurrada de volta para seu lugar e pôde continuar.

— Fui condenada a sete anos e não tenho nenhuma habilidade especial.

— Ótimo. Você... Bem, você será criada do velho Rasom. E uma família grande.

Você terá muito trabalho. Próxima! Jane Rowena Jennings.

Aliviada, Christina levou as mãos ao rosto. Sua pele ganhou um pouco de cor e ela fez uma breve prece ao céu.

Nesse íterim, Jane Rowena Jennings deu um passo para frente.

— Meu nome é Jane — anunciou a senhora, indiferente — Fui acusada de roubo de roupas, e tenho muitas habilidades especiais. Sei costurar, tricotar e fazer cerâmica. Tenho cinquenta anos de experiência em cuidar de uma casa.

— Você é muito velha — interrompeu ele. — Vai para a fábrica. Ninguém quer uma velha gorda dentro de casa.

Jane cerrou os dentes, mas não chorou. Voltou para seu lugar na fila em silêncio.

— Cassandra Eileen Maddison! — chamou ele. — Eileen? É um nome irlandês?

Cassie se aproximou dele com o coração disparado e as pernas trêmulas.

— Sim, senhor. Minha mãe é irlandesa.

— Você não tem sotaque irlandês.

— Meu pai é inglês.

— Muito bem. Pode falar.

— Fui condenada a vinte anos por assassinato.

Os olhos dele se arregalaram, descrentes.

— Assassinato? Você? — Depois de estudar o corpo longilíneo e as belas feições por alguns instantes, o sujeito ficou pensando se realmente seria possível.

— Não costumamos ter assassinas por aqui — resmungou ele. — Alguma habilidade especial?

— Não.

— Robin, como ela se comportou durante a viagem? Causou algum problema?

O arrogante carcereiro balançou a cabeça para os lados.

— Não. Nada de sério.

— Biggins! Preciso de ajuda com esta jovem.

— Pois não, senhor.

— Temos dezesseis solicitações de criadas e vinte e duas prisioneiras aqui, mas mais de seis dessas mulheres são velhas demais para qualquer tarefa, então quero aproveitar essa jovem, porém ela é uma assassina. Há alguma tarefa mais fácil? Uma casa sem mulheres e crianças?

— Há dois solteiros — respondeu o moço, bastante jovem para estar lidando com prisões e mortes de pessoas. — Um quer uma esposa, o outro uma criada.

— Bem, não podemos oferecê-la como noiva, pois é assassina e irlandesa. Mande-a para o outro cavalheiro.

— Sim, senhor, é o dr. Rutherford.

— Parece que hoje é o seu dia de sorte. Você vai para a casa do dr. Rutherford. Um solteiro que certamente a manterá bastante ocupada — zombou ele, sugerindo o mesmo que Sheila já fizera antes. Ela seria concubina de seu patrão.

— Próxima. Sheila o'Malley. O que é isso? — perguntou ele olhando para o subordinado. — É o dia das irlandesas?

— Meu nome é Sheila — começou ela, sem se deixar abalar pela brincadeira. — Fui condenada à prisão perpétua por tentativa de assassinato. E sou uma excelente criada.

— Assassinato de novo? O que está acontecendo? Com os homens costuma ser normal, mas com as mulheres não. Robin? Algum problema com ela?

Sheila olhou-o com ar de súplica.

— Sim, ela foi muito rebelde e violenta, necessitando de cuidados redobrados.

Era brincadeira. Havia maldade nos olhos dele. Entretanto, Robin queria se exibir diante dos colegas carcereiros. E não desmentiu o comentário.

— Muito bem. Para a Fábrica Feminina.

— Seu miserável! — gritou Sheila, avançando para Robin. Vários guardas tiveram de segurá-la. — Miserável!

— Entendeu o que eu quis dizer? — observou ele, cheio de si. — Completamente descontrolada...

Os carcereiros a levaram para a carroça que seguiria para a fábrica.

— Não... — murmurou Cassie, inconformada com o destino da amiga.

Dentro da outra carroça, Cassie deixou as lágrimas correrem. Seria o primeiro dia de cumprimento da pena sem Sheila. Não haveria conforto, não haveria ninguém para aconselhá-la. Por mais ingênuo que pudesse parecer, ela acreditara que poderia passar os vinte anos ao lado da amiga. E agora nunca mais a veria. Estava sozinha. Em um país estranho. Sem amigos. E ainda por cima trabalharia como escrava.

A carroça parou na frente de uma charmosa construção branca, não muito longe do centro, o lugar que seria seu cárcere privativo. A casa era cercada de árvores dos lados na parte de trás. E na frente, um gramado aveludado com canteiros de flores separava a entrada principal da rua. Uma varanda com piso e colunas de madeira rodeava toda a residência, e havia até um balanço perto da porta da frente.

Se fosse aprovada para trabalhar ali, talvez o período de vinte anos passasse mais depressa.

O carcereiro soltou-lhe as correntes e permitiu que fosse caminhando até a porta. Cassie baixou os olhos e mirou os pés descalços, imaginando que tipo de brutamontes a receberia.

— Bom dia, dr. Rutherford. Eu trouxe uma prisioneira que chegou no último navio. Serve?

— Sim, serve, sim — respondeu uma voz grave e macia.

— Muito obrigado.

— Quer inspecioná-la?

— Não há necessidade.

- Se ela lhe causar qualquer tipo de problema...
- Fique sossegado. Obrigado mais uma vez.
- Sobre o pagamento... O senhor sabe que não conseguimos manter os prisioneiros sem fundos. Portanto, os pagamentos devem ser feitos em dia.
- Eu sei.

A voz do homem era tão sedutora que Cassie não resistiu e levantou o rosto. Não queria que a pegassem olhando, mas... Ela quase perdeu o fôlego. Diante de seus olhos estava o homem mais lindo que já vira na vida! Seus cabelos curtos e costeletas compridas eram castanhos. Os olhos, de um azul estonteante, transmitiam bondade e meiguice. Os lábios comprimidos indicavam que ele se esforçava para não rir.

Cassie não sabia que tinha uma opinião formada sobre beleza masculina. Mas agora sabia. O dr. Rutherford era tudo que ela considerava um homem bonito!

Ele notou que estava sendo observado e sorriu. Em seguida, voltou a atenção para o carcereiro que continuava a falar. Cassie nunca se esqueceria daquele sorriso. Significava que seu novo patrão a considerava um ser humano. Significava que ele estava pensando a mesma coisa que ela: que o carcereiro era um grande idiota. E além de tudo isso, provocara nela uma sensação inteiramente nova, desconhecida... uma espécie de arrepio, que começara na altura do ventre e se espalhara pelo corpo inteiro, alcançando todas as extremidades, tal qual um choque elétrico.

Capítulo III

Cassie não conseguia parar de olhar a sua volta. Mesmo sabendo que viveria em uma casa bonita e aconchegante, ela sabia que detestaria morar ali. Sua vida não teria espaço para outra atividade além do trabalho, e seria miserável. Todavia, a decoração a agradou. Estava parada na entrada, pisando em um belo tapete vermelho, e um modesto, porém reluzente, lustre de cristal enfeitava o teto. Não havia muitos móveis, mas os poucos que decoravam a casa eram de madeira pesada. As paredes eram pintadas de branco, e as cortinas todas vermelhas. Tudo era muito bonito. Ao lado da entrada começava uma escadaria redonda com degraus largos e acarpetados e um corrimão dourado.

— Olá — ela a cumprimentou, fechando a pesada porta de entrada. — É estranho, não? — explicou ele, observando que Cassie estudava a casa. — Parece bem maior do lado de fora.

Cassie o olhou com expectativa. Ele tinha percebido que era uma mulher bonita. Percebeu como os olhos verdes brilhavam e como os lábios tinham um tom avermelhado natural. E sempre gostara de loiras. Entretanto, aquele tipo de pensamento não era nem um pouco apropriado. A pobre de certo estaria pensando que ele a usaria como sua prostituta particular. E ele não queria demonstrar que suas intenções eram impróprias.

— Eu não tenho muitos serventes nesta casa — desculpou-se ele. — Na verdade,

você é a única. Sabe, eu sou médico. Bem, chega de conversa. Posso lhe mostrar seu quarto?

Cassie assentiu e o seguiu escadaria acima. Tinha plena consciência de seus pés descalços pisando naqueles belos tapetes. Imaginou que estivesse parecendo uma boneca desengonçada. E o fato a incomodava demais. Acabara de conhecer o homem mais lindo do mundo e não estava em sua casa, onde poderia impressioná-lo com um belo vestido e a postura correta, mas sim em uma terra estranha, mal vestida e condenada pela sociedade.

Mesmo que aquele homem se interessasse por ela, o que era pouco provável, ele sem dúvida a usaria com brutalidade depois a ignoraria. Cassie jamais seria cortejada ou teria um pouco de romance em sua vida. E ter de trabalhar para um solteiro cobiçado seria uma grande tortura. Seria uma lembrança constante do que nunca poderia ter.

— Não há ala de serventes nesta casa, pois quando ela foi construída, eu... — Ele riu com seu costumeiro charme. — Eu me esqueci. Mas me lembrei de construir um ou dois quartos de hóspedes, então espero que seja suficiente.

Cassie não conseguia acreditar em seus olhos. O dormitório era grande e muito aconchegante. Cortinas azuis da cor do céu emolduravam as pequenas e pitorescas janelas através das quais ela avistava um belo jardim de rosas. A grande cama dossel era adornada por uma linda colcha azul e cômodas de madeira escura complementavam a decoração.

— Quem mais vai dormir aqui? — perguntou ela.

— Ninguém, é claro. Apenas você. Tenho um jardineiro que cuida das plantas e uma cozinheira, mas eles não moram aqui. Você será minha única criada. Eu juro que não sou muito bagunceiro. Além disso, fico grande parte do tempo no hospital. Tenho certeza de que você conseguirá dar conta do trabalho.

Cassie concordou com entusiasmo.

— Bem, eu... — Pela primeira vez, o dr. Rutherford olhou para os pés descalços de Cassie. — Essas foram as únicas roupas que eles lhe deram?

— Sim — murmurou ela, envergonhada.

— Eles costumavam dar sapatos. Bem, vou ver o que posso fazer.

Os dois ficaram parados diante da porta por um momento. Cassie olhou para o chão, e o dr. Rutherford para o quarto.

— Está cansada? Quer descansar um pouco? — perguntou ele, encontrando uma saída agradável.

Por mais estranho que pudesse parecer, Cassie queria impressioná-lo.

— Não, senhor. Estou pronta para trabalhar.

Ele pareceu não gostar da resposta.

— Bem, sabe... Por enquanto não há nada a fazer. Eu costumava contratar criados por dia e... Eu sei que deveria encontrar algo para você fazer, mas...

— Então vou descansar — interrompeu ela.

— Tem certeza?

— Sim, senhor. Não hesite em chamar quando precisar de mim.

— Você não vai descansar apenas por falta do que fazer, não é? Eu tenho alguns livros... E não são todos sobre medicina. Gosta de biologia?

— Não — respondeu Cassie, sorrindo. — Não muito.

— Está bem. Bom descanso. Assim que Faith chegar, ela virá lhe chamar. É a cozinheira.

— Obrigada, senhor.

A porta se fechou atrás do médico, mas se abriu um instante depois.

— Você não... você não tem roupa para dormir — comentou ele, com uma expressão aparvalhada.

— Não — ela não conseguiu evitar o sorriso.

— Vou ver se encontro alguma coisa.

Cassie achou que nunca mais daria um sorriso quando entrou no navio meses atrás. Mas agora sorria com alegria. Gostava daquele homem. Realmente gostava dele. E adorara seu quarto. Ela correu até a pequena janela ao lado de uma das cômodas e olhou para fora. Seria possível ficar naquela casa por vinte anos? O que faria se tivesse de ir para outra casa ou se fosse mandada para a Fábrica Feminina? Depois daquela casa, tudo seria insuportável. E Sheila? Como o destino fora cruel com sua amiga. E ela fora tão amável...

Seus pensamentos foram interrompidos por uma batida na porta. Cassie abriu e deparou-se com o dr. Rutherford segurando uma roupa branca.

— Achei algo — disse ele.

Cassie estudou a roupa, uma camisola de mulher. Com rendas na barra e pequenos botões na frente, era uma roupa muito bonita. O que um solteiro faria com uma camisola?

— Estou agradecida. Dr. Rutherford, posso lhe fazer uma pergunta?

— Claro.

Ela olhou bem dentro dos olhos azuis. O médico tinha um rosto tão doce, tão jovem e tão cheio de humor que Cassie criou coragem para fazer a pergunta.

— Por quanto tempo o senhor precisará de mim?

Ele pensou por alguns instantes, tentando entender o porquê daquela pergunta. Sabia que algumas mulheres preferiam ir para a fábrica, mas apenas pelo fato de não quererem ser concubinas de seus patrões.

— Está ansiosa para ir a algum lugar?

— Não. De forma nenhuma.

— Então acho que vou precisar de você para sempre. Algum problema?

— Claro que não — respondeu ela, sorrindo.

Agora ele tinha compreendido.

— Eu não vou expulsá-la daqui, sita. Maddison — garantiu ele com sua voz melodiosa. — E saiba que eu nunca entrarei em seu quarto sem bater.

Agora Cassie tinha entendido. Pelo menos achava que tinha. Entretanto, não se atreveria a prolongar o assunto, pois era algo muito delicado.

O dr. Rutherford sorriu, percebendo que Cassie entendera o recado.

— Eu a apresentarei para Faith assim que ela chegar — comentou ele, ávido por mudar de assunto. Não suportava ver uma jovem tão bonita sentindo-se tão incomodada em sua presença. Não pretendia lhe fazer nenhum mal, mas não conseguia encontrar uma maneira de provar o contrário. — Eu costumo ter companhia para o jantar. Hoje à noite

será um grupo de solteiros, de velhos amigos meus. Espero que eles não a assustem.

Cassie sorriu e baixou os olhos.

— Você é irlandesa?

— Metade irlandesa, metade inglesa.

— Verdade? Eu também. Quero dizer, sou metade escocês, metade inglês. Nem cá, nem lá — brincou ele, piscando. — Bom, eu venho chamá-la antes do jantar.

Com a porta fechada, o médico se advertiu em silêncio. Não deveria ter piscado para a jovem. Não era uma amiga, nem uma criada querida. Era uma escrava e, portanto, precisaria ter mais cuidado. Cuidado em mostrar-lhe que estaria a salvo naquela casa. Cuidado em ajudá-la a compreender que não seria maltratada.

E cuidado em não se deixar envolver pela beleza daquela jovem.

O sono de Cassie foi interrompido por uma forte batida na porta. Com os olhos pesados, ela se levantou e foi abri-la, encontrando uma simpática senhora do outro lado. Era uma mulher gorducha, com os cabelos grisalhos presos em tranças ao redor da cabeça.

— Srta. Maddison — anunciou o dr. Rutherford por trás da cozinha. — Esta é Faith Johnson, minha cozinheira.

— Estou tão contente por o doutor ter contratado mais ajuda! — exclamou a mulher, estudando-a com olhos acolhedoras. — Como vai, minha querida?

Cassie retribuiu o aperto de mão.

— Bem, obrigada.

— Você se incomoda em servir a comida para mim? Eu falei para o doutor que é impossível manter a sopa quente e cremosa e ficar correndo da cozinha para a sala de jantar.

— Com todo prazer — respondeu Cassie. — É só a senhora me mostrar o que precisa ser feito. — Ela passara grande parte da vida dando ordens para criados, e sabia que os melhores eram aqueles que faziam perguntas quando tinham dúvidas e que trabalhavam calados. O fato de estar do outro lado lhe dava a impressão de ter decaído na vida.

— Você é uma irlandesa muito bonita — elogiou Faith.

— Sou só metade irlandesa.

— Que seja, uma "meio" irlandesa muito bonita — corrigiu Faith, sorrindo.

O dr. Rutherford pareceu contente por as introduções terem chegado ao fim.

— Não seja muito dura com ela, Faith. A srta. Maddison teve uma viagem muito longa e cansativa — pediu ele, apoiando o braço casualmente na maçaneta da porta.

— Na minha cozinha tudo precisa ser perfeito — respondeu a senhora com falsa severidade. — Sou rigorosa com qualquer um que entra.

O rosto amável e redondo lhe disse que a cozinheira não estava muito pouco preocupada com a viagem que o dr. Rutherford acabara de mencionar. Faith sabia que Cassie era uma condenada, mas não se mostrou nada incomodada com o fato.

Logo que o médico as deixou a sós, Cassie acompanhou Faith até a cozinha, um

ambiente bastante iluminado. Havia um par de portas francesas que davam para o jardim. Parecia um lugar muito agradável para cozinhar e para pensar.

— Não toque em nenhum dos meus pratos — pediu Faith com simpatia. — E não gosto de ser interrompida enquanto cozinho. Por ora, quero que coloque a mesa. A prataria e as louças estão aqui. — Ela abriu um armário com louças de porcelana. Na prateleira de baixo se encontrava a baixela de prata.

— Você sabe qual é a disposição de uma mesa? — perguntou ela, segurando duas colheres de diferentes tamanhos.

Cassie não se ofendeu com a pergunta, apesar de saber perfeitamente como montar uma mesa. Faith não tinha como saber de onde ela tinha vindo e nem o tipo de educação que recebera.

— Creio que sim.

— Muito bem, então pode ir. E não se incomode se eu inspecionar seu trabalho da primeira vez. Coloque seis lugares, embora apenas cinco homens vão jantar. Robert Jennings nunca costuma aparecer. — Ela balançou a cabeça em sinal de desaprovação.

— O doutor sempre tem tantos convidados para jantar?

— Não! — exclamou Faith, contente com a conversa que haviam iniciado. — Só de vez em quando. Ele tem mais conhecidos do que eu tenho primos. E olha que eu tenho muitos primos.

— Eles são simpáticos? — perguntou Cassie, notando que Faith gostaria de continuar com a conversa.

— Nem todos. — Ela franziu a testa, como se algo tivesse lhe ocorrido. — Sugiro que se mantenha afastada desses sujeitos. Tenho certeza de que alguns deles gostarão de conhecê-la um pouco melhor. E os mais agradáveis já são casados. O resto deles... Bem, digamos que as mulheres que os libertaram sabiam o que estavam fazendo.

— De qualquer maneira, duvido que eles possam ter qualquer tipo de interesse por uma condenada.

Faith se virou para mexer uma panela de cozido.

— Vá colocar a mesa — ordenou ela, de repente. — Temos muito a fazer. Cassie, nós não usamos essa palavra aqui, está certo? Não existem condenados na Austrália. Existem pessoas fazendo o melhor que podem com o que lhes foi reservado.

— Sim, senhora.

Cassie seguiu para a sala de jantar sentindo que nunca conhecera um lugar tão estranho quanto aquela enorme ilha.

A sala de jantar era pequena, porém muito bonita, como todo o resto da casa. A mesa dava todo o charme especial. O tampo era de madeira grossa e extremamente brilhante.

E os pés robustos acentuados com entalhes. As cadeiras também eram impressionantes. Todas eram largas, pesadas e confortáveis com seus assentos de veludo vermelho. Não havia nenhum exagero na decoração. Além do tapete vermelho e da tinta branca das paredes, mais nada decorava a sala. As janelas abertas mostravam a natureza, mais cativante do que qualquer item que o dinheiro pudesse comprar. Cassie respirou

fundo ao sentir a brisa quente fazer seus cabelos esvoaçarem suavemente. Aquele aposento lhe agradava demais. Aliás, como tudo que envolvia o dr. Rutherford. Puro tormento, pensou ela. Afastando aquele tipo de pensamento, Cassie concentrou-se na tarefa de colocar a mesa antes que se atrasasse em seu primeiro dia de trabalho.

Cerca de uma hora depois, a tranqüilidade da sala de jantar cedeu espaço a uma barulhenta reunião. Homens de todas as idades se divertiam entre conversas e comentários alegres. Todos falavam alto. Como na Inglaterra nunca vira homens se portar dessa maneira, Cassie não sabia como agir. A princípio achou que estavam sendo grosseiros com suas risadas exageradas e constantes abraços, mas sabia que sua opinião estava sendo guiada por uma sociedade que a tinha abandonado. Dessa forma, ela tentou aceitar o que via, acreditando que um homem não precisava ser contido para ser respeitado. Tentou entender que, naquele país, a riqueza nem sempre vinha acompanhada de uma educação suntuosa. Não seria nada fácil.

— Malcolm, você precisa nos encontrar para o chá de amanhã — disse um loiro troncudo. — Prometo que não será servido nenhum tipo de chá, apenas rum.

Malcolm. Era a primeira vez que Cassie escutava o nome de batismo dele. E gostou muito. Ela estava parada em um canto, esperando para encher copos vazios, mas não conseguia tirar os olhos de seu patrão. Era um homem fascinante. Ele não cumprimentara seus convidados com entusiasmo, e os tratava como verdadeiros fardos.

Malcolm tinha a expressão tão simpática, a postura tão casual e olhos tão brincalhões que até seus insultos pareciam abraços.

Malcolm gostava de empurrar sua cadeira para trás enquanto comia. Não era muito educado, pensou Cassie, mas tinha seu encanto. Era como se ele estivesse determinado a ser o homem mais relaxado da sala de jantar. Sua confiança e desinteresse o tornavam um líder natural do barulhento grupo, e cada vez que fazia qualquer tipo de comentário, todos se calavam para escutar.

— Srta. Maddison! — chamou um deles.

A voz a assustou, e ela se aproximou do loiro que gritara seu nome.

— Pois não, senhor?

— A senhorita sabia — começou ele, ligeiramente bêbado — que o nosso dr. Rutherford, Malcolm para nós, é um dos únicos condenados que sobreviveu na floresta durante uma fuga?

Os olhos verdes da jovem se arregalaram.

— Não é um espetáculo? — continuou ele, cheio de orgulho. — Um mês inteiro! Antes de ser pego e chicoteado quase até a morte.

Cassie olhou para Malcolm, que evitou encontrar os olhos dela. Ele batia o garfo contra a mesa, e sua expressão variava entre a sobriedade e a irritação. Não podia acreditar naquilo. Seria uma fábula de bêbado? Em caso positivo, por que o doutor não olhava para ela?

— Não seja tão modesto — disse o loiro, abraçando-o. — Conte a ela que você foi um verdadeiro herói.

Malcolm olhou para outro amigo, pedindo ajuda. Sua solicitação foi prontamente

atendida.

— Pode lhe parecer estranho, Kevin — disse um homem de cabelos enrolados —, mas alguns homens não gostam de contar fatos de sua vida pessoal à criadagem.

— Ah, mas a srta. Maddison não é uma criada. Já é membro da família, não é? — perguntou o tal Kevin, apertando-a na cintura.

O rosto de Malcolm indicava todo seu desagrado.

— A srta. Maddison é uma criada — interveio ele. — E eu lhe peço para não tocá-la.

— Ora, Malcolm, será que um homem não pode se divertir um pouco com uma bela jovem?

— Não quando ela trabalha para mim — respondeu o médico. Seu leve sorriso dizia que ele estava levando em consideração a bebedeira de seu convidado.

Cassie queria quebrar aquela tensão que causara na sala de jantar.

— Quer algo da cozinha? — perguntou ela ao sujeito que segurava em sua cintura.

— Não, nada — resmungou ele. — Aliás, um pouco mais de rum.

A noite continuou por mais algumas horas, e Cassie trabalhou sem interrupção. Os homens não eram dos mais educados, e tinham riscado a mesa em vários lugares. Isso significava polimento adicional.

— Sinto muito pela grosseria dos meus amigos — desculpou-se Malcolm, assim que o último convidado se foi.

— Meus amigos são... — Ele sorriu de maneira adorável.

— Bem, eles são verdadeiros porcos.

Cassie caiu na risada.

— Não tem problema — garantiu ela. Entretanto, a história que escutara não lhe saía da cabeça. Será que ele realmente fora um condenado? Será que realmente tentara escapar? E como um condenado se tornara médico?

— Precisa de alguma coisa? — perguntou ele. — Vou me deitar.

— Não, obrigada.

— Bem, então boa noite.

Cassie escutou passos do lado de fora e sufocou um grito.

— Não se preocupe. É apenas uma amiga minha.

Cassie suspirou aliviada.

Ela observou seu patrão caminhar até a porta e abri-la. Malcolm não acendeu as luzes. A criatura alta e esbelta que entrou jogou-se em seus braços sem hesitar. O coração de Cassie se contraiu em seu peito. A morena que se aninhava nos braços do doutor recebia abraços apaixonados. A expressão no rosto dele era a de um homem envolvido.

— Esperei o dia todo para vê-lo — murmurou ela, entregando-se aos beijos.

Malcolm não respondeu, apenas levou-a para seu escritório. Então fechou a porta e desapareceu.

Cassie olhou para as louças sujas, levou-as para a cozinha e começou a lavá-las.

Capítulo IV

Na manhã seguinte, Cassie encontrou Faith preparando o café da manhã.

— Bom dia! — cumprimentou a senhora, sempre de bom humor. — Não se preocupe, você não está atrasada. Eu precisava começar a preparar o mingau.

— Bom dia — sorriu Cassie. Os raios de sol entravam pela cozinha, trazendo luz e vida, além do aroma das flores do jardim.

— Já que você acordou, que tal colocar a mesa? Por enquanto não há nada que você possa fazer. Precisamos esperar o doutor descer.

Cassie obedeceu imediatamente à ordem da senhora. Demorou apenas alguns instantes, depois sentou-se em uma cadeira e ficou observando Faith cozinhar.

— São barulhentos, não? — comentou Faith, referindo-se aos convidados da noite anterior.

— Nem tanto — respondeu ela, educada. — Imagino que eles gostem de se divertir.

— Eu os acho mal-educados. Na Inglaterra, eu não teria servido um grupo assim! Mas para o doutor eu faço tudo que estiver ao meu alcance. Ele é um homem muito gentil.

— É verdade — concordou Cassie, tentando soar indiferente. As duas ficaram em silêncio por um instante, e a jovem tentava buscar coragem para fazer uma pergunta. —

Faith?

— Pois não?

— Não quero parecer intrometida, mas eu não consigo parar de pensar na amiga do doutor. A senhora a conhece?

Faith parou de mexer o mingau e virou-se para a jovem.

— Não me diga que ela veio aqui a noite passada?

— Bem, alguém veio. Eu não consegui ver direito o rosto dela, mas era uma mulher muito magra e alta. E morena.

— Ugh! É Priscilla. Eu achei que o doutor tinha colocado um ponto final nessa história depois de ela ter lhe partido o coração.

— Ela partiu o coração do dr. Rutherford? — perguntou Cassie, ansiosa, sabendo que hão estava tão sentida quanto deveria.

— Sim — respondeu Faith com amargura. — Cá entre nós, a mulher não vale nada. E ele a ama. Ele sempre a amou, desde que se viram pela primeira vez. Só que ela não o ama. Ela o usa, pois ele lhe compra presentes caros. E o pior é que ele sabe disso! Ele sabe! Mas não sê importa.

Frustrada, Faith balançou a cabeça.

— Ah, meu Deus! Eu esperava que esse caso tivesse chegado ao fim. Quando eles começaram a se encontrar, eu a tratava com muita educação. Fazia questão de servi-los em todas as refeições. Mas quando ela o deixou por um homem mais rico... Você precisava ver como o doutor ficou desolado. Eu lhe disse para nunca mais trazer aquela mulher aqui! É claro que ele não me escutou. Ele é mais teimoso do que uma mula. Foi só ela

aparecer que o dr. Rutherford a deixou entrar, como se nada tivesse acontecido. Parece que o homem gosta de sofrer.

Ao meio-dia, Malcolm voltou do hospital trazendo alguns pacotes para Cassie. Ele comprou-lhe alguns vestidos simples e pares de sapatos e tinha um pacote que não lhe entregou. Cassie não sabia se esse último embrulho lhe pertencia ou não, mas agradeceu-lhe pelas roupas, que vestiu sem pestanejar. Ela sabia que seus pés descalços não condiziam com uma casa tão bonita, e seu uniforme de condenada era uma vergonha para um médico. Sendo assim, a jovem se trocou depressa, colocando seu novo vestido bege e calçados confortáveis.

No caminho de volta para a cozinha, ela escutou o médico conversando com um colega que o acompanhara ao escritório.

— Malcolm, você é o melhor cirurgião do hospital — disse o homem.

Malcolm deu uma risada.

— Isso não que dizer nada, não é?

— Bem, é verdade — concordou o homem. — O hospital de Sydney é abominável. Você é um dos melhores cirurgiões que conheci em toda minha carreira médica, e é por esse motivo que gostaria que você assumisse o comando. Quando algum paciente chega à sala de emergência, ou é entregue aos seus cuidados, caso em que sobrevive, ou é entregue aos médicos desqualificados e acaba morrendo. É por isso que é importante você cuidar das pessoas certas.

— Eu não tenho como saber quem são as pessoas certas.

— Pare de ser obstinado — insistiu o colega. — Você sabe muito bem do que estou falando. Comenta-se que cidadãos de respeito morrem na sala de espera enquanto você cuida dos condenados!

— Isso é terrível! — concordou Malcolm. — Horrível. Por isso precisamos de uma equipe de médicos e enfermeiras mais qualificados.

— Nós precisamos de você!

— Mas eu sou só um! Não posso tratar todos os pacientes ao mesmo tempo. Precisamos de mais ajuda e de melhores médicos.

— Mas você está desperdiçando seu tempo cuidando primeiro dos condenados!

— Eu não cuido primeiro dos condenados — insistiu Malcolm. — Eu cuido daqueles que precisam de cuidados com mais urgência, independentemente de quem sejam. Como costuma acontecer, os condenados estão nas piores condições quando chegam ao hospital. Eles são chicoteados e chegam sangrando. Eu não os deixarei esperando enquanto cuido de uma simples dor de estômago.

— Mas eles são condenados!

— São pacientes.

— Mas, supostamente, eles devem sofrer pelos crimes que cometeram.

— Não no meu hospital.

— Não é o seu hospital.

— É verdade. Se o hospital fosse meu, eu demitiria alguns dos médicos que matam

os pacientes com sua incompetência. E onde estão as enfermeiras? Achei que fôssemos conseguir algumas no último navio.

— Não houve muitas prisioneiras — disse o colega. — Eles não estão prendendo tantas mulheres quanto precisaríamos. E as que chegam são velhas demais ou violentas para trabalhar como enfermeiras.

— Eu não ligo! — gritou Malcolm. — Aceito as enfermeiras velhas e violentas. Para mim não há o menor problema. Aliás, é bem melhor do que nada.

Cassie entrou naquele momento.

— Com licença, senhor. Posso trazer seu chá?

A aparição de Cassie acalmou o humor irritadiço dos homens. Os dois se entreolharam em silêncio, numa trégua.

— Sim, srta. Maddison — respondeu Malcolm. — Pode trazer o chá.

Quando terminou de servir o chá, Cassie foi para o seu quarto. Momentos depois, uma batida na porta interrompeu seu descanso.

— Pois não? — respondeu ela, encantada por ver o doutor do outro lado, segurando algo nas mãos. O misterioso embrulho que não lhe fora entregue antes.

— Eu... Bem... Espero não estar atrapalhando — desculpou-se ele, nervoso.

— De forma alguma.

Malcolm entregou-lhe um livro encapado com tecido e enfeitado com rosas vermelhas.

— Eu não sei se... quero dizer... acho que você escutou ontem à noite que eu sou mais ou menos como você. Isto é, condenado.

Cassie baixou os olhos.

— Bem, agora que meu segredo foi revelado, eu gostaria que você aceitasse isto.

Ela pegou o belo livro com mãos trêmulas. O tecido parecia veludo sob seus dedos.

— Eu descobri que escrever meus pensamentos fazia com que eu me sentisse melhor — ele sorriu, sem graça. — Imaginei que você talvez quisesse tentar. De qualquer maneira, fique com o diário. — Ele apontou para uma pequenina mesa no canto do quarto. — Há uma pena e um mata-borrão ali.

Sem querer prolongar a situação embaraçosa, Malcolm saiu do quarto. Cassie observou-o partir, segurando o diário contra o peito.

Ela não desperdiçou um único segundo. Fechou a porta para ter mais privacidade e sentou-se à escrivaninha. Queria pôr a data, mas não sabia que dia era. Perdera completamente a noção do tempo, e só tinha certeza do ano. Com o máximo de capricho, ela escreveu no topo da primeira página:

Cassandra Eileen Maddison, 1823.

Então olhou para fora e começou a tremer. Pela primeira vez depois de muito tempo ela reviveria sua história para contar a verdade àquele diário.

Estou na Austrália por um crime que não cometi.

Imediatamente, ela riscou a linha. Não se tratava de uma biografia. Não tinha de se explicar às páginas do diário.

Precisava escrever o que sentia. Então recomeçou:

Estou muito brava com a minha família por ter sido abandonada.

Mais uma vez, ela riscou a frase. Não era aquilo que estava sentindo naquele momento. Se fosse para escrever algo do fundo do coração, Cassie teria de escrever o que lhe parecia mais real e vivido naquele momento. Sendo assim, escreveu o nome dele.

Malcolm,

E escreveu mais dez vezes. Em seguida, ela passou a enumerar todas as observações que fizera a respeito de seu patrão desde a primeira vez que o viu, cada uma lhe trazia mais conforto ao coração. Escreveu:

Malcolm é digno com os estranhos. Estranhos como eu. Malcolm se esqueceu de construir uma ala para criados. Mas ele sobreviveu na floresta. Ele gagueja quando estamos sozinhos, pois tem medo de me assustar. Malcolm acredita que o mundo todo é uma horrível brincadeira. É por isso que sempre sorri.

Cassie inclinou a cabeça para trás e respirou fundo.

Malcolm gosta de mulheres que não são boas para ele.

Ela fechou os olhos e lembrou-se do abraço que ele tinha dado na morena. E escreveu:

Malcolm beija como um homem que tem conhecimento da morte.

Muito longe dali, em uma ilha bem diferente do novo lar de Cassie, a sra. Caroline Maddison estava esticada em um sofá verde-musgo. As camadas da saia de seu vestido caíam no chão, junto com o braço sem energia.

— Ah, Christine! — choramingou ela. — Você não faz idéia do quanto envelheci nestes últimos meses! Eu pareço mais velha do que você?

— Não, senhora — respondeu a jovem servente, limpando a testa da patroa com um pano úmido. — A senhora está linda como sempre.

— Verdade? Está falando sério?

— Claro, madame — respondeu a garota, sem o menor entusiasmo.

— É um milagre, pois meu sofrimento tem sido enorme. Você consegue imaginar

como me sinto?

— Não.

— Não, claro que não. Ninguém pode, na verdade. Até meu marido, por mais magoado que esteja, não sabe a vergonha e o ostracismo que tenho sido obrigada a suportar. Claro, ele saberia se ficasse um pouco mais em casa.

— Sim, madame.

Um jovem magro e alto entrou na sala, mastigando uma maçã colhida no pomar.

— Ah, Samuel! Venha ajudar a sua mãe a se levantar. Tenho estado tão fraca!

— Sim, mãe.

Ela se apoiou no ombro do filho, quase o derrubando em seu esforço para se levantar.

— Você é um bom menino, meu filho. Sempre foi um bom menino.

— É você quem está dizendo, mãe.

— Diga-me, querido — disse ela, alisando a saia. — Seu pai está em casa?

Samuel olhou-a como se ela tivesse enlouquecido.

— Ele nunca está em casa.

— Tem razão. Entretanto, acho que ele deve chegar hoje. Você viu alguma carruagem por aí?

— Ainda não, mãe.

— Bem, assim que seu pai chegar, mande-o aos meus aposentos. Preciso falar com ele.

— Ele sabe onde fica o seu quarto? — perguntou o garoto, brincalhão.

— Claro que ele sabe, menino! — Os olhos dela se suavizaram ao se lembrar que estava doente. — Agora preciso descansar um pouco. Por favor, mande seu pai subir tão logo coloque os pés em casa.

— Sim, mãe.

Quando Caroline terminou de subir as escadas, Samuel olhou para Christine. Ele era o único dos filhos que se parecia com o pai, com a mesma pele clara e olhos e cabelos castanhos. Sua irmã e irmãos tinham a complexão irlandesa e os cabelos loiros da mãe.

— Quanto dinheiro a nossa família lhe deve?

Christine baixou a cabeça.

— Samuel, a minha família sempre serviu os Maddison, e você sabe que queremos ficar.

Ele era um garoto esperto para a idade, e não hesitou em mostrar que compreendera o verdadeiro significado daquele comentário.

— Entendo. Quanto devemos pagar para vocês ficarem?

Christine mostrou-se envergonhada. Não conseguia nem olhar nos olhos de Samuel, de tão miserável que se sentia por ter de dar-lhe um ultimato.

— Não é que nós não compreendamos todos os problemas que vocês enfrentaram — garantiu ela. — Nós entendemos e gostaríamos muito de ficar, mas...

— Mas vocês precisam comer — concluiu Samuel. — Faz sentido. Quanto devemos para a sua família?

Christine comprimiu os lábios.

— Samuel, nós não recebemos nada desde que a sua irmã partiu.

Essa era a resposta que ele mais temia. Samuel se virou para que Christine não visse seu rosto preocupado. Primeiro, os cobradores, ameaçando tomar toda a propriedade da família, e agora isso. Ah, como queria conseguir fazer com que seus pais o escutassem. Todavia, sempre que tocava no assunto com a mãe, ela dizia que iria desmaiar. E o pai nunca estava em casa. Às vezes desejava não ter nenhum vínculo familiar. Se não tomasse cuidado, pensou Samuel, seu desejo se realizaria. Pois logo não haveria uma casa para ele voltar depois de suas escapadas. Não haveria propriedade, criados, nada. Ah, como desejava ter o senso de Cassie para os negócios. Como ela conseguira manter os cobradores afastados durante todos aqueles anos, pagar os funcionários em dia? Ela tinha apenas catorze anos quando passara a cuidar das finanças da família. E ele estava com dezessete anos e não tinha a menor maturidade para lidar com aquele assunto.

— Vou conseguir esse dinheiro — prometeu Samuel. Entretanto, era uma promessa sem solidez, sem um plano.

Christine sabia disso, e não fez nada além de assentir e se retirar.

Quando o dono da casa chegou, ele foi direto para o quarto da esposa, conforme solicitado. Wilbert Maddison era um homem pequeno e corpulento, praticamente careca. Sempre assobiava quando chegava em casa, tentando chamar a atenção de uma família que costumava ignorar suas aparições esporádicas.

— Sua mãe quer me ver? — perguntou ele. — É tudo que tem a dizer ao seu velho pai?

— Sim.

— Que tal, bem-vindo ou senti sua falta?

— É que... — Samuel cocou a cabeça. — Está bem. Seja bem-vindo, pai. Senti sua falta.

— Um pouco mais de entusiasmo não lhe faria mal — resmungou Wilbert, subindo as escadas.

— Onde estão seus irmãos?

— Não sei. Eu os vi há algumas horas, tentando acender uma fogueira. Não acho que tenha dado muito certo, apesar de ter visto um pouco de fumaça vindo do estábulo.

— Bem, diga a sua irmã para cuidar deles! — ralhou o pai. — Ah, às vezes até me esqueço que ela foi embora. Então vá você cuidar deles.

— Falando nisso, pai, você pode me dizer de onde devo tirar dinheiro para pagar os criados? A nossa conta no banco está zerada e...

— Pergunte para a sua mãe. Você sabe que eu não sei mexer com dinheiro.

— Mas ela foi se deitar e...

— Agora não — resmungou ele. — Excelente maneira de chegar em casa. Dois dos meus filhos nem aparecem para me cumprimentar e o outro me pede dinheiro. Não sei por que ainda volto... — Wilbert subiu as escadas resmungando sem parar, chegando ao quarto de sua esposa fria e distante.

Os arrepios começaram assim que ele abriu a porta.

— Ah, Wilbert! — gritou ela, fingindo ter dificuldade para abrir os olhos. — Como é bom tê-lo de volta, meu querido.

O sr. Maddison sorriu, apesar da visão da esposa deitada na cama não lhe causar nenhum tipo de sentimento romântico.

— Pelo menos alguém está feliz por me ver. Dois dos meninos nem vieram ao meu encontro e o outro... Bem, o outro é Samuel. — A simples menção daquele filho lhe causava calafrio.

— Ah, meu pobre querido... Não deixe os meninos o importunarem.

— Minha querida, tenho um anúncio para fazer.

— O que é? — perguntou Caroline, excitada.

— Decidi que vamos mandar um pacote de biscoitos doces para Cassie no Natal.

Caroline balançou o leque mais depressa, como se fosse desmaiar.

— Wilbert! Eu lhe pedi para não tocar no nome dela nesta casa!

— Ora, minha cara, não seja tão dura. Eu pensei muito no assunto e achei que seria uma grande injustiça nos esquecermos da nossa única filha nessa época do ano.

— Mas ela é... — Caroline olhou para os lados, se certa ficando de que ninguém os escutava. — Ela é uma criminosa!

— Acho que você deveria começar a supor que ela talvez não tenha cometido esse crime atroz. O fato de Cassie ter sido considerada culpada não significa que...

— Não seja tolo, Wilbert. É claro que ela cometeu o era me. O tribunal não costuma errar. Eles têm provas e testemunhas, e todas as informações que precisam.

— Mas não lhe soa estranho? Eu não a conhecia muito a fundo, mas ela não me parecia inclinada a ter um acesso de fúria tão violento.

— Essas pessoas são sempre assim. Todos dizem que são normais. E então acontece!

— Mas por que ela mataria um homem que nunca viu antes?

— Wilbert, Wilbert, querido. Não tente entender a mente de um criminoso. É algo muito complexo para pessoas comuns como nós. Devemos agradecer por não termos sido os escolhidos.

O sr. Maddison cocou a testa.

— Mesmo assim, acho que seria de bom tom mandarmos biscoitos para ela.

— Por quê? Ela pensou em nós em algum momento? Pensou na vergonha que teríamos de enfrentar? Pensou na minha vida social? Ah, não, Wilbert. Não acho que seja uma boa idéia mostrarmos qualquer tipo de consideração por esse tipo de gente. Sabe o que eu escutei? Que a maioria dos criminosos não sabe o que é certo e o que é errado. Não estou brincando! Eu fico assustada só de pensar que um ser assim viveu tanto tempo entre nós — disse Caroline, cruzando os braços.

— Minha querida esposa, estes meses foram muito duros para você, não?

Ela jogou-se nos braços de Wilbert e chorou.

— Sim, Wilbert. Foram terríveis.

— Como eu a conheço, minha querida, sei que é capaz de ajudar aqueles que estão em apuros, mesmo os que não merecem.

Caroline levantou o queixo, orgulhosa.

— Você me conhece tão bem, querido.

— Eu sei. Biscoitos doces, então?

— Sim — respondeu ela com uma lágrima nos olhos. — Biscoitos doces.

Capítulo V

Era um grande risco, mas ela sabia que teria de corrê-lo.

Cassie não sossegaria enquanto não resolvesse aquele assunto. Tentara esquecê-lo, porém não estava conseguindo sobreviver com sua covardia. Sendo assim, decidiu ir falar com Malcolm. Ela bateu na porta do escritório com as mãos suadas e trêmulas.

— Entre — chamou Malcolm. Era um domingo, e ele estava dedicando seu dia a ler livros de biologia. Parecia que sua carreira era mais do que um trabalho. Ele era fascinado por medicina.

— Olá — disse ele, surpreso por deparar-se com Cassie. Estava sentado em sua poltrona com os pés em cima da mesa. Malcolm fechou o livro e olhou para a jovem parada a sua frente. — O que houve?

Sua preocupação era tanta que Cassie chegava a estar pálida. Não podia acreditar que estava fazendo aquilo, que depois de poucos dias de trabalho naquela casa já estava pedindo um favor a seu patrão. O pedido poderia arruinar sua pena, poderia levá-la para longe do adorável homem que a acolhera. Mesmo assim, ela respirou fundo e criou coragem.

— Dr. Rutherford, eu... — Cassie fechou os olhos e os abriu pouco depois. — Eu escutei o senhor dizendo que o hospital está com poucas enfermeiras.

A expressão dele demonstrou espanto. Como criada, aquela jovem não deveria escutar as conversas, mesmo as que ocorressem na sua frente. E não fora o caso. Malcolm a olhou com curiosidade.

— Entendo — foi tudo que disse.

Cassie sentiu que ele não estava contente.

— Eu... — Ela engoliu em seco, tentando controlar o nervosismo. — Eu tenho uma amiga que daria uma excelente enfermeira! Ela é forte, esperta e muito bonita. Além disso, é inteligente, capaz de aprender tudo que lhe for ensinado. E não está trabalhando para ninguém. Tenho certeza de que ela lhe seria muito útil, dr. Rutherford.

— Bem, e onde se encontra essa sua amiga? — perguntou ele, reservado. Cassie nunca o vira agir com tanta formalidade antes. Estava claro que tinha prejudicado sua imagem perante o médico. Mas não havia como não tocar naquele assunto. Ajudar Sheila era uma questão de honra.

— Ela está na fábrica — explicou Cassie, cheia de paixão em seus olhos amendoados. — Mas foi cometido um grande erro. O senhor precisa acreditar em mim. Ela seria uma excelente enfermeira. Eles não deviam tê-la mandado para a fábrica. Foi um

desperdício. — Cassie terminou a frase com o começo de um soluço. Imagens de Sheila sendo carregada para a carroça da fábrica inundaram sua mente, e alimentaram a ansiedade de ter de pedir um favor daqueles para seu patrão.

Os pensamentos de Malcolm eram indecifráveis. Era evidente que ele tinha sido pego de surpresa, mas não se podia dizer qual era sua opinião a respeito.

— Srta. Maddison — começou ele, um tanto quanto desconfortável. — O hospital está mesmo precisando de enfermeiras. Mas o relatório informou que não havia criadas suficientes para as casas, os carcereiros utilizaram todas as mulheres capazes e ainda faltou. Se a sua amiga não foi considerada capaz...

— Ela é capaz! — interrompeu Cassie. — Foi aquele maldito Robin que...

— Qual foi o crime que ela cometeu? — perguntou ele, mantendo o controle apesar do desespero de Cassie.

— Assassinato — admitiu ela —, mas...

— Bem, esse foi o motivo. Eles não podem colocar assassinos dentro de casas de família.

— Mas eu estou aqui! — gritou Cassie, levando logo a mão à boca. Fez-se um terrível silêncio. Malcolm tinha os olhos ligeiramente arregalados, mas não se atreveu a dizer nada.

— Srta. Maddison — começou ele algum tempo depois, sempre com sua voz calma. — Sinto muito, mas não posso libertar a sua amiga da Fábrica Feminina. Não tenho poderes para isso.

— Mas se o senhor lhes dissesse o nome dela, dissesse que gostaria de...

— Eles não me escutariam.

Cassie estava prestes a chorar. Tinha os dentes cerrados e sentia um grande vazio no peito. Não podia sair daquela sala sem nada. Comprometera seu relacionamento com o homem que lhe dera abrigo ao confessar ser assassina. Pelo que lhe constava, no momento em que saísse daquele escritório, o dr. Rutherford iria até a cidade pedir que a tirassem de sua casa. Depois de ter prejudicado seu próprio futuro, ela não podia sair dali sem levar pelo menos uma esperança para Sheila.

— Dr. Rutherford, por favor, escute o que tenho a lhe dizer.

Não houve resposta.

— Eu aprendi a não esperar que acreditem na minha inocência. Sei que todos os condenados dizem que foram enganados, portanto, somos supostos mentirosos. Mesmo assim, eu faço questão de lhe dizer que sou inocente de todos os crimes que foram escritos sob meu nome.

Malcolm coçou as costeletas e olhou pela janela, de certo desejando estar em outro lugar.

— O pior dia da minha vida foi o dia que entrei naquele navio — explicou ela. — Nunca imaginei que a viagem seria tão terrível. Os carcereiros... Eles tentaram nos usar. Eles nos trataram como animais. Eles teriam me machucado, mas... Sheila me ajudou, e não permitiu que eles me tocassem. Dr. Rutherford, ela manteve a minha sanidade. Sheila conversou comigo durante noites e noites, quando achei que fosse morrer. Ela segurou a

minha mão, ela... Ela foi minha amiga. — Pela primeira vez, Cassie olhou para cima a fim de certificar-se que o médico a escutava. — Quando desembarcamos, os carcereiros relataram um mau comportamento que nunca ocorreu, mesmo que ela tenha ido para a cama em troca da promessa de não ser mandada para a fábrica. Eles se divertiram com o ocorrido, e eu vi a única amiga que me restou no mundo arrastada para o lugar que ela mais temia. Por favor, dr. Rutherford... — Ela pensou em tentar segurar-lhe a mão, mas era muito envergonhada. — Por favor, independentemente do que o senhor decida fazer comigo, ajude Sheila. Sei que o senhor não tem muito poder, mas pelo menos é livre. E as pessoas o escutam. Por favor.

— Olhe para cima — ordenou ele. — Em primeiro lugar, eu não pretendo mandá-la embora daqui, entendeu? Faith gosta da sua ajuda e eu não acredito que você possa tentar me matar. — Ele conteve a risada. — Em segundo lugar, quero dar uma olhada no ferimento da sua cabeça. Acho que pode precisar de cuidados especiais. Venha aqui.

Cassie tocou na parte de trás da cabeça. Tinha se esquecido da pancada na cabeça, quando fora jogada tão violentamente contra a parede do navio.

O dr. Rutherford a examinou com cuidado, afastando os cabelos de cima do corte. Havia algo em seu toque que deixou Cassie toda arrepiada, sentindo-se uma pecadora,

— Você desmaiou na hora? — perguntou ele, procurando não demonstrar preocupação.

— Não. Está feio?

— Não, não muito. Pelo menos não está infeccionado.

— Eu perdi um pouco de cabelo — disse ela, supondo que ele já tivesse percebido.

— Não se preocupe, vai crescer de novo. E nem dá para perceber. — Vou tocar um pouco na área em volta do corte. Avise-me se doer.

— Ai!

— Sinto muito — desculpou-se ele. — Acho que há um certo inchaço no crânio.

— Inchaço no crânio? — repetiu ela, vendo-o caminhar até a porta. — É grave?

— Não. Ainda bem que você não desmaiou. Vou pegar um pouco de gelo.

— Deixe que eu faça isso, afinal eu sou a criada da casa.

Malcolm abriu um belo sorriso.

— De jeito nenhum. Durante os próximos instantes você é minha paciente.

Cassie sentiu-se entorpecida na ausência do médico. Parecia uma garotinha esperando o doutor voltar.

— Pressione contra o ferimento — ordenou ele, entregando-lhe um punhado de gelo enrolado num pano. — Faça o mesmo por alguns dias, durante vinte minutos. E não se preocupe, o ferimento não é tão grave quanto eu imaginei.

— Obrigada.

Malcolm sentou-se perto dela, apertou as mãos e sorriu, esperando pela atenção da jovem.

— Sabe por que eu fui enviado para cá, Cassie? Posso chamá-la de Cassie?

— Claro que sim. Isto é, claro que pode me chamar de Cassie mas não sei porque o enviaram para cá.

— Eu a chamarei de Cassie apenas enquanto conversa mos, depois retomarei o trata-mento formal. — Malcolm respirou fundo, lembrando-se com nervosismo da história de sua própria captura. — Eu me tornei médico, como meu pai, mas não achava que queria seguir essa profissão. Pelo menos a princípio. Achei que queria criar ovelhas por um tempo, então comprei um pedaço de terra na fronteira da Escócia e coloquei meu plano em ação. — Ele sorriu acanhado. — Eu não era muito bom no ramo e, para ser bem justo, havia um grande obstáculo: meu vizinho. Ele era um homem muito rude e não parava de cortar minhas árvores, alegando que elas atrapalhavam sua vista. Além disso, insistia em mudar a cerca de lugar, aumentando cada vez mais sua propriedade e diminuindo a minha. E fingia que não tinha feito nada. — Malcolm riu, lembrando-se do ocorrido como se fosse ontem. — Eu tentava conversar com ele, mas não conseguia. Sendo assim, no auge da minha juventude, decidi colocar algumas das ovelhas dele no meu pasto. Ele só poderia recuperá-las se falasse comigo. A minha idéia era conversar com o sujeito. Só assim eu poderia lhe pedir para parar de mudar a cerca de lugar e de cortar as minhas árvores. — Ele suspirou com pesar. — Bem, é claro que as coisas não aconteceram da maneira que eu tinha previsto. Ele nunca veio falar comigo. Pelo contrário, convocou a lei, e eu fui preso imediatamente por roubar ovelhas. Imagine a minha surpresa ao descobrir que é um crime passível de deportação. Foi assim que vim parar aqui.

Cassie não tinha palavras para responder.

Os olhos deles se encontraram.

— Uma história decepcionante, não?

Ela sorriu.

— Eu sempre quis ter uma melhor — confessou Malcolm.— Eu teria sido mais respeitado na caserna se tivesse matado o amante da minha esposa ou algo do gênero. Entretanto, é essa história que carrego. E o motivo de eu estar lhe contando tudo isso não é para impressioná-la com a minha surpreendente história de ladrão de ovelhas, mas sim para que compreenda a minha posição nesta ilha. Como eu possuía habilidades médicas, eles permitiram que eu saísse antes da caserna. Bem, pelo menos um pouco mais cedo para quem tinha tentado escapar várias vezes. — Ele deu de ombros.

— E eu gosto do meu trabalho no hospital. E também gosto da casa que construí. Entretanto não posso dizer que me considero um cidadão livre. Ainda sou um condenado. Todos que me conhecem sabem o que eu sou. Os únicos amigos que tenho são aqueles que estiveram na caserna comigo. O que estou tentando lhe dizer, Cassie, é que você veio até mim como se eu fosse um carcereiro. Eu não tenho como ajudar a sua amiga. Sempre serei um condenado, como você. Estamos lutando a mesma batalha, do mesmo lado. Nunca espere que eu possa testemunhar em seu favor perante a lei. Eu não posso.

Cassie compreendeu a situação.

— Sinto muito.

— Não sinta. Sou eu quem sinto por não poder lhe ajudar.

Cassie esboçou um sorriso.

— Esse é o preço que o senhor paga por ser tão amável. E eu me achei no direito de poder lhe pedir um favor.

— Que bom que você me acha amável — disse ele, com o rosto sério.

— Acho sim.

Malcolm esticou o braço e tirou uma mecha de cabelos do rosto de Cassie, colocando-a atrás da orelha. O toque causou arrepios na jovem. Ela não sabia o que se passava pela cabeça daquele homem, mas de alguma forma não se preocupava. A bondade era evidente no rosto dele. Ansiosa, ela esperava que ele falasse algo porém, naquele instante alguém bateu na porta de entrada, obrigando-a a correr para ver quem era.

A ansiedade que estava sentindo até aquele momento se transformou em decepção e tormento.

Era Priscilla.

Ela era mais bonita do que Cassie tinha imaginado. Os cabelos eram negros e os olhos de um azul quase violeta. Seu rosto era delicado e tudo estava no mais perfeito lugar. Ela era alta e magra, e se movimentava com uma graça natural. Cassie nunca se achara uma mulher feia, mas sentia-se péssima naquelas condições, com seu vestido simples e cabelos sujos.

— Estou procurando o dr. Rutherford — disse Priscilla, surpresa por vê-la ali.

— Sim, senhora — respondeu Cassie, sem subordinação nos olhos. — Por aqui.

— Eu já conheço o caminho — zombou Priscilla, seguindo-a para o escritório —, mas se isso a deixa contente, pode me levar até lá.

Cassie abriu um belo sorriso ao alcançar seu destino.

— Eu lhe garanto que não me deixa contente. Entretanto como fui acusada de assassi-nato, tento seguir as ordens.

O comentário causou o efeito desejado, uma vez que Priscilla mostrou-se chocada. A expressão de superioridade se desfez, e ela pareceu um pouco assustada.

— Dr. Rutherford — chamou Cassie, batendo na porta já aberta. — O senhor tem uma visita.

Malcolm não ficou imune ao constrangimento da situação. Ele estivera prestes a beijar Cassie alguns momentos atrás, quer ela tenha percebido ou não. Estendera o braço e colocara uma mecha dos cabelos loiros atrás da orelha. Não fora um gesto provocador, mas não era adequado para um médico. É claro que Cassie também percebera que algo de muito inadequado quase ocorrera entre ambos.

E agora, Priscilla estava ali. Aquilo era, para dizer o mínimo, desconcertante.

— Obrigado, srta. Maddison. Pode nos deixar a sós.

Cassie fechou a porta, mas não voltou para a cozinha. Em vez disso, ficou ali, tentando escutar a conversa dos dois. E quanto mais escutava, mais interessada ficava.

— Não fale nada. Apenas me beije — disse Malcolm.

— Sua criada disse que é assassina.

— Verdade? Que estranho — a voz dele não demonstrava o menor interesse em continuar com aquela conversa.

— Você contou a ela que matou um homem na caserna?

— Não, e por que deveria?

— Ela pode gostar de saber que vocês têm algo em comum.

- Eu achei que tinha lhe pedido para parar de falar.
- Por que você fala assim comigo?
- Porque eu te odeio — respondeu ele. — E você sabe disso. Eu nunca menti.
- Você não me odeia não. Você odeia a si mesmo por ter me aceitado de volta.
- Não, eu odeio você.
- Então por que me deixa entrar na sua casa todas as noites?
- Por que eu gosto de puni-la por ter partido o meu coração.
- Essa é a sua idéia de punição? Algo que me agrada tanto?
- Sim. É um tipo de punição que nós dois podemos aproveitar.
- Você é o homem mais estranho que já conheci. Acho que não estou muito segura

ao seu lado.

- Eu também nunca menti a esse respeito. E eu já lhe disse para ficar quieta. Quantas vezes terei de repetir a mesma coisa?

- Não fale assim!
- Sente-se no meu colo — ordenou Malcolm, ofegante.
- O que você quer que eu faça?
- Quero que você pare de falar e deixe minhas mãos percorrerem seu corpo.

Cassie achou que estava na hora de parar de escutar. Vermelha e com os olhos arregalados, ela saiu de lá e foi até o armário de vassouras, de onde tirou uma. Ela esfregou o chão com força, tentando não pensar no que tinha acabado de escutar. Estava completamente atordoada... E intrigada.

Mais tarde, ela entendeu o que estava sentindo. Não era algo que resumisse todos seus sentimentos, e não significava que tinha acabado com seus anseios. Mas tinha certeza: queria aprender tudo sobre o lado obscuro do prazer. E no fundo de sua mente, Cassie sabia que Malcolm era o único homem que a ensinaria.

Capítulo VI

Samuel Maddison estava se sentindo mais adulto a cada dia que passava. E essa maturidade precipitada se devia à irresponsabilidade dos pais. Portanto, não havia o que fazer, apenas seguir em frente.

- Samuel! Entre — convidou o tio. — Está muito frio aí fora.

Era verdade. Na realidade, o dia estivera assim desde que chegara em Londres. Seus cavalos não gostavam de andar na chuva. Teve de guiá-los pelas rédeas durante grande parte da noite escura, forçando-os durante todo o caminho. Seus sapatos estavam ensoados, bem como o chapéu. Samuel não via a hora de sair da rua e encontrar o aconchego de uma lareira.

- Olhe quem está aqui! — disse o tio Egbert. — É o nosso querido sobrinho!

— Ah, meu Deus! Entre, meu filho! Entre para se aquecer um pouco. Que noite terrível!

Samuel, que nunca tivera noções de boa educação, sentou-se na primeira cadeira,

molhando-a com a umidade de sua roupa.

Sarah Maddison virou-se para o marido, incrédula, mas ele não repreenderia o convidado por ter danificado um móvel. Mesmo sendo uma peça cara.

— Aceita uma dose de conhaque? — ofereceu Sarah.

— Não, obrigado. Estou bem assim — agradeceu ele, tirando as luvas. — Eu só bebo quando é para ficar bêbado.

Egbert riu como se estivesse rindo de uma piada, mas descobriu que ria sozinho. Samuel estava falando sério.

— Sarah, minha querida, eu aceito uma taça de conhaque. Bem... O que o traz a Londres em uma noite como essa, Samuel? — perguntou ele, sentando-se no sofá ao lado do sobrinho.

— Você se lembra da minha irmã Cassie, não lembra? Claro que sim. Pois bem, acontece que ela era o único membro da minha família com tino para negócios. Ou seja, estamos um pouco perdidos.

— Ela era uma mulher muito inteligente.

— Não é preciso de muito para ser inteligente na nossa família — ressaltou Samuel. — Mas, sim, ela sabia perfeitamente como manter as coisas sob controle. Cassie sabia como organizar as coisas, como conversar com as pessoas. E eu não sei.

Egbert achava que precisava responder ao comentário do sobrinho, mas não sabia como.

— E é por isso que estou aqui — explicou Samuel. — A minha família está passando por uma situação bastante delicada e precisamos de um parente rico para ser nosso fiador.

Egbert foi pego de surpresa.

— Como?

— Qual é o problema?

— Bem... é que... achei que você tinha vindo nos visitar. Não esperava que me pedisse dinheiro, se é o que você está fazendo.

— Sim, eu estou lhe pedindo dinheiro — respondeu Samuel, rindo. — Por que eu lhe faria uma visita social? Eu nem gosto tanto assim de você.

Egbert franziu as sobrancelhas.

— Agora entendo porque Cassandra era a negociadora da família.

— E então, o que tem a me dizer? Pode nos emprestar um pouco de dinheiro?

— Não! — respondeu ele, pegando o conhaque que sua esposa lhe trouxe. — Obrigado, minha querida. Por favor, deixe-nos a sós. — Ele virou o rosto enfurecido para o sobrinho. — Acho que posso contar nos dedos de uma mão só as vezes que você visitou a minha família. O mesmo vale para o seu pai, e ele é meu irmão!

— Mas eu achei que tinha sido claro — disse Samuel, intrigado. — Nós não gostamos muito de você. Por que visitaríamos alguém cuja companhia não nos agrada?

Egbert ficou ainda mais vermelho, e suas narinas dilataram, denotando irritação.

— Então por que eu devo lhe dar dinheiro? — gritou ele, indignado.

— Ah, agora eu entendi. Quantas visitas devo lhe fazer para você me dar dinheiro?

Uma por ano? Duas?

— Eu não quero que vocês me visitem!

— Claro que não. Você também não gosta de nós. E eu estou tentando lhe poupar o constrangimento. Sabe, eu poderia ter ficado aqui a semana inteira antes de lhe pedir dinheiro, mas seria um tormento para nós dois, não é mesmo?

Não havia como contestar aquele argumento.

— De qualquer maneira — falou ele, mais calmo —, não vejo por que devo desperdiçar dinheiro com parentes tão mal-agraçados.

— Mal-agraçados? Nós ainda não temos o que agradecer. Você só poderá nos chamar de mal-agraçados se nos der o dinheiro.

Egbert limpou a testa com um fino lenço de algodão. Sentia um grande alívio por seus filhos serem mais educados do que os do irmão.

— Você deveria ser grato por ter recebido toda a herança da minha avó — explicou Samuel. — Se ela tivesse favorecido o meu pai, seria você quem estaria pedindo ajuda.

— Seu pai se casou com uma irlandesa. O que mais podia esperar?

— Acho que ele esperava poder anular o casamento na manhã seguinte por ter se casado bêbado, mas isso não faz a menor diferença agora. O caso é que você possui toda a fortuna da família. E o pouco dinheiro que a minha família tinha foi gasto. Sendo assim, acho que seria muito justo você ajudar seu irmão.

Suspirando pesadamente, Egbert deu um gole em seu uísque.

— Tem certeza de que o dinheiro acabou? Não há um pouco escondido em algum lugar?

Samuel deu de ombros.

— Infelizmente não. Estamos a caminho da pobreza.

De repente, Egbert deu um sorriso compreensivo.

— Querido sobrinho — começou ele, como se o sentimento tivesse triunfado. — Eu não devo reprimi-lo por seu comportamento rude, uma vez que você não teve muita educação. Sua família quase não consegue pagar os criados, quanto menos uma ama-seca.

— Exato. Que bom que começou a compreender a situação.

— Bem, eu não deveria agir assim, mas seria muito desumano negar-lhes ajuda. Eu não posso ver meus próprios parentes na miséria, não é?

— Claro que não! Imagine a vergonha.

— E a dor de cabeça — adicionou Egbert. — A dor de cabeça seria a pior parte. Fique sossegado, meu jovem, farei o possível para lhe ajudar.

— É mesmo? Muito obrigado. — Samuel se levantou e começou a apertar a mão do tio com força.

— Que maravilha! — Ele olhou a sua volta. — Eu não preciso passar a noite aqui? Quero dizer, nosso assunto já está encerado, não é? Não há motivo para prolongarmos essa conversa.

— Não, não há.

— Muito bem — suspirou ele, aliviado. — Muito obrigado. Obrigado mesmo!

Egbert observou o sobrinho partir com um olhar misterioso nos olhos. Quando

tudo ficou em silêncio, ele sentiu os braços da esposa envolvendo-lhe a cintura.

— Você estava escutando? — perguntou sem se virar.

— Sim. Que garoto terrível!

— Mas para nós ele é maravilhoso. Você não percebeu? Ele é tudo que precisávamos.

Sarah apenas suspirou.

— Meu anjinho... — murmurou ele, virando-se. — Não se preocupe, tudo dará certo.

Ela se aninhou nos braços do marido, assustada.

— Ah, Egbert, eu estou com tanto medo! Tudo deu tão errado! Algumas vezes eu não consigo nem dormir à noite. Acordo com dor de estômago, achando que algo de muito ruim aconteceu. Chego até a ficar sem ar. Ah, Egbert, vamos fugir! Vamos fugir daqui! Não me importa para onde. Vamos para qualquer lugar! Para um lugar onde jamais possamos ser encontrados.

— Pare de falar besteira! — ordenou ele, segurando-a pelos braços. — Está me ouvindo? Nada deu errado. Tudo está bem. Nós estamos bem. E sempre estaremos.

— Mas... Não é como você disse que seria. A garota... Meu Deus, eu não consigo nem pronunciar o nome dela.

— Cassandra — disse Egbert. — O nome dela é Cassandra.

— Você... Você disse que ela seria mandada para a força.

— Eu não controlo a lei — ele gritou, assustando a esposa. E logo se arrependeu, puxando-a para perto. — Não se preocupe, Sarah, tudo está sob controle.

— Mas ela voltará daqui a vinte anos.

— Vinte anos é muito tempo.

— Mas nossos filhos terão suas próprias famílias. Você não pensou neles?

— Não se preocupe, meu amor. Não acontecerá nada nesses vinte anos. E muito menos depois.

— Mas a jovem...

— Ela não vai voltar.

— Como assim? O juiz...

— Calma, calma. Eu cuidei de tudo — prometeu Egbert, afagando-lhe os cabelos.

— Não faça mais perguntas. Fique sossegada, meu amor. Cassandra Maddison morrerá na Austrália.

A cada dia que passava, Cassie aprendia um pouco mais sobre seu patrão. E quanto mais aprendia, mais queria saber.

Todas as manhãs ela lhe levava o café e ficava por perto, voltando para a cozinha apenas quando Malcolm a dispensava com um breve sorriso. Sim, porque ela aprendera a ler os sorrisos daquele homem tão encantador. Alguns eram apenas para dar conforto, outros escondiam uma brincadeira. Algumas vezes ele sorria apenas para ser simpático. Dificilmente seus sorrisos mostravam alegria genuína. E Cassie começava a compreender que o médico, mesmo sendo gentil e sociável, vivia, na realidade, em um mundo de escuridão. E qualquer um que tentasse entrar naquele mundo poderia se machucar.

Alguns de seus sorrisos, portanto, a aconselhavam a manter-se distante.

— Aceita mais chá? — perguntou Cassie, cabisbaixa.

Malcolm estava cada vez mais constrangido com a presença de Cassie em sua casa. Gostava muito dela e não se arrependia de a ter contratado. Entretanto, nunca conseguira arar de pensar no beijo que poderia ter acontecido. Ele receava que a jovem o temesse, que tivesse ultrapassado seus limites como patrão. O pior de tudo era estar atormentado por uma dúvida cruel: deveria tentar outra vez? Sim, ele queria. A cada dia Cassie estava mais bonita diante de seus olhos. O rosto que um dia achara encantador hoje era deslumbrante. Os olhos verdes, tão brilhantes no primeiro momento, acentuavam ainda mais a beleza dela. E os cabelos... Ah, os cabelos loiros... Malcolm sempre se apaixonava assim. Nunca acontecia de repente, pois ele não se deixava levar pelas aparências. Seu coração ia se rendendo aos poucos, à medida que o calor de uma mulher ia penetrando seu ser. Demorava, mas quando acontecia era algo poderoso. Já conhecia todos os sinais e sabia que, mais uma vez, a flecha do amor começava a perfurar seu coração. Se não tomasse cuidado, ele se apaixonaria por Cassie. Perdidamente.

— Sim, aceito um pouco mais. Obrigado.

Foi um sorriso fraco e breve.

— De nada.

Em seguida, ele a dispensou com um breve aceno da cabeça.

Resignada, Cassie se foi, preferindo ter ficado ao lado de Malcolm para poder olhá-lo enquanto comia e lia seu livro.

Ela ficou feliz da vida quando chegou na cozinha e Faith lhe pediu para levar um prato com torradas para o patrão.

— Obrigado — disse ele, levantando os olhos do livro.

— O senhor vai voltar tarde para casa? — perguntou ela, imaginando ter um motivo aceitável para fazer aquela pergunta. Uma criada precisava saber dos horários do patrão, não é mesmo?

Os olhos azul-marinho mostraram-se no mínimo curiosos.

— Bem... Sim. Sim, vou chegar tarde novamente.

— Talvez, quando o senhor conseguir mais enfermeiras, não tenha de trabalhar até tão tarde — sugeriu ela, antes de conseguir controlar o ímpeto de curiosidade.

— Não faz diferença — respondeu Malcolm. — Estou trabalhando até mais tarde porque muitas pessoas estão se machucando.

— Se precisar de ajuda eu poderia ir qualquer dia com o senhor de manhã cedo.

Ele inclinou a cabeça, pensativo, como se ela lhe tivesse pedido um favor enorme ou lhe oferecido um grande sacrifício.

— Não — respondeu ele, algum tempo depois. — Acredite em mim, você está melhor aqui na minha casa do que no hospital. Esperarei até a chegada do próximo navio para ver se consigo mulheres para ajudar. Elas ficarão contentes em fazer o trabalho. — O doutor sorriu com timidez quando Cassie se afastou para deixá-lo só.

— Aproveite seu dia, senhor.

Cassie se pegou fantasiando sobre como passaria o resto da manhã se Malcolm

selasse a despedida matinal com um beijo. Todos os dias ele partia lhe desejando um bom-dia, como se fossem marido e mulher, e Cassie o esperaria voltar. De certa forma, ela tinha a impressão de que faltava apenas um beijo.

Sozinha com seus sonhos, a jovem limpou a mesa, depois lavou a louça. Então seguiu para seu quarto a fim de escrever algumas linhas em seu diário antes de se dedicar à prataria. Ah, como gostava daquele quarto! Havia dias em que os vinte anos não pareciam um tempo tão longo assim. E dias em que temia que algo desse errado, que fosse expulsa daquela casa. Durante os vinte anos seguintes, Cassie jamais relaxaria ou se sentiria segura naquela situação.

Ela segurou o diário perto do nariz e inalou profundamente. Então sentou-se à mesa e por um momento levantou o rosto, apreciando a brisa quente que entrava pela janela aberta. Depois escreveu:

Faltam apenas duas semanas para o Natal, e o calor que faz é insuportável. Algumas vezes olho a minha volta e vejo beleza nos ventos tropicais balançando as árvores. Algumas vezes vejo condenados (apesar de terem me dito para eu não usar essa palavra) mancando à beira da estrada, cansados, famintos e desamparados. Não olho para eles, viro o rosto, pois são lembranças do que pode acontecer comigo se algum dia eu sair dessa casa. Vivo atormentada pelo medo, mas procuro controlá-lo, juntando todas as minhas forças. O que mantém a minha sanidade é Malcolm. Não há nada que lhe tire a calma. Quando percebo que estou prestes a perder o controle, eu olho para ele, e encontro a paz em meio a tantas incertezas.

Sei que ele nunca será meu. Sou a pior espécie de mulher nessa terra desconhecida, incapaz de desposar qualquer homem. Mas às vezes sonho estar nos braços de Malcolm, sonho estar sendo amada. Ver meu desejo escrito no papel faz com que eu me sinta uma tola.

Entretanto, só tenho meus sonhos para me apegar. E que bom seria se eles se realizassem...

Malcolm ficou até tão tarde no hospital aquele dia que resolveu nem jantar, mas ainda saiu com os amigos para conversar. Faith levou a ofensa para o lado pessoal. Tinha passado o dia inteiro preparando a comida e não suportou vê-la intocada. A senhora foi para casa aborrecida e irritada. E Cassie ficou sozinha no silêncio da noite. Como de costume, ela não sabia o que fazer em momentos como aquele. E não suportava parar para pensar. Pensar no passado era algo doloroso demais, pois fora o passado que a colocara naquele mundo estranho, tão longe de casa. Pensar no presente era terrível em sua condição de escrava. Mas o pior de tudo era o futuro. Sendo assim, Cassie sentou-se perto da janela e não pensou em nada, deixando-se envolver pelo silêncio da casa.

Então, por um momento, ela achou ter visto uma sombra se mexendo no jardim. Aproximou-se da janela e fixou o olhar no canteiro de rosas. Definitivamente havia uma sombra que não era dali. De repente, Cassie se deu conta de que estava sozinha e indefesa. Sem Malcolm, não havia nada que a protegesse de um estranho. Mas a sombra não se

movia. Talvez não fosse uma pessoa, mas sim um animal se escondendo...

Quando escutou uma batida na porta, Cassie quase deu um grito, tamanho seu susto. Ela foi correndo abrir a porta da frente e deparou-se com a estonteante Priscilla. Cassie nunca ficou tão contente em ver a outra mulher.

— Priscilla! Viu algo de estranho quando estava vindo para cá?

— Eu não lhe dei intimidade para me chamar pelo meu primeiro nome.

— Sinto muito — disse ela, baixando a cabeça, sabendo estar errada. — Srta. Crane, poderia me dizer se notou algo de estranho lá fora?

— Tente ficar longe do conhaque do seu patrão — ela sugeriu com frieza. — Quem sabe assim os fantasmas não desaparecem?

Cassie ficou bastante magoada com o insulto. Malcolm nunca fora tão rude, tão grosseiro. E não cabia a Priscilla dar-lhe esse tipo de advertência.

— Quer ajuda com o seu xale? — perguntou ela, com os olhos verdes brilhando de indignação.

— Não — respondeu Priscilla, dirigindo-se para o escritório de Malcolm. — Vou ficar esperando o doutor.

— Como quiser.

Sabendo que não havia muito a fazer, Cassie foi embora. Ao voltar para a janela, ela notou que a sombra já não estava no mesmo lugar. O fato a assustou ainda mais, pois a sombra realmente estivera ali. Suspirando, Cassie sentou-se novamente. Pelo menos não estava mais sozinha naquela casa. Mesmo que Priscilla não fosse a melhor das companhias...

Bem, era um alvo alternativo para o possível agressor.

Seu horário costumeiro de dormir já havia passado quando Malcolm chegou em casa. Cassie sentiu um frio na barriga ao escutar os passos no hall de entrada. Quando ela foi ao encontro do patrão, o médico esfregava os olhos e bocejava.

— O que faz acordada a essa hora?

Envergonhada, ela olhou para as mãos. Não podia lhe dizer que o esperara apenas para vê-lo antes de dormir.

— Eu... Bem, o senhor tem uma visita. Fiquei para avisá-lo.

— Visita? — perguntou ele, franzindo a testa.

— Priscilla... Aliás, a srta. Crane.

A expressão dele suavizou-se ligeiramente. Parecia que a simples menção do nome da jovem tinha poder de despertá-lo. Ele se endireitou como um homem que se prepara para uma batalha instigante. Seus olhos tinham um pouco mais de brilho agora.

— Não precisava ter ficado acordada para me avisar. Mesmo assim, muito obrigado pela gentileza. Tenha uma boa noite. — Malcolm observou o belo rosto desaparecer na cozinha, e imaginou que seria muito agradável se pudessem conversar outra vez, não como criada e patrão, mas sim como condenados.

O sono não chegava, porém Cassie sabia que precisava dormir para poder conseguir trabalhar no dia seguinte. Mas não queria ficar rolando de um lado para o outro da cama.

Então resolveu se levantar, encerrou a mesa da sala de jantar, limpou a prata que já

brilhava, trabalhando sem parar até sentir que conseguiria pegar no sono assim que se deitasse. Infelizmente, no caminho para a escada ficava o escritório de Malcolm. Quando passou pela porta, ela escutou uma conversa muito interessante.

— Malcolm, por que você não se casa comigo?

Cassie arregalou os olhos.

— Eu não sabia que você queria se casar comigo.

— Claro que quero.

Silêncio. Cassie sabia que Malcolm estava pensando.

— Não seria divertido um acontecimento como um casamento? — perguntou Priscilla. — Com direito a festa e bolo de noiva?

— Você quer se casar para poder dar uma festa?

— Quero uma festa e um marido.

Ele riu com amargura.

— Você detestaria ter um marido, Priscilla. Eu sei o que estou dizendo.

— Malcolm, eu quero me casar com você.

— Por quê?

— E por que não?

— Tenho vários motivos para não querer me casar. Dê-me um único motivo para pensar o contrário.

— Nós nos gostamos bastante.

— Nós nos atormentamos.

— E você gosta dessa situação, Malcolm — murmurou ela, sedutora. — Você gosta da excitação, da dor.

— Eu gosto de levá-la para a minha cama. Nada mais.

— Então por que não me levar para a sua cama todos os dias?

— E já não é o que eu faço?

— Malcolm, você não está sendo justo comigo — a voz de Priscilla tornou-se mais natural, menos sensual. — Eu preciso ter um sobrenome. Preciso ser respeitada.

— Isso é tudo? — Ele deu uma risada. — Por que não me disse antes?

— Você quer dizer que...

— Claro. Por que eu me incomodaria? Achei que estava falando de casamento, mas você está atrás de segurança. Ótimo. Não tenho nenhum problema em lhe emprestar meu nome.

— Ah, Malcolm, meu amor... Você me ama de verdade!

— Não, eu não te amo, Priscilla. Eu não gosto de você e nem confio em você.

— Então por que se casaria comigo?

— Porque eu a levo para a minha cama e me sinto na obrigação de lhe respeitar.

— Eu sei que você me ama, Malcolm.

— Beije-me.

— Eu adoro quando você fala assim comigo.

— Eu sei.

Houve um longo silêncio.

— Ah, Malcolm, como será o nosso casamento?

— Pode escolher o tipo de casamento que desejar, minha querida. Organize tudo e depois me mande a conta.

— Eu não me importo com o que você diz, Malcolm. Eu sei que me ama.

Malcolm não respondeu, porém Cassie teve plena certeza de que escutou mais beijos. Ela subiu os degraus da escada correndo e trancou-se em seu quarto. No aconchego de seu quarto, fechou a porta e caiu em prantos. Fora mais do que um sonho. Uma esperança real, tangível. E agora não existia mais. E o pior de tudo seria ter de ajudar nos preparativos do casamento. Estava tão infeliz que não seria capaz de escrever uma única linha em seu diário. Ficaria no esquecimento, entregue a vinte anos de total solidão. Cassie estava tão desamparada que nem notou a sombra que reapareceu diante da janela.

Capítulo VII

Priscilla soltou os cabelos trançados e respirou fundo.

Com cuidado, tirou uma alça do vestido, depois a outra. Cansada, ela massageou o pescoço.

— E então, ela estava lá? — perguntou uma voz antipática.

— Sim, é claro. Onde mais poderia estar? — respondeu Priscilla, sem dar a menor atenção ao senhor de meia-idade que surgiu perto das velas que iluminavam o quarto.

— E o que você lhe disse?

— Nada. Não sabia que deveria conversar sobre amenidades.

— Não tente ser esperta comigo. O que ela estava fazendo? Estava sozinha?

Desejando estar sozinha, Priscilla olhou feio para aquele homem que invadia sua privacidade.

— Sim, estava sozinha até eu chegar. Entretanto, não posso precisar o que ela fazia. De certo estava limpando alguma parte da casa ou lavando louça.

Ele a puxou com força pelo braço. Priscilla tentou se desvencilhar na mesma hora.

— Pare de me provocar!

— Solte-me, Miles! — gritou ela, tentando unhá-lo.

Em vez de soltá-la, Miles a jogou contra a parede.

— Ai! Seu bastardo!

— Ouça. Eu fico aqui o dia todo enquanto você se joga nos braços daquele sujeito. Saiba que a idéia não me agrada nem um pouco, mas eu só permito que você continue porque sei que conseguirá realizar a tarefa. Todavia, quando você volta para casa, quero que esteja inteira e disposta, contente por me ver. Espero que responda as minhas perguntas sorrindo. Fui claro?

Priscilla assentiu em silêncio.

— Que bom. Então, prestou bastante atenção em Cassandra? — ele perguntou.

Mais uma vez ela assentiu, esfregando o braço.

— Ótimo. E como vai o seu relacionamento com o médico? Não vai ser expulsa daquela casa e perder a garota de vista, não é?

— Não.

— Excelente. E você achou que ele não a aceitaria de volta — lembrou Miles, zombando. — Achou que ele não teria mais o que fazer com você.

— Não foi o que eu disse.

Ele a olhou com surpresa.

— Como?

— Eu não disse que ele não me aceitaria de volta — explicou ela, mais calma. — Eu disse que ele não deveria, afinal de contas eu o deixei para ficar com outro homem.

— Pelo visto o dr. Rutherford estava encantado o suficiente para não se importar.

— Ele se importa. Malcolm me odeia — confessou Priscilla, amarga. — Eu também me odiaria.

Miles estudou o belo rosto de sua amante, inclinado sob a parca luz.

— Sente-se culpada?

— Claro que sim. Deixá-lo foi o maior erro que cometi na minha vida. Achei que amasse outro homem, mas me enganei. E muito. Não existe nenhum homem como Malcolm. Duvido que uma mulher que o ame possa se apaixonar por outro. Eu o quis de volta praticamente desde o instante em que o abandonei. Mas então você apareceu e me forçou a entrar nesse jogo sujo, e usá-lo para atingir seus objetivos.

— Eu não a forcei — defendeu-se ele. — Ninguém lhe forçou a fazer nada, Priscilla.

— Durante toda a minha vida eu fui forçada a fazer as coisas! — gritou ela, angustiada. — É como dizer a um mendigo faminto que ele não é obrigado a mendigar. Tudo que eu fiz foi pela necessidade.

Miles se aproximou dela.

— Ah, minha querida... Duvido que seja tão ruim assim.

Ela se esquivou da mão que tentou lhe afagar a bochecha.

— Tão teimosa. — Ele sorriu. — Há muita raiva escondida por trás de toda essa beleza.

Miles inclinou-se para beijar-lhe o rosto, e Priscilla não resistiu. — Preste muita atenção naquela jovem. — Ele acariciou-lhe o ombro nu com sua mão calejada.

— Não toque em mim!

— Não seja tão desagradável — pediu ele, fingindo-se magoado. — Eu já não lhe disse o quanto a adoro?

— Para mim isso não significa nada.

— Bem, eu tenho algo que significa muito para você. — Miles balançou algumas moedas na mão. — Que tal?

Priscilla não conseguiu conter o sorriso, talvez pela visão do dinheiro, talvez... talvez por ter sido comprada com tanta facilidade.

— Achei que conseguiria colocar um sorriso em seus lábios com essas moedas.

Mais uma vez, ele se inclinou para beijá-la. E Priscilla não resistiu.

— Venha, há uma cama vazia nos esperando.

Priscilla suspirou com pesar, como se estivesse se preparando para algo insuportável. Esboçando um sorriso, ela se deixou levar para o aposento anexo. Ah, como

gostaria de se deitar sozinha naquela cama! Na sua cama! Como gostaria de poder ter uma noite inteira de sono sem ninguém ao seu lado. Ela nunca soubera o que era ter privacidade. Quando menina, Priscilla dormia em uma cama de casal apertada com mais quatro ou cinco crianças. E quando alcançou a adolescência, descobriu que seu corpo não era um santuário, e que teria de deixar os homens a tocarem para poder sobreviver.

Deitada sob Miles, ela fixou o olhar na janela, tentando ignorá-lo completamente. E sonhou com uma noite de completa solidão, na qual tinha apenas a sua própria companhia. As estrelas brilhavam do lado de fora. Na condição de mulher, Priscilla sabia que não podia dar um passeio sozinha pela rua, pois não era seguro. Não podia estar sozinha dentro de casa e nem na rua. Seria sempre dependente de um homem.

Por mais que o fato a incomodasse, ela sorriu ao se lembrar de um único homem com quem gostaria de estar. Malcolm. Era a pessoa mais adorável que já conhecera na vida. A mais decente e a mais selvagem. Será que ele realmente estava disposto a se casar com ela? Miles ficaria furioso se soubesse de seu plano. Ela fora instruída a voltar a se relacionar com o médico para poder observar cada movimento de Cassandra. A idéia de se tornar esposa de Malcolm causava-lhe arrepios por todo o corpo. Entretanto, havia culpa. Pobre Cassie! Se ela soubesse o perigo que estava correndo...

Cassie tinha a impressão de que Malcolm estava de mal humor. Era um domingo ensolarado e quente e, como de costume, o doutor estava passando o dia em seu escritório.

Ela o interrompeu apenas uma vez, para levar-lhe o chá da tarde, e foi quando percebeu que ele estava estranho. Em vez de estar lendo, como de costume, Malcolm olhava pela janela. Havia cansaço em seus olhos, como se tivesse passado grande parte do dia pensando.

Ela se lembrou de seus dias assim, na Inglaterra; parecia fazer tanto tempo.

Ele pegou a xícara de chá e não sorriu. Agradeceu-a por obrigação. Em seguida, antes mesmo de Cassie sair da sala, Malcolm voltou a olhar o dia de sol pela janela. Ela estranhou aquele comportamento. Estaria arrependido de ter decidido casar-se com Priscilla? Apesar de Cassie ter escutado a conversa alguns dias atrás, ele não comentara o assunto com ninguém. Faith não sabia de nada, o que a deixou contente. Por enquanto. Não queria nem ver qual seria a reação da cozinheira quando soubesse da desastrosa união.

Agora, depois de dias de silêncio, ele parecia cada vez mais aborrecido. E Cassie não podia deixar de enxergar aquele comportamento como um sinal de esperança.

Tarde da noite naquele mesmo dia, Cassie confirmou seu otimismo. Estava sentada à mesa diante de seu diário, porém sem escrever. Estava tentando decidir se já superara sua desilusão amorosa. De repente, uma batida na porta. Ela se levantou correndo para abri-la, sabendo que poderia ser apenas uma pessoa.

— Dr. Rutherford.

— Olá, eu... — Malcolm engoliu em seco. — Não se preocupe. Eu... Eu só vim ver se estava tudo bem. Faz algum tempo que eu não faço isso. — Ele olhou rapidamente para a cama e depois sorriu. Não queria assustá-la com uma visita inesperada àquela hora da

noite.

— Ah, eu... eu estou bem. Entre, por favor. — Cassie abriu a porta para ele passar. Sentiu um arrepio quando Malcolm sentou-se na cadeira da escrivaninha, esforçando-se para relaxar. Era excitante vê-lo tão perto de sua cama. — Mais... Mais alguma coisa?

Ele balançou a cabeça devagar, segurando as mãos. Era um homem tão bonito e elegante, porém sem a menor vaidade. Sua roupa era muito casual, as botas surradas e a gravata simples. Entretanto, por mais preguiçoso que fosse com sua aparência, Malcolm era um homem extremamente elegante. E bonito.

— Só queria saber se você estava bem acomodada aqui — murmurou ele. E não fez menção de se levantar. Estava claro que não pretendia ir a lugar algum, o que a alegrou.

— E o senhor? — perguntou ela. — Está se sentindo bem?

Malcolm mordeu o lábio inferior e olhou para cima. Então balançou a cabeça para os lados.

— Quer falar sobre o assunto?

Parecia que Malcolm tinha ido até lá para conversar. Ele não se mostrou surpreso com a pergunta.

— Eu... eu acho que gostaria de saber uma opinião feminina — ele aquiesceu.

— Claro — respondeu ela, perdendo um pouco o brilho.

Malcolm a olhava com atenção, mas não se podia dizer em que estava pensando ou o que tentava decidir.

— Parece que eu fiquei noivo. Sei que nunca toquei no assunto antes, acho que por temer a reação de Faith. — Ele sorriu. Cassie fez o mesmo.

— Entendo. Imagino que eu deva parabenizá-lo.

— Não sei se gostaria de ser parabenizado.

Cassie fazia o possível para permanecer imóvel, para não demonstrar suas emoções. Tinha opinião formada sobre aquele assunto, uma opinião que não era apropriada para uma criada.

— Por que diz isso? — perguntou ela, tentando não parecer estar estimulando as dúvidas do médico.

— Eu... — Era como se ele não soubesse terminar, não conseguisse se explicar. Depois de mais alguns momentos de silêncio, Malcolm encontrou os olhos de Cassie. — Não tenho certeza de que ela seja a mulher perfeita para mim.

— Por que não? — perguntou ela, sentindo seu coração inchar dentro do peito.

— Você conheceu Priscilla, não é?

— Sim.

— Ela é uma mulher muito distinta, você não acha? — perguntou ele com um sorriso malicioso.

Cassie enrubescceu e riu, e achou melhor não responder.

— Está bem. Eu sei que não é. Mas há algo em Priscilla que...

Cassie não gostou da expressão que viu no rosto dele. Malcolm tinha os olhos distantes, como se estivesse se lembrando dos cabelos sedosos e dos olhos cor de violeta de Priscilla.

— Por que eu a possuo? — perguntou ele para si mesmo. — Não consigo pensar em nada que me agrade nela, em algo que tenhamos em comum, mas... — Ele balançou a cabeça. — Eu não sei explicar, mas me sinto magnetizado por Priscilla.

Houve um longo silêncio. Malcolm continuava pensando, e parecia que estava se prepa-rando para continuar a falar, como se esperasse que Cassie não tivesse o que comentar sobre o assunto, como se esperasse que ela apenas o escutasse. A voz fina e delicada quase o atordoou:

— Algumas vezes... — disse ela, com os lábios rosados trêmulos — nós ansiamos por coisas que não conseguimos identificar. Eu acho que, lá no fundo, nós queremos algo melhor do que nós mesmos. Queremos ser amados por alguém mais perfeito do que nós.

Malcolm ficou tão emocionado com a beleza daquelas palavras e com a suavidade da voz de Cassie que teve de se concentrar para conseguir falar.

— Priscilla não é perfeita.

— Não — concordou Cassie, cruzando e descruzando os braços. — Ela não faz com que o senhor se lembre de si mesmo, por isso sente-se atraído.

Cassandra se virou para a parede e cruzou os braços sobre o peito, temendo que seu coração se despedaçasse se não o segurasse com firmeza.

— Alguém que está mais perto... — prosseguiu, nervosa. — Alguém que seja menos assustadora, mais discreta... não tão maravilhosa... talvez fosse melhor para o senhor.

Ela estava se controlando para não se debulhar em lágrimas, olhando tão fixamente para a parede branca e nua a sua frente que não percebeu que Malcolm se levantava da cadeira. Cassandra só notou a presença dele quando sentiu a respiração quente em seus cabelos.

Ele a fez virar-se, com mãos firmes, porém gentis.

— Cassie — murmurou Malcolm, muito perto dela. — Cassie...

Ela não conseguiu responder e cobriu a boca com a mão para abafar o choro.

— Cassie, o que foi?

Ela não conseguia responder. Simplesmente deixou que as lágrimas escorressem por seu rosto sem se preocupar com o que poderia acontecer.

— Meu Deus... Você se apaixonou por mim?

Ela assentiu, ainda chorando.

— Sinto muito — desculpou-se Cassie quando Malcolm puxou-lhe a mão para baixo.

— Não diga isso — disse ele, beijando-lhe o rosto, os lábios. E depois a abraçou contra seu corpo.

— Eu não...

— Pare de se desculpar — pediu Malcolm, inclinando-se para mais um beijo. Cassie se entregou ao beijo com paixão, e centenas de esperanças perdidas reapareceram em sua mente. Ela permitiu que seus lábios fossem devorados, incitando-o a continuar. Sua boca era um brinquedo à disposição de Malcolm, movendo-se conforme ele comandava. Cassie retribuía o beijo com ardor, mostrando-lhe que não tinha segredos, que estava disposta a se entregar. — Eu jurei que não faria isso — sussurrou ele afastando-se, porém segurando-

lhe o queixo. — Cassie, eu...

— Estou tão envergonhada — interrompeu a jovem. — Ah, meu Deus... Olhe, Malcolm, eu sei que não há esperanças... Sei que não podemos... — Ela cerrou os dentes para conter mais um soluço. Seu coração pesava no peito, batendo disparado. — Mas, por favor, apenas não saia daqui — pediu Cassie, apoiando a cabeça no peito dele.

— Cassie... Cassie, eu não posso...

— Não — implorou ela. — Não fale assim comigo. Por favor. Não depois de eu ter lhe revelado meus sentimentos.

— Mas você não sabe quem eu sou, Cassie. Você não me conhece tão bem quanto pensa. Cassie, você precisa saber de algumas coisas que...

— Não! — pediu ela, limpando as lágrimas do rosto. — Não me diga que não sei o que estou falando. Não me diga como estou me sentindo.

— Está bem. — Malcolm estava maravilhado com a intensidade do brilho dos olhos verdes naquele momento de fúria.

— O senhor veio até aqui para que eu tentasse convencê-lo a desistir de se casar com Priscilla — desafiou Cassie.

— Você tem razão. Foi por isso que vim até aqui. Agora vejo que foi um grande erro — disse ele, baixando os olhos.

Cheia de amargura, Cassie afastou a cabeça de Malcolm, que não sabia o quanto estava brincando com suas esperanças. Ele não poderia ter ido até ali, escutado a confissão de amor e depois sair como se nada tivesse acontecido.

— Escute, já faz algum tempo que sou condenada e tenho consciência do meu estado. Se eu não sou atraente o suficiente...

— Cassie... — Malcolm quase engasgou. — Não é isso.

— Então me explique — pediu ela, controlando o choro.

— Cassie, você não entende... Você nunca entenderá. Eu não sou o que você pensa que sou. Eu...

— Você não sente nada por mim?

Malcolm respirou fundo. Como ela poderia ter aquele tipo de pensamento? Como um homem poderia viver na companhia de uma mulher tão atraente e calorosa durante semanas sem se apegar a ela?

— Eu sou seu carcereiro — disse ele por fim. — Não seria certo. — Entretanto, as mãos de Malcolm continuavam a acariciar-lhe os cabelos.

— Eu pensei que o senhor não ligasse para esse tipo de regra.

De certa forma Cassie tinha razão, admitiu o médico em silêncio. Ele tinha uma fraqueza pelo pecado. A voz que lhe dizia para não tocar em sua criada estava em grande batalha com a voz da escuridão que insistia em alegar que aquela era sua grande oportunidade de prazer com uma mulher que admirava havia algum tempo.

— Cassie — advertiu ele com a voz incerta. — Eu não sou um cavalheiro.

Em seguida, Malcolm a beijou com ardor, incapaz de controlar seus instintos.

— Cassie, por favor, mande-me embora antes que eu cometa um grande erro.

— De jeito nenhum!

Malcolm se emocionou com a determinação da jovem. Ele a olhou bem nos olhos e tocou-lhe o lábio inferior com o polegar. Por que tinha ido até o quarto dela aquela noite?

Para falar de Priscilla? Ou com a intenção de possuí-la? Ah, os olhos verdes eram tão bonitos... E como adorava loiras...

— É a sua última chance, Cassie — sussurrou ele. — Eu a aconselho a me mandar embora daqui. E bem depressa.

Cassie não se mexeu.

Então estava decidido. Com uma força incrível, Malcolm a levou até a cama. Cassie se deixou levar, parecendo uma boneca de pano que estava cansada de apanhar e queria apenas ser amada.

— O senhor continua achando errado? — perguntou ela, com a respiração ofegante.

— Muito. E eu não quero que me chame mais de senhor.

Depois de deitá-la na cama, Malcolm se pôs a estudá-la com minúcia. Ele gostava de analisar suas parceiras em um momento como aquele. Para ele, o companheirismo durante o ato sexual fazia parte de sua glória. Cassie entreabriu os lábios para recebê-lo, deliciando-se com a sensação. Ah, quantas e quantas vezes sonhara estar deitada com o médico em sua cama... Agora saberia de verdade qual era a sensação.

— Estou indo rápido demais? — ele perguntou, tocando-lhe o joelho.

Tomada por uma grande emoção, Cassie não conseguiu responder.

Satisfeito com o olhar confuso da jovem, ele sorriu e se afastou um pouco para poder olhar melhor a perna que começava a acariciar. Malcolm a examinou com atenção, ignorando todo o resto. Cassie fechou os olhos no intuito de afastar a voz que insistia em lhe dizer que tudo aquilo era um grande pecado. E pensar que um dia fora uma mulher forte e prudente! Cuidara dos assuntos da família como se a honra deles fosse a sua. E agora era uma prisioneira, cujo corpo era acariciado e analisado por um homem que supostamente deveria chamar de patrão. Deveria sentir-se humilhada, mas não. Fora seu próprio mundo que a humilhara, que a expulsara e a enviara para aquela ilha. Sendo assim, não via motivos para se envergonhar por estar se entregando a um homem que adorava.

— Não me importo em ser chamada de pecadora — murmurou Cassie. — Não me importo mais com o que as pessoas pensem de mim.

Malcolm desviou a atenção das pernas de Cassie para o rosto dela, pálido na escuridão.

— Seja bem-vinda à Austrália — disse ele, para em seguida começar a beijá-la nas pernas.

— Malcolm... Eu... Eu nunca fiz isso antes.

Ele não sabia ao certo o que dizer.

— Quer que eu pare?

— Não — pediu Cassie, quase desesperada. — Apenas vá devagar.

Malcolm sorriu diante do rosto juvenil. Com os cabelos desgrehados e a face ainda úmida de lágrimas, Cassie definitivamente parecia uma garota. O fato de ela ainda ser

virgem o excitou ainda mais. Nunca possuía uma virgem. Ele estava tão excitado que temia perder o controle antes do tempo, antes de começar.

Respirando fundo, Malcolm entreabriu-lhe as pernas e deslizou a língua pela parte mais íntima do corpo da jovem. Trêmula, ela arqueou as costas sem saber como agir.

— Diga-me que está gostando — pediu ele.

Cassie tremia sem parar e sabia que não conseguiria proferir uma só palavra.

— Do que você mais gosta? — insistiu Malcolm.

— Eu acho que gosto de você — foi tudo que Cassie conseguiu dizer.

Resposta errada. Muito calculada, rotineira.

— Do que mais?

— Eu não sei. — Cassie queria que ele continuasse com as carícias e falasse um pouco menos.

— Você gosta da sua família?

— Eu... Eu não sei.

— De flores, de pássaros? Do que você gosta, Cassie?

— Por que está me atormentando assim?

— Eu quero saber. Eu preciso saber.

— Por que, Malcolm?

— Fico mais excitado.

— Está bem — cedeu Cassie, tentando conter os ímpetos de seu desejo crescente.

— Eu gosto do diário que você me deu.

— Por quê?

— Por que é ele que me escuta.

Malcolm gostou daquela resposta, pois foi honesta. Então a recompensou com beijos entusiasmados, fazendo-a gemer de prazer. Ele levantou um pouco mais o vestido, de modo a poder ver o abdome, a cintura, os seios de Cassie. Ela sentou-se para conseguir tirar o resto da roupa. Os carcereiros não tinham lhe dado roupas íntimas.

— O que você quer ser? — perguntou ele, acariciando-lhe as laterais do corpo.

— Como... Como assim?

— O que você sempre quis ser?

— Bem, uma mulher solteira — respondeu ela. — E respeitada — completou.

Mais uma resposta sincera. Malcolm envolveu-lhe os seios com as mãos e passou a língua pelos mamilos deixando-os intumescidos. Cassie segurou-lhe a cabeça e gemeu baixinho. Queria que ele continuasse a sorver-lhe o seio, que fosse mais impetuoso.

— E você... Do que você gosta?

Malcolm não respondeu antes de terminar sua tarefa.

— Eu gosto do pecado.

— Por quê? — continuou Cassie, sem fôlego.

— Porque foi a justiça que me mandou para essa ilha.

Malcolm a abraçou com força, levantando-a. Instintivamente, as pernas de Cassie começaram a se abrir. Ah, como adorava o mistério que envolvia Malcolm...

— A vida tem sido muito cruel comigo — admitiu ela. — De vez em quando eu não

tenho certeza se ainda estou viva.

Malcolm sabia muito bem a que ela se referia.

— Permita-me despertá-la. Você ainda está viva. E muito.

— Então me ajude a voltar a viver, Malcolm.

— Tem certeza de que está pronta?

— Mais do que nunca.

Então ele abriu a calça e começou a tirar sua roupa, tarefa que achava das mais tediosas. Queria voltar o mais rápido possível para a glória de estar nos braços de uma mulher.

— Pare — pediu ela, de repente.

— O que foi?

Ela riu de sua súbita vergonha.

— Eu não sei se... Eu... não tenho muita certeza... — confessou ela, temendo admitir que estava aterrorizada.

Malcolm estava diante de uma mulher encantadora e ao mesmo tempo intrigante. Ele a olhou com intensidade, tentando imaginar como estava se sentindo.

— Não há o que temer — garantiu ele. — Prometo que não vou machucá-la.

Uma certa confusão atravessou-lhe as feições, pois nunca se deitara com uma mulher nervosa. Será que todas as virgens ficavam assim?, pensou ele. Entretanto, aquele medo era delicioso, instigante para um homem.

— Eu sei. Eu sei que você não vai me machucar. Eu só...

— Shh... — acalmou ele, beijando-a.

Mais uma vez, Cassie se deixou guiar por aquele homem tão sedutor. E preparou-se para a sua primeira noite de amor. Com o máximo de cuidado, Malcolm a penetrou e fechou os olhos diante da carne apertada que envolvia seu membro. Ele sentiu-a se abrir e sangrar, banhando-o em uma culpa deliciosa.

— Malcolm... — gemeu ela.

— Abra seu coração, Cassie. Entregue seu corpo para mim.

No momento em que encontrou os olhos hipnotizadores do médico, ela relaxou. O inchaço dentro de seu corpo aumentou. Malcolm a beijou sem perdão, exigindo cada vez mais. Cassie sabia que ele queria mais do que seu corpo. Queria conhecer seus segredos, queria devorá-la. E era exatamente o que ela esperava. Ela adorava a amabilidade do médico, e também seu lado sombrio. Aos poucos, Cassie foi se acostumando aos movimentos, e a dor logo se transformou em uma sensação muito agradável.

Malcolm por sua vez se tornava mais distante. Para ele, o ato sexual era uma exploração de sua profunda tristeza, e também o estudo de uma linda mulher com quem comparti-lharia uma explosão de prazer. Ele regozijava com a sensação de cada movimento dentro de Cassie. Ela estava ali, embaixo dele, vulnerável, dominada.

— Qual é a sensação de não poder escapar? — perguntou Malcolm, segurando-lhe os pulsos com firmeza.

— Eu... Eu não quero sair daqui — respondeu ela, sentindo um novo arrepio na barriga.

— Eu sei que não. — Ele sorriu. — Mas qual é a sensação de saber que não pode escapar de mim?

— Eu... acho que eu gosto — respondeu Cassie, envolvendo-o com suas pernas.

— Ótima resposta. Assim você vai ter muitas recompensas — disse ele, beijando-lhe o mamilo.

— Ah, é? — perguntou Cassie, decidida a entrar naquele jogo. — E quais serão essas recompensas?

— Vou fazer você gritar de prazer.

— E se eu não me comportar? — Não acreditava no próprio atrevimento. De onde vinha toda aquela ousadia?

Malcolm gostou da pergunta.

— Vou deixar a resposta por conta da sua imaginação — respondeu ele, sentindo que, se não se cuidasse, logo perderia o controle.

E assim o misterioso médico a guiou para um mundo desconhecido, para um mundo de prazeres onde adorava estar.

Malcolm estava apoiando no travesseiro, analisando a beleza de Cassie. Depois se deitou e aninhou-a em seus braços. Fazia tempo que não ficava assim com uma mulher. Priscilla não gostava de ficar abraçada. Preferia ir para casa assim que terminavam de se amar, pois não gostava da sensação de ter sido conquistada.

— Tudo bem? — perguntou ele, beijando-a na testa.

— Sim, — Cassie sorria com a glória de estar viva de novo, de ser mulher pela primeira vez na vida. — Malcolm? Por que você gosta de poder? Quero dizer, por que o poder o excita?

Não era o poder que o excitava, mas sim a maneira como as pessoas respondiam ao poder. Mas ele não queria conversar a respeito. Não naquele momento.

— Você está bem?

— Sim, Malcolm. Estou ótima e não me arrependo nem um pouco do que fizemos. Eu te adoro.

Ele respondeu com um beijo.

— Malcolm?

— Fale.

— Você vai se abrir comigo?

O médico ficou em silêncio por um longo instante.

— Conte-me sobre o homem que você matou — pediu ela, ousada. — Conte-me o que aconteceu na caserna — Cassie sabia que era uma pergunta pessoal, mas o que poderia haver de mais pessoal depois de tanta intimidade?

Ela sentiu o corpo de Malcolm enrijecer. Isso não a surpreendeu, pois Cassie sabia tratar-se de um assunto delicado.

— Você andou escutando atrás da porta?

Cassie arregalou os olhos. O tom de voz dele a acusava de um crime imperdoável.

— Malcolm, eu... Eu não estava escutando atrás da porta. Na verdade, eu estava

passando pelo seu escritório e ouvi um pedaço da conversa.

Ele não a acariciava mais. Seus olhos fixavam o teto, imóveis.

— Malcolm, eu...

Cassie começou a entrar em desespero, pois percebeu que cometera um grande erro.

— Eu estava indo para o meu quarto.

— O que você sentiria se eu lesse o seu diário? — perguntou ele, evidenciando a irritação.

— Eu... eu ficaria furiosa. E envergonhada.

— Então você sabe como estou me sentindo agora.

— Malcolm, eu não ouvi nada de vergonhoso.

— Matar um homem não é vergonhoso?

— Eu tenho certeza de que vou entender, de que ficarei ao seu lado. Eu...

— Não é esse o problema. O fato é que você violou a minha privacidade, Cassie. Eu não estava pronto para conversar a respeito.

— Eu violei você? Eu lhe dei minha virgindade e agora sou acusada de violar sua privacidade por ter descoberto um segredo?

— Você me deu sua virgindade — enfatizou Malcolm. — Eu não lhe contei o meu segredo, você o descobriu contra a minha vontade. É bem diferente, não?

Cassie baixou a cabeça, resignada.

— Malcolm, por favor, me desculpe.

— Sinto muito, Cassie — disse ele, levantando-se.

— Malcolm, não vá embora. Eu não tive a intenção de magoá-lo.

— Mas magoou. E muito! — esbravejou ele. — Eu teria lhe contado de bom grado... algum dia. Só que você roubou a minha privacidade e nem pensou em escondê-la. — Ele esfregou os cabelos, angustiado. — Vou dormir!

Cassie ficou sozinha em seu quarto, entregue ao silêncio e às lágrimas.

Capítulo VIII

Egbert Maddison fumava um cigarro deitado na cama depois de ter feito amor. Mas não era a esposa que estava ao seu lado.

— Você foi espetacular, minha querida — ele elogiou a amante.

Uma jovem de cabelos escuros aninhou-se nos braços dele sem se preocupar com a nudez.

— Eu sei — respondeu ela, com os olhos brilhando.

Egbert nunca se julgara um homem sem escrúpulos. Adorava a esposa e gostava da vida que tinham juntos. Não era tão insensível quanto o irmão, Wilbert, que deixava a família sozinha durante semanas sem dar a menor explicação. Seus passeios eram curtos e

ele fazia de tudo para manter a discrição. Jamais quisera magoar Sarah permitindo-lhe que descobrisse sua infidelidade. Seria uma crueldade sem tamanho. Era por esse motivo que sua amante o estava preocupando.

— Emma, você está com um brilho muito estranho nos olhos. Quer me contar o que se passa nessa sua cabeça?

— Eu estava apenas pensando...

— Disso não tenho a menor dúvida. Eu apenas gostaria de saber em que está pensando.

Ela estava de braços, apoiada nos cotovelos e brincando com os pêlos do peito de Egbert.

— Eu estava pensando em como você e seu irmão são parecidos.

— Como? — perguntou ele, intrigado.

— É verdade — Emma sorriu, mascarando a intenção maldosa de suas palavras. — Vocês dois têm muito em comum.

Egbert não gostava de se lembrar que ela fora amante do irmão. Parecia ter algo de incestuoso no fato de Emma ter se deitado com os dois.

— Nós não temos nada em comum — disse ele. — Meu irmão é um grande irresponsável. Há poucos dias eu encontrei o filho de Wilbert, Samuel, e descobri que o jovem está se tornando uma cópia perfeita do pai. Sem a menor graça e charme.

— Ah, a família de Wilbert... — suspirou Emma.

— Se é que se pode chamar aquilo de família.

— Você acha que foi por isso que ele me deixou? Ou será que se cansou de mim?

Egbert a olhou com suspeita. A conversa seguia por um rumo fora do normal. Por que Emma estaria tocando em um assunto tão desagradável quanto o relacionamento com seu irmão?

— Não leve para o lado pessoal. Wilbert não sabe lidar com as pessoas.

— Nem você.

Todo o corpo de Egbert se retesou.

— O que está dizendo, mulher?

— Mulher? — repetiu ela, toda dengosa. — É assim que vai me chamar de agora em diante? Não de meu amor? Ou minha querida?

Egbert se surpreendeu com a expressão de sua amante. Ela não parecia magoada ou enfurecida, mas sim fria e mortífera.

— Emma, minha querida. O que houve?

— Eu ia lhe perguntar a mesma coisa. O que exatamente está havendo entre nós?

Aquela pergunta o desconcertou. Será que realmente teria de lhe explicar a natureza do caso deles?

— Emma, onde está querendo chegar?

— Estou querendo dizer — respondeu ela com os dentes cerrados — que estou cansada de ser usada.

— Usada?

— Sim, usada. Você tem uma definição melhor para a minha situação? Um homem

destrói meu coração, me deixa sem marido, sem um tostão e tudo porque esqueceu de mencionar que já tem uma família! Não é ser usada?

— Meu irmão é um homem cruel — consolou Egbert.

— E você se acha diferente? — ralhou ela.

— Claro que eu sou diferente. Eu lhe compro inúmeros presentes, não é? E sempre lhe deixo um dinheirinho antes de ir embora.

— É verdade. — Emma deu uma sonora risada. — E graças a mim você é um homem rico.

Egbert apagou o cigarro com um certo nervosismo. O fato de Emma um dia ter sido amante do irmão não era nada comparado à perturbação que sentia naquele momento.

— Sim, é verdade. Você tem razão. Está vendo como não me pareço com Wilbert?

— Mas você arruinou a vida de uma jovem inocente para garantir a sua fortuna. Não se pode dizer que é uma atitude digna de Wilbert?

Cada vez mais nervoso, Egbert perdeu a compostura.

— Você quis que eu agisse assim. Foi você quem me advertiu sobre o testamento.

— Sim, eu o adverti. Eu lhe contei que Cassandra estava prestes a descobrir seu pequeno segredo. Porém, eu não lhe disse para incriminá-la injustamente. Foi idéia sua e de mais ninguém.

— Aquele dinheiro era meu por direito! Wilbert nunca fez nada para merecê-lo. Ele nunca cuidou da minha mãe! Ele só apareceu para a leitura do testamento.

— Mas é claro que sua mãe nunca se importou tanto com o fato de Wilbert ter se casado como uma irlandesa, nem com suas longas ausências.

— A mamãe sempre teve um bom coração. Ela perdoaria os filhos em qualquer situação.

— Ela deixou metade de tudo para Wilbert!

— Ele nunca mereceu!

— O que você teria feito se Cassandra Maddison tivesse descoberto o verdadeiro testamento da sua mãe?

— Não sei — disse Egbert, com uma certa tensão na voz. — Eu... Eu não tenho mais como pagar a parte que lhes cabe, mesmo se quisesse. Estou muito endividado.

— Então foi excelente eu tê-lo advertido, não? Ela era uma jovem muito organizada, não é mesmo?

Ele não gostava de pensar na sobrinha. Egbert a encontrara apenas uma vez, quando ela ainda era uma criança. Quando pensava no "acordo", tentava se lembrar do irmão, do quanto ele merecia ser privado de sua parte na herança.

— O homem que matei era apenas um mendigo — defendeu-se ele. — Decerto está melhor morto.

— Eu não estou falando sobre o morto — desafiou Emma. — Estou lhe perguntando sobre Cassandra Maddison.

Ele fechou os olhos.

— Eu fui obrigado a agir assim. Por Sarah.

— Você é o que se pode chamar de um bom marido — zombou ela. — De repente

tão preocupado com a pobre e abandonada esposa!

— Ela não está abandonada. Eu cuido muito bem de Sarah.

— Mas eu achei que você fosse cuidar muito bem de mim — disse ela, fingindo inocência. — Realmente vai conseguir sustentar as duas?

— Claro. Eu gosto de vocês duas, se bem que de maneira diferente.

— Entendo. Nós duas ficamos com a metade de um homem enquanto você fica com duas mulheres inteiras. — Emma balançou a cabeça. — Não me parece muito justo.

Egbert fingiu ter um pequeno acesso de tosse.

— Se tem algum tipo de dúvida sobre o nosso... relacionamento, então me diga.

— Acho que é o que estou fazendo, Egbert.

De repente, ele se levantou da cama e começou a juntar suas roupas.

— Ótimo — disse ele, sem ao menos olhar na direção da jovem. — Se é assim que você se sente... — O rosto dele começava a ficar vermelho. — Achei que tínhamos um acordo. Achei que... achei que tivéssemos afeição um pelo outro.

— Afeição? — Ela riu. — Seu nome é Egbert. Eu não consigo pronunciá-lo sem rir. E Wilbert não é muito melhor. E você diz que sua mãe os amava. Eu tenho minhas dúvidas.

Agora Egbert estava furioso.

— Bem, se eu sou um brinquedo diante dos seus olhos, então posso saber por que aceitou se deitar comigo durante um ano praticamente?

— Não é óbvio? — perguntou ela, atrevida, fazendo com que o coração de Egbert se comprimisse em seu peito.

— Não, não é.

Emma se levantou e encontrou os olhos dele.

— Eu te odeio — sussurrou ela. — Eu odeio você e o seu irmão. Vocês me usaram e enganaram suas esposas. Nenhum dos dois vale nada.

— Sei... Quer dizer que você me usou para atacar meu irmão? — Perto do desespero, Egbert tentava lutar com seu orgulho, pois nunca fora tão ofendido na vida. — Eu lhe digo que ele não ficou tão ofendido quanto você planejava. Pelo que me consta, Egbert tinha enjoado de você.

Emma deu um sorriso amargurado, com pena daquele homem que não conseguia enxergar a grandeza de sua vingança.

— Eu sabia que Wilbert não se importaria. Depois de seis anos não havia como ele se importar com meu coração despedaçado ou minha virtude perdida. Mas ele de certo não aprovaria o fato de eu me deitar com o irmão dele.

Egbert ficou confuso. Sua mente simplesmente não conseguia decifrar o esquema.

— Eu queria me vingar dele — explicou Emma, vendo que ele não entenderia nada. — Sem a filha por perto, a única pessoa que tentava evitar sua falência, a única pessoa que mantinha a família unida, o que seria dele?

— Ah...

Ele ainda pensava no assunto enquanto Emma se vestia.

— Pobre Cassandra... Vítima de um pai mulherengo e de um tio sem escrúpulos.

Espero que ela aprenda que sempre será machucada pelos homens.

Egbert continuava pensando, mas não conseguia entender o que ela estava dizendo.

— Vou ser um pouco mais clara — disse Emma, pronta para partir. — Cassandra nunca descobriria nada sobre o testamento. Eu menti para você. Tenha uma boa noite, Egbert.

Com os olhos arregalados e prestes a ter um colapso, ele segurou-se na parede para não cair.

— É uma vergonha, não? Você a enviou para a Austrália sem motivo. Que tio cruel! O que estava dizendo sobre ser um homem de família? — Emma abriu a porta. — Ah, eu ouvi dizer que você não achou a deportação suficiente, também contratou alguém para matá-la? — Ela respirou fundo, fingindo pena. — Imagino que agora seja tarde demais para mudar os planos, não? Pobre Cassandra...

Egbert ficou ali, pasmo, suando sem parar, não podia acreditar como fora manipulado por aquela mulher.

— Agora você gostaria de realmente ter sido um bom homem de família, não?

Cassie não conseguia olhar para Malcolm. Como poderia olhar para o homem que lhe tirara a virgindade e depois a abandonara? Mais de uma vez durante a noite, ela tinha chegado à conclusão de que seria melhor nunca mais sair daquele quarto, pelo menos até que alguém viesse buscá-la. Entretanto, com a chegada do dia veio o bom senso, junto com a lembrança de já ter enfrentado situações embaraçosas antes.

Os medos da noite desapareceram assim que o sol nasceu. Ela olharia para o médico como se ele fosse um dos credores de sua família. Manteria o queixo erguido e não pensaria na questão que sempre lhe atormentava: o que as pessoas pensam de mim?

Malcolm tomava café da manhã com um amigo quando Cassie desceu as escadas. Ele não queria companhia naquela manhã. Seu colega aparecera sem avisar, deixando-o bastante irritado. Na verdade, o que mais queria antes de começar seu dia era conversar com Cassie. Precisava pedir-lhe desculpas. Ele ficara aborrecido com a hipótese de ter sido espiado e também surpreso por ter sido forçado a se lembrar de um dia que gostaria de esquecer. Não fora Cassie que o irritara, mas ele mesmo. Malcolm ainda não conseguia se encarar como um assassino.

Antes de entrar na sala de jantar, Cassie respirou fundo. Achava covardia da parte dele chamar um amigo para evitar qualquer conversa com ela. Tinha prendido os cabelos em um coque discreto, pois não queria que Malcolm pensasse que ela tentava impressioná-lo. Seu comportamento foi humilde e controlado, mas não envergonhado. Era a atitude de alguém que não tinha medo de se mostrar, apenas não queria fazê-lo.

— Aceita um chá, senhor?

Quando ele a olhou, Cassie manteve a expressão firme, determinada.

— Chá? — repetiu ela.

— Sim, por favor. Cassie — começou ele.

O olhar frio e distante da jovem o interrompeu no mesmo instante. Nada o desculparia do terrível erro que cometera. Malcolm a abandonara na noite em que ela

mais precisara de companhia.

— Obrigado pelo chá — disse ele, voltando a atenção para o colega.

— É tudo, senhor?

— Sim.

Seu colega continuou a falar como se Cassie nunca tivesse estado ali. Quando conseguiu se levantar da mesa, Malcolm notou que estava muito atrasado para o trabalho, muitos pacientes poderiam estar passando por maus bocados na sua ausência.

— Acho melhor terminarmos a conversa a caminho do hospital — sugeriu ele. Uma vez, um paciente morrera dez minutos antes de sua chegada. Claro, havia outros médicos, mas não o suficiente. E a maioria não tinha licença para praticar medicina. Malcolm sabia que não poderia estar vinte e quatro horas no hospital, porém não queria perder tempo com conversas sem importância enquanto pessoas precisavam de ajuda.

— Não me agrada muito conversar andando — objetou o sujeito.

— Sinto muito, eu preciso ir para o hospital — disse ele, abrindo a porta da frente.

— Cassie, Cassie, onde você está?

— Pois não, senhor?

— Cassie, eu preciso conversar com você quando voltar para casa, está bem?

Ela o olhou com evidente desinteresse.

— Algo mais?

Malcolm sentiu-se frustrado por ela não ter compreendido sua intenção de se desculpar.

— Não, é tudo.

Cassie sentiu um grande alívio depois que ele se foi. A parte mais difícil tinha terminado. Conseguira encarar o patrão depois daquela noite de humilhação, e conseguira determinar a nova natureza do relacionamento de ambos. Seria cordial. Ela fechou a porta e tirou a poeira das estantes e dos móveis. Pela primeira vez desde que chegara na Austrália, Cassie preferiu estar na Fábrica Feminina. O trabalho seria mais difícil, sem dúvida, porém não haveria Malcolm, não haveria arrependimento, não haveria vergonha. Lá seria vista como uma trabalhadora qualquer, e não como uma garota infantil e estúpida que se apaixonara tão depressa e depois perdera toda a esperança de ser correspondida em uma única noite.

Faith notara que havia algo de errado, porém, Cassie não estava disposta a dizer o verdadeiro motivo daquela tristeza.

— Está com saudade de casa?

— Um pouco — mentiu ela. Na verdade, nunca tinha pensado em sua casa. Sua vida na Inglaterra fora uma grande batalha para preservar o respeito pela família. E tudo que construía fora destruído, portanto, não tinha a menor vontade de voltar. Além disso, Cassie não sabia se conseguiria manter a cabeça erguida depois de tudo que fora dito no tribunal a seu respeito.

— Imagino que seja algo comum — disse Faith, sorrindo. — Não é fácil deixar a família para trás.

Cassie ficou surpresa.

— Você também é uma con...

— Não. De jeito nenhum! Meu marido e eu nos mudamos para cá na esperança de uma vida melhor. Não tínhamos muito na Inglaterra sabe? Escutamos que a vida aqui era bem mais fácil.

— E é?

— Imagine. Olhe para mim! — Faith sorriu. — Continuo sendo uma criada. Viajei quase a metade do mundo para assar pão em um clima mais quente. Mas não me arrependo. A vida aqui é muito boa.

Cassie estudou a mulher com genuíno interesse. Desde o dia em quem chegara naquela casa, nunca tinha parado para pensar em quem Faith realmente era, em como seria ser como aquela mulher.

— O que o seu marido faz?

— Ele não conseguiu encontrar em emprego fixo — confessou ela, ligeiramente envergonhada. — Aqui na Austrália os prisioneiros fazem o trabalho de pessoas comuns. A não ser que se tenha alguma habilidade especial ou educação, como o dr. Rutherford. Por que eles pagariam um salário justo para alguém se podem pagar muito menos para um prisioneiro?

— Você se refere a nós somente como prisioneiros, nunca como condenados.

— Querida, vivemos em um mundo muito injusto — disse Faith, baixando os olhos. — Muitas pessoas têm vidas pior do que merecem, outras melhor. Como não sei quem é quem, eu me ateno ao que sei, que algumas pessoas estão na prisão.

— Faith, eu já estou me sentindo melhor só por ter conversado com você.

— Eu sei que deve ser horrível perder a família e viver em um lugar estranho. E sabe de uma coisa? Você superará tudo isso. Pode ser até que encontre seu caminho na vida.

Cassie franziu a testa.

— Não perca as esperanças, minha filha. Vinte anos pode parecer demais na sua idade, mas você será mais nova do que eu quando for livre.

— Você pode estar certa, Faith. Eu talvez encontre uma maneira de sobreviver aqui na Austrália. Mas eu lutei a minha vida toda para sobreviver e acho que sempre esperei por algo melhor, por algo diferente. Acho que sempre quis encontrar uma rosa no meu caminho, algo mais bonito do que a simples sobrevivência.

Compreensiva, Faith sorriu. Ela também fora privada dos luxos da vida. Não conhecia nada de vestidos, bailes e jóias, mas sempre sonhara com tais mimos. Entretanto, havia coisas mais importantes.

— Tenho plena convicção de que você encontrará a sua rosa — garantiu ela, olhando para o belo rosto da jovem. — Só que é preciso continuar andando para encontrá-la. Portanto, não desista.

Cassie suspirou mais uma vez. As palavras de Faith tinham um grande significado, porém a cozinheira não tinha conhecimento de um fato. O fato de que já tinha encontrado uma rosa, e a deixara cair. E não sabia se teria forças para procurar uma nova.

Capítulo IX

Estava ficando tarde, e Cassie continuava a escrever em seu diário. Malcolm ainda não tinha chegado em casa, o que não era anormal. Ela acreditava que o médico precisava praticamente fugir do hospital para voltar para casa. Todos os dias, a jovem o aguardava ansiosa e sentia um frio na barriga quando escutava os passos no hall de entrada. Naquela noite, contudo, ela temia a chegada do patrão e rezava para que não tivesse de estar sozinha com Malcolm.

É apenas mais uma noite, pensou ela. Se eu conseguir superar mais essa noite com dignidade, Malcolm desistirá de falar comigo. De repente, seus olhos se voltaram para a janela aberta. Não era apenas uma sombra, mas também um barulho.

Cassie entrou em pânico. Por sorte não estava sozinha. Por que não contara a Malcolm sobre suas suspeitas? Esquecera-se. Afinal, da primeira vez que vira a sombra, Priscilla chegara logo em seguida. Poderia ter sido ela o tempo todo. Ou mesmo um animal. Respirando fundo, ela pegou um lampião. Não sabia ao certo como poderia usá-lo contra um ladrão, mas segurou-o como se fosse uma arma mortal. Se houvesse necessidade, mostraria ao bandido que ele viera à casa errada. Ela não era mulher de se intimidar. Poderia morrer aquela noite, mas pelo menos tentaria se defender.

O barulho foi ficando mais alto e, horrorizada, Cassie percebeu que o sujeito estava tentando escalar a parede da janela de seu quarto. Quem quer que fosse não estava lá para roubar Malcolm. Quando avistou um rosto, ela deu um grito e pulou para frente. Já ia acertar o bandido com o lampião, quando Cassie notou que era uma mulher. Ela colocou o lampião no chão e levou as duas mãos à boca, não acreditando no que seus olhos viam.

— Ninguém nunca pensou em colocar uma treliça aqui? — perguntou Sheila, enfiando a cabeça para dentro.

Cassie foi ajudá-la a entrar.

— Meu Deus! — sussurrou ela, ajudando-a a subir. — Como você...

— Como eu a encontrei? Subornei um carcereiro para saber aonde a tinham colocado — respondeu ela com orgulho, como se fosse a rainha do suborno.

— Não. Como...

— Como consegui escapar?

— Sim.

— Bem, eu ainda não escapei — explicou Sheila, tirando as folhas grudadas em sua roupa. — Fugir da fábrica foi a parte mais fácil. O verdadeiro desafio será conseguir sair dessa ilha — continuou ela sorrindo, mostrando que as dificuldades que tinha passado não lhe haviam roubado a confiança. — Mas em duas será mais fácil. Eu não pude trazer nada, portanto espero que você possa providenciar um pouco de comida para levarmos. Cassie arregalou os olhos. Estava atônita. Rever a amiga, escutar o sotaque irlandês depois de tantas semanas e agora a idéia da fuga...

— Eu...

— Não quero apressá-la, mas estamos correndo atrás de nossas próprias vidas. Poderia ser um pouco mais rápida?

— Não. Quero dizer, ele não está em casa.

— Ótimo. Excelente. Então você pode buscar tudo que está na lista que fiz enquanto eu espero aqui. Que lindo seu quarto, hein! Bom, o que precisamos fazer é encontrar alguém que aceite nos levar para casa. Precisamos encontrar um porto mais longe, onde condenados não costumem aparecer. Saberão quem somos, é claro, mas pelo menos não terão tanto medo de serem pegos e enforcados por nos ajudar. Eu já tenho todo o plano em mente.

Sheila fez uma pausa para recuperar o fôlego.

— Em primeiro lugar, teremos de subornar os marinheiros. Se não conseguirmos encontrar nenhum dinheiro na casa, teremos de usar o antigo costume. O charme feminino, sabe? Todavia, o mais importante é que sobrevivamos à viagem. Sei que poucos conseguem. Sendo assim, precisamos de uma faca, de um rifle... Está me escutando, Cassie?

O atordoamento de Cassie começava a passar à medida que ela tentava visualizar o plano da amiga.

— Sheila, se nos pegarem nós seremos enforcadas?

— É bem provável. Por quê? Há algum problema para você? — ela riu com a própria piada, depois apertou o braço de Cassie. — Ora, Cassie, não há o que temer. Precisamos partir antes do amanhecer. Quando for hora de trabalhar, eles notarão a minha ausência na fábrica e iniciarão a busca. Portanto, temos de ser rápidas.

— Sheila, eu... — Ela engoliu em seco, não querendo parecer covarde. — Eu ficarei aqui por vinte anos. Não sei se vale a pena arriscar minha vida.

Sheila não se ofendeu.

— Cassie, eu não estou lhe pedindo para me acompanhar, apenas para me ajudar. Se fosse o caso, eu teria vindo aqui apenas para lhe pedir os suprimentos. — Ela encontrou os olhos da amiga com franqueza. — Mas eu duvido que você queira ficar aqui por mais vinte anos. Querida, eles a estão matando aqui. Você não percebe? Eu percebo. Olhe para você. Está pálida, abatida, triste. Aposto que nem mais virgem é. — O baixar de olhos de Cassie confirmou a suspeita de Sheila. — Viu? Eles acabaram com sua alegria. Imagine o que acontecerá em vinte anos. Claro, você ainda estará viva. Mas a pergunta é: você vai querer estar viva?

Cassie levantou o queixo com nova determinação. Tudo que Sheila dizia era verdade. A antiga Cassandra Maddison jamais se humilharia novamente como acontecera na noite anterior com Malcolm. Fora o desespero que a fizera ansiar por amor.

— Onde está a lista? — perguntou ela, estendendo a mão. — Vamos correr.

— Será que conseguiremos atravessar? — perguntou Cassie, maravilhada com a altura das montanhas.

— Acho que não — respondeu Sheila, tirando os cabelos do rosto. — Nossa única esperança é seguir pela linha da costa.

— Mas estamos tão vulneráveis! Qualquer um pode nos ver.

— Pare de andar tão depressa, Cassie — disse ela, esforçando-se para manter-se lado a lado com a amiga.

— Sinto muito, mas acho que devemos ir o mais depressa possível.

Sheila sorriu, sabendo que Cassie era uma verdadeira lutadora.

— As minhas pernas não são tão compridas quanto as suas.

— É melhor caminharmos durante a noite. De dia provavelmente seremos capturadas. Então vamos ficar perto das árvores e andar escondidas até amanhã à noite.

— Estou com fome. A comida da fábrica não será suficiente para toda essa caminhada.

— E a nossa comida não vai durar muito. Se vir algum arbusto comestível, arranque-o. Pretendo fazer render o que temos conosco. Você sabe quais plantas podemos ingerir?

— Não, mas sei que a carne de crocodilos é excelente.

Cassie parou de andar e lançou um olhar bem-humorado para a amiga.

— Está pensando em comer um crocodilo?

— E por que não? Nós temos uma faca.

— Vou deixar a tarefa para você.

— Não é difícil! — insistiu Sheila. — Dizem que se deve virá-los de costas e cortar a barriga.

— Tudo bem, mas prefiro que você cuide disso.

A lua brilhava no céu, em um tom de amarelo. As ondas do oceano se movimentavam com força, e as duas continuavam sem observar a noite. Além disso, as árvores encobriam todo o céu.

— Segure a minha mão — pediu Sheila. — Não quero me perder de você.

Pouco depois o passo das duas já era mais lento. As árvores criavam um labirinto através do qual elas tinham de andar com cuidado. Não podiam nem precisar se seguiam na direção correta, a não ser pelo barulho das ondas, que se mantinha à direita.

— Pise forte, Cassie. As cobras podem sentir as vibrações da terra.

Sheila seguia com cuidado. Estava completamente escuro e a brisa úmida parecia aumentar a cada momento. Tudo parecia errado. Cassie não sentia estar a caminho da liberdade, mas sim de um grande desastre. E o pior era que não sabia como expressar seu temor a Sheila. Todavia, a proximidade das duas era tamanha que ela sentiu-se impelida a tentar.

— Eu não me sinto como se estivessemos escapando — começou ela, nervosa.

Houve um silêncio. Sheila tinha a mesma sensação. O vento não as acompanhava, mas as atrapalhava com sua espessura. Ela não escutava o chamado da liberdade.

— Não se preocupe, tudo dará certo — sussurrou Sheila, tentando acreditar em suas palavras. — Se alguém estiver nos seguindo, enfrentará as mesmas dificuldades. E adivinhar que caminho seguimos será quase impossível, uma vez que nem nós sabemos direito.

— Você tem razão. — Cassie riu disfarçando o nervosismo. Então ela tropeçou e caiu, quase levando Sheila junto.

— Ai!

— O que foi? — Sheila ajoelhou-se ao lado da amiga.

— Meu Deus! Por que não trouxemos o lampião?

— Eu achei que a lua fosse nos guiar, e que qualquer tipo de iluminação pudesse chamar a atenção de alguém. Eu... Eu não pensei que a floresta fosse tão fechada.

— Não tem problema. Não estou me queixando. É que a minha perna...

— Não consigo enxergar. Você a torceu?

— Não. — Cassie respirou fundo e cerrou os dentes no intuito de controlar a dor.

— Acho que a cortei em alguma raiz ou algo parecido.

— Cortou? Está doendo?

Cassie levantou a mão molhada.

— O sangue não pára de escorrer.

— Ah, meu Deus! É grave! Precisamos estancar o sangue.

Sheila rasgou um pedaço de seu avental e colocou-o na mão de Cassie.

— Amarre-o na sua perna.

Ela amarrou o mais forte que conseguiu, e sentiu uma ligeira sensação de dormência na perna, além da dor, claro.

Sheila teve pena da amiga quando a viu colocar a cabeça entre as mãos. Ela devia estar repensando sua decisão de fugir. Por outro lado, também teve pena de si mesma. Aquela fuga era uma questão de vida ou morte para alguém que recebera a pena máxima. Sendo assim, precisava continuar de qualquer jeito.

— Cassie, você está repensando a fuga? Acha que o ferimento na perna poderá nos atrasar? — Ela esperava que seu tom de voz demonstrasse tanto compaixão quanto egoísmo, o que realmente estava sentindo.

— De forma alguma. Só vou ter que andar um pouco mais devagar por causa da perna.

— Tem certeza? Eu compreenderia perfeitamente se você quisesse voltar.

— Não — respondeu Cassie, demonstrando certa indecisão. A verdade é que ficara em dúvida desde que Sheila lhe contara seu plano. E apesar de querer muito se libertar, uma sensação muito ruim a acompanhava.

— Tem certeza? — repetiu ela, como se já tivesse decidido que Cassie voltaria para casa. — Fui eu que a convenci a vir, e sei que corremos um grande risco. A minha sentença é eterna, e a sua de apenas vinte anos. Ainda dá tempo de voltar.

— Apenas vinte anos — repetiu Cassie. Parecia uma eternidade. — Sheila, você quer que eu volte? — perguntou ela, de repente compreendendo a amiga.

Envergonhada, Sheila baixou a cabeça.

— Amarre o pedaço de pano com mais força — desconversou ela.

— Acho melhor você continuar sozinha — disse Cassie, determinada.

— Mas você conseguirá achar o caminho de volta?

— Fique sossegada. Eu acompanharei o oceano à esquerda.

— Cassie, eu...

Sheila engoliu em seco, culpada por querer ir sozinha.

— Não precisa me dizer nada. Eu já sei tudo. Agora corra! O mais rápido que puder.

— Se eu conseguir, quer que eu faça algo? — perguntou ela, afagando o rosto pálido de Cassie.

— Tente falar com os meus irmãos. O mais velho se chama Samuel Maddison. É praticamente um moleque, mas eu o adoro.

— Fique sossegada. E se eu não chegar? — perguntou Sheila, sabendo que não podia se deixar levar por ilusões.

— Então me espere no céu.

As duas se abraçaram durante longos segundos.

— Cassie, continue sendo essa pessoa maravilhosa. Você foi minha primeira e única amiga.

— Você também — respondeu ela, sorrindo.

— Tome cuidado para não ser pega enquanto volta para casa. Se por acaso encontrar alguém, diga-lhe que estava perdida, querendo ir para casa. E lembre-se, ninguém tem o direito de lhe bater.

— Boa viagem, Sheila.

Durante alguns instantes, Cassie observou Sheila se afastar. Depois, com passos lentos, ela começou seu caminho de volta. A dor estava aumentando. Por sorte morava com um médico. Cassie pensou em parar para descansar um pouco, mas sabia que não podia se arriscar. Além disso, o medo de ficar sozinha a ajudava a continuar.

Sem se dar conta do tempo, a jovem andou e andou até chegar ao fim da floresta e encontrar a clareira. Mas assim que pisou na estrada, ela viu uma sombra. A princípio achou que fosse uma das árvores se mexendo com o vento. Mas então a sombra se moveu demais. Antes que pudesse gritar, alguém lhe agarrou o braço.

Capítulo X

Ela ficou tão espantada que perdeu a respiração. Quando ergueu os olhos e deparou-se com o rosto de Malcolm, Cassie sentiu um grande alívio. Os olhos dele brilhavam de raiva.

— Entre na carruagem — ele ordenou com os dentes cerrados. Cassie sabia que ele estava se controlando ao máximo para não ser mais rude e jogá-la para dentro da carruagem.

— Ai! — gritou ela, batendo a perna ferida na porta.

— Entre, eu disse.

Cassie reagiu à raiva de Malcolm cruzando os braços ao sentar-se na carruagem. Todavia, sabia ter muita sorte por ter sido encontrada pelo patrão, e não por homens da lei.

— Você sabe que teve muita sorte, não é? — perguntou ele, pegando as rédeas.

Cassie tentou ficar irritada. Ele nem se preocupara com sua perna machucada.

— Não posso acreditar que alguém está dizendo que eu tenho sorte — respondeu ela, cabisbaixa.

— Mas teve. Pelo menos dessa vez — a voz de Malcolm estava bem mais alta do que o normal. Se não o conhecesse tão bem, Cassie diria que era um homem perigoso. — O que você teria feito se a polícia a tivesse capturado? Você sabe que poderia ter sido enforcada?

— E que diferença faz? — perguntou ela, fria. Lembranças da cruel rejeição surgiram-lhe na mente. — E se eu fosse enforcada?

— Você acha que eu não me importo com você? Só porque tivemos uma discussão você acha que eu gostaria de vê-la morta?

Houve um momento de silêncio enquanto Cassie desfrutava da tranquilidade de estar voltando para casa. A noite estava quente e havia uma brisa gostosa. Mas ela não podia permitir que aquele silêncio continuasse. Queria uma resolução. Queria saber a que Malcolm se referia quando dizia que se importava.

— Como me encontrou? — perguntou ela, retomando a conversa.

Para sua surpresa, ele parou os cavalos.

— Eu sabia aonde você iria, pois todos os condenados fugitivos vão para o norte em busca de outros portos. Se tivesse me perguntado, eu lhe teria sugerido seguir pelo sul.

Cassie sentiu-se humilhada com as palavras duras de seu patrão.

— Por que me veio atrás de mim?

— Por que você acha que eu a segui, Cassie? Eu não queria vê-la morta! Eu sabia que não conseguiria escapar da ilha. Sei do que estou falando porque eu não consegui.

— Eu poderia ter conseguido — disse ela, rezando por Sheila.

Malcolm balançou a cabeça para os lados, furioso.

— Ninguém consegue fugir dessa ilha, Cassie. Sabe o que eles fizeram quando me pegaram?

Cassie olhou para os olhos sombrios. Ele a olhava com franqueza, como se estivesse disposto a lhe contar tudo sobre sua vida. Ela nunca o vira tão acessível. Era como se, em sua explosão de raiva, Malcolm não quisesse mais protegê-la da verdade.

— O quê?

— Eles me chicotearam. Você sabe o que é ser chicoteada?

— Não — murmurou ela.

— Você é amarrado a um poste. Os outros prisioneiros ficam em fila para assistir o espetáculo. Cada chicotada lhe arranca um pedaço de pele. Cada lasca de pele perdida deixa uma abertura para o próximo golpe. Você apanha até desmaiar, então eles jogam água em seu rosto para despertá-lo. Se, por acaso, você morrer, ninguém se importa. E se você continuar vivo depois de todas as chicotadas, eles o deixam pendurado durante mais algumas horas. Quando eles finalmente o soltam, você deve estar apto para voltar a trabalhar. Caso não consiga, você será chicoteado mais uma vez.

As mãos de Cassie tremiam.

— Malcolm, eu... Como você conseguiu sobreviver?

— Como eu sobrevivi? — repetiu ele. — Meu coração continuou batendo. Foi isso.

Você não morre enquanto seu coração não parar de bater.

— Mas...

— A parte emocional? Tudo que havia de bom e de Cristão em mim morreu naquele momento. Cassie, preste atenção no que tenho a lhe dizer. — Malcolm pegou-a pelo braço, obrigando-a a encará-lo. — Eu matei um homem aquela semana. Eu o matei por ter achado que ele tinha me dedurado. Como se ninguém nunca fosse conseguir me capturar. Mas eu precisava colocar a culpa em alguém. E lá estava ele. Os carcereiros perguntaram se alguém sabia de algo e ele deu um passo para frente, dizendo que eu tinha ido para o sul. Quando me tiraram do poste, eu o vi se misturando com os outros prisioneiros, tentando não olhar para mim. — Malcolm engoliu em seco, e sua respiração era tão ofegante que até seus ombros se mexiam. — Eu fui atrás dele e o matei. Com minhas próprias mãos. Eu não sabia que se podia matar uma pessoa espancando-a.

Cassie estava pasma. Como um homem tão gentil e atencioso poderia ter sido tão cruel? Por outro lado, Malcolm tinha pagado caro por sua brutalidade. Sim, ele perdera todas as esperanças. Sua bondade era uma forma de arrependimento dos pecados que cometera. Ela baixou a cabeça, envergonhada. Como pudera sentir pena de si mesma por estar cumprindo penitência na companhia de um homem tão bom e não na Fábrica Feminina?

— Sinto muito — desculpou-se ela.

— Pelo quê?

— Sinto muito por você ter ficado preocupado por minha causa e por ter se lembrado do seu passado.

— E deve sentir mesmo — resmungou ele. — Se tivesse sido pega pela lei, você teria sido levada imediatamente para a fábrica e eu não poderia fazer nada para ajudá-la.

Cassie não disse nada. O médico tinha o olhar distante.

Por fim, ele pegou as rédeas e seguiu para casa. Tinha sido uma longa noite. Não sabia mais o que dizer para demonstrar a estupidez de Cassie por ter tentado fugir. Durante o caminho, Malcolm continuou atormentado por seus pensamentos. Ainda pensava sobre o que tinha acontecido entre eles na noite anterior. Ainda estava preocupado com a discussão e aborrecido por não ter conseguido esclarecer a situação. Entretanto, agora o assunto era bem mais sério. Se Cassie tentasse fugir de novo, ela de certo morreria.

— Estou tentando decidir como a punirei — comentou o médico, preocupado em fazer com que ela compreendesse.

— Como?

Malcolm não respondeu, apenas continuou a pensar.

— Você não tem o direito de me bater, portanto, nem ouse tentar.

Ele riu, surpreso.

— Quem lhe disse esse absurdo?

— Como assim? Não é verdade?

— Claro que não. Você acha que eles mandam um condenado para a minha casa e eu não tenho o direito de discipliná-lo?

Cassie baixou a cabeça. Fazia sentido. Mas por que Sheila lhe dissera o contrário?

— Eu não tenho a intenção de bater em você — disse Malcolm, apiedando-se da ansiedade da jovem.

— Então...

— Ainda não decidi o que vou fazer. Estou tentando pensar.

Cassie sentiu um grande alívio ao avistar os lustres dourados brilhando através das janelas da casa branca. Sua prisão estava começando a parecer um lar de verdade. O médico ajudou-a a descer e ordenou-lhe que entrasse enquanto cuidava dos cavalos. Cassie obedeceu sem pestanejar. Realmente fora uma tentativa de fuga humilhante.

Assim que colocou os pés para dentro, ela deparou-se com Faith aguardando-a.

— Que bom que você voltou! — exclamou ela, fingindo despreocupação. Era evidente que ela se preocupara. — Bom, acho que agora posso ir embora.

— Faith, sinto muito se a preocupei.

Faith balançou as mãos no ar.

— Não se preocupe, minha filha. Até amanhã.

Cassie observou a cozinheira partir sentindo um grande peso no coração.

Algum tempo depois, Malcolm voltou com a expressão mais leve.

— Faith já foi?

— Sim. Acabou de ir embora.

— Bem... deixe-me dar uma olhada nisso — disse ele, apontando para o ferimento na perna de Cassie.

— Acho que não há necessidade — mentiu ela.

Malcolm continuou com cuidado, sabendo estar pisando em solo delicado. As mulheres não gostavam de mostrar as pernas para os médicos. E dessa vez seria mais difícil do que o normal. Com estranhos, ele agiria como médico, incapaz de sentir qualquer tipo de atração pela forma sedutora de uma mulher. Com Cassie, entretanto, a situação era diferente. Convencê-la de que conseguiria separar as coisas não seria nada fácil.

— Vou apenas limpar e fazer um curativo — prometeu ele.

— Eu preferia que uma enfermeira cuidasse de mim.

— Sinto muito, mas não há nenhuma enfermeira por aqui. E seu ferimento não pode esperar até amanhã. — Malcolm sorriu e abriu os braços. — Confie em mim.

Por algum motivo desconhecido, ela não teve o menor problema em aceitar o pedido do patrão. De certa forma, ela sabia que nada de mais aconteceria entre ambos. Cassie se deixou levar até o escritório, onde ele a colocou em sua poltrona predileta.

Ela sentiu o corpo todo tremer quando Malcolm ajoelhou-se a sua frente e tirou-lhe o sapato. Ele examinou-lhe a perna com o máximo de cuidado, como se fosse de porcelana.

Cassie estava tão entretida com os pensamentos do médico que nem se incomodou com a dor.

— É grave?

— Um pouco — respondeu ele, sem interromper seu trabalho. — Saiu bastante

sangue, mas agora já estancou. Vou fazer um curativo bem apertado — advertiu ele, olhando-a de relance.

Cassie assentiu e esperou pacientemente. Ainda sentia-se estranha por estar sentada como uma rainha na poltrona do médico e ele ajoelhado a seus pés.

— Pronto — informou Malcolm, juntando seus instrumentos sem olhar para Cassie.

— Obrigada — disse ela levantando-se. Sentia-se bem melhor agora. Querendo estar no sossego de seu quarto bem depressa, Cassie caminhou para a porta.

— Cassie?

Ela não se virou, mas parou de andar.

— Cassie... eu... eu sinto muito por tê-la empurrado para dentro da carruagem. — Ele passou a mão nos cabelos. — Eu não tinha o direito. Eu estava irritado e... bem, eu sei que

deveria ter sido um pouco mais simpático. Sua vida não tem sido nada fácil. — Malcolm respirou fundo. — De todas as pessoas, eu deveria ter entendido que você tentasse fugir.

Ele não entendia. Malcolm não compreendia que a fuga dela estava mais relacionada ao amor que sentia por ele do que à sentença do juiz. Mas não podia se abrir ainda mais. Se depois da noite anterior ele não tinha compreendido a profundidade de seu amor, de certo jamais compreenderia.

— Não precisa se desculpar.

— Preciso, sim. Um homem não tem o direito de maltratar uma mulher. Foi um grande erro. Sinto muito.

Se não saísse logo dali, Cassie sabia que começaria a chorar. Estava lembrando do quanto o amava, do quanto sentia-se feliz ao lado dele.

—Você é um bom homem, Malcolm.

Houve um longo silêncio. O médico não se achava um bom homem, e Cassie sabia.

— Aceito suas desculpas — disse ela, pouco depois. Queria ir correndo para o quarto.

— Não existe mais nada entre Priscilla e eu — disse ele, de repente.

Cassie virou-se, surpresa.

— Nós nos encontramos hoje à noite e eu terminei tudo.

— Não quero falar sobre esse assunto.

— Cassie — Malcolm chamou, tentando segurar-lhe o braço. — Eu realmente acho que devemos...

— Não — disse ela, subindo o primeiro degrau da escada. — Quero ficar sozinha.

— Cassie, você está chateada por causa da noite passada? Por favor, não fique. Eu...

— Deixe-me em paz! — gritou Cassie, e saiu correndo para o quarto.

Malcolm fechou os olhos e suspirou. Era tudo culpa sua. E o pior era que não sentia pena de Cassie, mas sim de si mesmo.

— Acabou — disse Priscilla, séria, segurando a capa contra o peito.

— Como assim, acabou? — perguntou Miles.

— Preciso ser mais clara? — perguntou ela, fria. Seus olhos violeta não demonstravam nenhum indício das lágrimas que tinha derramado alguns instantes atrás. — Ele terminou o noivado! Malcolm me mandou embora da vida dele. Disse que não quer me ver nunca mais. Entendeu agora?

— E o que você fez? Como conseguiu estragar tudo?

— Eu não fiz nada — respondeu Priscilla, recusando-se a usar o mesmo tom de voz de Miles. — Acredito que ele tenha se apaixonado por outra mulher.

— Quem?

— Cassandra — murmurou ela. — Acho que ele se apaixonou pela criada.

Miles franziu a testa, descrente.

— Como assim? Ouvi dizer que ela era comum e ainda por cima descendente de irlandeses.

— Sim, mas não é uma jovem comum. Ela é muito bonita. O tipo de mulher que os homens consideram atraente, mas que as mulheres acham ordinárias.

A ira nos olhos de Miles era bastante evidente.

— Você acha que uma simpatia repentina pela criada tenha sido o motivo para ele terminar o noivado? Ele não poderia ter as duas?

— Malcolm não gosta de promiscuidade — respondeu ela. — O que o excita é conhecer a fundo uma mulher. Ter muitas mulheres ao mesmo tempo torna a experiência superficial.

— Se você o compreende tão bem, como não foi capaz de prendê-lo? — gritou Miles.

Diante daquela acusação, Priscilla perdeu a compostura.

— Você me forçou a fazer com que ele me odiasse! — esbravejou ela. — Você me obrigou a traí-lo. E ele sentiu que havia algo de errado. Malcolm não me disse nada, mas ele sabe que tudo não passou de uma armação.

— Você me disse que ele adora ser atormentado!

— Atormentado, sim. Traído, não! Eu não lhe disse que ele exige total honestidade das amantes?

Miles não conseguiu evitar a risada.

— Bem, esse médico é com certeza um homem deturpado.

— Ele é um homem bom e decente! — defendeu Priscilla. — Eu nunca conheci um homem como Malcolm. Mas você não entende nada de bondade e decência.

— Não, não entendo. Mas sei que lhe paguei muito bem para fazer um trabalho que você estragou.

Aborrecida, Priscilla baixou a cabeça.

— Calma, não precisa se preocupar. Eu não vou deixar de lhe pagar. Isto é, desde que você conserte o estrago que fez.

Ela o olhou com curiosidade.

— E como eu vou fazer isso? Eu lhe disse que Malcolm me mandou embora para sempre.

— Então precisamos tirar a criada daquela casa — sugeriu ele.

Priscilla se mostrou interessada com a idéia.

— Como?

— Anjo — começou Miles, colocando a mão no ombro dela.

— Não me chame de anjo. Conte-me logo seu plano.

— Está bem. Vamos considerar seus outros amantes. E não venha me dizer que não há nenhum. Eu sei que não lhe paguei o suficiente para você se sustentar. Sei que há outros

homens custeando suas despesas.

O silêncio dela foi a resposta.

— Bem, diga-me qual deles poderia precisar de uma criada.

— Nenhum deles — Priscilla respondeu com honestidade.

— Bem, reformulando a pergunta, qual deles precisaria de uma criada mais jovem, mais bonita, para colocar no lugar de uma velha senhora?

— O que você quer que eu faça? Quer que eu diga a cada um deles que conheço uma condenada que poderia ser transferida se colocassem dinheiro na mão do carcereiro certo?

— Sim, e também quero que você lhes diga que ela é insaciável.

Os dois caíram na risada.

— Está bem — concordou ela —, mas sob uma condição.

— Que seria...

— Agora que não precisamos mais de Malcolm, já que a jovem vai morar em outro lugar...

Miles já sabia o que Priscilla ia pedir.

— Só quero que, quando Cassandra for levada da casa do médico, você fique perto do novo patrão da jovem. Quanto ao médico, se achar que pode consegui-lo de volta, fique

à vontade, Malcolm é todo seu.

Capítulo XI

Houve uma batida na porta. Irritado, Malcolm levantou-se da mesa onde tomava seu café da manhã e fechou o livro. Cassie e Faith estavam na cozinha, lavando louça, portanto, ele se viu obrigado a abrir a porta sozinho.

— Pois não? Em que posso ajudá-lo?

O rapaz parado diante de sua casa estendeu o braço e entregou-lhe um pergaminho.

— Do que se trata? — perguntou ele, sem o menor interesse.

— Ordens do superior — disse o sujeito de cabelos negros, um pouco mais baixo do que Malcolm. — Cassandra Maddison foi transferida. O capitão pede desculpas por

qualquer inconveniência causada, e promete que sua nova criada virá no próximo navio que chegar da Inglaterra.

— Diga-lhe que eu não quero que ela seja transferida — respondeu Malcolm, sem perder a calma. — Diga ao capitão que preciso dela aqui e se houver algum problema, ele pode vir conversar pessoalmente comigo. Tenha um bom dia.

O estranho o impediu de fechar a porta.

— Doutor — insistiu ele, inflexível. — Sinto muito, porém não posso aceitar sua recusa. — Ele apontou para o portão de entrada, onde vários carcereiros esperavam para escoltar a prisioneira para a nova casa.

— O que está acontecendo? — perguntou Malcolm, subitamente assustado. — Por que ela está sendo transferida para outra casa? — Seu maior medo era que a levassem para a fábrica.

— Precisam dela em outra casa.

— E posso saber de quem é essa casa? Por que é mais importante do que a minha?

O mensageiro baixou a cabeça, envergonhado por ter de revelar o verdadeiro motivo.

— Dr. Rutherford, com todo o respeito, o senhor é um condenado emancipado e, de acordo com as leis da Austrália, não tem o mesmo direito do que os cidadãos normais.

O cavalheiro que solicitou a transferência de Cassandra Maddison é funcionário do governo britânico e...

— E por que ele quer a minha criada? — interrompeu o médico.

— Ele... ele tem atração por irlandesas, senhor. — O sujeito sorriu, torcendo para que Malcolm compreendesse e encarasse a situação com humor.

— O que está querendo dizer? — perguntou Malcolm, exasperado. — Como assim, ele tem atração por irlandesas? Explique-se, homem!

O mensageiro estava cada vez mais cabisbaixo.

— Ela não é uma concubina! — gritou ele. — Qual é o seu problema? — Malcolm queria respostas, pois não conseguia imaginar como alguém podia ser tão indiferente com algo tão sério.

— O senhor tem toda razão — comentou o mensageiro, incapaz de controlar o riso. Ele olhou com certa malícia para Malcolm, sabendo que todos conheciam os prazeres proporcionados por uma condenada a um homem solteiro.

Malcolm jurou que nunca mais bateria em ninguém. Não depois do que lhe acontecera tanto tempo atrás. Ele se prometera ser mais pacífico. Todavia, seu ódio era tão grande, não apenas em nome de Cassie, mas também de todos aqueles rotulados de condenados para o resto da vida, que viviam à mercê de mentes como aquela, que não conseguiu se controlar e acertou o nariz do mensageiro. Os outros guardas correram para amparar o colega, e a barulheira foi tanta que Cassie e Faith apareceram para ver o que estava acontecendo.

— Meu Deus! — gritou Faith. — O que aconteceu?

Cassie limpou as mãos no avental, assustada com a confusão. Tentou se afastar, mas assim que foi vista por um dos guardas, ele a pegou.

— Ei! — gritou ela, sem saber o que tinha feito de errado. — Solte-me. Eu não tenho nada a ver com essa briga!

Faith correu para defender a jovem.

— Soltem-na! Doutor!

Ela olhou para os lados em busca do patrão, mas vários soldados o seguravam. Sua boca sangrava de um lado e ele parará de lutar para tentar se soltar.

— Não! — gritou Cassie, acreditando que estava sendo levada para a Fábrica Feminina. — Faith! — Ela olhou para Malcolm, preso, que a fitava com olhos marejados. — Malcolm!

— Socorro! Não permita que me levem daqui!

Desesperada, ela lutava sem parar enquanto os guardas a prendiam e a colocavam na carroça.

— Sorte sua que eu não vou prendê-lo — disse um guarda, cuspiendo no rosto do médico. Malcolm não se importou, pois não conseguia tirar os olhos de Cassie, desaparecendo em meio a tantos homens.

Cassie não foi levada para a fábrica. A carroça parou pouco tempo depois, portanto, não poderia ser a Fábrica Feminina. Mas não tinha mais nenhuma esperança. Aonde quer que estivesse sendo levada, não era para a casa de Malcolm. E toda a expectativa de ter vinte anos de paz tinha desaparecido.

— Levante-se — ordenou o carcereiro, puxando-a pelo cotovelo sem lhe dar tempo de se erguer sozinha. — Por que a cara feia? Não gostou de ter sido transferida? Isso é ruim. Muito ruim, não é, Rob?

— Uma pena — respondeu o outro homem.

Cassie fechou os olhos tentando conter as lágrimas. Ela tinha as pernas acorrentadas, como se pudesse fugir dos carcereiros, se tentasse. Homens tão corajosos, pensou, e ainda assim precisam prender minhas pernas.

— Não é tão luxuosa quanto a que você vivia — comentou um guarda, rindo com desdém. Era uma casa simples, porém bonita. As ondas do oceano beijavam as pedras e um pequeno barco de pescador estava ancorado no mar como uma carroça na frente de casa. Redes de peixe secavam estendidas no jardim.

— Um condenado deveria agradecer todos os dias por ter um lugar onde morar — disse outro deles, como se Cassie tivesse feito algum comentário sobre a casa mal-cuidada.

— Robin está em casa? — perguntou um carcereiro, batendo na porta de entrada.

— Deveria estar.

Um momento depois eles tiveram a certeza. Quem lhes abriu a porta com os cabelos despenteados pelo vento do oceano, a camisa desabotoada, foi Robin Carthage, o carcereiro que tinha traído Sheila mandando-a para a Fábrica Feminina. Cassie não podia acreditar. A vida podia ser muito cruel. De todos os lugares aonde poderia ser transferida,

Cassie fora cair justamente nas mãos daquele sujeito.

— É ela? — perguntou Robin sorrindo. — Eu a conheço. Ela veio no meu último navio.

Cassie teve a nítida impressão de que Robin esperava ser cumprimentado. Entretanto, ela não conseguiu abrir a boca. Cassie apenas olhava para aquele homem como se estivesse diante da própria morte.

— Ótimo. Então ela vai se sentir em casa — foi a resposta de um dos guardas.

Robin continuava a fitá-la, encarando-a da cabeça aos pés, tentando se lembrar se tinha se deitado com a jovem. Cassie baixou a cabeça, envergonhada por estar sendo examinada com tanta indiscrição. Ele era um homem apresentável, uma pessoa que não o conhecesse poderia considerá-lo bonito, mas a consciência do carcereiro era manchada por centenas de condenadas que tinham sido violentadas por ele sem a menor piedade.

— Ela é tão bonita quanto eu me lembrava — disse Robin, como se Cassie pudesse sentir-se lisonjeada com o cumprimento.

— Por que decidiu ter uma criada? — um guarda quis saber.

Robin olhou para a bagunça que estava sua sala.

— Quando eu não consigo andar dentro de casa sem tropeçar, acho que chegou a hora de ter alguém para fazer o serviço pesado.

Todos riram com a piada.

— Estou muito contente por você ter decidido ficar na Austrália — comentou um deles. A viagem é muito árdua.

— Árdua não é bem a palavra — respondeu Robin, irritado. — Você não imagina como é difícil viver naqueles navios. Entretanto, sei que vou continuar fazendo as travessias, pois o pagamento faz valer a pena. Por enquanto vou ficar aqui cuidando das casernas e pescando.

— Bem, talvez a jovem o ajude a se distrair — brincou um guarda, dando um tapa no traseiro de Cassie. Ela cerrou os dentes e respirou fundo, esforçando-se para manter a calma.

— Pode ser. Obrigado por a terem trazido.

Cassie assistiu a despedida em silêncio.

Assim que eles desapareceram, a expressão de Robin mudou. O sorriso desapareceu de seu rosto, junto com o comportamento amável. Ele soltou as correntes da jovem com a rapidez de um homem que já tinha soltado muitas virgens em nome de seu próprio prazer.

— Pronto — disse ele, rodeando-a. — Pode ir limpar a casa.

— Limpar o quê?

As janelas da sala tinham pedaços de pano imundos e manchados que serviam de cortina. Não havia móveis, apenas uma pilha de mantas que parecia servir de sofá. O fogão preto ficava bem à vista, grotesco, com pedaços de comida grudados. O chão estava coberto de roupas, louça suja, restos de comida e acessórios de pesca.

— O que você sabe fazer? — perguntou ele, considerando a logística de limpar uma casa pela primeira vez na vida. — As criadas devem ter truques... ou algo parecido.

— Você tem uma vassoura aqui? É um bom começo.

— Vassoura? Ah, sim. Sim, uma vassoura. Acho que tenho uma.

Robin desapareceu por um instante, e Cassie escutou uma grande barulheira.

— Droga! — ele gritou algumas vezes, sempre depois de ter derrubado e quebrado algo. Pouco depois, Robin voltou segurando uma vassoura.

— Tome.

Cassie hesitou antes de pegar a vassoura. Precisaria limpá-la antes de começar usá-la.

— Gosto de jantar às cinco horas — anunciou ele. — E fico muito irritado com atrasos.

— Eu também vou cozinhar para o senhor?

Robin pareceu se ofender com a pergunta.

— Sim! — gritou ele. — Em que está pensando, minha jovem? Que veio passar férias na minha casa?

Ela baixou a cabeça obediente, mesmo achando que o olhar de Robin não era muito intimidante.

— E o que o senhor gosta de comer?

— Peixe.

— E no café da manhã?

— Peixe. E é melhor você não comer muito. Não posso desperdiçar meu peixe com condenados famintos.

— Claro que não, senhor — resmungou ela.

Robin apertou-lhe a boca, forçando-a a levantar o rosto. Ele estudou os olhos verdes com atenção, como se estivesse se lembrando de algo.

— Agora estou me lembrando de você. Eu sabia que estava no último navio, mas não sabia que nos conhecíamos tão bem. — Ele lambeu os lábios. — Eu não dormi com você, não é?

Cassie não conseguia se mexer.

— O que foi? Perdeu a voz? Não se preocupe, vamos cuidar desse assunto hoje à noite. Está ansiosa para se deitar na minha cama?

Ele sorriu, sabendo que a jovem estava com medo.

— Você vai gostar — zombou Robin, soltando-a. Então ele se virou para pegar um copo de água.

— Sr. Carthage! — chamou ela, tentando pensar em uma desculpa para dar àquele homem asqueroso. — Eu... — O que faria um homem como ele mudar de idéia? — Eu tenho uma doença venérea.

Houve um terrível silêncio. Robin a olhava como se tentasse digerir a importância daquelas palavras. Por que ela lhe fornecera uma informação tão irrelevante?

— Não tem problema — disse ele. — Eu também tenho.

E Cassie teve certeza de que ele não estava brincando. Com o coração apertado no peito, ela começou a varrer o chão da casa do carcereiro.

Capítulo XII

Samuel Maddison sentia muita falta de sua irmã. Ele demorara muito tempo para admitir o fato, uma vez que sua família nunca fora muito unida. Na verdade, todos os membros pareciam gostar da ausência dos outros. Quando seu pai não estava, havia mais comida para todos. Quando sua mãe estava em um dos bailes que tanto adorava, havia menos conversa fútil entre eles. Samuel, como os outros, nunca tivera nada contra Cassie. Entretanto, o fato de sentir falta de uma pessoa tão próxima era um sentimento desconhecido. Quando Cassie foi presa, o primeiro pensamento que veio à mente de Samuel foi que ela tivera mais sorte do que ele. Conseguiu escapar primeiro. Só agora, algum tempo depois, ele estava sentindo o que era ter perdido uma irmã.

Cassie fora sua única amiga. Ele não tinha percebido que a irmã era amiga, não a chamava de amiga e não a tratava como amiga. Agora que ela não estava mais em casa e que sua ausência era notável, Samuel percebeu que ficara no meio de um hospício sem nenhuma enfermeira. Durante toda a vida ele pudera brincar com Cassie, contar-lhe piadas, reclamar sobre a falta de sorte da família. À jovem sempre coubera a árdua tarefa de cuidar da casa, permitindo aos outros desfrutarem um pouco da vida, apesar da situação delicada em que se encontravam.

E agora Samuel não tinha mais com quem contar. E tinha um assunto muito urgente para resolver, as contas que aumentavam a cada dia. Ele tentava compreender como Cassie aprendera a ser generosa no meio daquela família. Mas ela nascera com um grande coração. Sem Cassie não restara nem sombra de amor entre os familiares. E nem um pouco de amor na vida dele.

— Samuel! — gritou Sarah Maddison. — Samuel, meu filho, você viu o meu broche?

O jovem tinha vendido algumas das posses da família. O dinheiro do tio Egbert os ajudaria a sair da dificuldade, mas Samuel decidiu vender também algumas peças que considerava inúteis dentro da casa.

— Não vi não, mãe. Continue procurando, pois tenho certeza de que você vai encontrá-lo.

— Meu Deus! — lamentou ela, segurando o pesado vestido dourado. — Devo estar pronta dentro de uma hora!

Samuel olhou para a mãe, que parecia uma verdadeira boneca.

— Por que não coloca outra jóia? — sugeriu ele, em uma rara demonstração de misericórdia.

— E não o meu broche? — perguntou ela, horrorizada. — Não! De jeito nenhum! Se for colocar outra jóia, eu terei de trocar o vestido!

— Não acho que seja necessário. Por que não usa seu colar de pérolas? — Escutou-se um barulho a distância. — Fique calma, mãe. São os meninos. Eles devem estar brincando na copa.

A sra. Maddison ficou aliviada por não ser nada de anormal.

— Ninguém está cuidando deles?

— Não.

— Acho que vamos ter de contratar alguém — respondeu ela, depois de ter pensado um pouco no assunto.

— Impossível. Não podemos pagar.

— Certo. Se não podemos pagar, não podemos. Voltemos ao meu broche. Eu sei que o deixei na minha penteadeira algumas semanas atrás. Tentei me lembrar onde posso ter colocado esse broche, mas...

Samuel não agüentava mais.

— Mãe — começou ele, sabendo que sua confissão causaria uma tempestade.

Sarah continuou falando, ignorando-o.

— Mãe.

— Sim?

Com coragem, ele encontrou os olhos da mãe. Teria feito de tudo para não ter de lhe contar o que fizera, mas parecia que ela não se esqueceria do broche de jeito nenhum.

— Eu vendi o broche.

Uma rajada de vento preencheu o silêncio.

— Eu vendi o broche — ele repetiu.

— Como assim? — gritou ela, alto o suficiente para Samuel tapar os ouvidos. As bochechas dela ficaram vermelhas e seus olhos verdes, mais brilhantes do que nunca.

— Mãe, escute o que tenho a lhe dizer. Eu...

— Escutar? — interrompeu Sarah, furiosa. — Você sabe o que aquele broche significava para mim?

Samuel sentia-se horrível. Nunca teria vendido a peça se soubesse que era tão importante para a mãe. Mas, para ser bem sincero, ele não se lembrava de a ter visto usando a jóia antes.

— Era herança de família?

— Claro que não. A minha família nunca teve dinheiro ou jóias. Só que aquela esmeralda combinava com os meus olhos.

— Então é só isso, mãe? Combinava com seus olhos? Pode ficar sossegada que vou encontrar uma bijuteria que tenha o mesmo efeito.

— Você acha que vou usar bijuteria? — gritou ela. — Ah, meu Deus! O que eu fiz para merecer tanta desgraça? Primeiro, uma filha assassina, depois um filho ladrão.

— Não se esqueça dos dois vândalos na cozinha.

— Ainda por cima os meninos! Espere um instante! Não mude de assunto. Quero saber onde você vendeu o meu broche. Compre-o de volta o mais rápido possível.

— Com que dinheiro, mãe?

Sarah parou para pensar. Não sabia ao certo quanto dinheiro tinha, nem onde estava. Na verdade, nunca pensara no assunto.

— Bem, com o dinheiro que temos, Samuel. Vá procurar.

— Mãe — disse Samuel, levantando-se. — Nós não temos dinheiro. Nenhum.

— Não pode ser verdade.

— É verdade, minha mãe. Sei que você acredita que somos ricos, porém todos os

nossos fundos foram gastos. Não sobrou absolutamente nada e, se não tomarmos uma atitude bem depressa corremos o risco de perder a casa.

Samuel a observou com cuidado, temendo que a mãe não compreendesse a gravidade da situação. Ela ficou pensativa por alguns instantes, depois voltou a olhá-lo com teimosia.

— Não acredito. E o dinheiro que você disse que recebeu do seu tio?

— Esse dinheiro nos ajudará, mas não nos resolverá o problema.

— Mas e o meu broche? — perguntou ela, tocando o vestido sem nenhum enfeite.

— Sinto muito, mãe, mas o que você teria me respondido se eu tivesse lhe pedido algo para vender?

— Não sei!

— Está vendo? Por isso decidi cuidar sozinho do assunto. Achei que você nunca sentiria falta do broche. — Ele nunca se sentira tão adulto em toda a vida. Com Cassie em casa não havia motivo para agir como adulto. Agora, todavia, ele estava se tornando cada vez mais responsável pela família.

— Consiga o broche de volta.

— Mãe, se você está assim por causa de um broche, imagine o que vai sentir quando nos tirarem a casa.

— Impossível! — gritou Sarah. — Se a situação estivesse tão ruim seu pai teria me dito algo. Wilbert teria feito algo para remediar o problema.

Samuel soltou uma sonora gargalhada.

— Que pai?

Furiosa com o comentário, Sarah arregalou os olhos para o filho.

— Está bem, está bem, me desculpe. Só que ele não pára em casa para cuidar dos negócios da família.

— Ele cuida de longe — defendeu Sarah. — Wilbert é um homem muito ocupado.

— Sim, muito ocupado. Prefiro não discutir esse assunto. Mas saiba que ele não cuida nem de longe dos nossos negócios. Se um dia ele voltar para casa e não nos encontrar aqui, pode ter certeza de que virará a carruagem e procurará outro lugar para dormir.

A sra. Maddison quase engasgou.

— É verdade, mãe. Todos nós sabemos que ele não se preocupa conosco. E nós também não nos preocupamos com ele.

Ela deu um tapa no rosto do filho.

Samuel aceitou o golpe de olhos fechados e com a expressão paciente. Estava começando a aprender o que Cassie aprendera havia muito: que liderança significava lutar, e algumas vezes significava manter-se imóvel.

— Sinto muito, mãe, mas se esperarmos que o papai resolva nossos problemas, nós morreremos na pobreza. Estou tentando compensar a falta dele da melhor maneira que posso.

Samuel tomou a mão da mãe entre a sua, tentando acender o amor em seu coração como Cassie sempre fizera.

— Vá para a sua festa, mãe. E tente se divertir. Quem sabe você não encontra um homem interessante por lá — brincou ele.

Sarah fuzilou o filho com o olhar, mas preferiu ficar quieta, pois não queria continuar aquela discussão sobre pobreza e casamento fracassado. Então, na esperança de fugir das

agras da realidade, ela saiu para tentar se divertir um pouco.

Sozinho com os problemas do presente, Samuel sentou-se na namoradeira. Uma namoradeira? Será que algum dia saberia o que era amar uma mulher? Nunca nem cortejara uma jovem. Passara grande parte de sua existência dentro da propriedade da família, até o presente momento, quando tentava tirá-los do sufoco. Agora compreendia por que Cassie nunca tivera um pretendente. Ela entregara sua vida à família, justamente o que ele estava prestes a fazer.

Era muito triste saber que nunca conheceria a doçura do amor. Samuel não queria ser como o pai, infiel e distante da família. Se por acaso algum dia fosse abençoado com uma esposa, ele a trataria como uma rainha e jamais a deixaria para se deitar com outras mulheres.

Uma semana depois, ele escutou uma batida na porta de casa.

— Olá — disse a mulher mais linda que Samuel já vira na vida. — Sou amiga de Cassie, da Austrália. Estou procurando Samuel Maddison.

Malcolm não sabia para onde tinham levado Cassie. Perdido, ele andava de um lado para o outro na sala de estar de sua casa. Quando se cansou, foi para o escritório. Faith não sabia como consolar o patrão, pois estava tão desolada quanto ele. Quem sabia o que a jovem estaria enfrentando naquele momento? A nova família poderia surrá-la, deixar com que passasse fome, e o dono da casa poderia até levá-la para a cama.

— Posso lhe servir uma xícara de chá, doutor? — ofereceu ela, sabendo que não adiantaria dizer que tudo ficaria bem.

Malcolm balançou a cabeça, incapaz de falar. Andava impaciente de um lado para o outro, como um animal selvagem, pensativo. Não havia nada que pudesse fazer. Absolutamente nada. Se pelo menos alguém lhe dissesse onde Cassie estava... Ela podia estar em qualquer lugar. Nem trabalhar ele tinha ido, e Faith notou que os sentimentos do patrão pela jovem eram realmente sinceros e verdadeiros. Esperava que o dr. Rutherford tivesse se apaixonado. Cassie era uma boa garota, muito diferente das mulheres com as quais ele estava acostumado. O pensamento de que a jovem talvez pudesse salvá-lo das garras de Priscilla tornava ainda mais difícil aceitar que ela se fora para sempre.

— Não é justo tratar uma jovem como escrava, passando-a de um dono para outro — lamentou Faith. — Não é certo.

Malcolm lançou um olhar condescendente para a cozinheira. Em seguida, continuou a caminhar. Uma batida na porta fez com que Faith saísse do escritório.

— Pois não? — começou ela, abrindo a porta para se deparar com Priscilla. — O doutor a espera?

— Não — respondeu ela, erguendo o queixo, gesto que aprendera com a vida dura

que levava. — Mas eu quero vê-lo.

Faith abriu mais a porta e permitiu-lhe que entrasse.

— Por aqui.

— Eu conheço o caminho.

— Eu tenho ordens expressas de acompanhar todos os visitantes até o escritório — respondeu Faith, irritada. A última coisa que o dr. Rutherford precisava naquele momento era ser importunado por uma visita daquela mulher.

— Dr. Rutherford, há uma visita — disse ela, entrando no escritório do patrão.

Por que ela resolvera aparecer justo naquela noite?

— Priscilla, não é uma boa hora para visitas.

Ela tirou o casaco com movimentos sensuais, revelando um vestido preto que acentuava suas formas arredondadas. Os cabelos negros estavam soltos e brilhantes, realçando ainda mais os olhos violeta.

— Quero conversar com você — começou ela, diminuindo a distância entre ambos.

Priscilla afagou o lábio machucado do médico.

— Eu achei que tivesse colocado um ponto final na nossa história.

— O que eu fiz para irritá-lo dessa maneira, Malcolm? — perguntou ela, cruzando os braços.

Não queria ter aquele tipo de conversa com Priscilla. Consequia pensar apenas em Cassie.

— Priscilla, você não fez nada para me irritar. Como já disse antes, eu decidi que não quero me casar por conveniência. Não costumo quebrar promessas, porém, decidi que nós dois merecíamos um casamento verdadeiro. Você é uma mulher muito bonita e encontrará alguém que realmente a ame. Eu... Eu gosto de você, mas nunca existiu amor entre

nós.

Priscilla podia escutar as palavras não ditas naquele discurso. Cassie. Tudo envolvia Cassie.

— Soube que sua criada foi transferida. Sinto muito.

— Como você soube? — Malcolm a olhou com suspeita.

— Faith me contou — mentiu ela.

— Obrigado pela preocupação — murmurou o médico, temendo perder a voz.

— Ela era uma jovem muito bonita, não é, Malcolm? — Priscilla apoiou-se em um dos quadris para ressaltar seus atributos.

Malcolm percebeu a tática, porém não sentiu nenhum tipo de desejo.

— Sim, ela é muito bonita. — Como conseguiria explicar para Priscilla que não eram os cabelos loiros, nem os olhos verdes que o encantavam? Como poderia lhe explicar que Cassie o transformara em um homem virtuoso novamente? Um homem capaz de confortar, um homem forte e... amável, como ela mesmo dissera. Cassie precisara dessa amabilidade e acreditava nesse sentimento. Acreditava que havia algo de bom por trás daquele rosto duro. Priscilla, por sua vez, gostava dele pelos mesmos motivos que ele

gostava dela: ele podia ser malvado e selvagem e, juntos, os dois mergulhavam em um mundo de escuridão só deles. Era uma grande diversão, pensou Malcolm. Só diversão. Nada mais.

— Muito bonita — ele repetiu.

— Mas ela não merecia um homem como você.

— Priscilla, por favor... Não comece.

Malcolm não estava com humor para ser seduzido.

— Não comece o quê? — perguntou, fazendo-se de desentendida. — Estou apenas tentando ajudar.

— Não tente. Deixe-me em paz — pediu ele, virando-se para a janela, como se dentro de seu ser houvesse uma pequena esperança de vê-la caminhando pelo jardim.

— Ela está bem — garantiu Priscilla.

Ao ouvir aquelas palavras, o coração de Malcolm disparou. Ele tinha certeza de que Cassie não estava nada bem. E muito menos ele.

— Calma, Malcolm, não é o fim do mundo — disse ela, torcendo desesperadamente para que não fosse verdade, que Malcolm não estivesse tão apaixonado a ponto de achar que a perda da jovem fosse o fim do mundo. — A criada foi apenas transferida. Ela não foi morta.

Malcolm teve uma visão que tentara evitar o dia todo. A imagem de Cassie dormindo em uma cama estranha, de a estarem violentando. Um carcereiro sem coração segurando-a com firmeza contra a cama, vendo as lágrimas rolarem pelo lindo rosto e não sentir o menor remorso. E não haveria ninguém para protegê-la.

— Você não sabe o que é ser um condenado — ele disse a Priscilla, exteriorizando um sentimento jamais revelado. — Você não sabe como somos tratados. Você não sabe como as pessoas nos enxergam. Acredite em mim, Cassie preferiria morrer esta noite.

Priscilla sentiu ter aberto uma brecha entre ambos. Era verdade, ela não era condenada. Todavia, sentia uma grande vergonha por ser prostituta. Será que Malcolm achava que ela não sabia o que era ser tratada como um animal?

— Como ousa dizer isso? — gritou ela, realmente incomodada. — Como você pode dizer que... que aquela jovem, que deve ter vivido em grande estilo durante toda a vida antes de ser presa, sabe mais do que eu sobre dor e ostracismo? Como, Malcolm? Como?

Havia grande sinceridade no tom de voz de Priscilla.

— Priscilla, você não entendeu direito — desculpou-se o médico, chegando mais perto. — Sei que a sua vida sempre foi muito dura, mas a vida de um condenado é bem diferente

dos pobres e oprimidos. A sociedade quer nos ver pelas costas.

Saciada com aquelas palavras, Priscilla agarrou-se a um fio de esperança. Malcolm estava olhando para ela agora, e não para Cassie. Ela o amava tanto que não perderia a oportunidade de chamar sua atenção.

— Nós temos tanto em comum — disse ela, quase em desespero. — Você subestima a nossa compatibilidade.

Malcolm não sabia como responder.

— Que compatibilidade?

— A compatibilidade que existe entre nós! — ela gritou furiosa. — Malcolm, não venha me dizer que nunca percebeu nada. Sei que nunca tivemos um relacionamento normal, que nós dois somos avessos às formalidades. Mas você já se esqueceu o quanto é bom quando estamos juntos? Não ouse negar. Quando fazemos amor, há algo além do desejo.

E você sabe muito bem disso.

Malcolm engoliu em seco. Priscilla era encantadora. Entretanto, só conseguia pensar em Cassie.

— Você tem razão — desconversou ele. — Pode ser que haja algo a mais entre nós. Prometo que vou pensar no assunto, mas antes preciso encontrar Cassie.

Aquelas palavras a deixaram furiosa.

— Boa noite! — vociferou ela, e saiu correndo, deixando-o sozinho com suas lembranças.

Capítulo XIII

Cassie tinha limpado o chão da casa o suficiente para que se conseguisse andar sem tropeçar. Ela sabia que poderia ter feito um trabalho melhor, porém não tinha a menor motivação. Fizera o suficiente para evitar apanhar.

— Está ótimo! — exclamou ele, nunca tendo visto sua casa tão limpa.

— Fico contente que o senhor tenha gostado.

Ele não queria mostrar-se contente. Uma criada não deveria saber que estava indo bem. Acabaria com sua motivação de aperfeiçoar seu desempenho.

— Entretanto, você precisa aprender a cozinhar melhor — acrescentou ele, depressa. — O peixe estava muito duro. Não o cozinhe demais.

Robin a olhava de um jeito tão estranho que ela ficou nervosa.

Quando estendeu o braço para afagar-lhe o rosto, Cassie se afastou com o corpo todo arrepiado. O fato não ajudou, uma vez que as mulheres costumavam responder daquela

maneira aos toques dele. E Robin precisava que ela reagisse como um animal selvagem tentando se libertar.

— Você tem olhos estranhos — comentou ele, engolindo em seco.

Cassie tremia tanto que precisou cruzar os braços para disfarçar. Seus joelhos também tremiam, e ela teve medo de perder o equilíbrio.

— Nunca vi olhos assim.

Mais uma vez ela não respondeu, apenas baixou o rosto.

Robin chegava cada vez mais perto. O silêncio da jovem servia como aliado. Era fácil imaginar que ela não conseguia falar, que não era esperta o suficiente para dizer uma única palavra.

Apenas um animal assustado, disse ele a si mesmo. Não era uma mulher de verdade.

— Qual foi seu crime? — perguntou ele. — Por que a mandaram para a Austrália?

Cassie virou o rosto. Não queria ter aquele tipo de conversa com Robin.

— Responda! — ordenou ele.

— Ass... Assassinato — gaguejou Cassie.

Triunfante, ele sorriu.

— Então é por esse assassinato que você vai pagar essa noite. — Ele apertou-a pela cintura, pressionando o delicado corpo contra o seu.

— Você não é Deus! — gritou ela, tentando se soltar. — Você não é meu executor!

— Cassie o empurrou com toda sua força, irritando-o mais e mais.

— Você não é nada! — berrou Robin. — Você é o lixo da humanidade! Você é uma desgraça!

— Eu sou um ser humano — defendeu-se ela, lutando para se desvencilhar.

— Você é uma assassina!

— Ainda assim sou humana!

Houve uma batida na porta. Cassie sentiu um grande alívio por se ver livre das garras daquele verme. Ela conseguiu se endireitar e ajeitar o vestido que Robin tentara rasgar e correu para abrir a porta.

Nunca sentiu tanta alegria por poder usar suas pernas e braços.

Cassie respirou fundo e abriu a porta. E quase caiu para trás com o que viu. Era Priscilla.

— Interrompi alguma coisa? — perguntou Priscilla, notando o vestido amassado de Cassie. Também conhecia o olhar de um homem com desejo. E Robin estava com esse olhar.

— De forma nenhuma — negou ele, beijando a mão de Priscilla com seus lábios úmidos.

— Fico contente em saber que sua criada está se acostumando com o trabalho — provocou ela, olhando para Cassie com um ar ameaçador.

— Não se preocupe com ela — disse Robin. — Vamos ter um pouco de privacidade. — Ele a guiou para seu quarto. — Cassie! Termine de limpar a casa e não ouse nos interromper!

A jovem não conseguia entender o que Priscilla estava fazendo ali. Imaginou que ela apenas encontrara um novo amante agora que Malcolm terminara o noivado. Mas como

conseguia mudar com tanta facilidade de um homem para outro?

E era muita coincidência a mesma mulher estar envolvida com seu seus dois patrões. A menos, pensou Cassie, que Priscilla se deitasse com todos os homens. Nesse caso, não haveria nenhuma coincidência. Na verdade, quanto mais Cassie pensava, mais acreditava que essa era a melhor explicação. Mesmo assim, não conseguiu afastar a sensação de desconforto. Será que estava sendo seguida por Priscilla? Por quê?

Ela voltou a limpar a casa entretida em seus pensamentos.

Naquele instante, Cassie não estava se importando com a sujeira sob sua vassoura, pois por mais árdua que fosse a tarefa de limpar aquela casa imunda, era bem mais agradável

do que a idéia de estar nos braços de Robin. Horas atrás, a faxina lhe parecera algo insuportável, mas agora começava a gostar da idéia desde que conseguisse ficar afastada das garras de seu novo patrão. Era espantoso como a felicidade era relativa. Por ora, a vassoura era sua melhor amiga, pois a mantinha afastada de Robin e, se se concentrasse direito, talvez conseguisse se esquecer um pouco de Malcolm.

Priscilla sempre gostara de Robin como amante. Ele tinha um toque forte e direto, não tão provocante quanto o de Malcolm. Porém, tinha um corpo maravilhoso. E quando estava bem-humorado, era uma companhia muito divertida.

— Sentiu minha falta? — perguntou ela, fazendo um biquinho.

— Você não imagina o quanto. Faz muito tempo que você não me faz uma visita.

— Estive muito ocupada — disse Priscilla, virando-se na cama para se apoiar no cotovelo.

Robin se achava um homem muito bonito. Não nascera em berço de ouro, mas fora presenteado com o dom de conseguir levar a mulher que quisesse para sua cama. Sabia que elas gostavam de seus olhares severos e se aproveitava disso.

Sempre soubera que fazia sucesso com o sexo oposto. E ele só compreendeu o que as mulheres sentiam quando estavam em sua companhia quando conheceu Priscilla. Fora atração imediata. Sim, Robin sabia quem ela era, que já dormira com mais da metade dos homens de Sydney. Todavia, ele não se incomodava, desde que continuasse nessa lista.

— Venha cá — chamou ele, puxando-a para um beijo ardente. — Senti muita saudade.

Quando conseguiu recobrar o fôlego, Priscilla sorriu. Ele tinha um abraço tão apertado que chegava a ser desconfortável, e seu beijo era direto, como se não fosse um ato de sedução, e sim mera formalidade. Ela sabia que Robin só gostava de uma parte do ato de amor, mas ainda não tinham chegado lá. Priscilla afagou-lhe o rosto, encantada com tanta

beleza. O carcereiro sorriu, aguardando o próximo passo de sua calorosa amante.

— O que você acha de Cassie? — perguntou ela, deixando-o desapontado.

— De quem? — Robin se esquecera da nova criada. — Ah, sim, a criada. Como assim, o que eu acho dela? — Precisamos realmente conversar sobre esse assunto?, seria a próxima pergunta, mas ele não se atreveu a perguntar pois conhecia o temperamento explosivo de Priscilla.

— Bem... — começou ela, brincando com uma mecha de cabelo de Robin, um carinho que não o agradava muito. — Você a considera uma mulher bonita?

— Não tão bonita quanto você.

— Está falando sério?

— Claro, minha querida — respondeu ele, maravilhado com os exóticos olhos violeta.

Priscilla acreditou em Robin.

— Então o que há nela? — Priscilla não se deu conta de que revelara seus pensamentos em voz alta. — Quero dizer, você a acha sedutora?

Robin demonstrou-se incrédulo.

— Priscilla, minha querida, ela é uma condenada. Eu a vejo como uma prisioneira. Nada além.

A jovem frustrou ainda mais seu amante ao se levantar da cama e seguir até a janela.

— Eu conheço um homem que está perdidamente apaixonado por ela — anunciou ela.

— Sério? Você só pode estar brincando. Aqui em Sydney? Como ela pode ter conhecido alguém nessa cidade sendo uma condenada?

— Os detalhes não são importantes, mas eu sei que vou enlouquecer se não descobrir o motivo.

Robin dedicou um pouco mais de interesse ao assunto.

— Eu não sei o que pode ser. Talvez ele goste da aparência irlandesa da jovem.

— Não, não pode ser algo tão simples. Este homem... Ele é muito estranho.

Ansioso por mudar de assunto o mais depressa possível, Robin se levantou e abraçou-a pela cintura.

— Talvez ele tenha um encanto por mulheres acorrentadas — brincou ele, mordiscando-lhe a orelha.

— O que você disse? — perguntou ela, arregalando os olhos.

— Estou brincando. Foi só uma piada.

— Não foi não. Sabe que você pode ter razão? Sim, claro que você tem razão. É a vulnerabilidade, não é? O fato de ela precisar de cuidados?

— Como você quiser — continuou Robin, puxando-a mais para perto.

— Faz sentido — concluiu Priscilla, ignorando-o. Sim, fazia sentido, levando em consideração o que conhecia de Malcolm. Acreditava que o médico amava a criada por virtudes que ela jamais teria.

Houve um estrondo do lado de fora do quarto. Impaciente, Robin soltou-se dos braços da amante e saiu correndo do quarto para ver o que tinha acontecido. Assustada, Priscilla foi atrás, mas demorou a voltar à realidade, de tão entretida que estava com seus pensamentos. Nada de mais. Cassie apenas quebrara um vaso de vidro. Ela tinha acabado de se virar para voltar para a cama quando escutou Cassie gritar.

Robin a chacoalhava com violência.

— Como pôde ser tão estúpida?

Priscilla o olhou com desdém.

— É realmente tão importante, Robin? — Estava ficando tarde e ela queria terminar logo seu assunto com ele para voltar para casa. Priscilla nunca passava a noite na casa de um homem. Sua cama era seu maior luxo.

Ele pareceu não escutar o comentário e continuou apertando e balançando-a com força.

— Sabe quanto custou esse vaso? Sabe o valor dessa peça? Bem, saiba que vale

muito mais do que você! Como vai me pagar o prejuízo? Esse vestido vale algum dinheiro? — perguntou Robin, tocando o tecido da saia dela. — E seus cabelos? Eu posso cortá-los e tentar ganhar algum dinheiro.

Cassie tentava manter o orgulho. Parecia uma mártir, aceitando o fato de que seria surrada e simplesmente torcendo para que tudo terminasse depressa. Todo seu corpo tremia, e ela lutava contra as lágrimas. E Robin gritava cada vez mais alto, cada vez mais furioso. Quando levantou a mão para acertar o primeiro golpe na jovem, Priscilla segurou-lhe o braço.

— Qual é o seu problema? — perguntou ela, olhando-o com seriedade.

Robin olhou para a criada, que estava com os olhos fechados, esperando o golpe. Depois voltou-se para Priscilla, cuja expressão estóica o aconselhava a não fazê-lo. Imediatamente, ele soltou Cassie e voltou a atenção para a mulher que tanto adorava.

— Sinto muito, minha querida. Eu me esqueci de que você estava aqui. Desculpe por tê-la feito testemunhar tal cena.

Priscilla sorriu com maldade, balançando a cabeça para os lados.

— Seu tonto! Não percebeu que está se desculpando comigo por quase ter matado outra pessoa?

Robin não entendeu a brincadeira.

— Sinto muito, meu amor. Você é convidada aqui e não precisa passar por esse tipo de situação. Não foi cavalheiro de minha parte.

Priscilla riu mais uma vez.

— Cavalheiro? Acho que você é o primeiro homem que fala em cavalheirismo comigo. Pena que esteja brincando.

— Não estou brincando — jurou ele. — Eu não costumo agir assim. Não na frente de uma dama.

Priscilla suspirou e, pela primeira vez, lançou um olhar compreensivo para Cassie.

Robin se serviu de uma dose de uísque e abraçou Priscilla pela cintura, empurrando-a para o quarto.

Capítulo XIV

Cassie passou uma noite terrível na sala, virando-se de um lado para o outro sobre a pilha de mantas. De certa forma, ela acreditou que Robin fosse obrigá-la a dormir em sua cama, mas pelo visto ele preferia dormir sozinho. O incidente do vaso não saía de sua cabeça. E o que a incomodava mais não era o fato de ele a ter chacoalhado com tanta força ou de ter gritado como um louco, mas sim saber que aconteceria de novo. Não se havia como viver sem cometer erros. E sabia que seria punida por isso. Entretanto, ela não teria sempre Priscilla por perto para vir em sua defesa. — Ela olhou para o teto, sentindo-se muito sozinha. E também assustada. Robin não a deixaria em paz enquanto não conseguisse levá-la para sua cama. Como seria se deitar com aquele homem tão nojento,

pensou. Com Malcolm fora algo fora do normal, extraordinário. Sentira-se mais viva do que nunca, o coração batendo forte no peito, sensações conflitantes que faziam seu corpo todo tremer. Malcolm fora muito gentil e carinhoso. E Robin não seria. Ela quase não suportava pensar em Malcolm. Todas as vezes que se lembrava da noite em que declarara seu amor ao ex-patrão, ela sentia uma grande vergonha, uma sensação de impotência. Uma certeza Cassie tinha: ainda amava aquele homem. E sentia falta dele como jamais sentira falta da família. Mas ela jurou que jamais diria seus sentimentos para alguém novamente.

Se pelo menos tivesse conseguido manter seu amor em segredo, Cassie poderia continuar a admirá-lo de longe, e essas lembranças não seriam manchadas por sua vergonha.

Robin acordava cedo demais. Não que Cassie se importasse em levantar cedo, porém ele decidira que o melhor horário para pescar era antes do amanhecer. Sendo assim, ela lhe preparava o café da manhã em um estado de sono incontrolável. Quando ele voltava, ela era obrigada a limpar o peixe.

Naquela manhã, Cassie parecia ter areia nos olhos enquanto limpava o peixe. Não estava conseguindo agüentar o trabalho pesado dormindo e comendo tão pouco. Robin fora categórico em relação à quantidade de comida da criada. Estava ajoelhada em frente à casa, olhando para o mar quente e azul, mantendo-se distraída da terrível tarefa.

De repente, ela olhou para a faca que segurava nas mãos, brilhando contra o sol, como se oferecesse uma silenciosa esperança

Cassie fechou os olhos e respirou fundo, juntando toda sua coragem. Sabia o que tinha de fazer. Seu coração se inchou com a possibilidade de liberdade, de poder controlar seu próprio destino novamente. Suas mãos tremiam de antecipação diante do que teria que fazer para conseguir a tão sonhada liberdade. Ela esperaria até que Robin estivesse prestes a voltar para casa. E não usaria a faca, mas sim uma corda. Uma corda e uma árvore seriam o caminho de sua independência.

Quando Robin voltou, ele foi recepcionado com um grito. Cassie estava deitada em uma pose estranha, toda contorcida. Seu rosto revelava a dor que sentia.

— Ajude-me!

— O que você fez? — perguntou ele, agindo como um cavalheiro insensível quando lhe solicitavam ajuda.

— Minha perna! Eu quebrei a perna! — berrou ela, tocando-a de leve. — Preciso ir para o hospital!

Robin não estava disposto a sair. Tinha acabado de voltar da pescaria, e tudo que mais queria era um banho e uma refeição gostosa.

— Quem sabe eu não consiga colocá-la no lugar — sugeriu ele, apesar de nunca ter feito algo parecido antes.

— Não! Precisa ser tratada por um médico — insistiu ela, tentando se mexer. — Ai! Se eu não for socorrida, talvez nunca mais consiga trabalhar.

Essa afirmação causou-lhe certa preocupação. Ele olhou para as varas de pesca,

depois para sua modesta casa, que oferecia tão pouca proteção dos ventos. Não teria uma refeição quente e nem banho por enquanto.

— Está bem, entre na carroça — resmungou Robin, irritado. — Vou levá-la para o hospital.

Cassie umedeceu os lábios com paciência forçada.

— Eu... eu não consigo andar.

Ele blasfemou, incapaz de acreditar que, como patrão, teria de pegar a criada no colo e colocá-la dentro a carruagem. Era demais! Robin segurou-a pelo braços e jogou-a dentro do veículo sem a menor preocupação com a perna machucada. Cassie cerrou os dentes para controlar a dor lancinante. Não imaginara que pudesse doer tanto. Todavia, quando os cavalos começaram a andar, o momentâneo arrependimento passou. Tinha conseguido. Tinha conseguido se salvar. E não havia nada mais maravilhoso para um prisioneiro do que encontrar coragem para tomar uma decisão.

A decisão correta.

Foi uma bênção para Cassie ter chegado quase inconsciente ao hospital de Sydney. Se Robin fosse um homem simpático, ele a teria advertido sobre o que a esperava. Os gritos dos pacientes eram ensurdecadores. Eram gritos desesperados, de pessoas que não queriam morrer. Uma perna quebrada era algo relativamente fácil de tratar, mas todos sabiam que quem entrava no hospital da cidade para cuidar de uma doença mais grave não saía de lá. A quantidade de pessoas que morriam era tamanha que havia uma série de corpos inertes amontoados à entrada. Eles não tinham como enterrá-los tão depressa.

Cassie quase não decifrava as falas das pessoas a sua volta.

— Leve-me para casa. Eu não quero morrer!

O cheiro do hospital lhe causava enjôos. Sujeira e pessoas mortas por todo o lado tornavam o ambiente insuportável. Era tão forte que Cassie foi obrigada a respirar somente pela boca, temendo vomitar.

Ela foi colocada em uma maca, imunda com o sangue do último paciente. Robin a deixou ali sozinha, completamente abandonada e entregue ao destino. A dor era tanta que não conseguia nem raciocinar direito.

Um médico estava lhe perguntando alguma coisa.

— Ela entrou em choque?

Cassie observava a preocupação do médico, porém não conseguia responder. Mesmo assim, ela insistiu em mexer os lábios, certa de que uma força invisível a ajudaria a falar.

— Malcolm. — O médico não a escutou. — Malcolm — repetiu ela. — Dr. Rutherford!

— O que você disse, minha filha?

Cassie transpirava sem parar e não tinha consciência de estar balançando a cabeça para os lados.

— O dr. Rutherford é... Ele é o meu médico.

— Não faz sentido, jovem. Ele não faz visitas em casa.

— Eu preciso falar com ele! — implorou Cassie. — Malcolm! Malcolm! — ela repetia sem parar.

O médico olhou para a enfermeira.

— O dr. Rutherford está em cirurgia?

— Sim.

Ele suspirou.

— Bem, então vou ter de cuidar dessa perna sozinho.

— Não! — gritou Cassie. — Preciso do dr. Rutherford!

— Fique quieta — ralhou o senhor. — Eu lhe direi que você o chamou. Agora tente ficar quieta.

Ele levantou-lhe a saia sem o menor rodeio, revelando a perna quebrada. Quando o médico começou a mexer, ela deu um grito que ecoou por todo o hospital. E então ela perdeu os sentidos.

Quando despertou, Cassie encontrou o par de olhos mais lindos que já tinha visto na vida. Os olhos a fitavam com preocupação. Ela não conseguiu resistir ao desejo de levantar a mão e tocar o rosto dele. Malcolm beijou a mão da jovem e colocou-a de volta na cama. Apesar de estar coberta, Cassie sentia um enorme frio. Ela sentia-se segura ao lado do dr. Rutherford. O seu dr. Rutherford.

— Malcolm — murmurou ela.

— Conte-me o que aconteceu — ordenou ele. — Aonde ele a levou? — Malcolm tentava não demonstrar a preocupação que o corroera nos últimos dias.

— Malcolm... — Cassie fechou os olhos. — Robin... Robin Carthage. Fui levada para a casa dele e...

Ele enxugou a lágrima que se formou no olho de Cassie com ternura.

— Foi ele que quebrou sua perna?

— Não — choramingou ela, engolindo o choro. — Eu quebrei a minha perna. Eu precisava vê-lo, Malcolm. Precisava lhe pedir ajuda.

Ele a interrompeu antes que os soluços comessem. Não poderia suportar. Malcolm tomou-a nos braços e segurou-a contra seu peito.

— Não chore, Cassie. Por favor. Agora conte-me o que aconteceu.

— Malcolm... Ele... Ele quase me bateu só porque eu quebrei um vaso. Foi sem querer, mas Robin ficou enlouquecido. — Ela fungou outra vez. — E ele também tentou me... Ah, Malcolm, eu não posso lhe contar. Tenho vergonha. Eu...

O médico escutava as frases entrecortadas com um brilho mortal nos olhos. Seu interior estava em polvorosa. Achava que sabia quem era Robin Carthage, e precisava saber o que

acontecera exatamente, o que magoara Cassie o suficiente a ponto de fazê-la acreditar que uma perna quebrada seria menos doloroso. Ah, como queria matar aquele homem! E

quanto mais escutava, mais nervoso ele ficava. Mas tinha de proteger Cassie de seu nervosismo.

— Tudo vai ficar bem — acalmou ele, apesar de estar desesperado por mais

detalhes. Queria saber o que ele tinha feito, para que quando matasse o sr. Carthage, soubesse exatamente o que estava fazendo. Entretanto, não podia pressionar Cassie por mais informações. Não perguntaria a uma dama se ela tinha sido violentada. Não a obrigaria a passar por uma situação tão delicada. — Ninguém vai machucá-la aqui. — Cassie se acalmou um pouco, e ele enxugou-lhe o suor na testa. — Vou cuidar para que ninguém se aproxime de você.

Cassie respirou profundamente, aliviada, e encontrou coragem suficiente para se soltar dos braços do homem que tanto amava. Ela sentou-se na cama e levantou o cobertor para examinar sua perna.

— Não faça isso — ordenou Malcolm, cobrindo-a outra vez. — Você está em estado de choque e ainda sente calafrios. Não ouse tirar esse cobertor de cima da sua perna. Agora eu sou o seu médico, está bem?

Ela sorriu, mas não estava feliz.

— Existe alguma forma de você me ajudar, Malcolm? Quero dizer, depois que eu sair daqui?

— Uma certeza você pode ter Cassie, eu não permitirei que você vá a lugar algum tão cedo. Vou assumir seu caso, ou seja, você só poderá sair daqui quando eu lhe der alta. Depois, eu ainda não sei. Não se preocupe, eu não vou lhe dar alta enquanto não tiver certeza de que você estará a salvo.

Aliviada, Cassie fechou os olhos.

— Então... Então você acha que eu agi certo?

— Como médico? — Ele sorriu. — Como médico eu sugeriria às pessoas que não quebrassem suas próprias pernas.

Cassie encontrou forças para rir.

— Entretanto, como homem, eu tenho de admirar sua coragem e perspicácia.

— Eu sempre estou a sua volta como uma criança desamparada — comentou ela, cabisbaixa. — Você me resgatou tantas vezes que eu até perdi a conta. E por mais que lhe seja eternamente agradecida, eu me sinto impotente.

— Eu também já me senti assim, Cassie. A prisão incita a impotência. Você fez certo por ter vindo me procurar.

— Eu nunca me senti desamparada antes, sabia? — contou ela, vulnerável. — Eu sempre fui o porto seguro da minha casa.

Pensativo, Malcolm a estudou.

— Não tenho a menor dúvida. Você é uma mulher de muita coragem e garra, Cassie.

— Malcolm, se um dia não me restasse outra alternativa a não ser implorar pela caridade de uma pessoa, só poderia ser você, Malcolm. Eu nunca conheci um homem tão bom.

Cassie conseguiu tocar o coração do médico de uma maneira muito dolorosa. Ele não se permitia ser chamado de bom. Malcolm sabia que era um pecador, um vilão, e não se enxergava de outra forma. Em contrapartida, quando estava perto de Cassie, ele sentia-se um cavalheiro. Só quando estava com ela. Algo dentro dele começou a derreter, e ele

achou melhor sair dali antes de desabar. Queria ajudar Cassie, e não perturbá-la ainda mais.

— Obrigado — disse ele, endireitando-se.

— Estou falando sério, Malcolm.

Ele viu nos olhos de Cassie que era verdade. E queria acreditar junto com ela que era um homem bom e virtuoso. Ele quase dissera: eu só sou um homem bom quando estou com você, e eu te amo por isso. Entretanto, Malcolm se levantou e se recompôs depressa.

— Bem, eu... preciso cuidar dos outros pacientes. Voltarei assim que possível.

Cassie cruzou os braços. Mais uma vez tinha falado demais. Ela o afastara como sempre fazia. Aborrecida, Cassie deitou a cabeça no travesseiro e fechou os olhos para tentar dormir um pouco.

Era tarde da noite quando ela abriu os olhos novamente e viu a sombra. Estava do lado de fora da janela do hospital. Um arrepio percorreu-lhe a espinha. Não tinha a menor dúvida a respeito. Havia alguém do lado de fora, seguindo-a.

Capítulo XV

— Ela fugiu! — gritou Priscilla, entrando em casa. — Acabei de ir até a casa de Robin e não encontrei ninguém! Miles, eu não tenho culpa. Eu fiz tudo conforme combi-namos. Mas a carroça não estava lá, Robin não estava lá, Cassie não estava lá. — Ela estava furiosa por Cassie estar lhe causando problemas com Miles. Naquele momento, não se importaria se a jovem fosse assassinada.

— Está tudo bem.

— Não posso acreditar que a perdi de vista! — continuou ela, tentando impressionar Miles com sua própria ira com a intenção de minimizar a dele. — Eu achei que ela jamais

sairia daquela casa! O que você disse?

— Eu disse que está tudo bem — repetiu ele, concentrado na brasa de seu cigarro. Os olhos castanhos brilhavam com a parca luz. — Eu soube que ela sofreu um acidente. Ela

está no hospital.

— É mesmo? — perguntou Priscilla, desconfiada. — Então ela está segura?

— Por enquanto. Mas não à noite, quando a maior parte da equipe vai para casa.

— Nesse caso, é melhor irmos para o hospital antes que o sol se ponha.

— Eu cuidarei para que a área esteja livre — confirmou Miles. — E você entra.

Um aceno de cabeça selou o plano.

Cassie não conseguia mais dormir, pois tinha visto a sombra mais uma vez. Já não acreditava tratar-se de um animal selvagem ou de sua imaginação. Alguém a estava

seguindo. Suas mãos e pernas tremiam embaixo do cobertor, e não era apenas o frio. Os gemidos dos pacientes moribundos eram sinistros. Malcolm de certo tivera muito trabalho, pois não voltara para vê-la. Havia poucos médicos no hospital, bem como enfermeiras. A maioria deles tinha ido para casa. Sim, havia muita gente a sua volta, mas o que um enfermo poderia fazer para ajudá-la se fosse atacada? O barulho de ratos ecoava pelos corredores vazios. Cassie levou o cobertor até o queixo, torcendo para que nenhum bichano entrasse na sua cama.

Ela precisava dormir. Não fazia sentido estar sendo seguida por alguém. Não devia se preocupar com algo que não podia controlar. Cassie esperava ficar o máximo de tempo possível naquela cama de hospital. E não podia passar noites sem dormir. Teria que se obrigar a pegar no sono. Ela fechou os olhos e tentou concentrar a mente em pensamentos tranquilos. Cascatas. Jardins de flores. As brincadeiras de seu irmão Samuel. O cheiro de grama na chuva. A neve branca na manhã de Natal. Sua boneca predileta. Anna, era o nome dela. Uma boneca de porcelana com cabelos dourados. Chocolate. Ah, como adorava chocolate! Um pôr-do-sol na floresta. Ventos de verão que lhe despenteavam os cabelos.

— Aí está você — disse uma voz impiedosa.

Cassie abriu os olhos e avistou Priscilla parada ao lado de sua cama.

— O que você...

Priscilla não a deixou terminar. Enfiou um pedaço de pano na boca dela e deixou-a sob os cuidados de um senhor de cabelos grisalhos. Depois de lhe amarrar os pulsos, ele a colocou no ombro. Cassie tentava se soltar de todas as maneiras, mas não podia gritar.

— Cale a boca! — ordenou Priscilla, quando por fim Cassie conseguiu emitir um som. — Você não entendeu? Nós fomos contratados para salvar sua vida.

Cassie foi solta assim que a colocaram na carruagem. Sua boca também ficou livre, mas ela não sabia por onde começar suas perguntas.

— Como você... Por que salvou a minha vida? Quero dizer...

— Não podemos colocar a mordaca de volta? — perguntou Priscilla, impaciente.

— Seja amável — advertiu Miles. — Cassandra, nós não tínhamos a intenção de assustá-la, porém não podíamos nos arriscar enquanto a tirávamos do hospital e também não podíamos ficar o suficiente para lhe dar uma explicação.

A perna de Cassie latejava de tanta dor. Além disso, estava com muito frio.

— Aonde estamos indo?

— Para a minha casa — respondeu Miles.

— É a minha casa — corrigiu Priscilla, com amargura. — Por que você insiste em achar que é sua?

Miles riu, divertido com a idéia de ser contradito. Estava sendo cordial, afinal de contas queria que Cassie tivesse uma boa impressão a seu respeito.

— Ela tem razão. Estamos indo para a bela residência de Priscilla.

Cassie, por sua vez, tinha assuntos bem mais importantes em sua mente.

— Por que vocês me tiraram do hospital?

Priscilla e Miles trocaram olhares, como se estivessem decidindo quem começaria a

contar a história por trás do rapto. — Bem, não temos tempo de entrar em maiores detalhes — começou Miles. — Priscilla e eu ainda não tivemos tempo de descansar, pois não imaginamos que você fosse parar no hospital.

Paciente, Cassie esperou que ele continuasse.

— O ponto principal da história é que você está sendo perseguida.

— Eu já imaginava — interrompeu Cassie —, pois estava vendo sombras.

Mais uma vez, Priscilla e Miles trocaram olhares, dessa vez de cautela.

— Entendo. Não é uma boa notícia. Na verdade, não achávamos que o assassino conseguisse chegar à Austrália. Não é fácil contratar um assassino na Inglaterra e esperar que ele vá atrás da vítima tão longe assim.

Cassie não agüentava mais a lentidão da explicação.

— Que assassino? — gritou ela. — Na Inglaterra? Quem contratou um assassino na Inglaterra?

— Sei que deve estar sendo muito difícil — continuou Miles. — Não é nada agradável saber que se tem inimigos, mas você já sabia que alguém a tinha colocado em uma enrascada.

O coração de Cassie se inchou com uma esperança que não sentia desde o julgamento.

— Você sabe quem cometeu o assassinato? — perguntou ela. — Sabe quem cometeu o crime e fez de tudo para me incriminar?

— Na verdade, não — respondeu Miles, desapontando-a.

Cassie afundou no assento.

— Entretanto, conheço uma senhora chamada Emma Crane, que quer ajudá-la. Foi ela quem me contratou para lhe proteger.

— Emma Crane? — perguntou ela, confusa. — Eu nunca ouvi falar nessa mulher.

— É porque você não é homem — interveio Priscilla, com frieza. — Ela é prostituta.

— Emma é irmã de Priscilla — acrescentou Miles. Bem humorada, Priscilla olhou para Cassie.

— Imagine o orgulho dos meus pais.

— Das duas filhas — Miles comentou com desdém.

Priscilla o olhou com os lábios pressionados, mas não tinha como discutir. Então cruzou os braços e se endireitou no assento.

— Pelo visto Emma sabe quem a incriminou e também sabe que essa mesma pessoa contratou um assassino para matá-la. Por algum motivo que desconhecemos, ela assumiu a responsabilidade de protegê-la desse destino cruel.

Priscilla bocejou.

— Emma provavelmente deve estar envolvida nessa história. Claro que ela sabe quem quer matar Cassie.

— E por que fariam algo tão cruel?

Cassie estava tendo dificuldade em compreender tudo aquilo.

— Quer dizer que alguém me odeia tanto assim a ponto de me mandar para esta

ilha e ainda querer me matar?

— Olha só como ela é esperta — zombou Priscilla. — Conseguiu entender tudo o que explicamos sem a menor dificuldade.

— Fique quieta — ordenou Miles antes de se virar para Cassie. — Eu não faço a menor idéia de quem pode odiar você, minha jovem. Pode ser que você estivesse no caminho de alguém que quisesse vê-la bem longe do testamento dos seus pais.

— Duvido que os meus pais tenham um testamento. Não me espantaria saber que eles já gastaram o pouco dinheiro que restou à família.

— Não sei então, mas acredito que deva ser algo muito impessoal. Não consigo imaginar como alguém pode ter algo contra uma jovem tão adorável.

— Por favor, Miles — interrompeu Priscilla. — Quer que eu passe mal? Cassie nem escutou o comentário maldoso.

— Quem é essa Emma na história? E por que quer me salvar?

— Só sabemos que ela nos contratou para protegê-la, Cassie.

— Ela contratou ele — corrigiu Priscilla. — Como eu morava aqui, Emma achou que eu podia ajudá-lo.

— Mas é claro que sua irmã não esperava que você cobrasse de mim por essa sua ajuda — disse Miles.

Como não havia mais ninguém com quem desabafar, Priscilla se virou para Cassie.

— Miles adora a minha irmã. Aliás, todos os homens de Londres a adoram. Triste, não? Ela seria a boa garota da família. Você precisava ter conhecido Emma dez anos atrás. Todos acreditávamos que ela seria uma princesa, até que os rumores começaram a nos mostrar o contrário. — Triunfante, ela sorriu. — Fico contente por não ser a única ovelha negra.

— Pare de falar assim de Emma! — ralhcou Miles. Então a carruagem parou, acabando com a conversa.

A casa de Priscilla era modesta, porém um verdadeiro palácio se comparada à de Robin. Havia flores no jardim, e o ambiente era bastante acolhedor. Cassie sentiu estar entrando em um lugar muito particular quando o portão de madeira foi aberto para que ela passasse. Parecia o refúgio de Priscilla do mundo.

— Miles — pediu Cassie assim que entrou no pequenino chalé. — Precisamos avisar Malcolm que estou aqui. Ele acha que eu ainda estou no hospital e entrará em pânico quando não me encontrar.

— Pare de falar em Malcolm! — repreendeu Priscilla. — Por que não se mantém concentrada no que interessa? Alguém está tentando matar você!

O comentário irritadiço de Priscilla deixou bem claro para Cassie que ela estava com ciúme de Malcolm. Mas como poderia saber o que havia acontecido entre eles?

— Estou preocupada com o assassino — disse ela —, mas também me preocupo se alguém achar que eu fugi. Eles vão pensar que sou uma condenada fugitiva.

— Ela tem razão. Não podemos deixá-la aqui, Miles.

— Onde você sugere que a levemos? O hospital não é seguro à noite. Ela teria sido morta se a deixássemos lá. E se for encontrada em qualquer outro lugar, dirão que ela é

fugitiva.

— A não ser na casa de Robin — sugeriu Priscilla, séria. — Se a levarmos de volta para a casa de Robin, ela estará a salvo.

— Não! — gritou Cassie, arregalando os olhos de medo. — Não vou voltar para a casa daquele homem! Prefiro ser pega pela lei.

Priscilla tinha pouca tolerância para o sentimentalismo.

— É ridículo você dizer isso, Cassie. Duvido que prefira ir para a Fábrica Feminina a viver com Robin.

Cassie respirou fundo, com os olhos cheios de determinação. Se fosse bem sincera, ela não podia discordar de Priscilla. As duas opções eram terríveis. Portanto, por mais que quisesse discutir, não havia como.

— Eu prefiro morrer a enfrentar qualquer um desses destinos.

Indiferente, Priscilla deu de ombros.

— É você quem decide. Só não faça parecer assassinato, senão Miles não receberá o dinheiro que lhe é devido.

— Priscilla! Onde está sua compaixão? Cassie, por favor, sente-se. Sinto muito, mas não há sofá na casa, pois Priscilla os acha civilizados demais.

— O tapete é muito confortável — respondeu ela. — Se não gosta das minhas acomo-dações, Miles, vá embora.

Miles não tinha como responder, pois sua casa era em Londres, e o chalé de Priscilla era um dos poucos lugares que tinha para ficar em Sydney.

Cassie sentou-se no tapete e encostou na parede, tentando encontrar uma posição confortável para sua perna.

— Aceita um pouco de chá quente? — ofereceu Miles, vendo-a contorcer o rosto de dor.

— Não, obrigada. Acho que prefiro algo um pouco mais forte.

— Vou pegar uma dose de conhaque.

Quando Miles as deixou sozinhas, Priscilla sentiu um certo desconforto na companhia de Cassie. Não sabia o que lhe dizer naquele momento. Na verdade, sabia que não gostava da jovem, porém não conseguia se lembrar do motivo. Quando Miles voltou com os copos, ela suspirou aliviada.

— Eu não quero, obrigada — disse Priscilla.

— Eu não me lembro de ter lhe oferecido — respondeu Miles, no mesmo tom de voz.

De repente Priscilla se lembrou por que detestava Cassie. Porque os homens a tratavam com ternura. Malcolm lhe dava compaixão, carinho, e para ela sobrava apenas o lado sombrio.

— Ainda estou um pouco confusa — comentou Cassie. — Miles, você estava na Inglaterra e foi contratado por uma mulher?

— Sim, pela irmã de Priscilla, Emma. Ela me disse que havia uma jovem na Austrália correndo grande perigo e que me pagaria muito bem para que eu a protegesse. Além disso, ofereceu Priscilla para me ajudar, acreditando que ela auxiliaria a irmã sem

pedir nada em troca.

— Minha irmã nunca fez nada por mim.

— Quando cheguei aqui, descobri que realmente precisava da ajuda de Priscilla, pois eu não tinha como entrar na casa do dr. Rutherford. Custou bem caro, mas eu consegui convencer a nossa amiga aqui a se reaproximar do dr. Rutherford para poder observar todos os seus passos e me contar se o assassino aparecesse. Você sabia que Priscilla partiu o coração do médico quando o trocou por um pretendente mais interessante?

— Não era mais interessante, e sim mais rico — corrigiu Priscilla. — Foi o maior erro que cometi na vida! Eu jamais poderia ter abandonado um homem como Malcolm. Não caço de mim, Miles!

Miles não se incomodou com a irritação dela.

— Enfim, nós sabíamos que não seria difícil o doutor aceitá-la de volta. Sendo assim, Priscilla cuidava de você enquanto eu rondava a casa. Mas francamente, nós não descobri-mos nenhuma pista de que havia alguém no seu encalço. Começamos a imaginar que o assassino nunca chegou na Austrália.

— Duvido — interveio Cassie. — Alguém estava me seguindo.

— Então foi uma excelente idéia termos tirado você daquele hospital imundo.

Priscilla estava se sentindo humilhada.

— Você não se esqueceu de dizer algo a Cassie?

— O quê? — perguntou ele, inocente.

— Como Malcolm me expulsou da casa dele? Como você teve medo de não poder mais cuidar de Cassie? Como você decidiu consertar o erro?

Miles ficou pálido, e Priscilla sentiu-se vitoriosa. Ele não queria contar a Cassie que a jogara nos braços de Robin Carthage.

— Bem, eu... — Por sorte, Miles foi interrompido pela chegada de uma carruagem. — O que é isso?

Priscilla correu para a janela. Escondendo-se atrás da cortina, ela tentou enxergar quem estava lá.

— Está esperando alguém? — perguntou Miles.

— Cale-se. Ah, meu Deus, não é possível!

— O que foi?

Priscilla se virou, lívida.

— Esconda-se, Cassie. É Malcolm.

Capítulo XVI

A maioria dos homens batia com muita fúria à porta. Malcolm, por sua vez, fora cuidadoso. Na verdade, ele parecia tão calmo que Priscilla abriu a porta com um sorriso, imaginando, apenas por um instante, que ele talvez estivesse ido até lá apenas para visitá-la. Assim que viu a expressão no rosto do médico, entretanto, ela soube que não era

bem

assim.

— Onde está ela? — perguntou Malcolm, entrando sem pedir licença. — O que está acontecendo?

Priscilla não ousou perguntar a que ele estava se referindo. Os olhos azuis de Malcolm indicavam que ele sabia que sua ex-criada estava ali.

— Como você nos encontrou? — perguntou ela, cruzando os braços na defensiva.

Malcolm a olhou com desprezo.

— Eu quero saber onde ela está! — gritou ele, impaciente. — Responda!

— No quarto — disse ela, apontando na direção do aposento e ouvindo Miles resmungando sem parar. Ele não sabia quando um jogo tinha chegado ao fim, pensou Priscilla.

Ele realmente acreditava que respostas evasivas pudessem tirar o médico dali.

Malcolm não perdeu tempo em abrir a porta fechada.

— Cassie?

A jovem estava presa pelas garras de Miles, que lhe segurava os braços do lado do corpo.

— Solte-a imediatamente! Eu exijo saber o que está acontecendo aqui — ordenou ele, escutando Priscilla entrar no quarto. — Eu segui vocês desde o hospital. Exijo uma explicação.

— Por que não chamou as autoridades? — A pergunta estúpida foi de Miles.

Malcolm o olhou com relutância, irritado por aquele homem ainda estar dentro do quarto.

— Eu não sabia se Cassie estava vindo de livre e espontânea vontade. Eu só vi a carruagem se afastando e depois vi que ela não estava no quarto. Agora vejo que ela não veio por vontade própria. Posso saber o que está acontecendo?

— Estamos salvando a vida de Cassie — apenas informou Priscilla.

— Isso é o que eu estou fazendo — respondeu Malcolm. — O médico sou eu, lembra-se?

— Não estou me referindo à perna quebrada. Alguém está tentando matá-la.

O olhar que Malcolm lançou para Cassie continha tanto incredulidade quanto irritação.

— Que história é essa?

— É o que eles me contaram.

Priscilla se aproximou de Malcolm para que ele pudesse ver a sinceridade em seus olhos.

— Miles e eu fomos contratados para proteger Cassie.

— Contratados? Como assim, contratados?

A jovem olhou para Miles, esperando que ele desse as explicações.

— Tudo que sabemos é que alguém foi enviado da Inglaterra para matar a jovem, e nós deveríamos impedir o bandido.

— E quanto tempo faz isso? — perguntou ele, olhando com desconfiança para

Priscilla.

Ela baixou os olhos com uma expressão tão atípica que Malcolm se surpreendeu. Ela parecia humilde. Parecia culpada. Malcolm nunca se sentira tão tolo em toda sua vida. Impaciente, ele começou a caminhar de um lado para o outro no pequeno quarto.

— Malcolm — começou Priscilla, espantada por ele lhe ter concedido tanto silêncio, o que lhe permitiu continuar. — Não foi por esse motivo que eu voltei para você. Eu lhe imploro para que acredite em mim. Miles e eu fomos contratados, mas... — Ela respirou fundo, tentando acalmar o coração disparado. Seria sua única chance de se explicar. Se fracassasse, talvez nunca conseguisse reconquistá-lo. — Eu... eu voltei para você porque... porque te amo. Sei que parece ridículo, mas...

— Sim — interrompeu ele, olhando-a nos olhos. — É ridículo. Eu diria até patético.

Priscilla se calou diante da reprimenda. Apesar de manter o tom de voz equilibrado, Malcolm sabia como fazer uma pessoa sentir-se mal. O brilho em seus olhos lhe dizia que ela jamais seria perdoada, e que se tornara uma vilã para sempre.

— Malcolm...

— Não faz mal. Eu não vim até aqui para tentar consertar algo que não tem mais conserto. Vim até aqui para descobrir por que você raptou uma das minhas pacientes.

— E conseguiu — informou Miles.

— O que vai acontecer agora? Vocês pretendem mantê-la aqui?

— Ainda não resolvemos — começou Miles.

— Porém, achamos que ela deve voltar para a casa de Robin — disse Priscilla, cheia de coragem. — Cassie vai ficar mais segura por lá.

— De jeito nenhum! Ela não vai voltar para a casa daquele patife!

— Mas o hospital não é um lugar seguro — ressaltou Priscilla. — Você sabe que a equipe é pequena demais. E se for para qualquer outro lugar, ela será acusada de fugitiva.

Malcolm tinha apenas uma certeza: de que ela não voltaria para a casa de Robin Carthage.

— Não permitirei que ela volte para lá!

— E qual seria a sua sugestão? — perguntou Miles, acreditando estar competindo pelo domínio masculino na casa.

— Eu gostaria de ter sido informado antes sobre esse assunto — respondeu Malcolm, incomodado com a presença do outro homem.

— Tínhamos que manter tudo em sigilo — explicou ele. — A mulher que nos contratou não queria que ninguém soubesse. Não deveríamos contar nem para Cassandra, nem envolver outra pessoa.

— Ah, eu não estava envolvido? — perguntou Malcolm olhando para Priscilla, que estava cabisbaixa.

— Malcolm, por favor, escute-nos! Nós não podíamos deixar Cassie sozinha naquele quarto de hospital.

— E se não a levamos de volta para a casa de Robin, ela poderá ser considerada uma fugitiva.

Tentando encontrar uma solução, Malcolm fechou os olhos. O que mais o

incomodava naquilo tudo era a possibilidade de Cassie ser declarada fugitiva.

— Sirva-me uma bebida — ordenou ele com mais calma do que o necessário. Priscilla não saiu do lugar, o que o levou a abrir os olhos. — Não entendeu? Quero uma bebida.

Dessa vez, Priscilla se levantou para atendê-lo. Havia algo na maneira de Malcolm dar ordens que não deixava espaço para objeções. Quando ela voltou alguns instantes depois com um copo de conhaque, ele levou-o até o nariz como se quisesse saborear a bebida em pequenos goles. Mas bebeu tudo de uma vez.

— Obrigado — disse ele, colocando o copo vazio na mesa-de-cabeceira. Nunca estivera naquele quarto antes. Era estranho, pois tinham sido amantes por mais de um ano. E quando viera à casa dela, fizeram amor na sala, em frente à lareira. Ela nunca o convidara para entrar naquele quarto.

Cassie estava se sentindo esquecida. Apesar de ser o centro das atenções de todos ali dentro, a presença dela era ignorada. Apoiada contra a parede, ela pensou que talvez fosse o momento de oferecer uma sugestão.

— Malcolm, eu acho que devo voltar para a casa de Robin — sugeriu ela, juntando toda sua coragem.

Ele a olhou com espanto.

— Eu não quero ir para a casa dele, pois o odeio com todas as minhas forças. Mas Miles e Priscilla têm razão. Não há outra alternativa. Não acho que deva me arriscar ficando desaparecida por muito mais tempo. Pode ser que ele apareça amanhã cedo para me buscar no hospital. — Cassie se repreendeu por estar sendo tão prática, mas era de sua natureza agir assim. A princípio, ela achara que seria melhor morrer a voltar a ser criada de Robin, porém o tempo lhe dera tempo para pensar melhor.

— Você não vai voltar — afirmou Malcolm. De certa forma, Cassie sentiu um grande alívio. Apesar de saber que ele estava declarando algo praticamente impossível, ela teve plena certeza de que nunca mais pisaria na casa de Robin Carthage.

— Eu preciso voltar.

— Essa possibilidade está fora de cogitação. Você não vai.

— Ela precisa ir — insistiu Priscilla.

— Eu já disse que ela não vai! — gritou Malcolm, assustando a todos com seu ímpeto de raiva. Aquela conversa estava distraíndo seus pensamentos. Um plano começava a se formar em sua mente, mas ele precisava de silêncio para finalizá-lo.

— Parece que estamos aqui dando voltas no lugar — Miles disse depois de algum tempo. — Todos sabemos o que precisa ser feito. Você não tem tempo de ficar ao lado dela no hospital, e Priscilla e eu não podemos entrar. Precisamos de um lugar onde Cassie fique segura e possamos entrar.

Malcolm resmungou algo e esfregou os olhos.

Só Priscilla entendeu uma ou duas palavras.

— O que você disse?

— Eu disse que é melhor ela morrer.

Apesar dos olhares de espanto, ninguém disse nada enquanto tentava entender o

comentário do médico.

— Você acha que devemos deixá-la ser morta?

— Não, acho que nós mesmos devemos matá-la.

Miles ficou surpreso, depois intrigado.

— Não de verdade, pelo amor de Deus! Tenho um plano.

Priscilla suspeitava saber do que se tratava.

— Vou declará-la morta.

— Por causa de uma perna quebrada?

— Pode acontecer. E em um hospital tão precário quanto o nosso, ninguém vai questionar. Vou dizer que ela morreu de uma infecção ou complicação. Ainda não sei. Posso alegar que o corpo foi jogado no corredor com os outros, e duvido que alguém queira identificá-la.

Cassie tossiu, mas nenhum deles lhe deu atenção.

— E para onde ela irá? — quis saber Priscilla.

— Ela pode ficar aqui — ofereceu Miles.

— Não! — gritaram Priscilla e Malcolm ao mesmo tempo.

— Ela vai ficar na minha casa — informou o médico.

— Malcolm, você não acha que é muito arriscado? Imagine o que aconteceria se alguém descobrisse. A mentira sobre a morte, esconder um fugitivo... Sabe o que poderia lhe acontecer?

O rosto dele estava implacável. Claro que ele conhecia os riscos, notou Priscilla, magoada. E estava disposto a corrê-los. Por Cassie. Sempre Cassie. Haveria algo que ele não faria por Cassie? Ela olhou com desdém para a irlandesa, imaginando como um homem podia se encantar por uma mulher tão simples.

— Posso falar? — perguntou Cassie. — Alguém quer saber o que eu penso?

Malcolm foi a única pessoa a demonstrar, ou pelo menos fingir, interesse.

— O que é?

— O que é? — gritou ela. — Como você pode perguntar o que é? Talvez eu não queira estar morta. Talvez eu não queira me esconder no sótão da sua casa.

Ele não resistiu ao sorriso.

— Eu pensei em oferecer um cobertor para você — brincou ele.

Cassie sabia perfeitamente que não havia sótão na casa dele, que era apenas a raiva do momento.

— Você sabe do que estou falando! Talvez eu não queira ficar trancada dentro de casa para o resto da minha vida. Talvez eu prefira trabalhar vinte anos para Robin, depois ser livre. Seu plano não tem fim. Assim que eu for pronunciada como morta, será para sempre. Eu nunca terei uma vida normal.

— Mas é uma idéia perfeita — interveio Priscilla. — O assassino vai achar que você está morta, bem como a lei...

— Eu não quero estar morta!

— Malcolm está fazendo um grande sacrifício por você.

— A pedido de quem?

Malcolm sentia-se na obrigação de oferecer um pouco de conforto àquela jovem. Ele colocou a mão no ombro dela, mas foi empurrado.

— Não tente me agradar! — gritou ela, olhando ao redor do quarto. — Ninguém tem obrigação de me proteger, portanto, eu gostaria de fazer o que é necessário.

— Que seria...

— Voltar a cumprir a minha pena.

— Você não vai — disse Malcolm com toda a calma do mundo. Cassie encontrou os olhos dele. — Se for necessário, eu a tirarei de lá à força e a trancarei na minha casa, mas você não vai ficar lá. — Ele deu de ombros, como se as palavras fossem óbvias, como se não fosse necessário repeti-las tantas vezes. — Como está a sua perna?

— Deixe-me em paz.

— Você consegue andar apoiando-se no meu ombro? — ignorou-a. — Ou prefere que eu a leve no colo?

— Não quero ir com você — respondeu ela, um pouco mais calma. — Eu não concordo com esse plano.

Com cuidado, Malcolm pegou-a no colo.

— Pode abrir a porta para nós, Priscilla?

— Claro.

— Eu não quero ir — repetiu Cassie, apesar de começar a perceber que queria muito ir com Malcolm. Só não gostava que os outros tomassem decisões por ela. — Eu sempre cuidei da minha própria vida.

— A prisão desenvolve a humildade — disse ele.

Quando chegaram na casa de Malcolm, Cassie esperava ver o sol nascendo em meio à escuridão, mas o céu da noite apenas clareara um pouco. Ela respirou fundo, imaginando

se algum dia sentiria novamente o aroma da brisa do mar. Se dependesse do plano do médico, Cassie poderia nunca mais sair de casa.

A idéia lhe parecia tão assustadora que ela se manteve em silêncio. Agora era oficialmente uma fugitiva. Será que esse realmente era seu destino?

Malcolm ajudou-a a descer da carruagem, oferecendo seu braço como apoio. Seus pensamentos eram indecifráveis. Ele parecia preocupado com a perna quebrada de Cassie, pois a observou mancando o tempo todo. Mas se Malcolm tinha outro tipo de pensamen-to, ela não podia decifrá-lo.

— Onde ficarei escondida durante o dia? — perguntou ela, seguindo com cuidado, como se o assassino os esperasse na porta principal. De repente, o primeiro raio de sol surgiu no horizonte, clareando o hall de entrada.

— Não sei — respondeu Malcolm, fechando a porta atrás deles.

— Acho melhor você começar a pensar.

Malcolm ficou chocado com a tristeza que viu nos olhos de Cassie.

— Você tem razão. Insisti muito nessa história. Preciso acertar os detalhes.

Cassie dirigiu-se para as escadas. Estava tão assustada que sentia um grande vazio.

A idéia de que notariam sua ausência no hospital e que começariam a procurá-la era assustadora. Entretanto, ela fez o possível para não demonstrar seu temor a Malcolm. Apertando o xale contra o peito, Cassie se preparou para subir os degraus sozinha, um de cada vez.

— Permita-me ajudá-la.

— Não precisa. Eu sei onde é o meu quarto.

— Cassie, espere! — Malcolm segurou o corrimão com firmeza, olhando-a como se estivesse desesperado por alguma coisa. Ela o encarou e esperou.

— Eu... eu só queria lhe dizer que senti muito a sua falta.

Cassie respondeu virando a cabeça. Malcolm a estava torturando. Estava cansada de amar um homem que não nutria os mesmos sentimentos. As tentativas frustradas de amizade não a ajudavam a sentir-se mais querida. Cassie estava cansada de sofrer.

— Obrigada — disse ela de maneira tão abrupta que Malcolm sentiu como se fosse uma bofetada. — Muito obrigada. É muito gentil de sua parte. Boa noite.

Malcolm não compreendeu o comportamento rude de Cassie. Sem ter nenhuma explicação na qual se apoiar, ele decidiu que Cassie estava brava por ter sido forçada a ir para lá. Não era de seu feitio tomar decisões pelos outros, mas não conseguia agir assim quando se tratava de Cassie. A simples idéia de vê-la morando com Robin Carthage era suficiente para tirá-lo do sério.

— Boa noite, Cassie — despediu-se, permitindo que ela subisse sozinha.

Era difícil observar Cassie subir os degraus com tanta dificuldade, mas Malcolm sabia que tinha de deixá-la sozinha. Ela precisava de um momento de independência, por menor que fosse. Quando a perdeu de vista, ele sentiu-se tão sozinho que teve vontade de segui-la. Mas não foi. Em vez disso, foi até seu escritório e acendeu um cachimbo.

Olhando pela janela, Malcolm tentava entender o mundo. O mundo era uma grande brincadeira. Todos que viviam a sua volta eram vítimas de uma grande brincadeira. Mas onde havia humor no fato de a vida de Cassie estar em perigo? O que havia de bom em passar a maior parte da juventude escondida? Ele sorriu com amargura, pois conhecia a resposta. Pelo menos Cassie estaria com ele. Talvez esse tivesse sido seu plano desde o início. Agora sim Malcolm sentia-se um verdadeiro tirano.

Capítulo XVII

Samuel estava parado na varanda de entrada da Casa que agora considerava sua, pois era o único que se interessava em cuidar da mesma. Não podia acreditar no que estava diante de seus olhos. Ele não estava acostumado a ver mulheres.

— Obrigado — ele agradecia, olhando para o céu. — Sinto muito por nunca ter acreditado que aconteceria comigo. Nunca tinha visto uma mulher com cabelos tão negros, com a pele tão clara e macia, sem as sardas e cicatrizes que assolava quase todos os membros de sua família. Jamais deitara os olhos sobre um corpo tão longilíneo e de

curvas arredondadas.

Sua vontade era abraçá-la e apertá-la contra o peito, mas temia assustá-la com seu ímpeto. Ela devia ser tão cheirosa quanto um jardim de rosas.

— Por que está parado aí? — perguntou ela, irritada. — Não vai me convidar para entrar? Está chovendo demais aqui fora!

Samuel notou que a jovem tinha um sotaque irlandês pesado demais e a voz um pouco estridente para um anjo.

— Você fala? Não é possível que eu tenha viajado de tão longe para encontrar um estúpido.

Samuel olhou por trás do ombro.

— Tem certeza de que bateu na casa certa?

— Não há muitas casas por aqui! Claro que bati na porta certa. Vai me deixar entrar ou não? Tenho um assunto muito importante para tratar com você. Sou amiga da sua irmã.

Desconfiado, Samuel sorriu.

— Definitivamente você bateu na casa errada. A minha irmã não tinha amigas. Ela nunca foi a um baile.

— Por que você fala como se ela estivesse morta?

— Ela deve estar, não é?

— Olhe — disse Sheila, impaciente. — Eu acabei de chegar da Austrália, onde estive com a sua irmã. E agora, vai me convidar para entrar?

— Claro, agora que sei que você é uma fugitiva, sinta-se em casa. — Samuel abriu a porta para que a jovem pudesse entrar.

Ela não entendeu o sarcasmo na voz do jovem homem e não fez a menor cerimônia para entrar. Sentou-se no sofá e espremeu os cabelos, criando uma pequena poça no chão ao seu lado. Então tirou a capa enorme e se endireitou, tentando fazer uma pose educada.

— Não vai me oferecer uma xícara de chá? — perguntou ela, achando que seria um gesto elegante.

— Bem, é que... — Samuel não conseguia tirar os olhos da jovem mais encantadora que invadira sua propriedade.

— Aliás, você tem chá em casa?

— É bem provável — respondeu ele, olhando para a cozinha.

— Então peça para a criada me trazer uma xícara.

— Nós não temos mais criados aqui. Nos esquecemos de pagá-los e eles se foram — explicou Samuel.

— É uma excelente maneira de se receber um convidado — disse Sheila, cruzando os braços na frente do corpo.

— Mas você não é uma fugitiva da Austrália?

— E isso me torna menos convidada?

— Bem, você não foi convidada para vir aqui.

— Escute aqui, você quer saber notícias de sua irmã ou não? — desafiou ela com olhos penetrantes.

Samuel queria saber de Cassie, porém não conseguia parar de olhar para os olhos azuis de Sheila, penetrantes.

— Imagino que Cassie esteja... bem? — sugeriu ele, com a voz um pouco trêmula.

— É o que você acha?

— Na verdade, não — confessou Samuel. — Penso exatamente o contrário, mas não sei o que poderia fazer para ajudá-la a sair dessa situação.

Sheila bateu no assento do seu lado no sofá, convidando-o para sentar. Foi um convite ao qual Samuel não pôde resistir. Instintivamente, ele olhou para cima a fim de certificar-se

que sua mãe não apareceria na sala.

— Meu nome é Sheila — começou ela, cansada de perder tempo. Tinha uma mensagem muito importante a revelar àquele jovem.

— Olá — respondeu ele, olhando para frente sem piscar.

— E você é Samuel. Cassie me falou sobre você.

— Sim, sou eu mesmo.

— Você não está à vontade na minha presença? — perguntou ela, sentindo a tensão no corpo de Samuel. — Quero apenas conversar. Eu vim de muito longe e tenho algo muito

importante para lhe contar.

— Eu estou à vontade — mentiu ele, batendo os dedos nos joelhos.

— Ótimo, pois vou precisar da sua ajuda. Não posso agir sozinha. Teremos de ser parceiros nessa história e... Tem certeza de que está à vontade?

— Sim, estou à vontade.

Em toda sua vida, Sheila nunca se deparara com um homem que não tinha coragem de olhá-la nos olhos. Parecia absurdo. E imaginar que os dois tinham a mesma idade!

— Vou me sentar em outro lugar — disse ela, acomodando-se em uma cadeira do outro lado da mesa de café.

Assim realmente estava muito melhor. Samuel conseguiu se recompor, recuperando um pouco de sua postura relaxada. Apoiou os cotovelos nos joelhos, tentando olhar para Sheila sem se demonstrar enfeitiçado.

— Sou todo ouvidos. Pode começar.

— Nós dois sabemos que Cassie é inocente.

— Sabemos?

Agora foi a vez de Sheila demonstrar espanto.

— Claro que sabemos. Você... Você realmente chegou a achar que a sua irmã...

Samuel deu de ombros, indiferente. Foi naquele momento que a jovem percebeu que estava diante de um membro de uma família muito estranha. Além de acreditar que Cassie cometera o crime, ele não se importava com ela!

— Você não achou tudo um pouco estranho? — continuou ela, tentando controlar seu temperamento, pois amava Cassie como uma verdadeira irmã. E o fato de a própria família traí-la a deixava indignada. — Você realmente acha que Cassie seria capaz de matar uma pessoa?

— Bem, você também não me parece uma assassina. — Samuel não sabia se a história de Sheila era verdadeira. Acreditar que ela conseguira escapar da Austrália e chegar em Londres não era muito fácil. Mesmo assim, ele estava bastante contente com a presença dela, decidido a tornar a visita muito agradável.

— Não estou aqui para falar de mim. Precisamos fazer algo por Cassie. Precisamos tirá-la de lá.

Ela se levantou, preferindo andar pela sala enquanto falava.

— Sabe, eu fugi em um navio de mercadores, onde subornei um dos marinheiros para me levar para casa. Claro que ele sabia quem eu era. Todos olharam para mim e viram que eu estava andando havia dias. Mas eles também sabiam estar longe demais de Sydney para terem o navio inspecionado. Realmente não havia perigo em me ajudar. E claro, eu estava disposta a... — Ela sorriu para seu ouvinte inocente. — Bem, digamos que eu estava disposta a lhes pagar por essa ajuda.

Samuel não entendeu o que ela falou, mas estava encantado com a história.

— Foi naquele navio que eu soube da inocência de Cassie. Claro, eu já sabia que ela não tinha matado ninguém. Qualquer um deveria saber. O que eu não sabia é que havia provas para inocentá-la! Um idiota percorreu todos os portos de onde saíam navios para a Austrália perguntando quanto teria de pagar para que acabassem com a vida de alguém. Consegue imaginar alguém tão estúpido? Ele se aproximava de estranhos, sabendo apenas que estavam indo para a Austrália! E lhes disse que precisava matar alguém. Um dos homens com quem ele conversou estava no meu navio, e contou a história para os companheiros, divertindo-se com a ingenuidade daquele sujeito. Eu também me diverti, até escutar que a jovem em questão era uma loira. Não sei como, mas na hora eu soube que era Cassie. Então comecei a fazer perguntas.

Samuel, confuso com a dificuldade em prestar atenção e no absurdo da história de Sheila, apenas balançava a cabeça para os lados.

— Por que alguém que queria matar Cassie provaria sua inocência?

— Você não percebe? — gritou Sheila, impaciente. — Esse homem quer vê-la morta porque Cassie sabe de alguma coisa muito grave! Foi por esse motivo que ele a incriminou. — Ela tirou um pedaço de papel do meio dos seios. — Eu pedi para o marinheiro fazer um desenho. — Você reconhece este homem?

Samuel olhava para os seios da jovem. O que mais ela esconderia ali dentro?

— É o meu tio Egbert? Onde conseguiu esse desenho?

— Você não está prestando atenção? Estou falando com as paredes? É um desenho do homem que incriminou sua irmã!

— Não, não pode ser. Quero dizer, o tio Egbert não gosta muito de nós, mas duvido que nos despreze a ponto de fazer algo tão cruel.

— Acho bom você começar a admitir, pois ele teve coragem sim! Ele está tentando matar Cassie. Precisamos encontrá-lo para descobrir o que ela sabe. E se soubermos o que Cassie sabe teremos a prova de que ela foi incriminada sem motivo.

Samuel ficou muito impressionado com o desenho. Entretanto, aquela história não fazia muito sentido.

— Mesmo que descobramos algo, não haverá como provar o contrário. Cassie já foi condenada. Precisariamos de provas concretas de que ela foi injustamente acusada, e eu não sei como...

— Como você tem coragem de desistir com tanta facilidade? — gritou Sheila.

— Quem está aí? — perguntou uma voz fraca.

— Ninguém, mãe — respondeu Samuel. — É só mais um cobrador. Volte para o quarto. — Ele se voltou para Sheila. — Sinto muito. Continue.

— Eu posso não conhecer muito sobre a lei, mas pelo menos não desisto tão fácil dos meus amigos. Para você pode não ter muita importância, mas eu nunca tive uma amiga na vida. E vou fazer de tudo para ajudá-la. Posso contar com você? Ou vai lhe dar as costas como se ela fosse uma qualquer?

Samuel precisava pensar no assunto. Toda aquela história lhe soava muito absurda. Todavia, se houvesse uma forma de trazer Cassie de volta... Ele realmente sentia falta da irmã, a quem amava mais do que tudo apesar de não admitir.

— Está bem. Vamos lá.

— Juntos? — desafiou Sheila.

— Sim, juntos.

— Excelente! — Triunfante, ela bateu palmas. — Agora há mais um problema.

— E qual seria esse problema?

— Bem, eu não tenho onde ficar e imaginei que... Há quartos de hóspedes nesta casa?

Samuel olhou para cima e agradeceu em silêncio: Obrigado, meu Deus!

Cassie nunca se sentira tão sozinha quanto nas semanas que se seguiram a sua morte imaginária. A princípio, ela ficara com medo. Com medo de fingir, de se esconder, de ser apanhada. Todas as vezes que pensava no que poderia lhe acontecer se um guarda entrasse na casa, ela começava a suar frio. Podia ser chicoteada e mandada de volta para a casa de Robin. Sua sentença poderia aumentar, ela poderia ser enforcada. As possibilidades eram inúmeras.

Todavia, com o passar das semanas, o pânico cedeu espaço a uma nova sensação: o tédio. Não havia para onde ir, não podia falar com ninguém. Será que Malcolm tinha pensado nisso quando arquitetou o plano. Ou melhor, será que realmente se importava com ela?

Até a época do Natal passou despercebida. Malcolm recebeu alguns amigos que riam e conversavam sem parar, brindando a todo momento. Cassie sentiu-se um verdadeiro monstro, algo que jamais poderia ser mostrado ao mundo civilizado. Natal. Será que a sua família conseguira trocar presentes sem sua ajuda? Ela logo afastou esse tipo de pensamento, pois não era mais problema seu.

A perna dela sarou, mas de nada adiantou, porque não tinha a menor utilidade. Todas as manhãs Cassie acordava, mas continuava na cama, pois Faith não deveria saber de sua presença na casa. Se a cozinheira soubesse seria cúmplice, então ela ficava escondida no quarto que o médico mantinha trancado sem a menor explicação. Cassie

tinha apenas a companhia de seus livros e diário, mas não conseguia escrever. Aliás, não havia o que escrever, a não ser que estava cada dia mais entediada.

Malcolm não teve nenhuma dificuldade em convencer os colegas de que Cassie morrera de infecção hospitalar. O que deveriam fazer? Procurar por entre os corpos amontoados no corredor até encontrar uma que parecesse irlandesa? A tarefa não atraía ninguém, além disso, a morte de prisioneiros era algo bastante comum. Malcolm estava contente por seu plano ter dado tão certo, mas sabia que Cassie não estava contente. Apesar de sempre lhe trazer livros e quebra-cabeças, ele sabia que a jovem não tinha nenhuma perspectiva. E não havia como culpá-la.

Um dia, quando eles jantavam, Malcolm teve uma idéia.

— Cassie, o que você acha de sairmos um pouco daqui? — perguntou ele, empurrando o prato de comida. — Quando as pessoas se esquecerem do assunto, acredito que podere-mos mandá-la de volta para a Inglaterra, mas ainda é cedo. — Malcolm tentou fazer contato visual com a jovem, mas ela brincava com a comida, quase sem escutá-lo. — Ainda não é seguro. E vai demorar um pouco. As pessoas a reconhecerão se tentarmos colocá-la dentro de um navio. Será preciso de um pouco mais de tempo...

Cassie olhou para ele com um grande cansaço. O brilho de seu rosto sumira por completo. Nem os cabelos ela penteava mais.

— E quando será?

Malcolm escutou algo na voz dela que o fez perder a linha de raciocínio.

— O quê?

— Quando será o dia que poderei ir embora? — repetiu ela, evidenciando a raiva em sua voz. — Amanhã? Daqui algumas semanas?

Sempre que enfrentava a hostilidade, Malcolm se mantinha distante.

— Acho que muitos anos se passarão antes que você julgue seguro eu partir da Austrália. E a propósito, o que vou fazer quando voltar para a Inglaterra? Lá eu serei uma fugitiva, não? Todos me reconhecerão e eu não terei onde me esconder. Claro, eu poderia ir para outro país, mas como ganharia a vida? Onde iria dormir?

Malcolm não sabia como responder. Não estava pensando nas perguntas de Cassie, mas sim na acusação implícita. Ele se inclinou na cadeira e a estudou por entre olhos apertados, como se ela tivesse se tornado um espécime estranho. Queria escutar mais. Não queria interromper.

— Eu não quero mais ouvir seus planos — disse ela, levantando-se da mesa. — Não quero mais ouvir seus planos. Vou voltar para o meu quarto.

Malcolm não precisou se levantar para impedi-la de sair dali.

— Cassie — chamou ele, segurando-a pelo cotovelo. Queria ser honesto com a jovem, revelar-lhe exatamente o que estava em sua mente. Olhos inteligentes, porém tristes encontraram os dele. Havia algo de tão envolvente naquele homem que Cassie quis ficar, por mais irritada que estivesse.

— Eu não gosto de ser sua marionete.

— Marionete? Não faz sentido. Você não acha que foi a melhor solução você ter vindo para cá?

Ela não respondeu, continuou olhando para o chão como se não pudesse suportar olhar para Malcolm. Cassie sentia o coração inchado no peito. Ela o amava. E o amaria para sempre.

— Por favor, Cassie, converse comigo. Sei que você não gosta de viver como um fantas-ma aqui, mas realmente preferia estar na casa de Robin? Mesmo que eu a tivesse deixado ir? Seja honesta.

Ela balançou a cabeça e tentou sair dali. Malcolm não permitiu.

— Não vá.

Quando encontrou os olhos dele dessa vez, Cassie parecia possuída por um demônio. Seus olhos verdes brilhavam, novamente vivos.

— O que você quer de mim?

Malcolm ficou espantado com a explosão da jovem, mas não se moveu. Queria escutar o que ela tinha a dizer.

— Você me salvou como se se importasse comigo! Mas não se importa! — De repente, os olhos dela se encheram de lágrimas. Tinha acabado de dizer a mais pura verdade, e junto com ela veio a dor. — O que você quer de mim?

Malcolm tentou absorver aquelas palavras. Não faziam o menor sentido. Cassie estava histérica, porém não havia como culpá-la depois de tantas semanas de cativeiro. Mas como ela saberia que ele estava sendo sincero? Ele se levantou e não soube como agir. Não se atreveu a abraçá-la.

— Cassie — começou ele, deliciando-se com a pronúncia daquele lindo nome. — Cassie, eu não a entendo.

— Comece a me escutar mais e pare de me dizer o que fazer ou não fazer.

Malcolm sentiu-se humilhado.

— Eu prometi que nunca mais me abriria com você, mas eu preciso falar! Por que está me torturando? Por que não me deixa ir embora?

Ela parecia tão desesperada que Malcolm queria consolá-la. Mas estava muito chocado. As lágrimas já escorriam do lindo rosto quando ele conseguiu falar:

— Sinto muito pelo que fiz, Cassie.

Ao ver o arrependimento no rosto de Malcolm, ela viu que era sério. Ele estava se referindo à única noite que tinham passado juntos. Parecia que ele tinha dificuldade em tocar no assunto.

— O que fizemos foi errado, mas a culpa foi toda minha. — Ele não queria ser interrom-pido. — Não era eu o prisioneiro. Eu deveria ter me controlado. Eu me lembro perfeita-mente de como saí do seu quarto. — Malcolm balançou a cabeça. — Foi horrível. Imperdoável. Devo admitir que entrei em pânico, mas eu nunca... Eu nunca me senti tão próximo de alguém. Quando descobri que tinha me aproximado mais do que imaginava, eu entrei em pânico.

— Mentira! — murmurou ela, apesar de não estar imune à atmosfera romântica induzida pela iluminação fraca do aposento e pelo delicioso sussurro que se tornara a voz de Malcolm. — Não acredito que você tenha me deixado por esse motivo. Acho que sei por que foi.

Malcolm não queria escutar a teoria da jovem. Estava encantado pelos cabelos loiros que brilhavam sob a pouca iluminação. Ele começou a levantar a mão para afagá-los.

— Eu não sou Priscilla — anunciou Cassie, quebrando a magia que o enfeitiçara por alguns instantes. — Eu não sou bonita, e não sou misteriosa. — Ela passou a mão pelos cabelos emaranhados. — Eu tenho todos os motivos do mundo para achá-lo um homem bonito. Você me trata com muita ternura, é amável e... Você é um homem bonito, Malcolm. E por mais que eu tente encontrar uma explicação na minha mente, não consigo visualizar um motivo para você sentir-se atraído por uma mulher como eu.

Malcolm caiu na risada. Foi uma risada natural, de alguém que tinha acabado de escutar uma grande besteira.

— Como?

Cassie não queria repetir o que acabara de dizer. Não queria ser corrigida.

— Não vamos mais tocar nesse assunto. Acho melhor irmos dormir. Estamos muito cansados.

— De jeito nenhum — impediu ele, segurando-a novamente. — Você realmente não se acha bonita?

— Eu... — Ela tentou sorrir, mas conseguiu parecer mais triste. — Eu só não sei o que um homem poderia querer com uma mulher que lhe faz sentir-se confortável quando tem uma mulher que o faz sentir-se pecador.

Malcolm ficou impressionado com a sabedoria e o erro daquelas palavras.

— Cassie, eu quero tocá-la — admitiu ele, em um murmúrio sensual.

— Não. Por favor, não tenha pena de mim.

Ela lembrou-se dos dias em Londres em que estivera negociando com credores e fazendo contas em vez de ir a bailes ou ser cortejada pelos garotos. Sempre soubera que o amor não acontecia para mulheres como ela.

— Deixe-me em paz — pediu ela, fechando os olhos diante da dor.

— Você me escutou? Eu perguntei se posso tocar em você.

— Pare — implorou ela, sentindo a mão macia em seu rosto.

— Você realmente quer que eu pare? — perguntou Malcolm, sem a menor intenção de parar.

— Deixe-me viver a minha vida — pediu ela.

— Na casa de Robin?

— Se for necessário... A minha vida não lhe diz respeito.

— Eu me importo com você.

— Não é o suficiente — gritou ela.

— Eu adoro você.

— É um pouco melhor — respondeu Cassie, encontrando os olhos ardentes de Malcolm.

— Cassie, não tenha raiva de mim, me desculpe ter feito isso com você. — Ela viu a sinceridade nos olhos de Malcolm.

— Você é um bom homem — disse ela.

— Eu não sou um bom homem. Eu apenas aprendi me controlar.

— Você é um bom homem — repetiu ela.

— É aí que você se engana! — explodiu Malcolm, soltando-a. — Você não me conhece.

— É o que você pensa! Você pretende se punir pelo que fez na caserna, mas na verdade você simplesmente não quer o tipo de amor que eu tenho a lhe oferecer. A verdade é que você não me quer. Você se odeia por desejar Priscilla!

— É isso que você pensa? — Ele estava prestes a rir, esquecido de sua raiva. — É isso que você realmente pensa?

— Eu tenho certeza.

— Você está me deixando excitado — murmurou Malcolm, empurrando-a com cuidado para a parede. Ele ameaçou beijá-la.

— Eu não acredito em você.

— Quer que eu prove? Você precisa que eu prove que você é uma mulher atraente? Cassie fechou os olhos, assustada.

— Eu não quero que você finja algo que não sente.

— Se você me pegar fingindo, diga-me, por favor — sussurrou ele, inclinando-se pra beijar-lhe o pescoço.

— Pare, Malcolm — pediu Cassie, afagando-lhe os cabelos. — Assim eu vou me apaixonar ainda mais.

Malcolm não acreditava no amor da jovem. Ela estava apenas confundindo gratidão com amor. Seria um erro tirar proveito de uma situação como aquela. Entretanto, Malcolm vivia pelo pecado e sabia que nenhum tipo de pensamento o impediria de possuí-la.

Decidido como nunca, ele pegou-a no colo e subiu as escadas, levando-a para seu quarto, de onde só sairia quando conseguisse lhe provar que se importava com ela. E muito.

— Quer fazer algo extremamente perigoso? — perguntou ele, deitado ao lado de Cassie em sua cama.

— Precisarei sair de casa?

— Sim.

— Então é tudo que mais quero.

Malcolm percorria os dedos pelas costas macias da jovem.

— Quer ir a uma festa comigo?

— Você está brincando comigo.

— Não. É um baile de máscaras. Você não será reconhecida.

— Ah, Malcolm! É muito perigoso. Eu não sei se consigo!

— Você não precisa se não quiser — desafiou ele.

— Claro que eu quero! — exclamou Cassie, encantada com a idéia de poder sair um pouco, ver gente nova.

— E como vamos fazer? E os meus cabelos?

— Vou comprar uma peruca. Vamos nos divertir a valer.

— Ah, Malcolm, não posso acreditar! Será a minha primeira festa.

Naquela noite, os dois dormiram abraçados, contentes com a proximidade de seus corpos, de suas vidas.

Capítulo XVIII

— **O** que precisamos é de um plano — disse Sheila, inclinando-se em direção a Samuel, como se fosse compartilhar um segredo. Na verdade, não tinha nenhuma idéia.

Samuel nunca havia estado tão perto de uma mulher que não fosse sua irmã.

— Sim, um plano — ele respondeu estupidamente, balançando a cabeça.

— Acho que... — começou Sheila, sentindo que era seu dever assumir a conversa.

— Devemos ir à Londres. Você tem uma carruagem, não?

Samuel concordou com a cabeça.

— Então vamos para Londres, enfrentamos o seu tio e fazemos com que ele confesse!

Samuel olhou para os lados, depois para a Sheila, e uma pequena careta começou a se formar em seus lábios.

— Este é o seu plano?

Sheila se encolheu.

— Este é o seu plano? — ele repetiu. — Fazer com que ele confesse?

— Bom, é só o começo.

— Acho melhor pensarmos em uma forma de libertar Cassie.

— Sim, tem razão — ela interrompeu, se levantando. — Você tem como ameaçá-lo? Sabe de algo que ele não queira que ninguém saiba?

— Não, todos já sabem que o nome dele é Egbert. Acho que não podemos ameaçá-lo com isto.

— Não precisamos que ele confesse para nós. Precisamos que ele confesse para um juiz ou... ou um magistrado ou algo parecido. De que adiantaria se ele confessasse para nós? Precisamos encontrar provas!

Samuel não acreditava no que estava ouvindo.

— Outra ótima idéia.

— Bem, vejo que sua meta é achar falhas nas minhas sugestões — ela disse asperamente. — Por acaso tem alguma idéia melhor? Você vai ficar sentado fazendo críticas enquanto sua irmã está presa na Austrália por um crime que ela não cometeu?

Samuel suspirou.

— Certo. Dê-me um minuto. — Ele caminhou pela sala sob o olhar desafiador de Sheila, que o desafiava a chegar a alguma conclusão que não pudesse ser criticada.

— Pronto — ele anunciou. — Eis o que faremos. Fingiremos que estamos noivos, vamos até o meu tio e...

— Noivos?

Samuel tomou o cuidado de não olhar para ela.

— Sim, noivos. Agora ouça. Fingimos que estamos noivos e que vamos visitá-lo para comunicar o acontecimento.

— Precisamos de uma desculpa tão aprimorada para ir visitá-lo?

— Sim — ele garantiu. — Realmente precisamos. Ele nunca acreditaria que eu o visitaria só para ser gentil.

— Mas por que um noivado? Não poderíamos levar outra grande notícia ao seu tio, como... não sei... que estamos abrindo um negócio, ou...

— Isto não explicaria a sua presença.

— E seu eu for uma prima distante?

— O que há de tão ruim em ser minha noiva? — ele perguntou tentando não rir. — Sabe, eu não sou uma pessoa tão ruim. Tenho certeza de que existem mulheres que ficariam maravilhadas só com a idéia de me ter como noivo.

— Diga o nome de uma — ela o desafiou.

— Bem, eu... — Samuel fechou os olhos como se estivesse examinando seu próprio passado. Ele tentou lembrar se alguma jovem já havia demonstrado interesse por ele. —

É uma lista muito extensa — brincou ele. — Voltando ao nosso plano...

Sheila riu, sabendo que ele nunca havia cortejado uma dama. E ficou encantada.

— Estamos noivos — continuou Samuel. — Claro, se você estiver de acordo. E a não ser que eu tenha de ficar de joelhos para oficializar o pedido.

Sheila balançou a cabeça contendo a risada.

— Pronto, estamos noivos e precisamos contar ao meu tio porque... porque...

— Porque queremos que ele vá ao casamento?

— Não, ele não acreditaria nessa desculpa. Precisamos de algo mais convincente.

— Vejo que vocês dois possuem um ótimo relacionamento — Sheila ironizou.

— Você ainda não conheceu o resto da minha família — advertiu ele. — Aí, sim, veria o que são relacionamentos estranhos. Bem, vejamos... Pronto, já sei! Queremos um presente de casamento muito caro.

— Excelente idéia.

— Não é? Precisamos pensar em algo bem diferente, algo que meus pais jamais nos dariam.

— Nem os meus.

Samuel a olhou de soslaio.

— Diremos também que você vem de uma família pobre.

— Por quê?

— É o único jeito de conseguirmos convencer o meu tio. Ele precisa acreditar que os meus pais não concordam com o nosso casamento.

— Por que eles desaprovariam a nossa união? — perguntou Sheila, furiosa.

— Não é evidente? Qual pai quer que um filho se case com uma moça pobre, sem nenhum bem?

— Mas eu não quero ser pobre! E se a minha família for contra o casamento? Já

pensou nessa hipótese? Talvez nós sejamos os ricos, e vocês os que nem podem pagar a criadagem.

— Terrível!

— Faz sentido do mesmo jeito, não?

— Está decidido. Você será a pobre dessa história.

— Posso saber por quê?

— Porque você é uma condenada.

— Só que o seu tio não sabe.

— Sim, mas eu sei, e isso é suficiente.

— Que tal dizermos que todo mundo odeia todo mundo? — sugeriu Sheila. — A sua família me odeia, a minha odeia você, minha família odeia a sua e a sua a minha e nós nos

odiamos também.

— Parece razoável.

Sheila estava se preparando para proferir alguns insultos, mas quando ouviu a resposta de Samuel, desviou o olhar e viu que ele estava se divertindo. Então sorriu. E também notou algo que não percebera antes: Samuel Maddison tinha as feições muito bonitas.

— Estamos prontos para partir? — perguntou ela, contente por terem chegado a uma decisão.

— Claro. Só preciso fazer as malas.

— E os seus pais, o que dirão?

— Não sei, nem pensei em tocar no assunto com os dois.

— E você acha que eles não notarão sua ausência?

— Você não conhece a minha família — observou ele. — Se você achar melhor, eu posso lhes deixar um bilhete.

— Eu? Esqueceu que a sua família não gosta de mim? — brincou Sheila.

Samuel riu e começou a subir as escadas, de dois em dois degraus.

— Vou pegar algumas roupas de Cassie. Pode ser que fiquem pequenas, porém terá algo mais adequado para vestir.

— Está me chamando de gorda?

— Gorducha — respondeu Samuel sempre brincalhão. — E dona de curvas estonteantes.

Cassie nunca sentira tanto medo em sua vida. E, por outro lado, a sensação de medo nunca fora tão deliciosa! Malcolm havia comprado um vestido de veludo preto para ela. Ela não ficava bem de preto, mas com a peruca de cachos vermelhos, presa no alto da cabeça, com alguns fios soltos, a vestimenta ficava maravilhosa. A saia era reta, as mangas bufantes. O cós alto ficava debaixo das franjas de uma pequena jaqueta de veludo.

A roupa fazia-a parecer mais magra e mais alta do que realmente era. Quando tirou a jaqueta e deu uma volta em frente ao espelho, Cassie ficou admirada com sua imagem. Ela andou pelo quarto com seus sapatos de cetim preto, balançando a cabeça de um lado

para o outro, sentindo os cachos da peruca resvalando nos ombros.

Uma batida na porta fez com que ela se apressasse para abotoar a jaqueta. Com o máximo de cautela, Cassie saudou Malcolm abrindo a porta.

— Olá.

Ainda não havia escurecido. O sol estava apenas começando a se pôr. A festa não começaria nas próximas horas, portanto, Cassie teria tempo de sobra para ficar nervosa.

Malcolm ainda não estava vestido. Ele a olhava de forma estranha, havia uma certa intensidade em seus olhos azuis e uma expressão de admiração.

— Você está linda — disse Malcolm, cruzando os braços como que para se conter.

O que deixou Cassie lisonjeada não foram as palavras de Malcolm, mas sim a veracidade de sua declaração. Os olhos e a postura dele confirmavam suas palavras. Ele estava impressionado, o que fez com que Cassie enrubescesse.

— Acho que estes cabelos ruivos me caem muito bem — respondeu Cassie, chamando atenção para a parte falsa do seu traje. Era a forma de dizer que estava admirando algo que não era real.

— Qualquer coisa ficaria bem em você. Você está encantadora.

E isso fez com que Cassie se derretesse, não conseguia nem olhar para ele.

— Nunca estive em uma festa — confessou ela, acanhada.

— Como assim?

— Sempre... Eu sempre estive ocupada — disse ela, cabisbaixa. Temia que Malcolm a julgasse impopular. — Não que nunca tenha sido convidada, mas sempre achei as festas chatas.

— E são mesmo. — Ele riu.

— Eu me sentirei ridícula se for pega esta noite — disse Cassie, alisando seu vestido.

A resposta de Malcolm a surpreendeu.

— Você não será pega.

Ela olhou para ele como se não o houvesse compreendido.

— Como assim? — riu nervosamente. — Eu poderia ser pega com a maior facilidade.

— Não deixarei que isso aconteça.

Malcolm se afastou da parede e caminhou na direção dela com as mãos nos bolsos. Ficou assim até que estivesse perto o suficiente para tocá-la. Ele passou o dedo gentilmente pela

bochecha rosada. Gostou da forma com que os lábios dela tremeram, e também com o fato de ela não ter tentado se afastar.

— Se alguém quiser levar você para algum lugar terá de me levar junto — disse Malcolm, com tanta calma que Cassie acreditou nele sem qualquer sombra de dúvida. Pelo menos demonstrava preocupação, já que amor, que era o que ela queria, não era possível.

O médico ficou mais alguns segundos examinando os lábios trêmulos de Cassie.

— Bem, acho que é melhor eu ir me vestir — disse ele, não querendo estragar a

conversa.

— Você está ótimo assim.

— Obrigado, mas não estou desconfortável o suficiente — ele riu com a brincadeira. — E ninguém acreditaria que estou acompanhando uma mulher tão bonita.

— Então é melhor você se trocar. Não quero que as pessoas pensem que você é meu criado — brincou ela.

— Aliás — Malcolm disse antes de sair — já pensou em um nome para usar na festa?

— Um nome?

— Sim, um nome, uma forma de ser apresentada.

— Acho que qualquer nome serve, desde que não seja Cassie.

— Escolha um — a voz de Malcolm era suave. — Um que você goste bastante.

— Não, qualquer um está bom. Jane, por exemplo, ou qualquer outro nome.

— Jane? Você gosta deste nome?

— É um nome bonito.

Ele se aproximou de Cassie mais uma vez.

— Escolha um que você goste. Esta noite você tem cachos vermelhos e pode ser quem quiser. Qual o seu nome favorito? Qual você gostaria que tivesse sido?

— Malcolm — disse Cassie, sorrindo —, você está me encorajando a brincar de faz-de-conta como uma garotinha.

— Brinque de faz-de-conta, exatamente como faria uma garotinha.

Os olhos de Cassie se fecharam ao som da voz de Malcolm.

— Qual será? — perguntou Malcolm — Quem você quer ser?

Ele era o único homem no mundo em que ela confiava.

— Débora — Cassie disse timidamente.

— Débora?

— Sim, quero ser Débora.

Ele respondeu com um beijo em sua testa. A ternura de seus lábios a deixou louca. Não havia sido um beijo apaixonado, mas um beijo delicado para selar um acordo.

— Encontro com você lá embaixo daqui alguns minutos. — Malcolm saiu do quarto deixando-a sozinha pensando no grande faz-de-conta que viveria. No final das contas, seria delicioso agir como uma estranha.

A casa onde aconteceria o baile de máscaras não era grande nem elegante. Era uma casa de madeira de tamanho médio e seus donos provavelmente não eram ricos, mas estavam determinados a oferecer um dos maiores bailes de máscaras da história de Sydney. Lanternas laranjas decoravam as janelas, e as risadas podiam ser ouvidas da rua. Cassie

foi tomada por uma vontade incontrolável e quis correr para dentro da casa.

Malcolm a conduziu até a entrada com o máximo de elegância. Sua roupa e seus sapatos destacavam-lhe a altura e a masculinidade. Sua gravata era preta, combinando com o vestido de Cassie. Seus cabelos castanhos brilhavam com a luz das lanternas e suas

costeletas acentuavam o ângulo do seu queixo. Pela primeira vez ocorreu a Cassie que outras mulheres poderiam invejá-la por estar acompanhada de Malcolm. Ela imaginou como seria se outra mulher naquela festa desafiasse o direito que lhe pertencia de estar ao lado de Malcolm. Pelo menos naquela ocasião.

A confiança foi restabelecida imediatamente. Uma mulher em um vestido branco e com uma máscara branca brilhante sorriu para Malcolm enquanto cumprimentava o casal que estava na porta. Os cabelos castanhos dela brilhavam, seu sorriso era contagiante. Malcolm não olhou direito para ela. Jamais seria desagradável com a dama que estava ao seu lado, mesmo estando com vontade.

— É um prazer vê-los — respondeu Malcolm educadamente. — Deixe-me apresentar minha acompanhante, Debora Whittaker.

Cassie sorriu. Whittaker? Como ele havia inventado este nome?

— Encantada — respondeu a mulher. — De onde você é?

— Da Inglaterra — respondeu Cassie, fazendo com que a mulher risse de sua resposta tão óbvia.

— Mas de que parte?

— De Londres — respondeu ela, esperando que várias pessoas morassem em Londres para que ninguém conseguisse localizá-la.

— Maravilhoso! O que a traz para uma ilha tão sombria?

— Eu não a classificaria assim — respondeu Cassie, olhando para aqueles que estavam entre ela e o maravilhoso baile de máscaras. Todos pareciam estar se divertindo. Ela se perguntou quanto tempo demoraria para poder entrar e se juntar a eles. — Na verdade acho a Austrália bastante rica, fértil e agradável. Tento passar as férias aqui sempre que possível.

— Verdade? — perguntou a mulher, olhando para Malcolm. — E você aproveita a companhia do dr. Rutherford enquanto está por aqui?

Malcolm abriu a boca para defender Cassie, mas ela o interrompeu.

— Sempre, uma vez que as férias não seriam as mesmas sem dr. Rutherford por perto.

Cassie tinha certeza que a mulher queria perguntar onde estava hospedada. Certamente seria um grande escândalo se dissesse que estava na casa de um médico solteiro. Entretanto, ela não deu oportunidade para que a anfitriã fizesse uma pergunta tão indiscreta. Cassie apertou o braço de Malcolm.

— Obrigada por nos receber tão bem. Tenho certeza de que será uma festa bastante agradável.

A anfitriã os convidou para entrar.

Cassie não tinha dúvidas de que aquela mulher nutria certo interesse por Malcolm. Ela percebeu que seu acompanhante era alvo de quase todas as mulheres ávidas por um marido.

A festa estava animada, a comida estava deliciosa e o vinho, apesar de não ser da melhor qualidade, levava todos a levantar suas taças para brindar.

— Onde fica a pista de dança? — sussurrou Cassie, com curiosidade.

— Não há pista de dança — respondeu Malcolm — Ninguém é rico o suficiente para oferecer um baile de máscaras de verdade. Nós apenas vestimos as máscaras e fingimos que estamos em um.

— Estou tão feliz que tenhamos vindo. De verdade — disse Cassie, rindo.

Malcolm gostou do jeito que os olhos dela brilhavam por trás de sua máscara negra, acreditando que a jovem estava viva outra vez.

— Deixe-me pegar uma bebida para você — sugeriu Malcolm. — Quem sabe você consiga parar de pensar em certas coisas.

Com um sorriso gentil ele se afastou rapidamente em direção à poncheira.

Cassie não conseguia parar de rir, sentia-se como se estivesse flutuando pela casa, ciente de que ninguém a reconhecia. Naquela noite ela não era Cassie, mas sim Débora. Enquanto a maioria das mulheres segurava a máscara através de uma vareta, Cassie tinha a sua amarrada como a dos homens, garantindo que não cairia. A faixa de cetim amarrada em volta de sua testa não chamava a atenção, o que atraía olhares era sua beleza. Sua máscara não ocultava a cor verde esmeralda de seus olhos.

Cassie não parou para falar com ninguém. Ela ouvia uma conversa, depois outra, então sorria e continuava andando. Sentia os cheiros, ouvia as conversas, via as pessoas e guardava tudo em sua memória.

Malcolm voltou com dois copos de ponche.

— Tenha cuidado, ouvi dizer que está forte — disse ele, entregando o copo a Cassie.

— Estou acostumada a beber. Precisarei de vários destes para que você possa abusar de mim.

— Não gosto de me envolver com mulheres que tenham vícios — respondeu ele, aderindo à brincadeira.

— Não é necessário lembrar que dedicou metade de sua vida às conquistas. Você podia fingir que sou a única — disse Cassie, bem-humorada.

— Você é a única agora — prometeu Malcolm.

— Sim, mas não para sempre. Nós não temos futuro.

Malcolm continuou a olhar para ela, queria fazer algum comentário a respeito, mas não podia dizer que ela estava errada, nem que os dois tinham um futuro brilhante pela frente enquanto ela era forçada a viver nas sombras. Entretanto, havia algo que ele queria dizer, porém não encontrava as palavras. Queria dizer algo sobre não desistir ou pensar que fosse impossível, apenas improvável. Nada é impossível.

— Gostaria de um pouco mais, por favor — pediu Cassie, antes que Malcolm pudesse dizer algo.

Obedecendo, ele sorriu.

— Como desejar — respondeu Malcolm. Em seguida, pegou o copo vazio de Cassie, impressionado com a rapidez com que ela tinha bebido.

Malcolm e Cassie acharam que haviam antecipado tudo que poderia acontecer de errado durante a festa. O vestido de Cassie era adequado. O comportamento de Malcolm não levantava qualquer suspeita. A história fazia sentido e tudo teria dado certo se não fosse por um imprevisto que eles não haviam antecipado. Priscilla estava no baile de

máscaras.

Usava um vestido vermelho e estava parada ao lado da poncheira, olhando para Malcolm com seus olhos famintos, parecendo frágil e arrependida, bem diferente de seu comportamento normal. Sem dúvida ela era a mulher mais atraente da festa, mesmo quando comparada a Cassie.

Malcolm levou um susto quando a viu e quase desistiu de pegar o ponche para Cassie. Era tarde demais, ela o havia visto e então ele continuou.

— Malcolm — disse Priscilla com uma voz abafada.

— Não me perturbe — respondeu Malcolm, mantendo os olhos fixos na poncheira.

— Malcolm, quero que você saiba que meus sentimentos por você são sinceros. Sinto muito não ter dito que eu estava observando Cassie, mas eu não podia contar para ninguém. E é um assunto que não tem nada a ver com nós dois.

— Eu não quero mais falar com você.

Priscilla estava magoada e pela primeira vez em sua vida não teve vergonha de demonstrar.

— Malcolm você tem que entender, por favor...

— Eu entendo — disse Malcolm, virando-se e seguindo em direção a Cassie. Priscilla o observou, intrigada. Aquela era Cassie? Claro que era. Quem mais poderia ser? Ela sorriu, pois nunca havia suspeitado que Cassie teria coragem de ir a uma festa disfarçada, sabendo que se fosse pega poderia ser executada.

Malcolm voltou para o lado de Cassie, oferecendo-lhe a atenção e carinho que havia negado a Priscilla.

— Gostando da festa?

— É divertido não ser eu mesma, não ser real. Todos deveriam ter a oportunidade de experimentar essa sensação pelo menos uma vez na vida.

De repente eles escutaram um barulho vindo do lado de fora. Malcolm ficou preocupado, e tentou prestar atenção.

— Briga! — alguém gritou.

Uma multidão começou a se juntar na porta da frente para assistir a briga. Cassie não conseguia ver o que estava acontecendo, mas podia ver a reação dos espectadores. Malcolm se aproximou dos espectadores e balançou a cabeça.

— Ninguém vai parar com isso?

A multidão continuou assistindo a briga.

— Pelo amor de... — Malcolm colocou seu copo em cima da mesa. — Com licença.

Saindo de perto de Cassie, ele foi em direção à porta. Cassie seguiu Malcolm, mesmo sabendo que não deveria. Ela ficou em um lugar onde conseguia ver o que estava acontecendo. Havia três ou quatro homens envolvidos na briga. Era difícil dizer o número, uma vez que os espectadores e os agressores se misturavam facilmente. Havia gritos e exclamações, e Malcolm estava entre eles.

— Afastem-se — gritou o médico. Seu grito foi ignorado, e ele partiu para cima de um dos homens mais fortes. A confusão foi geral, mas Malcolm conseguiu separá-los. — Saiam daqui — Malcolm gritou e os espectadores começaram a lhe dar atenção.

— Foi ele que me bateu — gritou um dos oponentes.

— Então bata nele, mas aja sozinho — Malcolm respondeu soltando a vítima. Os outros haviam parado de brigar uma vez que aqueles que tinham começado não estavam mais se atacando. — Ele me chamou de condenado — disse o homem que Malcolm havia segurado, apontando o dedo sujo de sangue para o oponente. — Ele não vale nada, veio nessa festa para fingir que é nobre!

— Saíam! — gritou Malcolm. — Há mulheres aqui! Elas merecem respeito!

Os dois homens olharam para Malcolm, percebendo que o que ele dizia era verdade. Então abaixaram os olhos, envergonhados quando viram as mulheres assistindo ao espetáculo pela janela.

— Eu sairei daqui se ele também sair — disse aquele que havia sido chamado de condenado.

— Eu nem queria começar a brigar — acrescentou o outro.

Malcolm se virou e saiu andando, não se importando com o que aconteceria. O que mais o irritava era o fato de ninguém ter tentando interromper.

— Sinto muito — disse Malcolm levando Cassie de volta para dentro. — Espero que não tenha acabado com a sua noite.

— Absolutamente — respondeu Cassie, adorando o jeito despenteado de Malcolm.

— Na verdade, achei que você foi muito corajoso.

Malcolm não respondeu, apenas levou Cassie para dentro pelo meio da multidão.

— Na verdade, a forma com que você resolveu tudo foi bastante... atraente, eu diria.

— Atraente? — perguntou Malcolm. — Gostei dessa definição. É incomum.

— É muito atraente quando um homem defende a honra das damas — disse Cassie sorrindo.

— Já lhe contei de quando salvei alguns gatinhos de um incêndio? — Malcolm brincou.

— Não me lembro.

— Foi horrível, mas me senti na obrigação de salvá-los. Também houve uma vez que impedi o roubo de uma carruagem cheia de órfãos.

— Nossa, nunca pensei que você fosse um homem tão corajoso!

— Bem, nunca achei que isso a excitaria tanto.

— Malcolm, eu não usei a palavra excitar e gostaria que você também não usasse — ela disse, fingindo indignação.

— Sinto muito, acho que fui rude demais. — Ele pegou a mão dela e beijou-a delicadamente.

Não havia como continuar zangada, ponderou ela. Malcolm estava sendo honesto.

— Desculpe interromper.

Malcolm se virou pensando quem seria o inconveniente.

Era Priscilla.

— Cassie... ou melhor, Débora... sinto muito, mas preciso falar com o seu acompanhante em particular.

Cassie ficou surpresa, aterrorizada por ter sido descoberta, mas então lembrou que Priscilla estava do seu lado.

— Tudo bem.

— Não, não está tudo bem — respondeu Malcolm. — Priscilla, não percebeu que estou ocupado?

— Exijo que você fale comigo agora!

— Você não pode exigir nada — disse Malcolm quase rindo. — Vá embora, por favor.

Priscilla não se mexeu. Malcolm sabia que não teria sossego enquanto não resolvesse o assunto e fizesse Priscilla ir embora.

— Está bem. Voltarei em um minuto — despediu-se Malcolm, roçando os lábios de Cassie com os seus. Foi um gesto proposital, para que Priscilla visse.

Ela o levou para um escritório vazio.

— Acho que ninguém está usando este lugar. Provavelmente não seremos vistos aqui, não demorará muito.

Malcolm nem se sentou, apoiou as costas na parede e cruzou os braços com impaciência.

— O que você quer?

— Malcolm, sinto muito por tudo isso mas... — começou Priscilla, aproximando-se.

— Mas o quê?

— É muito perigoso trazer Cassie aqui. Nós a deixamos sob seus cuidados, achamos que você teria cautela em...

— Vocês a deixaram sob meus cuidados? Eu a tirei de sua casa e teria feito o mesmo com ou sem a autorização de vocês.

— Malcolm...

— Deixe-nos em paz — interrompeu Malcolm. — É só uma festa, acabará logo e ela poderá voltar a se esconder. Por que não me ajuda a tirá-la daqui?

— Impossível — disse Priscilla, pouco se importando se Cassie visse a luz do dia novamente. — Miles e eu discutimos esse assunto. O único jeito de sair da Austrália é de navio e nunca permitirão que ela embarque sem provar que não é uma condenada.

— E pelas montanhas?

— Não existe civilização daquele lado e ela nunca sobreviveria à viagem.

— Eu soube de homens que escaparam por lá.

— Mas não sabemos se algum deles sobreviveu.

Malcolm sabia que ela estava certa mas não queria desistir.

— Ela não pode ficar presa no quarto para o resto da vida.

— Isso quer dizer que não estão dividindo um quarto?

— Isso não é problema seu.

— Estou surpresa. Como resistiu?

— Já acabou, Priscilla? — perguntou Malcolm, tentando ao máximo não perder a paciência.

Ela suspirou.

— Não Malcolm, ainda não acabei, e espero que o que existe entre nós também não tenha terminado — sussurrou ela, sedutora.

— Terminou, sim.

— Malcolm — Priscilla atirou seus braços em volta dele. — Quero você de volta.

— Você me usou.

— Não, Malcolm, eu juro que não. Só aproveitei a missão para me aproximar de você novamente porque não agüentava mais a distância nos separando. Você é o único homem

que eu amei na vida.

— Amor? Como ousa falar de amor? Amor é um sentimento muito nobre, Priscilla.

— Você acha que eu não tenho coração?

— Não foi o que eu falei.

Priscilla se afastou, admirando as feições de Malcolm, lembrando dos momentos que haviam compartilhado, torcendo para que ele os relembresse quando seus lábios se tocassem. Então ela o beijou.

A porta se abriu e Cassie ficou parada observando a cena. Era como se esperasse que aquilo fosse acontecer. Sem esperar, ela abafou um grito com a mão e saiu correndo.

— Cassie! — chamou Malcolm, desvencilhando-se de Priscilla. — Cassie, espere!

Ele correu para fora da sala, deixando Priscilla sozinha, quase chorando. Aquela foi a prova de que o dr. Malcolm Rutherford não a amava.

Malcolm alcançou Cassie com facilidade.

— Cassie, escute, não era o que parecia. Não há mais nada entre Priscilla e eu. Ela me beijou a força. Escute, eu estava tentando me livrar dela. Não tenho qualquer interesse em...

Cassie parou e olhou para ele, arremessando sua peruca longe.

— Não quero mais fazer parte dos seus jogos! Não me importo com o que você faz ou quem você beija, mas eu não quero mais fazer parte dessa sua lista de mulheres. — E ela continuou andando.

— Cassie, o que você está fazendo? Você não pode ficar andando pelas ruas durante a noite, não é seguro. Vamos conversar em casa.

— Não quero conversar. Quero me livrar de você e de tudo que lhe diz respeito. Você não me faz bem. Você não faz bem a ninguém, exceto a Priscilla.

— Não quero saber de Priscilla.

— Ora, Malcolm!

Malcolm a agarrou pelo braço, obrigando-a a olhá-lo.

— Escute aqui!

— Eu não vou escutar nada! — gritou Cassie, incomodada com a proximidade de Malcolm — Se não me soltar, eu começarei a berrar, e como não estou de peruca, é bem provável que me prendam. E você será preso por ser meu cúmplice. Sei que seria uma burrice gritar, mas estou disposta a enfrentar as consequências!

Malcolm olhou para a peruca no chão e viu que Cassie estava decidida. Então soltou-a e observou-a sair correndo.

Pouco adiante, alguém tampou a boca de Cassie e ela foi arrastada para dentro da carruagem de um estranho. Sua sorte tinha chegado ao fim.

Capítulo XIX

— Querido, onde você está? — a sra. Maddison perguntou. — Aí está você!

Wilbert, eu o procurei por toda parte.

O sr. Maddison fechou seu livro e desviou o olhar para a esposa.

— Querida, você deveria estar na cama. Ainda não está completamente recuperada.

— Eu sei, mas me pareceu importante. Já leu o que há na mensagem? — perguntou a sra. Maddison entregando um bilhete ao marido.

— Não — disse ele, pegando o bilhete.

— Não parece estranho?

— O quê? Samuel ter decidido comunicar meu irmão sobre o noivado? Posso dizer que é um pouco estranho, pois nunca soube que eles fossem íntimos. Mesmo assim, acho que foi um gesto gentil.

— Estou me referindo ao fato de nós não sabermos que ele estava noivo.

— Não sabíamos?

— Eu pelo menos não sabia — disse a sra. Maddison, procurando manter a calma.

— Não me lembro de Samuel ter mencionado uma noiva. Certa vez ouvi algo a respeito de uma amiga, mas não tenho certeza. Você não acha que ele nos contou e nós simplesmente nos esquecemos, querido? Eu me sentiria uma péssima mãe.

— Não seja ridícula — disse Wilbert. — Você é uma ótima mãe. Se for assim, eu também seria um péssimo pai.

— Você tem razão, não é nossa culpa. Aquele menino é tão... sarcástico e obstinado.

— É verdade.

— Eu rezo para que tudo dê certo entre os dois. Pelo menos um dos nossos filhos deve fazer um bom casamento.

— A propósito, onde eles estão?

— Não sei. Por favor, passe-me aquele lenço.

— Pronto, pronto. Tudo vai ficar bem, minha querida.

Imagino que Samuel tenha nos contado sobre o noivado, mas não nos preocupamos tanto quanto seria necessário. De certo um homem na idade dele não sabe as responsabilidades

que envolvem o sustento de uma família.

— Sim, você está certo. Mas lembre-se, quando encontrarmos com ele, procure não parecer surpreso. Ele não pode notar que esquecemos — sugeriu Caroline Maddison.

— Claro, querida. Fique sossegada.

— Com quem será que ele vai se casar? Mais um filho que parte...

— É verdade, querida — respondeu, evasivo, subindo as escadas para pegar sua mala.

— Vai sair outra vez?

— Tenho negócios muito importantes para resolver. Muito importantes.

— Que tipo de negócios?

— Os de sempre.

— Acho que a perfumaria poderia ficar uma semana sem você, embora eu esteja muito orgulhosa do seu trabalho. Quem diria que todos lhe pediriam conselhos algum dia?

— Existe muito dinheiro envolvido no mercado de perfumes, minha querida.

— Sentiremos sua falta, como sempre. Ah, Wilbert, peça para que tomem cuidado com suas roupas e não derrubem perfume em suas camisas. Não se esqueça de que estamos sem nenhum criado na casa.

— Sim, querida. Eu prometo que tomarei cuidado — disse ele, desaparecendo no quarto.

O casal se aproximava da casa de tio Egbert, os dois ensopados pela chuva que não havia cessado desde a partida. Sheila tremia de frio.

— Nunca vi alguém conduzir tão mal uma carruagem.

Samuel sabia que não conduzia muito bem, mas estava se esforçando. Aquela fora a viagem mais tranqüila que já havia feito, então ele ficou bastante decepcionado com o comentário.

— Não achei que fui tão mal assim.

— Não, não foi... Quase capotamos umas seis vezes — zombou Sheila. — Não sei por que não permitiu que eu assumisse o comando da carruagem.

— Eu ficaria constrangido, pois as pessoas nos olhariam.

— Eles estavam nos olhando de qualquer jeito.

— Não reparei.

— Você estava indo rápido demais para perceber.

Samuel sentiu-se desanimado com os comentários de Sheila. Ela parecia tão bonita com os cabelos encharcados, os olhos azuis contra a neblina cinza. Desejava que ela realmente gostasse dele. O problema era que não sabia como cortejá-la.

— Você conduz os cavalos na volta.

Sheila quase não acreditou, pois nunca imaginou que um homem a deixasse conduzir uma carruagem.

— O quê?

— Você pode conduzir na volta. Não me importo com o que as pessoas vão pensar de mim. Só não vá muito devagar para não demorarmos a semana inteira.

— Não se preocupe. Você não vai se arrepender — prometeu Sheila, aceitando o braço de Samuel.

— Ótimo.

A entrada da casa do tio Egbert era cinza como todo o resto do mundo naquele

momento. Era difícil distinguir onde acabava a neblina e onde começava a construção. Através de uma janela retangular era possível avistar chamas de uma lareira que aquecia o cômodo, iluminando um sofá e uma poltrona.

Foi a sra. Maddison que abriu a porta, surpresa em ver Samuel. Sarah teve de fazer um esforço sobre-humano para dar a impressão de que era uma surpresa boa vê-lo. Ela forçou um sorriso, mas foi incapaz de esconder o desprezo em seus olhos. Se Samuel fosse mais sensível ele teria ido embora no ato, depois da acolhida nada amável da tia.

— Nossa, o que fazem aqui? Quero dizer, estão perdidos? — Ela sabia que havia sido indelicada e que não soubera escolher as palavras.

— Nada disso. Vim fazer uma visita para meus tios favoritos.

O rosto grande e rosado de Egbert apareceu por trás do da esposa.

— Já lhe demos dinheiro, Samuel. Será possível que já gastou tudo?

— Tio, que senso de humor! — Samuel riu. — Vim para comunicar meu noivado com esta adorável dama — disse ele, mostrando Sheila. Seu orgulho era evidente.

A sra. Maddison pareceu um pouco mais feliz.

— Que boas notícias — murmurou ela, tentando sorrir com naturalidade.

O tio Egbert levou apenas alguns segundos para adivinhar que a visita não era somente para dar as boas-novas, mas também para saber do presente de casamento. Entretanto, não quis ser indelicado com a jovem dama que acabara de conhecer.

— Meus parabéns — cumprimentou o tio Egbert.

Os tios analisavam a moça, tentando adivinhar que tipo de mulher se casaria com Samuel. Se ela não estivesse presente, os dois teriam duvidado.

— Podemos entrar? — Samuel perguntou, praticamente ensopado pela chuva.

Houve uma certa hesitação antes que a porta se fosse aberta por inteiro.

— Claro — disse a sra. Maddison. — Por favor.

Os dois entraram molhando todo o tapete e não se mostraram nem um pouco incomodados. Foi quando o casal percebeu que a noiva era tão vulgar quando seu sobrinho.

— O que temos para o jantar? — perguntou Samuel, indo em direção à cozinha sem a menor cerimônia.

— Nós já comemos, meu caro. O jantar é cedo aqui na nossa casa — respondeu a sra. Maddison.

— Mas tenho certeza de que poderemos encontrar um pouco de pão e mel — ofereceu Egbert, observando Sheila remover sua capa sem o menor cuidado com os tapetes.

— Claro, querido. Pode deixar que eu mesma cuido disso.

— Por favor, sentem-se — convidou Egbert. — E então, quando tomaram essa decisão?

— Há muito tempo — Sheila respondeu. — Estamos noivos faz tempo.

Após aquelas primeiras palavras da jovem, ele percebeu como ela conquistara Samuel. Ela era irlandesa. Como seu pai, Samuel havia escolhido uma irlandesa para ser sua esposa.

Bem, pelo menos Samuel estava se casando.

— Eu não sabia.

— Bem, meus pais não aprovam, mas... — começou Samuel.

— Nem os meus — Sheila interrompeu. — Eles têm tanta vergonha de Samuel que se recusaram a comparecer ao casamento.

— Os meus também não irão. Eles dizem que é um grande erro e...

— Na verdade estou pensando em não ir ao casamento — Sheila disse. — Estou pensando em boicotá-lo.

— Eu também.

Os dois caíram na risada.

A sra. Maddison acabara de entrar na sala com um prato de pão.

— É encantador recebê-los aqui. Temos tanto para conversar. Aceitam um pouco de chá? Você parece exausto querido — a sra. Maddison comentou enquanto servia o chá.

— Como? — Egbert ainda estava olhando para Sheila. — Sim, querida, estou bastante cansado. Está quase na hora de nos recolhermos.

— Mas são apenas sete horas! — comentou Samuel, perplexo.

— É a hora em que costumamos nos recolher — Egbert garantiu. — Nós dormimos bastante.

— Não se preocupem conosco — Sheila disse enquanto comia rapidamente. — Sabemos nos divertir sozinhos.

— Que ótimo! — Marido e mulher trocaram olhares aterrorizados. — E para onde vocês irão depois?

— A nenhum lugar — Samuel disse. — Esta é nossa única parada.

— Que ótimo! — repetiu ele, entrando em desespero.

Na verdade, nem sua esposa podia ter adivinhado o quão inconveniente a visita do sobrinho fora para Egbert. Não poderia haver noite pior para ele aparecer. Egbert tinha prometido se encontrar com Emma. Escapar de casa sem que Sarah notasse já era difícil, porém evitar ser ouvido por três pessoas seria demais. Ele só esperava que todos estivessem dormindo, e profundamente, quando saísse. E não havia como mudar o horário do encontro.

Semanas atrás teria sido um absurdo Egbert querer se encontrar com Emma. Emma, a mulher que o havia traído de forma tão brutal. Ele havia planejado abandoná-la, não por não querer mais, e sim por necessidade. Por mais que Egbert tentasse, não conseguia esquecer o que Emma lhe dissera.

Com o passar dos dias e das semanas, todavia, ele passou a sentir falta de sua amante. Na verdade, percebeu que o único jeito de acabar com o seu sofrimento era tocar a pele macia e beijá-la. Quando olhava para a esposa, Egbert sentia um grande carinho, mas nenhum tipo de desejo. E não queria ter de ensinar todos os seus gostos e preferências a uma nova

amante. Mas não era só isso. Ele ainda desejava os carinhos de Emma.

Ela o aceitou de volta depois de muita insistência, e os dois terminaram por fazer

um acordo de cavalheiros. Claro, tudo em troca de muitas jóias e dinheiro.

Ainda era cedo, e Egbert sabia disso. Fazia algum tempo que tinham se deitado, e ele escutava o sonoro ronco da esposa. O jovem casal havia ficado acordado até tarde, demorando a se recolher. Assim que escutou a porta do quarto deles fechar-se, Egbert se levantou da cama. Precisava ter o máximo de cautela para não ser pego.

Samuel estava de olhos fechados quando ouviu um ruído. Ele abriu os olhos e viu uma silhueta sedutora se aproximando.

— Linda — sussurrou Samuel, puxando-a para perto. — Venha aqui, meu anjo, eu não vou machucá-la.

Um soco o atingiu no estômago, deixando desnortado.

— Tire suas mãos de mim! — Sheila gritou. — Não vim aqui para ser seu primeiro amor! Aconteceu algo muito sério.

Samuel não ouviu a segunda frase.

— Primeiro amor? O que a faz pensar que eu nunca...

— Foi só um palpite. Agora se levante e vista-se depressa.

— Vestir-me? — perguntou Samuel, pegando suas calças. De certa forma ele ainda não havia desistido da possibilidade de que sua primeira noite de amor acontecesse naquela noite. — Não podemos esperar até amanhã?

— Escute aqui! O seu tio Egbert saiu de casa.

— Como assim? — perguntou ele, afagando os ombros de Sheila.

— Pare! Você não está me ouvindo. Eu disse que o seu tio saiu de casa no meio da noite.

— E daí?

— Ele de certo está fazendo algo que não deve. Você não percebe? Nós viemos aqui procurando por algo suspeito e encontramos! Com certeza seu tio saiu para um encontro secreto com seus comparsas. Os mesmos que prenderam Cassie.

— O que a leva a pensar assim? — perguntou Samuel, frustrado com a rejeição de Sheila.

— Não sei ao certo, mas sei que ele está saindo escondido senão não teria saído na calada da noite. Agora se apresse. Devemos segui-lo. Rápido, seu idiota!

— Você poderia ter escolhido algo como querido ou meu amor. Não sei se você sabe, mas as pessoas acham que idiota tem uma conotação negativa.

— Por favor, Samuel, pare de falar tanto e aja mais. Não quero perder o seu tio de vista.

— Está bem — Samuel disse. — Vamos. Vamos descobrir se o tio Egbert realmente fez algo contra minha irmã.

— Fez — Sheila afirmou. — Você verá, tudo que eu lhe disse é verdade! Hoje à noite teremos a prova de que precisamos.

Capítulo XX

Cassie lutou contra seu raptor como um animal selvagem. Ela não se sentia tão presa ou tão selvagem desde quando quase foi atacada no navio que a levou para a Austrália. Não estava entendendo, afinal, todos não pensavam que estava morta? Tinha algo estranho. Algo que fez com que ela se sentisse poderosa. Cassie chutou e socou o sujeito, quase conseguindo se soltar. Ele já estava todo machucado e resmungava sem parar por não ter encontrado uma vítima fácil.

A viagem de carruagem foi terrível. Cassie podia ver o homem que iria matá-la, embora não o reconhecesse. Ele era robusto, com cabelos grisalhos e um nariz grande e reto que havia sido quebrado diversas vezes, porém seu rosto era bastante normal. Ele não parecia um assassino, nem bravo ou vingativo. Cassie teria conversado com ele se não estivesse amordaçada. A única coisa que restava era deixar o corpo chacoalhar pela estrada esburacada. Ela não parava de se perguntar por que ainda estava viva.

— Sinto muito que tenhamos nos conhecido desta forma — disse o raptor, conduzindo-a para uma cabana sem janelas no meio de uma floresta. Um local perfeito para um assassinato, Cassie observou. Ninguém nunca a encontraria, e ela morreria sozinha, desamparada. Quanto antes tudo aquilo acabasse, melhor. Assim não teria tempo de ficar pensando no assunto.

— Quem é você? — perguntou Cassie, quando ele lhe tirou a mordaça.

— Não posso dizer, mas lhe darei uma dica. Você conhece muito bem a minha esposa.

— Por que você não pode me dizer quem é? Eu vou morrer de qualquer jeito, não é?

— Não necessariamente — ele disse com um sorriso.

Cassie não acreditou no que tinha escutado. Será que ele não a mataria? Bem, à primeira vista ela não o considerara um assassino.

— Por que não? Você não foi contratado para me matar?

— Como você sabe? — A pergunta de Cassie o perturbou.

— Ora, sabendo. Sei que alguém inventou uma grande mentira a meu respeito e agora está tentando me matar.

De repente, ele sentiu uma fraqueza, mas logo a afastou. Ele não sabia o que havia acontecido com a jovem, apenas que tinha sido contratado para matá-la. O que uma jovem tão encantadora poderia ter feito de tão cruel para que quisessem acabar com sua juventude?

— Como você sabe? — repetiu ele.

— Não lhe interessa. Quero saber por que não encerra o assunto de uma vez por todas.

Ele colocou uma panela no chão, perto do fogo. Cassie observou que o homem estava preparando sopa suficiente para duas pessoas. Duas pessoas. Ele queria que ela vivesse tempo suficiente para fazerem uma refeição juntos. Uma boa notícia, dentre tantas outras terríveis, pensou ela.

— Está bem, vou lhe explicar tudo direitinho, mas antes vou preparar o nosso jantar.

Cassie achou melhor não discutir e obedecê-lo. Tinha decidido fazer de tudo para permanecer viva, agarrando a chance que lhe tinham dado. Ela olhou ao redor, analisando o local em que se encontrava. Ninguém morava ali. Era um lugar para jovens casais fazerem amor às escondidas, um local para se cometer crimes obscuros.

— Você mora aqui? — Cassie perguntou, sabendo que quanto mais falasse, mais atordoaria o homem que, já que demonstrara uma fraqueza, demoraria ainda mais para matá-la.

— Só nos últimos dias — respondeu ele, sem grande interesse em prosseguir com a conversa. Cassie sabia que ele estava se escondendo ali por ser um local seguro para manter alguém em cativeiro. Ele soltou os pulsos de Cassie e lhe entregou um prato de sopa. Cassie agradeceu e pegou o prato, esperando que ele desse a primeira colherada. Ótimo. Pelo menos não morreria envenenada.

Ela começou a comer, apesar de não estar com fome.

— Quem é sua esposa? Uma mulher que eu conheço bem? Não sei quem pode ser.

— Eu não posso lhe dizer quem é.

Cassie havia antecipado esta resposta, porém fizera a pergunta apenas para incitá-lo a falar. O silêncio a estava matando. Ela o observou cuidadosamente, tentando descobrir mais sobre seu caráter. Ele não havia olhado para seus seios nenhuma vez, o que era bom. Indicava que não estava interessado nela como mulher.

— Quem o contratou para me matar? — insistiu Cassie, torcendo conseguir vencer pelo cansaço.

— Um sujeito chamado Egbert Maddison — respondeu ele, surpreendendo-a. — Nunca o encontrei antes.

Cassie quase engasgou com a sopa ao escutar o nome do homem que queria vê-la morta.

— Como?

— Como, o quê?

— Egbert Maddison é meu tio. O que está acontecendo? Por que ele quer me ver morta? — perguntou ela, murmurando consigo mesma. Por que seu próprio tio faria isso?

— Não sei. Ele não me disse o motivo, apenas a quantia que me ofereceria pelo trabalho. Foi muito mais do que imaginei ganhar em anos de trabalho honesto. Ainda mais aqui, onde todos preferem o trabalho dos condenados, pois não é remunerado.

Cassie não estava com ânimo para argumentar, para dizer que os condenados nunca tiveram a intenção de roubar o trabalho de qualquer cidadão australiano, que estavam ali

por obrigação.

— Quando ele o contratou? — perguntou Cassie, mudando um pouco de assunto.

— Seis meses atrás.

Imediatamente após a sentença. No momento em que soube que ela não seria enforcada pelo suposto crime, Egbert contratou alguém para garantir sua morte. Por quê?

Ela nunca havia gostado dele. Ele levava uma vida cheia de luxos, enquanto sua família lutava para pagar as contas em dia. Cassie conhecia a inimizade entre os irmãos, sabia que Egbert odiava o irmão por ele ter se casado com uma irlandesa. Por esse motivo, seu pai fora retirado do testamento de sua avó. Claro que essa sujeira estava relacionada a dinheiro. Sim, decididamente havia dinheiro envolvido.

— Ele lhe deu qualquer outra instrução? Digo, qualquer outra ordem além de me matar?

— Sim, Egbert me pediu para fazer com que pareça um acidente, mas expliquei a ele que não sou um assassino. Disse-lhe que não sei como proceder para esconder as evidências. Eu lhe prometi que iria cortar a garganta da pessoa, nada mais. Se ele quisesse um matador profissional, deveria ter contratado um.

— Então por que ele não contratou outra pessoa?

— Não sei. Ele percorreu todo o porto perguntando se alguém estava disposto a ganhar dinheiro para matar uma pessoa. Eu estava de passagem por Londres, pois tinha ido como empregado de um navio. E estava tentando arrumar um trabalho por lá. Concordei em voltar para a Austrália e fazer o que ele tinha me pedido.

O homem cocou a barba, pensativo.

— Você precisa ver! Todos estavam rindo do sujeito que perguntou para quase todos os marinheiros do porto se fariam aquele tipo de trabalho. Até os mais desprezíveis se negaram a fazer a um trabalho para alguém tão ingênuo e novato no assunto. Eu fui o único que aceitei. E digo que só o fiz porque minha situação está extremamente complicada.

— Então por que ainda estou viva?

— Bem — ele começou, um tanto quanto envergonhado. — Eu não estou com intenção de matar uma pessoa, muito menos uma jovem tão bonita.

Cassie engoliu em seco.

— Tenho uma idéia melhor — continuou ele, entusiasmado com sua inteligência. — Não quero lhe dar falsas esperanças, mas imagino que possa haver outras alternativas. Mas não crie expectativas, pois eu não hesitarei em matá-la, se necessário.

Cassie estava aterrorizada. Suas chances de sobrevivência eram cada vez menores.

— Pensei que talvez exista alguém que pague mais do que Maddison pagou, alguém que a queira viva mais do que ele a quer morta.

Cassie estava paralisada, boquiaberta, esperando o que ainda estava por vir.

— Malcolm Rutherford. Acho que ele me pagaria uma quantia bem generosa para ter sua criada de volta, não é?

— Duvido que ele tenha tanto dinheiro assim. Malcolm não é um homem rico.

— É, sim.

— Como você sabe que ele aceitará a sua proposta?

— Não tenho certeza, mas pretendo tentar.

Cassie tinha plena certeza de que Malcolm pagaria. Apesar do que sentia por Priscilla, das palavras rudes que haviam trocado, ele pagaria. Definitivamente, Malcolm pagaria para mantê-la viva. Cassie nunca teve tanta certeza de algo na vida.

— Faith é sua esposa, não é?

— Como? Quem disse?

— Como você poderia saber quanto dinheiro Malcolm tem ou que ele gosta de mim o suficiente para sacrificar sua fortuna por uma simples criada? Faith sabe disso? — Cassie perguntou sem piedade. — Ela sabe que você foi contratado para me matar.

Ele confirmou com um aceno de cabeça.

Cassie lembrou-se de Sheila, que insistia em dizer que não confiava em ninguém.

— Entendo — balbuciou ela, chocada com a crueldade do mundo.

— Agora vou amarrar seus braços outra vez. Não posso descuidar de você nem um instante.

Cassie não resistiu enquanto ele refazia o nó em volta de seus pulsos. Magoada, ela pensou que preferia morrer a saber que seu tio e Faith a tinham traído. Preferia morrer a ficar dias presa naquela cabana. Preferia morrer a pedir ajuda a Malcolm mais uma vez, afinal de contas ele também a tinha traído. Com Priscilla. As lembranças dos olhos violeta

cheios de desejo a atormentaram durante a noite em claro.

Na noite em que Cassie tinha sido levada, Malcolm parou a carruagem e entrou e saiu de vários estabelecimentos em Sydney. Onde ela estaria? A verdade é que poderia estar em qualquer lugar, o que o assustava muito. Se estivesse presa em algum lugar, seria quase impossível encontrá-la. Malcolm não podia desistir enquanto a segurança de Cassie estivesse em jogo. A idéia de abandoná-la era inconcebível. Entretanto, o que poderia fazer? De que adiantaria andar noite e dia, sem saber aonde ir, aonde buscar. A melhor coisa a fazer era voltar para casa e esperar que ela aparecesse, que desse algum sinal de vida.

Quando acordou de manhã, depois de algumas horas de sono conturbado, e viu que Cassie não tinha aparecido, Malcolm sentiu-se o homem mais impotente do mundo.

Faith andava muito estranha nos últimos dias. Ela, que sempre fora extremamente pontual, passara a chegar atrasada e a cometer algumas gafes na cozinha. Malcolm nunca conseguia prever suas chegadas e suas partidas. Parecia que não se importava mais com nada, que não tinha medo de perder o emprego. Devia ser uma fase, pensou ele, considerando o próprio momento de dificuldade.

— Olá, Faith — Malcolm a cumprimentou segurando uma xícara de chá que havia preparado sozinho.

— Bom dia, doutor — Faith respondeu em voz baixa, parecendo cansada.

Faith não reparou como Malcolm estava diferente, o que o desconcertou, uma vez que a cozinheira sempre notava suas mudanças de humor e tentava lhe dar conselhos. Naquele dia, contudo, Faith apenas o cumprimentou e seguiu para a cozinha.

Impaciente, Malcolm continuou andando de um lado para o outro. Havia decidido não trabalhar naquele dia. Não havia como realizar uma cirurgia com aquele tipo de preocupação na cabeça. Os pacientes estariam mais seguros nas mãos de outros médicos.

Malcolm não sabia mai? o que fazer, aonde ir, onde procurar Cassie. Já tinha ido a

todos os cantos da cidade, perto da floresta, do mar, e não havia encontrado nem uma pista. Perdido em seus pensamentos, ele ouviu alguém batendo à porta.

Malcolm esperou que Faith fosse abri-la, mas logo escutou outra batida. Ele caminhou até a porta e, quando a abriu, encontrou Priscilla vestindo uma capa preta.

— Meu Deus, não é possível! — exclamou ele, certo de estar diante de uma assombração.

— É assim que se acolhe uma convidada tão especial? — perguntou Priscilla, entrando sem ter sido convidada.

Malcolm ficou aliviado quando viu que o vestido bege que ela usava por baixo da capa era modesto, sem nenhum decote ou fenda sensual.

— O que você quer?

— Vim falar com Cassie.

— Sinto muito, mas Cassie não está.

— Não está? Como não está?

— Você ouviu, ela não está e eu poderia dizer que a culpa é sua — Malcolm disse, aproximando-se de Priscilla com a intenção de "causar-lhe desconforto".

— Aonde ela foi?

— Boa pergunta. Aonde ela foi? Eu não sei, Priscilla. Aonde você iria se o homem com que você está a traísse?

— Traindo? — Priscilla disse sorrindo. — Malcolm, você não está me dizendo que ela acreditou que seria sempre fiel a ela.

— Cassie achou que sim.

— Como assim?

— Ela nunca precisou acreditar no contrário. — Malcolm desviou o olhar para a janela. — Cassie nunca me pediu fidelidade, nunca perguntou sobre o nosso futuro, mas esperava que, pelo menos por enquanto, eu mantivesse minha promessa. Ela finge ser prática, mas Cassie não é assim. Ela é romântica.

— Então ela escolheu o homem errado. Você é um ótimo amante Malcolm, mas não é nem um pouco romântico.

— Acho que está certa, mas nada disso importa agora. Não consigo encontrá-la.

— Já procurou na estalagem?

— Você não sabe que já procurei em todos os lugares? — Malcolm perguntou, irritado.

— Quem sabe ela tenha fugido para a floresta — sugeriu Priscilla.

— Pode ser.

— Temos que achá-la, Malcolm.

— Como sugere que a procuremos, Priscilla? É quase impossível encontrar alguém escondido na floresta.

As memórias de sua fuga fracassada não o torturavam mais, embora o deixassem irritado.

— Eu estava quase morto quando eles me capturaram novamente. Para qual direção devemos seguir?

— Acho que nós dois devemos ficar aqui e continuar a procurar pela cidade. Ela provavelmente desistirá e voltará. Devemos estar aqui para quando ela voltar e escondê-la caso o assassino apareça. Vou mandar Miles procurá-la na floresta?

— Sabe que é perigoso, não é? Não se incomoda se algo de ruim acontecer ao seu amante?

— Mais ou menos — respondeu ela, incomodada com a referência falsa. Não era seu amante, só estava com Miles por causa do dinheiro.

— Você manda, se quiser. Não quero sugerir a um homem que vá ao encontro da própria morte.

— Está bem — disse Priscilla, sem fazer menção de ir embora. Ela seguiu na direção de Malcolm.

— Deixe-me em paz, Priscilla — foi tudo o que ele conseguiu dizer quando sentiu os braços em volta de sua cintura e os seios pressionados contra suas costas.

— Malcolm, quando tudo isso acabar, quero que sejamos amigos novamente.

Malcolm ainda estava olhando pela janela, de um lado para o outro, com esperanças de ver Cassie a qualquer momento. Ele tentou fingir que não sentia a proximidade do corpo de Priscilla.

— Nunca soube que havíamos sido amigos. Achei que fomos parceiros de cama.

— Você gosta de me torturar, não?

— Gosto.

— Eu também gosto das suas torturas — Priscilla respondeu. — É por isso que precisamos um do outro. Atormente-me, Malcolm — pediu ela, mordiscando-lhe a orelha.

Priscilla levou as próprias mãos aos seios.

— Comporte-se — Malcolm a repreendeu afastando-lhe as mãos.

— Você vai me dar uma surra? — perguntou Priscilla, sedutora.

— Pare de me provocar — ordenou Malcolm. — Já lhe disse que quero me concentrar em Cassie.

— Cassie não tem graça, ela quer que você tome conta dela. Quer que você seja fiel e bom. Eu não. Eu quero que você seja do jeito que você sempre foi, brilhante e totalmente

pecaminoso.

Malcolm tentou se distrair, mas não conseguia pensar em nada para se acalmar.

— Pegue uma bebida para mim, Priscilla.

Ela estudou a expressão de Malcolm, que geralmente não costumava lhe dar ordens, a não ser que estivesse excitado e querendo tentar dominá-la. Priscilla podia ver o brilho nos olhos dele, o que o deixava ainda mais bonito. Este era o homem que amava.

— Devo servir a bebida em um copo? Ou prefere que eu coloque algumas gotas em algum lugar mais atraente?

— Só quero que me dê uma bebida e cuide para que não haja nada embaixo do seu vestido quando voltar.

Malcolm sabia que Priscilla estava certa. Ele simplesmente era assim e Cassie nunca entenderia. Cassie merecia algo melhor, um amor verdadeiro e não algo obscuro.

Foi melhor ela ter partido. Seria horrível se estivesse ferida ou machucada, mas uma bênção se tivesse conseguido escapar, se ver livre de pessoas como ele.

Priscilla sorriu quando levantou seu vestido para mostrar a Malcolm que não havia nada por baixo. Malcolm sorriu e virou sua bebida em um único gole. Então colocou o copo sobre a mesa e a puxou para seus braços.

Capítulo XXI

Malcolm perdeu o sono, começou a tomar café e a passar as noites olhando pela janela de seu escritório. Durante o dia ele procurava, mas já não tinha esperanças. Parecia

impossível virar uma esquina e topar com Cassie. Procurar por ela era somente um ritual, algo que fazia para afastar a dor. Ele não acreditava que um dia voltaria a vê-la com seu rosto jovem e encantador, nem que sentiria seu cheiro novamente. Ele faria qualquer coisa para voltar no tempo e passar alguns minutos na companhia de Cassie. Sua Cassie.

Se soubesse que ela iria embora, teria passado mais tempo ao lado dela, tratado-a com mais carinho, dito coisas que nunca havia dito, trabalhado menos e a levado para passear

pelo vale. E o mais importante, teria feito amor com Cassie todos os dias sem se preocupar com o que aconteceria no dia seguinte.

Ele havia se controlado ao máximo, achando que quanto menos soubesse sobre sua vida pessoal, menos Cassie o amaria.

Quando o assunto era Priscilla, todavia, Malcolm pensava de outra maneira. Nunca a tinha esquecido por completo, e às vezes acreditava que a merecia. Era melhor ficar com alguém como Priscilla do que com alguém tão doce como Cassie. Malcolm e Priscilla eram muito parecidos.

— Fique comigo esta noite — pediu Malcolm, envolvendo Priscilla em seus braços.

Infelizmente Priscilla não era Cassie. Miles havia saído à procura de Cassie e Priscilla estava ansiosa para voltar para casa e ficar sozinha. Mesmo amando Malcolm ela nunca desperdiçaria uma oportunidade de ficar em paz na sua cama, no seu canto.

Durante o dia, Priscilla sempre estava por perto. Como Malcolm estava afastado do trabalho, Priscilla podia aproveitar da companhia dele durante todo o dia. Às vezes eles procuravam por Cassie, algo que começava a parecer uma rotina, sendo sempre igual e não dando qualquer resultado. Priscilla via nos olhos de Malcolm que ela ainda não era sua preferida, mas mesmo assim aproveitava sua companhia. De forma estranha, Faith não reclamou nem fez qualquer comentário sobre a presença de Priscilla, o que era no mínimo inusitado, uma vez que ela nunca fizera questão de esconder seus verdadeiros sentimentos pela morena.

Priscilla estava sentada no colo de Malcolm quando a mensagem chegou.

— Quem será? — perguntou Priscilla, interrompendo um beijo.

— Quem se importa?

— Faith não atende mais a porta?

— Por que a preocupação? É você que paga o salário dela? — Malcolm voltou a beijá-la.

— Atenda a porta, Malcolm. Pode ser importante.

Ele não gostava de ser interrompido quando estava excitado, mas as batidas estavam cada vez mais insistentes. Irritado, tirou Priscilla de seu colo e foi abrir a porta.

— Pois não?

No chão a sua frente havia um papel enrolado e amarrado com um laço. Malcolm se abaixou para pegá-lo e começou a desfazer o laço já sem paciência. Quem quer que tenha trazido o bilhete fora covarde o suficiente para fugir antes que ele abrisse a porta.

— O que é isso? — perguntou Priscilla, olhando por cima do ombro de Malcolm.

Malcolm não respondeu, pois lia o bilhete.

— Quer me falar do que se trata? — insistiu ela.

Finalmente ele se virou dobrando o bilhete e colocando-o no bolso.

— Cassie está viva.

— Aonde você está indo, Malcolm? O que está escrito nesse bilhete? — perguntou Priscilla, indo atrás dele.

Malcolm voltou para seu escritório.

— Ele quer dinheiro. Alguém raptou Cassie e acredita que darei todo o meu dinheiro para pagar o resgate.

— E você vai pagar? — perguntou Priscilla, temendo a resposta.

Seus olhos tinham um brilho estranho, enigmático.

— Nunca — disse Malcolm, colocando um objeto brilhante dentro do bolso.

Malcolm nunca havia se sentido como um animal desde aquela noite na caserna quando havia matado o homem que o havia dedurado. Priscilla sabia o que tinha acontecido naquela noite e sabia que Malcolm era capaz de perder o juízo. Ele tentou impedir que Priscilla o seguisse, mas ela não lhe deu ouvidos.

— Fique aqui — Malcolm ordenou.

— Não.

Se fosse Cassie, Malcolm teria insistido mais, porém como era Priscilla, sua preocupação foi menor. Bem menor.

— Como preferir.

Priscilla não resistiu e foi atrás de Malcolm. Ele montou a égua depressa e praticamente puxou Priscilla para cima. Não queria perder tempo.

Malcolm conhecia o lugar em que deveria se encontrar com o seqüestrador. Era um lugar onde costumava ir para ler logo após ter conseguido sua liberdade, quando não agüentava ficar dentro de casa com a impressão de que ainda estava preso. Naquela época sua casa estava sendo construída e ele começava a trabalhar no hospital. Então, em vez de voltar para casa ele preferia pegar um livro, o jantar que Faith havia preparado e seguia para o bosque. Que ironia voltar àquele lugar para encontrar o raptor de Cassie. Não poderia ser mera coincidência. O raptor conhecia Faith, tinha que conhecer, senão como

saberia que Malcolm sabia onde ficava a parte do bosque onde tinha sido marcado o encontro?

À distância, Malcolm avistou uma figura toda vestida de preto. De certo era um seqüestrador novato. O convite para o encontro havia sido feito de forma muito perigosa e agora o sujeito comparecia sozinho. Quanta tolice para uma única pessoa!

Nervoso, Malcolm desmontou o cavalo e virou-se para ajudar Priscilla. Não conseguia parar de pensar em Cassie.

— Está muito perto — gritou uma voz por trás da capa negra. Só se podia ver os olhos do homem. A julgar pela voz, já não era tão jovem.

Malcolm continuou andando em direção do seqüestrador.

— Eu disse que está perto demais — o homem repetiu.

Malcolm não diminuiu seus passos e o raptor puxou algo que estava escondido atrás das árvores. Era uma figura esbelta e amedrontada, que também usava uma capa, uma capa que só a cobria até o pescoço. O vento balançava seus cabelos e era possível ver o rosto sardento e os olhos verde esmeralda. Malcolm parou de repente e colocou as mãos para cima.

— Não a machuque, por favor. Prometo que não me aproximarei — disse Malcolm, quando viu o agressor colocar uma faca afiada no pescoço de Cassie.

Malcolm estava nervoso, olhando fixamente para a faca e para a pele que estava de baixo da ponta afiada, esperando qualquer movimento em falso para ser rasgada.

Ao ver Cassie, Malcolm quase desmaiou. Se havia qualquer dúvida a respeito de seu amor pela jovem, elas tinham acabado ali. Ele amava Cassie, nunca acharia alguém para substituí-la. Ela era forte e ao mesmo tempo tão frágil. Perdido em seus pensamentos sobre a descoberta do amor, ele se esqueceu de Priscilla.

— Você trouxe o dinheiro? — perguntou Webber, enquanto Malcolm tentava disfarçar o que sentia pela mulher que estava na mira de seu punhal afiado.

— A quantia que pediu é maior que o valor de minha casa. — Malcolm falava com calma, sem tirar os olhos de Cassie. — Preciso fazer um levantamento do que tenho no banco. Preciso de mais tempo para conseguir todos os fundos.

Webber não havia pensado nisso, uma vez que ainda era novo nos assuntos criminais. Aliás, não havia pensado em nada.

— Quanto você trouxe?

— O suficiente — respondeu Malcolm.

— Quanto é o suficiente? Não posso confiar que me trará o resto quando eu soltar a garota — disse o homem, como se a idéia tivesse acabado de lhe ocorrer. Então apertou Cassie com mais força. — Se não tiver pelo menos mais da metade do dinheiro, acho melhor marcarmos outro dia.

— Por que você a seqüestrou? — Malcolm perguntou.

— Por quê? Bem... fui pago para fazer esse serviço — respondeu Webber, surpreso com a mudança da conversa. — Só que agora eu quero que você me pague mais para soltá-la.

— O que o faz pensar que eu pagaria mais? Por que acha que ela vale tanto

dinheiro?

— Você veio até aqui, não veio?

— Mas como você sabia que eu viria?

— Não faz diferença, faz? Eu estou com a garota e não hesitarei em matá-la se não receber a quantia que lhe pedi.

Se a visão de Cassie o havia tranqüilizado, as palavras do raptor voltaram a deixá-lo nervoso. Malcolm viu Webber arrastar Cassie de volta para a floresta.

— No mesmo horário amanhã. Se você trazer os guardas ou se não trazer o dinheiro, pode se esquecer desse rostinho bonito.

Malcolm colocou a mão no bolso de seu casaco.

— Cassie! — Malcolm gritou. — Olhe para cá!

Cassie e seu raptor olharam primeiro para a expressão no rosto de Malcolm e então para a direção em que ele apontava. Quando Cassie se virou para olhar em direção às montanhas uma bala atingiu o peito do raptor. Webber caiu no chão, sangrando sem parar.

— Não! — gritou Cassie, ajoelhando-se ao lado do homem que agonizava.

Malcolm correu até ela, detendo-a.

— Não olhe — disse Malcolm, abraçando-a. — Não olhe para ele.

Priscilla estava ajoelhada ao lado de Webber verificando se ele estava realmente morto.

— Ele ainda está vivo — observou Priscilla. — Dê-me a pistola.

— Afaste-se — ordenou Malcolm. — Não precisamos acabar com ele.

— Meu Deus! — Priscilla gritou. — É o marido de Faith!

Malcolm estava abraçando Cassie, pensando que aquele momento poderia durar para sempre. A sensação de poder proteger a mulher amada era inexplicável.

— Vocês me ouviram? — perguntou Priscilla. — É o marido de Faith.

— Sim, Priscilla. Eu ouvi. Cassie, eu senti sua falta — disse Malcolm. — Vamos sair daqui, juntos. Nunca mais deixarei que você saia do meu lado.

Ao abrir a boca para responder, Cassie lembrou-se de Priscilla, que tentava se conformar com o envolvimento do marido de Faith naquela história absurda.

— Parece que você tem um paciente, dr. Rutherford — comentou Cassie. — Acho melhor cuidar dele antes que seja tarde demais.

Malcolm não estava com pressa, e só não tinha matado Webber para que Cassie não fosse testemunha de um assassinato.

— Eu te amo, Cassie — sussurrou ele. — Não é mais importante?

— Sim, Malcolm. O seu amor é muito importante para mim. Entretanto, mais uma vez eu estou em débito com você. Eu estaria mentido se dissesse que estou contente por você ter descoberto seu amor por mim nesse momento. Cuide dele primeiro, por favor. Depois nós conversamos.

— O que há com você? Acabei de dizer que eu te amo — repetiu Malcolm, segurando os braços de Cassie.

— São palavras, somente palavras.

Malcolm se virou para seguir o olhar de Cassie, que estava vidrado em Priscilla.

— Cassie, não é...

— Não é o que estou pensando? — Cassie riu. — Malcolm, é o que eu estou pensando, e você sabe disso. Muito melhor do que eu, aliás.

— Cassie, eu...

— Você já tem uma prostituta, Malcolm. Você não precisa de mim — disse Cassie beijando-o na testa com ternura.

— Você foi tão bom para mim. Eu jamais saberei como agradecê-lo, porém não posso ser sua concubina.

— Minha o quê? — Malcolm riu. — Do que está falando? Cassie, escute aqui...

Ela o puxou para perto.

— Vou me entregar, Malcolm. Já me escondi por muito tempo e fiz isso à custa da minha dignidade. Eu amei e precisei de você, mas você voltou para Priscilla e tenho que aceitar a sua gentileza por ter feito tudo o que fez por mim. Entretanto, sei que se trata apenas de gentileza. Nada mais.

Cassie tentou não chorar, olhou para Malcolm e lembrou de tudo que já havia acontecido entre eles, e também do amor que um dia achou que seria eterno.

Ela sentiria falta daquele homem, da presença dele, das atitudes, e também da esperança, por mais escondida que ficasse. Da esperança que algo duradouro aconteceria entre os dois e a levaria para longe de todo o terror que era sua vida naquele momento. Já havia sofrido demais por causa do dr. Malcolm Rutherford. Além disso, tinha de se conformar que ele preferira ficar com Priscilla. Era uma excelente escolha, afinal de contas, Priscilla era uma deusa.

— Adeus — despediu-se Cassie.

— Você não pode se entregar. Quer ser chicoteada ou enforcada? Vamos voltar para casa e conversar melhor.

— Estou indo embora, Malcolm. Se tentar me obrigar a ir com você, eu fugirei de novo e você será preso por proteger uma fugitiva. Você não pode me esconder e eu não quero mais viver escondida. Não agüento mais ser como um móvel dentro daquela casa.

— Se eu tiver que trancá-la, saiba que farei isso.

— E eu gritarei até que alguém me escute e venha ver o que está acontecendo.

— Se eu tiver que amordaçá-la...

— Deixe que ela vá, Malcolm — Priscilla disse. — Deixe que ela vá. Ela irá embora de qualquer jeito, então não precisa fazer com que ela o odeie antes — Priscilla não tirou os olhos de Cassie, admirando-a pela primeira vez.

Cassie assentiu com a cabeça e saiu andando.

— Não! — Malcolm tentou ir atrás da jovem, porém Priscilla o impediu.

— Ela não lhe pertence. Deixe que vá embora.

Apesar de estar contrariado, Malcolm se deixou segurar. Ele merecia tudo aquilo que estava acontecendo. Sempre soubera que, mais cedo ou mais tarde, aquele dia chegaria.

Cassie andou por entre as árvores com a cabeça erguida, orgulhosa e com um

sorriso triste em seus lábios. Tudo tinha chegado ao fim. Pelo menos partira com dignidade. Todavia, no fundo de seu coração, seu maior desejo era ser enforcada.

Capítulo XXII

— Quem é essa mulher? — perguntou Sheila, inclinada contra a janela de Emma Crane, molhando-se com a chuva úmida.

— Eu não sei — respondeu Samuel —, mas se você continuar tão perto eles vão notar que estão sendo espionados.

— Se você chegar mais perto vai me ajudar a descobrir o que está acontecendo lá dentro.

— Eu consigo ver daqui — disse ele, com as mãos nos bolsos.

— Acho que não. Fique aqui onde estou. Olhe.

Samuel espiou o tio, cujas mãos estava bem próximas dos seios de Emma. Se ficasse ali por mais um tempo, certamente veria pela primeira vez aquela parte da anatomia do corpo de uma mulher.

— Está conseguindo enxergar direito?

— Muito bem — respondeu ele.

— Dá para escutar o que os dois estão dizendo?

— Não.

— Então saia, deixe-me tentar novamente.

— Ainda não — impediu Samuel.

— Por que não? Está vendo algo crucial? — Ela ficou na ponta dos pés para espiar.

— Seu imbecil! Saia daí! — ordenou Sheila, empurrando-o quase a ponto de derrubá-lo.

— O que foi? — perguntou ele, recompondo-se.

— Ela está entregando alguma coisa para o seu tio.

— E o que há de tão estranho nisso?

— Parece que tem uma mancha de sangue.

— Sangue? E como você sabe que é sangue?

— Eu conheço sangue de longe.

— Você realmente me assusta quando fala desse jeito.

— Cale-se! — ralhou Sheila. — Estou tentando escutar a conversa deles.

— Conseguiu?

— Se você parar de falar talvez eu consiga entender alguma coisa. Fique quieto.

A voz de Egbert não passava de um sussurro, porém a de Emma era fácil de compreender. Sheila não conseguia decifrar todas as palavras, apenas partes da conversa.

— Foi você que voltou! — gritou a mulher, cuja voz aumentava de acordo com sua irritação.

Houve um murmúrio de Egbert.

— Eu também — protestou ela. — Como ousa dizer isso? Eu nunca lhe disse que te amo. Não. Eu não disse. Você é... Pare de me interromper, Egbert. — Ela balançou a cabeça para os lados. — Não, não fui eu. Eu disse que quero que fique com você porque não quero mais nenhum tipo de envolvimento com essa história. Você é patético, Egbert! Acho que nunca conheci um homem tão patético!

— Eu sou patético? — gritou ele, cansado de suportar as acusações de Emma. — Eu lhe perdoei, lembra? Quem manda aqui sou eu!

— Perdoar? Eu nunca lhe pedi perdão, Egbert! Você não me perdoou porque é nobre! Você me perdoou porque é fraco, porque quer continuar indo para a cama comigo e...

— Não fale assim comigo depois de tudo que você me fez!

— O que eu lhe fiz? — Um sorriso cruel formou-se nos lábios de Emma. — Não fui eu que a incriminei. Não fui eu que matei aquele mendigo. Eu apenas contei uma mentira inocente.

— Inocente? Inocente? Você acha que me contar que ela tinha descoberto sobre o testamento de sua mãe foi uma atitude inocente?

— Claro que não! Eu fiz de propósito, porque te odeio e quero vê-lo sofrer. Eu nunca imaginei que você fosse tão patético a ponto de continuar a vir me ver. Achei que tivesse um pouco mais de respeito.

— Você por acaso tentou me convencer do contrário?

— De forma alguma. Meu interesse é no dinheiro, nada além. Se não fosse por esse motivo, eu nunca teria aceitado me deitar com um bastardo como você!

Emma levou um tapa no rosto, mas não se incomodou. Estava acostumada a apanhar.

— É por isso que eu odeio homens como você! — berrou ela, depois de esfregar o rosto dolorido por alguns instantes. — Não sabem o que fazer quando estão em uma enrascada.

Você é um inútil!

— Que casal mais adorável — comentou Samuel.

— Escutou o que eles disseram? — perguntou Sheila, excitada. — Eles disseram que Cassie foi falsamente incriminada. Eu não disse? Eu não disse que foi isso que aconteceu? Agora de quem é esse testamento ao qual eles se referem?

— Só pode ser o da minha avó. Ela foi a única pessoa da minha família que morreu e deixou um testamento.

— É isso! — exclamou Sheila, triunfante. — Eles tentaram esconder o verdadeiro testamento de vocês. Emma fez com que seu tio acreditasse que Cassie o tinha descoberto, e ele matou um mendigo para incriminá-la e tirá-la de seu caminho!

Samuel cocou a cabeça, confuso. Tinha de admitir que era uma história bastante plausível.

— E agora, o que vamos fazer?

Naquele instante, a janela se abriu com um ruído estridente. Os jovens prenderam a respiração e, ao avistarem o rosto vermelho de Egbert, o coração deles quase parou de

bater.

— Não conseguiram dormir? — perguntou ele, em tom ameaçador.

Samuel forçou um largo sorriso.

— Olá, tio! O que você está fazendo aqui?

Egbert não estava se divertindo. O olhar em seu rosto dizia que ele sabia perfeitamente o que os dois tinham feito, o quanto tinham visto e escutado. E também lhes dizia que estavam em grandes apuros.

— Gostaria que vocês entrassem — ordenou ele. Samuel e Sheila sabiam que Egbert estava armado.

— É tudo culpa sua — resmungou ela. — Se você não tivesse feito tanto barulho...

— Acho que falei bem menos do que você — respondeu Samuel, ajudando-a a passar para dentro.

— Sim, mas a sua voz é mais alta.

— Querem parar com essa discussão?! — mandou Egbert, abrindo a porta para eles entrarem. — Temos assuntos bem mais urgentes para tratar.

— O que vamos discutir? — perguntou Sheila, com as mãos na cintura. — Você acusou Cassie injustamente. Nós escutamos tudo!

— Que ótimo — murmurou Samuel, limpando a roupa suja de poeira. — Quando se é capturado por um assassino, o melhor a se fazer é lhe contar que viu e escutou tudo que ele disse. Você é um gênio, Sheila.

— Ele já sabe que sabemos de tudo! Não vou mais jogar. Este homem horrroso acabou com a vida da única amiga que eu tive. — Os olhos dela eram desafiadores. — Eu não vou fingir que não o odeio.

Condescendente, Egbert sorriu.

— Personalidade forte, não? — Ele tocou-lhe o queixo com falsa afeição. — Admito que a idéia de matar meu sobrinho não me agrada — Egbert disse a Emma.

— Estou comovido.

— Cale a boca, garoto tolo!

Emma pegou na mão de Egbert como se os dois fossem bons amigos e nunca tivessem discutido.

— O que vamos fazer com eles?

Egbert olhou para Samuel e suspirou.

— O que o levou a me seguir? Se você não tivesse vindo atrás de mim...

— Ele não tem medo de você! — gritou Sheila.

— Te... Tenho sim — gaguejou Samuel. — De verdade, tio.

— Eu não gostaria de ter que matá-lo, Samuel.

— Ele não se importa se você está pensando em matá-lo! — Sheila gritou outra vez.

— Samuel prefere morrer a ficar sentado esperando que você acabe com a vida dele!

— Sheila, será que você pode ficar quieta? — pediu Samuel em voz baixa.

— O que vocês dois pretendiam fazer depois de terem me espionado? — Egbert quis saber.

— Nós pretendíamos entregá-lo às autoridades — respondeu Sheila. — E ainda é o

que vamos fazer.

— Verdade? Você é uma jovem muito espirituosa, mas não muito inteligente.

Ela cuspiu no pé de Egbert.

— Tio, nós não escutamos tanto assim. Não temos como incriminá-lo. E mesmo se tivéssemos, quem acreditaria em nós? Não temos provas. Sendo assim, que tal nos deixar ir embora? Você mesmo disse que não quer sujar suas mãos com outro assassinato.

Todos aqueles argumentos faziam sentido. Ele estava quase decidido a soltá-los quando Sheila gritou:

— Sim, nós temos uma prova! Aquela camisa! — disse ela, apontando para a camisa que Emma lhe entregara no início do encontro.

— Sabe, Samuel, você teria se saído bem melhor sem essa jovem audaciosa.

— Eu sei.

— É muito desagradável o que terei de fazer, mas não me resta outra alternativa — disse ele, revelando a pistola que guardava no bolso.

— Tio — interrompeu Samuel, desesperado. — Você pode queimar a camisa. Então não haverá provas e ninguém acreditará em qualquer história que contemos por aí.

— Não é verdade! Aposto como existem mais provas que eles estão tentando esconder! Deve haver a arma do crime...

— Sheila!

— A jovem tem razão — concordou Egbert, com certo arrependimento no olhar. — Não posso me arriscar dessa maneira. Se alguém procurar a fundo encontrará evidências de sobra. Sinto muito.

Ele quase puxou o gatilho, então hesitou. E antes que pudesse recuperar a coragem, Egbert foi empurrado para o chão.

— Corram! — gritou Emma, segurando-o. — Peguem a camisa. Depois eu lhes mostro as outras provas.

Sheila não hesitou, pegando o que estava a seu alcance, aproveitando-se da impotência de Egbert.

— Por que você vai nos ajudar? — perguntou Samuel, pegando o revólver da mão do tio.

— Porque eu nem conheço a sua irmã. Meu alvo sempre foi ele. Eu sempre quis prejudicar Egbert. Agora ajude-me a amarrá-lo.

Samuel obedeceu a mulher, desculpando-se com o tio. Ele apertou os nós com força, sem piedade.

— É por Cassie — disse ele, cuja coragem aumentava a olhos vistos. Samuel não costumava explodir. Tinha aprendido a mascarar sua dor com frieza de expressão. Mas quanto mais pensava no quanto Egbert tinha prejudicado Cassie, mais ele perdia o controle. Samuel chutou-lhe a barriga.

— Isso é por você ter pegado o nosso dinheiro. Eu nunca tinha percebido, mas a minha irmã era tudo que eu tinha na vida.

Cassie não se entregaria. Por mais que a idéia fosse sedutora, tratava-se de um

plano espontâneo, e como muitos outros planos espontâneos, não havia sido corretamente planejado.

Ela causaria problemas a Malcolm caso se entregasse. Ele mentira quando a proclamara morta. Cassie estava cansada de ter dívidas com aquele homem, porém não havia o que fazer. Não podia deixar que ele fosse preso por ter ajudado um condenado.

Decidida, a jovem seguiu para a cabana onde tinha sido mantida prisioneira. Torceu para que Malcolm ajudasse o assassino a se recuperar. Sentia pena do homem e não queria vê-lo morrer. Afinal de contas, ele tinha lhe mostrado a cabana onde, de agora em diante, seria seu santuário.

Cassie entrou, sentindo um grande vazio no peito. Não tinha um plano de verdade. Não sabia como conseguiria comida ou aonde iria quando saísse dali. Só sabia que não poderia mais confiar em Malcolm. Teria de seguir em frente sozinha.

Ela pensou no médico por mais um instante, depois fez uma anotação mental: Nunca dependa do homem que você ama. Era um pensamento cínico, porém verdadeiro. Malcolm não poderia amar Cassie enquanto ela precisasse dele.

Tudo não tinha passado de uma fantasia, produto do cativo e do desespero. As pessoas não se apaixonavam por aqueles que precisavam deles. Elas se apaixonavam por aqueles que tinham algo de que precisassem.

Capítulo XXIII

Naquela noite, Malcolm encontrou Faith parada à porta de sua casa, aguardando a chegada do patrão. Ele ainda não a tinha expulsado, pois passara o dia todo à procura de Cassie.

Sua mente estava totalmente concentrada no amor para se preocupar com a cozinheira. Estava voltando para casa com passadas rápidas, mas quando a viu, Malcolm diminuiu o ritmo. Foi sua forma de dizer: você pode fugir, se quiser. Eu lhe darei a oportunidade de ser covarde.

Entretanto, Faith o esperou como um soldado, como um amigo fiel. Quando chegou na varanda de sua casa, Malcolm parou e não disse nada, apenas esperou que ela tomasse uma atitude.

— Ele morreu, não? — perguntou ela, em um fio de voz.

Não foi a recepção que esperara receber, mas Malcolm lhe deu a dignidade de uma resposta.

— Eu tentei salvá-lo, porém não houve como. E não me arrependo do que fiz.

— No começo eu não sabia de nada — começou ela, arrependida. — Eu juro para o senhor que tentei de tudo para dissuadi-lo da idéia quando descobri o plano.

— Não posso aceitar — disse ele. — Não quero escutar essa história absurda. Eu a adorava, Faith, e você me traiu sem piedade.

— Doutor, eu jamais teria traído o senhor. Eu nunca tive a intenção de machucar a garota. Eu não tive como impedir o meu marido.

— Sim, você tinha como impedi-lo, Faith.

As feições de Faith murcharam.

— O dinheiro é tão precioso quando não se tem — foi tudo que ela disse quando conseguiu levantar os olhos outra vez.

— Eu sei.

— Não era dinheiro para comprar jóias e cavalos, dr. Rutherford. Era dinheiro para sobrevivência.

— Mas eu lhe pago um bom salário.

— Bom para uma pessoa, doutor. Não para duas. Meu marido não conseguia encontrar emprego em nenhum lugar dessa ilha, e nossos armários estavam vazios. Estávamos muito endividados. — Ela mordeu o lábio inferior. — Eu não espero que o senhor me perdoe, mas...

— Ótimo.

A interrupção a impediu de terminar aquela frase.

— Doutor, eu sei que sou cúmplice nessa história. O que o senhor pretende fazer comigo?

Comovido com o nervosismo de sua cozinheira, Malcolm franziu a testa.

— O que você quer que eu faça?

Faith balançou a cabeça para os lados, sem coragem de lhe dizer que queria que ele a matasse e a aliviasse de toda a culpa que estava sentindo. Suas mãos começaram a tremer

com mais intensidade à medida que as lembranças de seu marido autoritário e de todos os anos que o suportara surgiram em sua mente.

— Eu... eu não o censuraria se o senhor... se o senhor...

— O quê? Se eu a matasse? — ele adivinhou.

Faith não conseguiu responder. Seus lábios começaram a tremer.

Malcolm chutou o degrau da escada.

— Droga, Faith! Você não precisava ter vindo aqui!

— Sim, eu tinha de olhar nos seus olhos, doutor. Eu tinha de pagar pelo erro que cometi.

— De repente, você está cheia de escrúpulos!

— Doutor, eu...

— Não diga mais nada, Faith. Venha comigo.

O acordo estava feito, e Malcolm voltou para casa. Não demorou muito tempo para perceber que Cassie não tinha se entregado. Em caso positivo, as autoridades já teriam ido à procura dele. Não que se importasse... Estava pronto para ser preso, se fosse o caso. Fazia tempo que fingia ser um membro totalmente adaptado da sociedade, mas o que Malcolm realmente sentia era um grande ódio do mundo e daqueles que lá habitavam. Especialmente naquele momento.

Cassie o abandonara. E tudo que lhe restara era Priscilla.

Quando os olhos dele fixaram o corpo da jovem, Malcolm sentiu-se enjoado.

— Você vai passar a noite aqui? — perguntou ele, ainda preocupado com o surgimento das autoridades. Não queria estar sozinho caso eles aparecessem.

— Você sabe como eu sou, Malcolm. Gosto de dormir na minha própria cama. Preciso de espaço.

Ele baixou os olhos e cerrou os dentes. Não disse nada. Houve um longo silêncio, silêncio que só Malcolm conseguia fazer. Seus silêncios sempre atormentavam as pessoas.

— Estou tão surpresa com a atitude de Faith — comentou Priscilla, mudando de assunto. — É difícil acreditar que ela sempre soube de tudo, que nunca nos advertiu. Sei que ela estava desesperada por dinheiro, mas...

— Acho que ela não acreditava.

— Como?

— Ela não acreditava que o marido fosse capaz de ir até o fim. Faith achava que conseguiria impedi-lo.

— É ridículo — zombou Priscilla. — Se realmente se preocupasse, Faith poderia ter nos avisado. — E ver o marido ser preso? — desafiou Malcolm. — Duvido. Ela imaginava que conseguiria dissuadi-lo de alguma maneira.

Priscilla suspirou.

— Estou contente por você a ter entregado às autoridades. A Fábrica Feminina será um excelente castigo.

Ela se levantou do sofá para se servir uma bebida, mas quando a garrafa tocou o copo, algo a interrompeu.

— Malcolm? — Ele estava com um olhar sonhador e distante. — Malcolm? — repetiu Priscilla. Nada. Nenhum som. — Malcolm, você a entregou, não é?

De repente, o médico se levantou e foi até sua mesa pegar o cachimbo.

— Não, eu não a entreguei.

— Como assim?

Ele encheu o cachimbo com tabaco e o acendeu.

— Malcolm? — chamou ela, segurando-o pelo cotovelo. — Malcolm, eu sei que você se sente culpado por não ter conseguido salvar o marido dela, e também sei que Faith foi uma boa criada durante muitos anos...

— Eu mandei Faith embora — anunciou ele. — Priscilla, escute. Eu não pedi ajuda da lei. Eu não confio na lei desde que fui preso por ter roubado cabras. Eu não costumo pedir favores a eles. Além disso, achei que foi uma justiça poética.

— Como assim?

Ele riu sozinho com a piada, e deu uma longa baforada em seu cachimbo.

— Eu mandei uma criminosa para a Inglaterra. Eles poderão entender como um presente da Austrália.

— E ela foi?

— Claro. Que escolha Faith tinha? Eu lhe disse que era a Inglaterra ou a lei. Eu a levei até o porto, coloquei-a dentro do navio e dei-lhe um pouco de dinheiro para que

conseguisse sobreviver em Londres até arranjar um novo emprego. Sei que não será fácil, principalmente para uma senhora de idade. Além disso, eu a impedi de citar meu nome como referência.

Priscilla continuou a rir, balançando a cabeça.

— Malcolm, você é um bom homem.

— Não, não sou.

— É sim. Você sabe rir com a ironia de ter mandado um criminoso para Londres e pode se gabar de sua rebeldia contra a lei. Mas eu sei o que você fez. Você teve piedade de um amigo. — Priscilla parou de falar, ficou apenas observando Malcolm engolir em seco. — Você é realmente um cavalheiro.

— Cassie não pensa assim. Ela preferia ter ido para a prisão.

— Ela sabe que não é a mulher certa para você — afirmou Priscilla, envolvendo-lhe o pescoço com os braços. — Ela sabe que foi apenas um capricho infantil. Cassie percebeu que seu coração pertence a mim.

— Eu não te amo, Priscilla. — As palavras de Malcolm não poderiam ter sido mais cruéis.

— Você aprenderá a me amar — respondeu ela, tentando não demonstrar a dor que surgiu em seu peito.

— Passe a noite comigo — pediu Malcolm. — As autoridades podem vir a minha procura.

— Eles não virão. Malcolm, se eles não apareceram até agora é porque Cassie mudou de idéia e fugiu.

— Eu quero procurar Cassie — disse ele, lembrando-se de que fora Priscilla que o impedira de ir atrás de sua amada.

— São seus instintos protetores. Você não a deseja de verdade, Malcolm. — Priscilla mordiscou-lhe a orelha. — Seria uma crueldade não deixá-la partir.

— Como você sabe o que eu quero?

— Você sempre volta para mim, não volta?

Malcolm se rendeu aos carinhos de Priscilla. Ela tinha razão. Ele não era bom o suficiente para Cassie. Algo sempre o levava de volta para os braços de Priscilla. Ela, pelo menos, era boa para ele.

— Eu me odeio — sussurrou ele.

Aquelas palavras afastaram Priscilla. Ela saiu de perto de Malcolm e ficou observando-o. Havia algo de errado. Ela nunca o escutara falar assim antes, que ele se odiava. Seu coração se apertou em seu peito. Será que Malcolm realmente se odiava? Ou só quando estava com ela?

— Aonde você vai? — perguntou ele, vendo-a pegar a capa.

— Eu... eu tenho um assunto urgente para resolver. — Ela não teve coragem de olhá-lo nos olhos.

— Mentira. Você não tem nada para fazer. Por que vai embora?

— Eu... eu volto amanhã cedo — disse Priscilla. — Eu... preciso ir. — Então ela se foi, deixando-o sozinho com seus pensamentos.

Sheila e Samuel estavam se achando o verdadeiro casal de detetives por terem prendido o tio Egbert. Agora só precisavam coordenar as formalidades para colocá-lo na prisão, e libertar Cassie. Quando apareceram na frente do juiz com as novas evidências em mãos, os dois acreditavam que pudessem receber uma medalha de honra. Afinal de contas, tinham solucionado um mistério que ninguém conseguira decifrar. Excitados, os dois apertavam as mãos.

— Então ela é inocente — disse o juiz. — Vocês vieram até aqui para me dizer isso?

Samuel olhou para a esquerda, depois para a direita, tentando absorver a pergunta. Mas Sheila deu um passo para frente.

— Claro que foi para isso que viemos.

Ele sorriu, condescendente.

— Então eu só tenho que lhes agradecer por terem perdido meu precioso tempo. — Ele se levantou de trás da mesa. — Sugiro que não importunem mais meu secretário dizendo-

lhe que se trata de um assunto urgente a não ser que realmente se trate de um. Da próxima vez, mando prender vocês dois.

— Como assim? — perguntou Sheila, furiosa. — Com que desculpa? Qual seria a acusação? Tentar desfazer uma injustiça?

Samuel procurou acalmá-la.

— Meritíssimo, não estamos entendendo. O senhor não pretende inocentar Cassie?

Ele olhou para o arquivo à sua frente.

— Cassandra Maddison. Soltá-la? E posso saber por quê?

— Inocência? — sugeriu Samuel.

O magistrado riu.

— Inocência. Meu jovem, se inocência fosse o suficiente para soltar uma pessoa, eu diria que as ruas estariam cheias delas. Bem, agora eu lhes agradeceria se me deixassem em paz. Minha esposa está me esperando no corredor.

Samuel ficou quase tão bravo quanto Sheila.

— Não, nós não vamos deixar o senhor em paz! — Ela lhe lançou um olhar de apoio. — Eu exijo saber por que o senhor não vai ajudar a minha irmã! Nós...

— Fale baixo — ordenou o juiz.

— Não falo! O senhor terá de me prender se quiser que eu saia daqui. Não sairei por aquela porta sabendo que não consegui trazer a minha irmã de volta da Austrália quando

a lei sabe que ela é inocente. — Gotas de suor escorriam pela testa de Samuel. Sheila ficou encantada, uma vez que gostava de homens passionais.

Impaciente, o juiz olhou para o relógio em cima de sua mesa, então suspirou.

— Está bem, sentem-se.

— Prefiro ficar em pé.

— Sentem-se — advertiu o juiz.

Samuel acomodou-se na cadeira e Sheila fez o mesmo.

O juiz continuou em pé, como se olhar de cima para o casal lhe proporcionasse grande prazer.

— Como ousam brigar comigo por causa da situação difícil de uma pessoa? — começou ele. — Vocês fazem idéia de como é árduo o meu trabalho?

— A julgar pela decoração esdrúxula do seu escritório, eu diria que é um grande piquenique.

— Piquenique? É aí que você se engana, minha jovem. Vou lhes contar com o que me deparo todos os dias. Eu sou o responsável por manter todo um país na mais perfeita tranquilidade. Um país inteiro! Filho... — disse ele, virando-se par Samuel. — Você imagina para que serve a lei? Quero dizer, para que realmente serve a lei?

— Para manter as pessoas a salvo.

O magistrado balançou a cabeça para os lados com violência. Então falou:

— Não, não serve para mantê-las a salvo, mas sim para fazer com que elas pensem que estão a salvo — corrigiu o juiz. — Você acha que somos capazes de manter todos os criminosos longe das ruas? Você acha que conseguimos evitar que as pessoas se agriam?

Samuel olhou com desconfiança para Sheila.

— Sobre a sua irmã, eu realmente sinto muito. Tente olhar a situação por um outro ângulo. Um mendigo foi morto aquela noite. Apenas um mendigo. Mas as pessoas se assustam com a ocorrência de assassinatos. Elas querem que a lei faça algo a respeito. Elas pagam impostos, preocupam-se com os filhos, e querem ter a certeza de que tudo está bem. Por que assustá-los dizendo que pegamos a pessoa errada? Só para ajudar uma jovem? — Ele deu uma risada amarga.

— Não é fácil. Eles terão a impressão de estarmos propensos a errar, e não é o que queremos. Entenderam?

Infelizmente, Samuel entendia.

— Mas Cassie...

— Olhe — interrompeu ele. — Veja quantas pessoas vivem felizes achando que estão protegidas. Está vendo? Conte quantas são. Então, a felicidade de muitas pessoas não é mais importante do que a de uma?

— Mas o senhor não os está protegendo! — gritou Sheila. — O assassino continua nas ruas!

— Muitos deles, eu sei. Nós nunca conseguiremos pegar todos. Sem dúvida haverá mais um assassinato hoje e outro amanhã. Devemos dizer às pessoas que estamos resignados?

Creio que não. Acho que devemos lhes dizer que estamos solucionando o problema. Sinto muito por o caso de Cassandra Maddison ter sido um desses erros. Tenham um bom dia.

— Quando o senhor perdeu a paixão por seu emprego? — perguntou Samuel, realmente curioso.

Sheila se levantou e apontou o dedo na direção do rosto do juiz.

— O senhor gosta de seguir pelo caminho mais fácil? Bem, vamos ver o que é o caminho mais fácil agora.

Ela desabotoou alguns botões da frente do vestido e soltou um pouco as mangas, deixando seus seios ligeiramente à mostra.

— Minha jovem — exclamou ele —, o que pensa que está fazendo?

Sheila se jogou para cima do juiz.

— Por quê? Por que não pode aceitar que seja seu filho? É uma bênção, e não uma desgraça, você não percebe?

Ele deu um passo para trás, mas se deparou com a parede.

— Eu te amo! — gritou Sheila, dramática.

Assustado com o comportamento da jovem, o juiz tentou se esquivar, ciente da presença da esposa no corredor. Mas Sheila assaltou-lhe os lábios com um sonoro beijo.

— Nós podemos ser felizes! Eu sei que podemos! Diga-me que não foi apenas uma noite.

— Minha jovem, você...

— Eu sei que é um menino! E quero que se chame Charles Júnior — disse ela, espiando o nome inscrito na plaqueta sobre a mesa e tocando a barriga. — Se você acha que vai me dissuadir de...

Então eles escutaram um grito do outro lado da porta.

— Charles! — chamou uma voz macia. — Charles, meu querido, você está aí?

— Você é casado, não é? — choramingou Sheila, levando a mão à boca. — Ah, não! Não pode ser verdade. Diga-me que nosso amor não foi uma farsa!

— Charles? — repetiu a voz. Em seguida, a maçaneta se virou.

— Não! Não, Bella, não entre! Por favor, não entre! Estou em uma reunião particular. Eu...

— Quem é essa mulher, Charles?

— Muito bem. Saia de perto de mim — sussurrou ele, vermelho como uma pimenta.

— Como assim, muito bem? ,

— Bem, eu vou mandar prendê-lo. Vou cuidar de toda essa história. — O juiz tentou se esquivar, mas Sheila não permitiu.

— E Cassie?

— Está bem. Vocês venceram. Por favor, saia de perto de mim antes que eu mude de idéia.

— Não vou sair daqui enquanto não escutar o senhor dar as ordens.

— Está bem, só...

— Charles? — Dessa vez a porta se abriu, e uma senhora gorda apareceu. Sheila soltou a vítima bem a tempo.

— Charles? — Ela olhou para Sheila. — O que foi?

— Eu apenas... eu...

— Ele estava prestes a chamar o detetive — falou a jovem, fazendo-o sentir um grande alívio. — Não é, senhor juiz?

Ele assentiu com entusiasmo.

— Sim, claro. Eu...

— Pode chamar que nós vamos ficar esperando — disse Sheila, tocando na barriga quando o viu hesitar.

— Sim. Sim. Imediatamente.

Ela sorriu para Samuel, que segurava as mãos unidas em um silencioso aplauso. Estava impressionado com o desempenho daquela mulher. A cada momento que passava Sheila o'Malley o impressionava mais e mais.

Capítulo XXIV

Malcolm sabia onde Cassie estava. Fazia dias que sabia, mas não queria que ela soubesse que ele a estava seguindo ou tentando resgatá-la novamente, portanto, jurou a si mesmo que nunca a visitaria. Mas precisava saber que ela estava viva, então contratou um garoto para procurá-la por todos os cantos de Sydney até encontrá-la.

— Rutherford, sabe aquela paciente que você perdeu? Aquela que trabalhou como criada na sua casa? — disse um colega de profissão, um dia no hospital. — Eu acabei de escutar que ela foi perdoada. Pelo que me consta, ela foi acusada injustamente.

Quando escutou aquela notícia, Malcolm não se preocupou com a possibilidade de ser indiciado. Não pensou um único segundo em si mesmo.

— Ela não está morta. Eu menti. Ela está escondida em uma cabana a oeste das terras dos Harrison. Terei de mandar alguém lhe dar a notícia.

O médico ficou chocado, sem saber como reagir.

— Malcolm, você não está querendo dizer que...

— Sim — respondeu ele, sem o menor interesse. — Eu me apaixonei por ela, então a proclamei como morta para lhe dar a chance de escapar. Pode chamar as autoridades, se quiser. Eu só lhe peço para contar a novidade a Cassie. Aliás, pode deixar que eu mesmo mando alguém. — Malcolm saiu correndo em busca de um mensageiro.

O outro médico ficou estático. Malcolm Rutherford era um bom homem, e o melhor médico de Sydney. Ele não teve a menor dificuldade em aceitar o fato de Malcolm estar protegendo um condenado. Era o tipo de comportamento que esperava de um homem como ele. O que não entendia direito era a falta de confiança de Malcolm em seus colegas,

de achar que eles não ficariam ao seu lado. Todos deviam muito a ele. E tinha chegado a hora de todos lhe mostrarem como apreciavam ter um companheiro de trabalho como Malcolm Rutherford.

Cassie sobrevivia muito bem na cabana. A preocupação com sua sobrevivência tinha afastado seus pensamentos de uma vida que lhe estava escapando pelos dedos. Ela aproveitara a panela que o marido de Faith deixará lá para se alimentar, porém o calor era quase insuportável. Ela comia algumas plantas tomando o cuidado de verificar qual era comestível.

Havia uma espingarda, porém Cassie não se atreveria a caçar. Até tentou, mas era algo que exigia prática. Além disso, seus dias estavam contados. Não poderia viver feito um eremita para sempre, portanto guardou um tiro da espingarda.

Cassie tinha se acostumado a dormir por muitas horas. Quanto mais dormia, menos tinha de comer. Além disso, como não tinha nenhum compromisso, não havia porque não dormir. De certa forma, o sono constante a mudara. Seus pés ficaram mais pesados, as sardas mais escuras e os olhos enevoados. Ela associava a sensação de fraqueza à falta do que fazer, além, é lógico, da pouca alimentação. Não sabia como reagiria quando encontrasse outra pessoa. Parecia que ela tinha se esquecido de como falar, de como conversar com outra pessoa. A simples idéia de entreter alguém parecia cansativa. Mas, de repente, quando escutou uma batida na porta, seus olhos se arregalaram. O que achou que seria um momento temido, o momento de sua captura, o momento em que teria de enfrentar o mundo exterior, transformou-se em um momento excitante no qual ela finalmente foi despertada de seu sonho preguiçoso de existência.

Cassie não se atreveu a abrir a boca, e puxou a manta até o queixo.

As batidas continuaram até que a porta se abriu, trazendo junto os raios de sol.

Ela teve de fechar os olhos contra a claridade.

— Você é Cassandra Maddison? — perguntou uma jovem enfermeira.

Cassie não acreditava no que estava escutando. A voz era tão agradável que ela se forçou a abrir os olhos e ver direito quem era. Tratava-se de uma jovem de cerca de vinte anos usando um guarda-pó branco. Parecia um anjo parado em um túnel de raios de sol.

— Eu... por que você quer saber? — gaguejou ela, surpresa por sua voz ter saído normal depois de tanto tempo sem usá-la.

— Fui mandada aqui para lhe trazer uma mensagem — disse a enfermeira com certa hesitação.

— E qual seria essa mensagem?

A enfermeira soltou uma risada nervosa.

— É uma mensagem e tanto!

Cassie sentou-se na cama e esfregou os olhos.

— E então?

— Você foi perdoada. Um homem chamado Egbert Maddison foi preso em seu lugar. Você é uma mulher livre.

— Você está brincando comigo?

A enfermeira entregou-lhe um documento, assinado pelo próprio juiz. Cassie leu uma, duas, três vezes, pensando que era algum tipo de armadilha.

— O que... o que eu devo fazer? — perguntou ela, confusa. Seu tio, preso?

— Volte para casa — respondeu a enfermeira, começando a se alegrar por ter sido o arauto da boa notícia.

— A minha família já sabe?

— Não sei.

— Bem, e o que eu faço? É só embarcar em um navio?

— Só embarcar — disse a outra jovem. — É tão simples quanto parece.

— E tudo isso... — Ela olhou para a miserável cabana que a escondera durante tanto tempo. — Tudo acabou assim, de repente, como se nada tivesse acontecido?

A enfermeira não soube como responder.

— Como você me encontrou aqui?

— Não sei. Foi o dr. Rutherford que me mandou vir. E eu não sei como ele...

— O dr. Rutherford?

— Sim, ele... ele disse que não queria vê-la, mas que queria que você recebesse a notícia.

Cassie fechou os olhos.

— Ah...

— E então, quer voltar comigo? — ofereceu a jovem. — Seu navio deve partir dentro de alguns dias, mas agora você pode ficar na cidade. Você é uma mulher livre, Cassandra. O doutor me pediu que lhe entregasse essas moedas.

— Eu não preciso do dinheiro do dr. Rutherford. Diga-lhe que... — Ela pegou sua capa. — Melhor, não lhe diga nada a meu respeito.

Ela seguiu na carruagem da enfermeira, deliciando-se com o ar salgado. Sabia que sua imagem deveria estar péssima, pois não tinha tomado muitos banhos e não tivera como pentear os cabelos. E não mudara de roupa nenhuma vez. Mas também não se importava. Dentro de algumas semanas estaria voltando para o lar que a abandonara, que lhe arruinara a vida. E teria de esquecer de tudo, teria de voltar a ser normal. Ninguém iria querer escutar as histórias dos horrores que tinha visto, do sofrimento que tinha enfrentado, ou mesmo do oceano e da floresta. E muito menos a história de sua paixão por um homem que não a amava. Não existiria um homem como Malcolm Rutherford na Inglaterra, pensou ela. E Cassie torceu para não ter de encontrá-lo antes de seu navio deixar o porto.

— Tenho algo da máxima urgência para relatar — disse Malcolm, esgueirando-se pelo cais lotado na tentativa de chegar ao capitão do navio britânico enviado para buscar Cassie.

— Sim, eu já escutei — disse o capitão. — O senhor deve ser o médico que cuidou dela. Sinto muito. Eu me envergonho do meu país por ter mandando injustamente uma jovem

para cá, o que culminou com a morte dela. Que desperdício!

— Ela não está morta — disse Malcolm, sem hesitar.

O chefe dos carcereiros, que estava parado ao lado do capitão desculpando-se pela viagem perdida, arregalou os olhos diante da afirmação bizarra do médico.

— Ela não está morta e...

— É verdade! — gritou alguém atrás dele. Malcolm virou-se e viu todos seus companheiros do hospital reunidos, junto com algumas enfermeiras. Na realidade, parecia que todo o hospital decidira ir até o cais. Ele não sabia o que dizer. Mas seus colegas sabiam.

— Foi um milagre — explicou um deles. — Pode-se dizer que ela ressuscitou dos

mortos.

O carcereiro começou a rir.

— O quê? — Quando viu as expressões sérias dos médicos, ele se conteve imediatamente. — O que está dizendo?

— Nós testemunhamos um milagre! — afirmou outro médico. — Nenhum de nós nunca viu nada parecido. Em um instante ela estava morta, no seguinte, recuperada. Nós ficamos tão chocados que esquecemos de revogar a sentença de morte.

— Nós realmente tínhamos a intenção de lhes contar — interveio uma enfermeira.

— Espere um instante — disse um carcereiro. — Se eu descobrir que a srta. Maddison está viva, vocês todos...

— Todos nós? — perguntou um médico. — Está falando sério? Todos os médicos de Sydney serão presos?

O carcereiro tinha os dentes cerrados, a face vermelha.

— Vocês são criminosos! Eu poderia mandar...

— Nós sabemos — disse a enfermeira. — Nós sabemos o que o senhor pode fazer. O senhor poderia privar toda a cidade de um hospital apenas para se vingar de uma jovem.

Uma jovem que é inocente, aliás.

— E o que vai acontecer? — perguntou o capitão.

— O senhor terá sua passageira a bordo, capitão — informou um dos médicos. — Diga a que horas ela deverá estar aqui que nós a traremos pessoalmente. Cassandra Maddison está viva!

Muitos bateram palmas enquanto a comitiva de médicos e enfermeiras se retirava, deixando o carcereiro e o capitão boquiabertos. Malcolm apertou o ombro do amigo, sem palavras para agradecer. Ele tentou encontrar os olhos de um por um, mas eles apenas riram, como se estivessem se divertindo muito com toda aquela encenação.

Malcolm já sabia, porém não tivera coragem de admitir: ele encontrara um lar na Austrália e nunca sairia de lá. Não havia como agradecer o que seus amigos tinham feito para ajudar Cassie a chegar a salvo em casa. Porque ela era e sempre seria o grande amor de sua vida.

Priscilla observava Cassie de longe, enquanto ela se preparava para a viagem. A jovem estava muito séria, compenetrada, como se estivesse pronta para enfrentar seu terrível passado e futuro ameaçador sem perder a dignidade. Tentava parecer fria, tinha os lábios comprimidos e secos, e o olhar distante. Mas Priscilla não podia negar o calor humano que irradiava da jovem, de seus cabelos loiros e rosto sardento. Brilhava de dentro de seu coração.

Ela continuou a estudar a rival, a jovem que lhe trouxera tantos problemas. Em primeiro lugar lhe trouxera a companhia de Miles, que conseguira convencê-la de que seu plano valia a pena, depois roubou o coração de Malcolm. Malcolm Rutherford, o único homem que Priscilla admirara na vida, o único homem que considerara decente e bom. E ele dese-

java Cassie. Pela primeira vez o fato a fez sorrir. Na verdade, seus olhos se encheram de lágrimas quentes. Ela enxugou o rosto depressa, antes de dar uma última olhada para Cassie.

Priscilla estava feliz.

Com passos largos, ela seguiu para a casa de Malcolm. Não correu, pois era racional demais para deixar que a emoção falasse mais alto. Porém, andou o mais depressa que suas pernas permitiram.

Quando alcançou a porta de entrada, suas pernas tremiam. Malcolm demorou um certo tempo para abrir a porta, pois ainda não conseguira se acostumar à ausência de Faith. Ele

não demonstrou o menor entusiasmo por vê-la ali, fato constante nos últimos tempos. Entretanto, Malcolm foi educado e a convidou para entrar.

— Não vou demorar — disse ela, deixando sua capa deslizar nas mãos do médico. — Não temos muito tempo.

— Como pode fazer um comentário tão sem sutileza?

— Não estou falando sobre isso — respondeu Priscilla, sem perder a pose. — Na verdade, acho que não temos tempo nem para nos beijar. — Ela o encarou com honestidade. — O navio de Cassie vai partir dentro em breve.

— Como? — perguntou ele, confuso com o que acabara de escutar.

— Você não tem muito tempo.

Malcolm a olhou como se Priscilla tivesse enlouquecido, mas se esforçou para afastar a surpresa e parecer casual.

— Pelo visto você sofre de amnésia. Permita-me refrescar sua mente. Cassie e eu não nos falamos há algum tempo. Quer que eu examine a sua cabeça?

Priscilla tocou-lhe o rosto e o olhou com tanta emoção e franqueza que ele não conseguiu manter a pose distante.

— Vá atrás dela, Malcolm.

— Você enlouqueceu, Priscilla? — perguntou ele, cada vez mais assombrado com o comportamento de sua amante.

— Ela é uma boa mulher para você, Malcolm — disse ela, com os lábios trêmulos. — Eu não sou.

Como palavras tão verdadeiras nunca tinham sido proferidas por alguém, Malcolm teve dificuldade em responder. Seu maxilar se mexeu um pouco, algo como uma reação nervosa, mas ele não conseguia pensar em nada a dizer.

— E?

— E eu estou deixando você partir.

— Você nunca me prendeu, Priscilla. Eu fiquei com você por livre e espontânea vontade.

— Porque você não acreditava ser bom o suficiente para a mulher que amava. Malcolm, preste atenção, você é um homem maravilhoso, o melhor que já conheci na vida.

Procurando alguma maneira de se defender, Malcolm cruzou os braços e a estudou

como se Priscilla tivesse perdido o juízo.

Porém, ela sabia que suas palavras estavam causando algum efeito.

— Eu vi você trabalhando no hospital, Malcolm. Fui até lá um dia desses e fiquei observando você trabalhar. Você é um verdadeiro herói. Eu vi como trata as pessoas, com dignidade e respeito. Até mesmo Cassie quando era sua criada. Você foi bom com ela, foi amável. Você foi um verdadeiro herói para aquela jovem e...

— Eu não sou nenhum herói! — interrompeu ele, irritado, mais alto do que pretendia. O rosto dele demonstrava toda sua raiva e dor. — Parecia que queria bater em alguém. — Você não sabe o que está falando! Você não sabe quem eu sou! Como ousa me dizer que eu sou um bom homem. — Exasperado, Malcolm passou a mão nos cabelos. — Se você realmente me conhecesse, Priscilla, se soubesse o quanto eu me odeio... Você não faz idéia de quanto ódio eu tenho dentro de mim!

Priscilla manteve a calma diante da fúria de Malcolm e sorriu.

— Você ama Cassie, Malcolm. Você ama aquela mulher, e por isso eu sei que você é capaz de amar.

O médico se voltou para a janela. Priscilla chegou mais perto e colocou as mãos no ombro dele. Malcolm a empurrou, advertindo-a a manter-se distante. Mas ela insistiu.

— Malcolm, você só enxerga um lado seu. O outro lado é doce, decente e amável. Todos temos dois lados, meu querido. Aliás, temos vários lados. Só que algumas vezes a vida nos leva a decidir entre alguns. E assim que nos tornamos quem somos. E chegou a sua vez de escolher. Ela partirá dentro de uma hora.

Malcolm tentou se desvencilhar novamente, dessa vez com menos determinação.

— Ela não me quer — murmurou ele. — Mesmo que fosse verdade, mesmo que eu pudesse... Ela não quer que eu...

— Ela quer sim, Malcolm — insistiu Priscilla. — Ela quer sim.

Desconfiado, Malcolm a encarou.

— Como você sabe? — perguntou ele, tentando manter-se distante, tentando não perder a esperança. Todavia, essa esperança começava a crescer em seu peito à medida que as palavras de Priscilla faziam sentido.

— Porque ela está apaixonada por você, seu tonto! Ela quer que você a impeça de partir.

— O que a leva a ter tanta certeza? Cassie deixou bem claro que não queria que eu a seguisse. Ela sabe que eu não sou bom o suficiente. Ela sabe...

— Ela quer que você lhe prove o contrário, Malcolm. Será que é tão difícil de entender?

Malcolm sorriu, embora não soubesse por quê.

— Por que não me contou isso antes?

— Porque eu queria você para mim — respondeu Priscilla, rindo.

— E não quer mais?

— Eu tenho um novo amor.

Sem saber explicar, Malcolm não se surpreendeu.

— Quem é?

— Eu mesma. Vou viver para mim.

— E não foi sempre assim?

— Estou falando sério, Malcolm. Vou levar uma vida independente, o que sempre deveria ter feito. Decidi trabalhar no hospital.

— Você só pode estar brincando. Diga-me que o que acabei de escutar não passa de uma brincadeira. Você vai ser enfermeira?

— Bem — disse ela, abrindo um belo sorriso. — Não estou brincando e não vou ser enfermeira?

— Como?

Priscilla tocou a ponta do nariz dele.

— Vou ser médica.

— Médica? — repetiu ele, perplexo.

— Isso mesmo. Sinto lhe informar que em breve você terá concorrência.

Ainda sorrindo, ela foi até o cabide na parede e pegou sua capa.

— Mas uma mulher...

Priscilla o encarou com seus olhos violeta, desafiando-o a dizer algo mais.

— Médica? — repetiu ele, pensando melhor. De certa forma conseguia visualizar Priscilla como médica. E então teve certeza de que ela conseguiria.

— Agora vou encontrar você e sua adorável esposa apenas em compromissos sociais, meu caro — brincou ela, estendendo-lhe a capa para que ele a ajudasse a vesti-la.

Malcolm pegou a capa da mão de Priscilla. Seu coração batia em ritmo frenético. Ia ver Cassie!

— Eu... — gaguejou ele. — Eu fui muito injusto com você, Priscilla. Cheguei até a ser grosseiro.

— Fico contente por você ter reconhecido. Quem sabe possamos conversar a respeito no seu casamento. Agora corra caso não queira perder o navio.

Ele não perdeu tempo. Sabia que chegaria ao cais com os nervos à flor da pele. E se Cassie o rejeitasse? Não, não ia acontecer.

— Obrigado — agradeceu ele, abraçando Priscilla com verdadeira afeição. — Obrigado. De verdade. — Então Malcolm beijou-lhe a bochecha e partiu.

Priscilla observou o homem que tanto amara se afastar. Mas pelo menos conseguira o que sempre desejara dele: respeito. E tinha feito algo de muito bom. Consequira mostrar a Malcolm que ele era muito bom.

Com um sorriso nos lábios, Priscilla seguiu para casa. Estava um lindo dia. Quantos lindos dias ela tinha perdido na vida? Enfim, de nada adiantaria chorar pelo passado. Tinha um futuro brilhante pela frente. Um futuro só seu.

Capítulo XXV

Cassie sentia uma grande amargura enquanto aguardava ser chamada para

embarcar. Prendera os cabelos em um coque apertado, pois quisera parecer implacável. Apesar de tudo, ela sentia-se implacável. Sentia-se como uma mãe irritada voltando para casa para brigar com os filhos que a tinham traído. Seus pais certamente lhe diriam que tinham acreditado em sua inocência durante todo esse tempo. Quanta mentira! O magistrado poderia dizer que sentia muito. Também seria mais uma grande mentira. Cassie poderia ter esperado que, depois de todo o sofrimento que passara, um navio de luxo tivesse sido enviado para buscá-la naquela ilha. O navio, contudo, era velho e sem nenhum luxo. Sua

cabine seria das mais simples. Pelo visto não haveria nenhuma tentativa de reparo pelo crime que a tinham acusado injustamente. Se tivesse muita sorte, o capitão do navio poderia lhe pedir desculpas, apesar de não ter nenhum tipo de envolvimento com o caso.

De volta à Inglaterra, Cassie esperava encontrar contas para pagar, credores furiosos e uma família aguardando para ser salva. Como não tinha dinheiro próprio, ela teria de encontrar uma solução para resolver o problema deles. E estaria agindo com grande amargura no coração, pois sabia que ninguém naquela casa jamais acreditara em sua inocência. Eles nem a tinham levado até o porto.

Enquanto observava os marinheiros terminarem os preparativos para a partida, Cassie pensou que talvez fosse uma boa idéia se casar quando voltasse para Londres. Seria uma maneira de se livrar das dificuldades financeiras. Mas haveria dois problemas com aquele plano. Em primeiro lugar, sua família ficaria na miséria, e não sabia se tinha escrúpulos o suficiente para agir assim. Em segundo lugar, teria de conhecer esse homem. Para ser franca, Cassie não sabia se conseguiria ir a um baile ou a uma festa, possíveis lugares para se conhecer um bom partido. Não, não poderia ir. Além disso, precisaria de roupas adequadas para tal evento social. Quem sabe algum homem a visse andando nas ruas e se

encantasse por sua beleza? Não, era pouco provável. Enfim, seria mais fácil fazer planos levando em conta o fato de que sempre estaria sozinha.

Olhando nervosamente para o oceano, ela se lembrou do dia em que contara a Faith que queria uma rosa. Uma rosa. Ela curvou os lábios diante da própria piada. Quem seria louco o suficiente para pedir uma rosa em um mundo onde todos teriam muita sorte se conseguissem encontrar o pão de todos os dias? Cassie não suportava pensar na forma que

tinha se comportado desde sua chegada na Austrália. Ela fracassara desde o dia de sua chegada. E sentiria vergonha todas as vezes que olhasse para o seu passado. Teria raiva de si mesma todas as vezes que se lembrasse das lágrimas que derramara, dos gritos de angústia que tinham escapado de sua boca, e o pior de tudo... o fato de ter se entregado como uma criança estúpida que acredita que o amor nasce do desejo. Cassie cerrou os dentes. Não pensaria no assunto. Tinha uma vida inteira pela frente.

De repente, ela sentiu algo em seu pescoço, o que a fez virar-se imediatamente. Cassie deparou-se com o rosto mais bonito que já vira na vida.

— Malcolm — sussurrou ela, tentando se recompor em seguida. — Imagino que tenha vindo se despedir de mim — comentou Cassie, afastando-se um pouco. — Eu

preferia que você não tivesse vindo, mas obrigada mesmo assim. Não havia necessidade.

Malcolm não estava disposto a cumprir formalidades. Ele a obrigou a encará-lo tocando-lhe os cabelos.

— Eu morrerei se você for embora.

Cassie arregalou os olhos e não conseguia pensar no que dizer. Ele estava tão bonito! Seus olhos azuis brilhavam mais do que o céu em um dia de muito sol, e as costeletas compridas acentuavam a linha de seu maxilar.

— É ridículo — disse ela, agindo com praticidade. — Você sabe que não vai morrer. Do que está falando?

— Eu me esqueci de lhe dizer algo da maior importância — disse ele, ignorando-a. — Sei que deveria ter dito antes, mas pelo visto essa será minha única chance. — Malcolm a olhou nos olhos e um breve sorriso cruzou-lhe os lábios. Era um sorriso de alívio. — Sabe, Cassie, eu me apaixonei perdidamente por você. Portanto, não posso permitir que embarque nesse navio.

Cassie franziu a testa, indignada. Mesmo assim, seus joelhos começaram a tremer.

— Você não pode estar falando sério. Você...

Ele segurou-lhe o rosto com as mãos e chegou mais perto.

Então beijou-lhe a bochecha, deixando-a sentir sua respiração quente.

— Estou falando sério, Cassie. Eu gosto de como sou quando estou com você. Quero sempre ser essa pessoa. — Ela não conseguiu conter a emoção diante daquela declaração de amor. — Quer se casar comigo? Por favor, seja minha esposa, seja a mãe dos meus filhos.

Cassie caiu em prantos. Com o rosto rosado, ela tentava afastar as lágrimas com as mãos. Chorava como nunca tinha chorado antes. Malcolm afastou as mãos dela.

— O que foi, minha querida? Por que está chorando? O que tem a me dizer?

Cassie não conseguia parar de chorar para poder falar.

Pouco depois de ter decidido voltar a ser a mulher prática de antes, lá estava ela, tendo uma crise nervosa em público.

— Ah, Malcolm... — Ela tentava conter o soluço. — Diga ao capitão do navio para partir sem mim.

— Isso significa que...

— S-sim.

— Tem certeza? — perguntou ele, querendo certificar-se da decisão de Cassie antes de sair correndo.

— Sim, Malcolm, eu teria me casado com você no primeiro dia que o vi. — Ela o envolveu em um caloroso abraço. O médico a levantou, girando-a na doca. Parecia um casal de adolescentes apaixonados. Alguns espectadores os aplaudiam.

— Vamos para a nossa casa, meu amor.

— Vamos, Malcolm. E não se atreva a soltar a minha mão. Nunca mais na vida.

Cassie e Malcolm se casaram em agosto daquele ano na Inglaterra para que ela

pudesse ver a família novamente. Eles viajaram em um navio bem mais luxuoso do que o que haviam enviado para buscá-la. E quando chegaram, os dois organizaram uma grande festa. Em uma pequena igreja nos arredores de Canterbury, o apaixonado casal jurou seus votos sob um arco de rosas brancas.

Cassie ficou espantada com a diferença de seu antigo lar da Austrália. Era verão na Inglaterra, e inverno na Austrália. Todas as flores eram do mesmo tamanho, cultivadas dentro de um padrão de perfeição que não existia na Austrália. Era como se tivessem sido instruídas a crescer daquele jeito. A grama estava perfeitamente aparada e o aroma inundava o ar ao redor deles. Seu casamento não poderia ter sido realizado em um lugar mais bonito.

Malcolm estava encantador com seu terno preto e uma gravata de seda branca. O branco ressaltava o azul de seus olhos, que fitavam a noiva com toda sua sinceridade. Cassie usava um vestido branco bordado com renda prateada e flores nos cabelos. Algumas mechas caíam em seu rosto, dando-lhe uma aparência romântica. Todos ficaram encantados com a beleza da noiva, que parecia uma rainha. Ninguém nunca tinha visto Cassie tão esplendorosa. Na verdade, ninguém nunca a tinha visto com trajes de festa.

Depois de terem feito os votos e do beijo, Cassie abriu um belo sorriso. Ela se virou para a multidão sem conter a felicidade, prestes a gritar diante de todos que amava Malcolm Rutherford. Tinha chegado a hora de cumprimentar os convidados, o que seria uma grande aventura. Um harpista começou a tocar, envolvendo todos ali presentes com sua suave música. Um delicioso ponche de frutas era servido a todos, que se deliciavam com a elegância e simplicidade da recepção. Malcolm aproveitou para comer algumas torradas com caviar, pois sabia que não teria muito tempo para se alimentar.

Cassie foi logo puxada pela mãe, que usava um lindo vestido amarelo, especialmente comprado para a ocasião.

Com a prisão de Egbert e a nova distribuição do dinheiro da família, ela pôde voltar aos antigos hábitos, o que lhe trouxe de volta a alegria de viver.

— Ah, Cassandra... — choramingou ela, emocionada.

Cassie manteve a seriedade diante da mãe, porém obrigou-se a sorrir, lembrando-se que as pessoas mereciam ser perdoadas.

— Você viu, mãe? Agora é oficial. Você está livre de mim. — Cassie imaginou que a brincadeira faria Caroline Maddison sorrir, o que não aconteceu.

— Podemos conversar, minha filha?

O assunto parecia sério, então Cassie aceitou o braço da mãe e se afastou um pouco dos convidados.

— Claro, mãe. O que houve?

Ela olhou para o rosto adorável da jovem, cujos cabelos loiros reluziam sob a luz do sol. Ela herdara o lado irlandês da família.

— Cassandra, tenho algo para lhe dizer desde que você voltou, mas não tive oportunidade. Ou melhor, eu não sabia como abordá-la.

Cassie apertou a mão de Caroline entre as suas, incitando-a a continuar.

— O que foi, mãe? Pode falar.

— Não é fácil, mas...

— Fale, mãe.

Ela enxugou os olhos com o lenço amarelo, que combinava com seu vestido.

— Eu não sabia qual seria o momento adequado e...

— Agora é o momento, mãe.

A sra. Maddison baixou a cabeça.

— Bem, minha querida... Eu sinto que tenho que lhe dizer o que está no meu coração. Você é minha filha, sangue do meu sangue, e eu acho que... Na verdade, eu quero me sentir mais próxima de você, Cassie.

A jovem a estimulou a continuar com um caloroso sorriso.

— Sabe, seu pai e eu lhe mandamos um pacote de biscoitos doces no Natal do ano passado. E eu nunca recebi uma carta de agradecimento. Agora eu percebi o quanto você estava ocupada e...

Cassie olhou para o céu, pedindo forças para suportar aquela conversa.

— Quando alguém lhe dá um presente, Cassie, principalmente na situação que estava-mos, é algo que requer um certo esforço. E não ter...

— Eu nunca recebi esses biscoitos — interrompeu ela.

— Não?

— Não chegou, mãe. Agora se me der licença, preciso falar com Sheila.

— Não chegou? — repetiu Caroline, perplexa. — Eu tive tanto trabalho. Eu especifi-quei... Ah, você deve ter ficado furiosa comigo! Ah, minha filhinha... Deve ter sido um Natal terrível.

— Eu consegui me recuperar. Preciso ir, mãe. — Ela caminhou até a amiga, que abraçou com força.

— Ah, Sheila, minha amiga! Como conseguirei lhe agradecer? Se não fosse você...

— Você já me agradeceu, Cassie, com Samuel.

— Eu ainda não consigo acreditar que vocês dois estejam juntos. É muito bom para ser verdade. Eu ainda vejo meu irmão como um garoto brincalhão.

— Bem, logo ele terá seu próprio filho — anunciou Sheila, tocando o ventre.

— Sério? Não é possível! — Ela abraçou-a mais uma vez. — Ah, como eu gostaria que vocês pudessem ir morar conosco em Sydney!

— Eu te amo muito, minha querida — começou Sheila —, mas não o suficiente para ser enforcada por ter fugido. Não, obrigada. Aqui ninguém nem imagina quem eu sou, e é melhor assim. — Ela abriu um belo sorriso. — Além disso, seu irmão herdará as propriedades da família como filho mais velho. Eu diria que não é nada mau para uma condenada vinda de uma família miserável.

Cassie apertou-lhe a mão, parabenizando-a.

— Falando nisso, onde está meu irmão?

— Bem aqui — respondeu Samuel, abraçando a esposa.

Cassie o olhou com ternura, impressionada com a altura dele.

— Olá, caro irmão — Cassie fingiu formalidade. — Fico contente por ter conseguido comparecer ao meu casamento.

— Eu não perderia uma festa dessas por nada no mundo — disse ele, terminando a terceira taça de champanhe.

— Samuel, eu ainda não tive a chance de lhe dizer, mas estou impressionada em ver como você conseguiu salvar todas as posses da nossa família. Eu não teria feito o mesmo.

— Tudo que aprendi foi com você, minha irmã.

— Vou sentir muita saudade de vocês, meus queridos.

— Nós também — respondeu Sheila. — Porém, tenha sempre em mente que você tomou a melhor decisão. Não poderia haver um futuro mais brilhante para você, Cassie.

Pouco tempo depois, Cassie encontrou o marido. De mãos dadas, os dois seguiram para a carruagem que os levaria até o porto. Não sairiam de lua-de-mel, pois a viagem de volta para a Austrália já era longa o suficiente. Além disso, a melhor lua-de-mel para Cassie seria poder entrar na casa de Malcolm e chamá-la de sua.

Epílogo

Malcolm nunca tinha lido o diário de Cassandra, porém o guardara em um lugar seguro para quando ela estivesse pronta para escrever novamente. E foi o que ela fez na noite em que voltaram para casa. Ela se deitou na grande cama de Malcolm, em um quarto onde nunca havia dormido antes. Cassie olhou pela janela para as flores e árvores, imaginando que sempre sentiria falta de seu quarto. Sempre hesitaria em colocar um hóspede ali, pois tratava-se de um aposento muito especial.

O quarto de Malcolm, todo pintado de branco e com uma grande cama de dossel bem no meio, era muito mais imponente. Cassie parecia estar deitada na cama de uma rainha. E era exatamente assim que se sentia. Vestia uma camisola cor-de-rosa que Malcolm lhe dera de presente. Era vaporosa e transparente, claro, mas muito bonita. Cassie o esperou,

porém ele estava terminando de ler um livro. Foi quando ela decidiu pegar seu diário.

Ela inalou o aroma de couro e suspirou. O diário fazia parte de seu passado. Com um sorriso, ela o abriu, pensando em ler o que já tinha escrito. Não. Não leria. O passado tinha ficado para trás.

Cassandra preferiu pegar uma caneta e fazer anotações sobre o presente. Mas como coordenar tantos pensamentos?

Escreveu algo óbvio:

Eu ignorei este diário por algum tempo porque estava muito ocupada vivendo para refletir sobre a vida.

Ela tentou pensar em algo mais:

O lugar que um dia foi a minha prisão agora é a minha casa.

Cassie escutou os passos de Malcolm na escada, e sabia que tinha de ser rápida. Sem pensar, ela escreveu:

Eu achei que precisasse de Malcolm, e que ter um homem como ele seria a maior alegria do mundo.

Ela escutou a maçaneta virar e sorriu.

Todavia, a maior alegria do mundo foi descobrir que, de certa forma, por algum motivo que eu desconheço, ele também precisa de mim.

Cassie fechou o diário e se despediu com um beijo. Pretendia ficar ocupada demais durante os anos seguintes para ter tempo de escrever...

Fim

**Não perca histórias eletrizantes na série
Clássicos Históricos Especial!
Na próxima edição**

TUDO QUE DESEJEI

Jo Goodman

— **V**isconde Southerton — apresentou-se.

— *Milorde...*

Os olhos de Índia eram castanhos, sem dúvida, concluiu o visconde.

— Seu criado, srta. Parr.

Índia sorriu de leve.

— O importuno, quer dizer.

Sul não voltou a se desculpar.

— Já sabe quem sou. Conseguiu me identificar.

— Só quando ouvi sua voz. É difícil esquecê-la.

— Verdade?

— Fiquei com as orelhas em fogo ao ouvi-lo no palco.

Sul observou as orelhas pequenas e rosadas, com brincos de brilhantes que reluziam a cada leve movimento, e murmurou:

— Lindas...

— Se isso é tudo, *milorde...*

— Como? Oh, sim! O motivo de estar aqui. Não olhe agora, por favor, mas logo aí atrás estão três cafajestes... Não lhes dê atenção.

— Creio que são seus amigos, *milorde*. Reconheço as risadas.

— Finja que acabei de insultá-la — sussurrou Sul — e me dê um soco no queixo.

— O que foi que disse?!

— Vamos lá. Está tudo bem. Não quero insultá-la, e creio que seu soco não irá me machucar muito.

Por um instante índia Parr ficou calada.

— O senhor é louco!

Era a única explicação para tal comportamento, entretanto sentia-se mais curiosa do que amedrontada. Bastaria um grito seu para que a sra. Garrety, a camareira, enviasse ao seu camarim uma dúzia de guarda-costas.

— Bata aqui. — Apontou para o próprio queixo, de costas para os amigos. — Apostei nove *shillings* que me bateria com o punho cerrado, e poderei dividi-los com a senhorita.

A explicação pareceu não afetar a atriz. A voz da camareira se elevou em tom

estridente quando outro cavalheiro tentou entrar no camarim.

— Por favor — implorou Índia. — Faça o que quiser, sra. Garrety, mas mande todos embora.

Sul ergueu as sobrancelhas. Mais dois admiradores foram enxotados dali, e Índia ergueu o olhar para Sul. Seus lábios começaram a se mover de modo quase imperceptível, enquanto parecia recitar falas de uma peça.

— Bem, onde estávamos? Criado... perturbador... voz... orelhas... insulto... — Enrijeceu o corpo. — Sim! Grave insulto!

Dando um passo atrás, desfechou um soco com o punho fechado no queixo do visconde, que o fez titubear. Com gesto instintivo, Sul segurou o rosto, e sentiu sangue escorrendo por entre os dedos. Sorriu de modo débil, mexendo o maxilar.

— Esqueci que a senhorita estava segurando os brincos — murmurou.

Índia não pareceu sentir remorso.

— Mas eu não — replicou. Relanceou um olhar para o saguão e viu os três amigos de olhos arregalados em sua direção. A sra. Garrety também estava quieta, de boca aberta. — Isso é tudo, *milorde*? Ou quer outro soco?

Mas Sul já recuperara o bom humor.

— Este foi suficiente. — Retirou um lenço do bolso e encostou-o no canto da boca machucada.

— Sabe de uma coisa? A respeito de nossas gargalhadas durante o espetáculo, ocorreu-me que era uma comédia.

— Mas não tão engraçada.

O visconde pareceu ponderar sobre a resposta rápida, e depois de um segundo replicou:

— Não espera sempre ser salva por mim, srta. Parr.

Virou as costas e, no caminho da saída, deixou cair os nove *shillings* sobre uma trouxa de roupa.